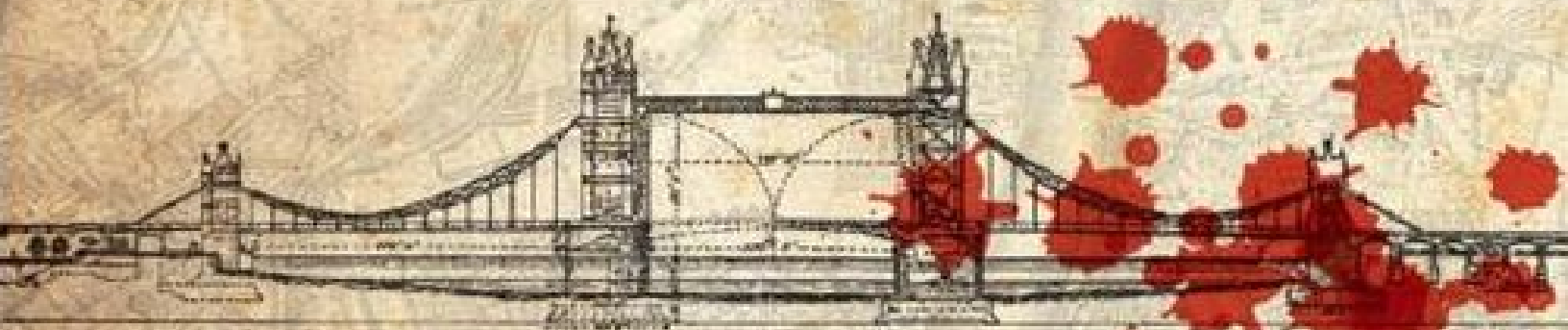




BEN AARONOVITCH

# ENIGMAS DE LONDRES

ESPÍRITOS DO TÂMISA



**"O que aconteceria se Harry Potter crescesse e se unisse ao CSI?"**

**Diana Gabaldon**



**Fantasy**  
Casa da Palavra



**BEN AARONOVITCH**

**(1964)**

**ESPÍRITOS  
DO  
TÂMISA**

**2011**

**Série Enigmas de Londres**

**# 1**

**CASA DA PALAVRA, 2012**

## **Ficha Técnica**

Copyright © 2012 desta edição Casa da Palavra

Copyright © 2011 Ben Aaronovitch, primeiramente publicado pela Gollancz, um selo da Orion Publishing Group, Londres

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e do autor.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Coordenador do selo Fantasy

Raphael Draccon

Editora

Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente

Marina Boscato Bigarella

Copidesque

Suelen Lopes

Revisão

Beatriz Sarlo

Capa e projeto gráfico de miolo

Rico Barcellar

CIP -BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A11e

Aaronovitch, Ben.

Espíritos do Tâmis / Ben Aaronovitch; [tradução Alexandre Martins]. — Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

(Enigmas de Londres; 1)

Tradução de: Rivers of London

ISBN 9788577343218

1. Ficção inglesa 2. Fantasia - Ficção. I. Martins, Alexandre. II. Título. III. Série.

12-6662. CDD: 823

CDU: 821.111-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, sala 1.001, Centro

Rio de Janeiro RJ 20030-070

21.2222 -3167 21.2224 -7461

divulga@casadapalavra.com.br

[www.casadapalavra.com.br](http://www.casadapalavra.com.br)

# Sinopse

Peter Grant tinha tudo para ser apenas mais um jovem guarda da Polícia Metropolitana de Londres. Após um encontro inesperado com um fantasma, contudo, ele é recrutado para uma unidade secreta que lida com a magia e o sobrenatural e torna-se o primeiro aprendiz em 50 anos do inspetor Nightingale, o último mago da Inglaterra. Peter Grant então precisa imediatamente lidar com dois casos inter-relacionados. No primeiro, ele deve descobrir quem é o espírito vingativo que anda transformando pessoas comuns em assassinos sanguinários. No segundo, aprender a investigar magia, conviver com grupos de vampiros, lidar com trolls e revirar covas pela cidade. Além, é claro, de negociar uma trégua entre deuses enfurecidos do rio Tâmesa caminhando por aí. Com uma linguagem ágil e bem-humorada, Ben Aaronovitch narra a história de um detetive que achava o mundo normal, antes de conhecer o poder intenso e surreal da magia por trás do submundo de Londres. Aclamado por público e crítica em sua estreia como romancista, o autor foi indicado ao Galaxy National Books Awards como "Autor Estreante do Ano", além de escrever roteiros para a série de televisão Doctor Who.

*À memória de Colin Ravey,  
porque algumas pessoas são  
grandes demais para caber em  
apenas um universo.*

*Mas, ah! Por que deveriam eles saber seu destino?  
Como sofrimento nunca é tão tarde, E a felicidade tão  
rapidamente parte.*

*Pensar é destruir o paraíso.*

*Basta; onde ignorância é êxtase,  
É tolo ser sábio.*

THOMAS GRAY

*Ode on a Distant Prospect of Eton College –*





## A principal testemunha

Começou em janeiro, à uma e meia de uma fria manhã de terça-feira, quando Martin Turner, artista de rua e, em suas próprias palavras, aprendiz de gigolô, tropeçou em um corpo em frente ao pórtico leste da igreja de St. Paul em Covent Garden. Martin, que não estava muito sóbrio, pensou inicialmente que o corpo era de um dos muitos festeiros que haviam escolhido a praça como convenientes banheiro e dormitório ao ar livre. Sendo um londrino experiente, Martin lançou ao corpo uma olhada rápida para determinar se era um bêbado, um maluco ou um ser humano com problemas. O fato de que era perfeitamente possível alguém ser os três ao mesmo tempo explica por que o samaritanismo em Londres é considerado um esporte radical — como bungee-jumping ou luta com crocodilos. Percebendo a qualidade das roupas e sapatos, Martin acabara de classificar o corpo como de um bêbado quando percebeu que estava sem a cabeça.

Como relatou Martin, aos detetives que o interrogaram, foi bom ele estar embriagado, do contrário perderia tempo gritando e correndo a esmo — especialmente ao se dar conta de que estava de pé em uma poça de sangue. Em vez disso, com a lenta paciência metódica de um bêbado aterrorizado, Martin Turner teclou 999 e chamou a polícia.

O centro de emergência alertou o carro mais próximo, e os primeiros policiais chegaram à cena seis minutos depois. Um deles ficou com Martin, repentinamente sóbrio, enquanto seu parceiro confirmava que havia um corpo e que, não havendo informação em contrário, provavelmente não era um caso de morte accidental. Eles

encontraram a cabeça a seis metros de distância, tendo rolado para trás de uma das colunas neoclássicas voltadas para o pórtico da igreja. Os policiais se comunicaram com o controle, que alertou a Equipe de Investigação de Homicídios da área, cujo oficial em serviço, o mais novo detetive da equipe, chegou meia hora depois; ele deu uma olhada no Sr. Decapitado e acordou seu chefe. Com isso, todo o esplendor de uma investigação de assassinato da Polícia Metropolitana (Met) se instalou sobre os 25 metros de calçamento entre o pórtico da igreja e o prédio do mercado. O patologista chegou para atestar a morte, fazer uma avaliação preliminar da causa e levar o corpo para autópsia.

(Houve uma pequena demora enquanto eles procuravam um saco de provas grande o suficiente para a cabeça). As equipes de peritos apareceram em massa e, para provar que eram importantes, exigiram que o perímetro protegido fosse ampliado para incluir toda a extremidade leste da praça. Para isso precisavam de mais policiais uniformizados, de modo que o detetive-chefe que era o Oficial Superior de Investigação telefonou para a delegacia de Charing Cross e perguntou se havia pessoal disponível. O comandante de turno, ao ouvir as palavras mágicas “hora extra”, entrou no alojamento e tirou todos os voluntários de suas belas camas quentes. Assim o perímetro protegido foi ampliado, buscas foram feitas, detetives juniores partiram em missões misteriosas e pouco depois das 5 horas, tudo parou. O corpo havia sido levado, os detetives, partido e o pessoal da perícia, concordado unanimemente que não havia mais nada que pudesse ser feito até o amanhecer — que ainda demoraria três horas. Até então eles só precisariam de dois otários para proteger a cena do crime até a troca de guarda.

E foi assim que eu acabei de pé em Covent Garden sob um vento gelado às seis da manhã e eu encontrei o fantasma.

Algumas vezes fico pensando se por acaso tivesse sido eu a buscar o café, e não Lesley May, minha vida teria sido muito menos interessante e certamente muito menos perigosa. Teria sido qualquer um, ou foi o destino? Quando penso nisso, acho útil citar a sabedoria de meu pai, que uma vez me disse: “Quem sabe por que alguma coisa acontece, porra?”

Covent Garden é uma grande praça no centro de Londres, com a Royal Opera House na extremidade leste, um mercado coberto no centro e a igreja de St. Paul na extremidade oeste. Foi um dia o principal mercado de frutas e verduras de Londres, mas esse foi transferido para mais ao sul do rio dez anos antes de eu nascer. Tinha uma história longa e movimentada, envolvendo principalmente crime, prostituição e teatro, mas hoje é um mercado turístico. A igreja de St. Paul é conhecida como Igreja dos Atores, para diferenciá-la da catedral, e foi construída por Inigo Jones em 1638. Sei de tudo isso porque não há nada como ficar de pé sob um vento gelado para fazer você procurar distrações, e havia uma grande placa de informações impressionantemente detalhada presa à lateral da igreja. Você sabia, por exemplo, que a primeira vítima registrada do surto de peste de 1665, aquele que terminou com Londres devastada por um incêndio, está enterrada em seu cemitério?

Eu soube, após dez minutos me protegendo do vento.

A Equipe de Investigação de Homicídios isolou o lado oeste de praça passando uma fita nas entradas por King Street e Henrietta Street, e ao longo da fachada do mercado coberto. Eu estava protegendo a extremidade da igreja, onde podia me abrigar no pórtico, e a policial Lesley May, minha colega de estágio, protegia o lado da praça, onde podia se abrigar no mercado.

Lesley era baixa, loura e insuportavelmente animada, mesmo vestindo um colete a prova de balas. Fizemos o treinamento básico em Hendon antes de sermos transferidos para Westminster para o estágio.

Tínhamos uma relação estritamente profissional, apesar de meu profundo desejo de tê-la nos braços.

Como éramos policiais em estágio, um policial experiente foi deixado como nosso supervisor, uma responsabilidade que ele cumpriu diligentemente a partir de um café 24 horas em St. Martin's Court.

Meu telefone tocou. Demorei algum tempo para apanhá-lo entre o colete, cinto de utilidades, cassetete, algemas, rádio policial digital e jaqueta refletiva à prova d'água. Quando finalmente consegui atender, era Lesley.

— Vou tomar um café — disse ela. — Quer um?

Olhei para o mercado coberto e a vi acenando.

— Você está salvando uma vida — disse, e observei enquanto ela disparava na direção da James Street.

Ela havia partido menos de um minuto antes quando vi uma figura junto ao pórtico. Um homem baixo de terno, enfiado nas sombras atrás da coluna mais próxima.

Eu dei a ele a “saudação inicial” recomendada pela Polícia Metropolitana.

— Ei! O que acha que está fazendo?

A figura se virou e vi um rosto pálido de expressão assustada. O homem vestia um terno puído antiquado com direito a colete, relógio de bolso e cartola desgastada. Achei que podia ser um dos artistas de rua com licença para se apresentar na praça, mas parecia um pouco cedo demais para aquilo.

— Aqui — disse ele, chamando.

Confirmei onde meu cassetete extensível estava e avancei. Policiais devem se destacar entre os populares, mesmo os cooperativos. Por isso usamos grandes botas e capacetes pontudos, mas quando me aproximei descobri que o homem era minúsculo, um metro e meio por causa dos sapatos. Combati um desejo de me agachar para que ficássemos no mesmo nível.

— Eu vi a coisa toda, oficial — disse o homem. — Foi terrível.

Em Hendon, eles enfiam na sua cabeça que, antes de qualquer coisa, deve-se obter nome e endereço. Eu saquei meu bloco e caneta.

— Posso perguntar seu nome, senhor?

— Claro que pode, oficial. Meu nome é Nicholas Wallpenny, mas não me pergunte como soletrar, pois nunca aprendi as letras.

— Você é um artista de rua? — perguntei.

— Pode-se dizer que sim — respondeu Nicholas. — Certamente minhas últimas apresentações têm se limitado à rua. Embora em uma noite fria como esta eu não seria avesso a performances internas. Se é que me entende, oficial.

Havia uma insígnia presa em sua lapela: um esqueleto de metal.

Parecia um tanto gótico para um pobre habitante das ruas de Londres, mas esta é a colorida capital do mundo. Eu escrevi *Artista*

*de rua.*

— Agora, senhor, se pudesse me dizer o que viu — eu disse.

— Vi muito, oficial.

— Mas estive aqui mais cedo?

Meus instrutores também foram claros em não dar pistas às suas testemunhas. A informação deve fluir em apenas uma direção.

— Estou aqui de manhã, à tarde e à noite — disse Nicholas, que obviamente não havia assistido às mesmas palestras que eu.

— Caso tenha testemunhado algo, talvez fosse melhor vir comigo e prestar uma declaração.

— Isso seria um problema, considerando-se que estou morto — disse Nicholas.

Eu achei não ter ouvido corretamente.

— Caso esteja preocupado com sua segurança...

— Não estou preocupado com mais nada, oficial — disse Nicholas. — Estou morto há cento e vinte anos.

— Se está morto, como estamos conversando? — perguntei, sem conseguir me conter.

— Você deve ter um dom da visão — disse Nicholas. — Um pouco do velho Palladino — falou, me olhando atentamente. — Herdado do seu pai, talvez? Ele foi estivador, marinheiro, algo assim, deu a você esse bom cabelo crespo e os lábios?

— Pode provar que está morto? — perguntei.

— Como queira, oficial — disse Nicholas, e avançou para a luz.

Ele era transparente, do modo como hologramas em filmes são transparentes. Tridimensional, definitivamente ali, e transparente. Eu conseguia ver através dele a barraca branca que a equipe de peritos montara para proteger a área ao redor do corpo.

Certo, pensei, só porque você enlouqueceu não significa que deva deixar de agir como policial.

— Pode me contar o que viu? — perguntei.

— Eu vi o primeiro cavalheiro, aquele que foi assassinado, descendo pela James Street. Um homem elegante, de passos largos e porte militar, alegremente vestido ao estilo moderno. O que teríamos considerado muito impressionante em meus dias corpóreos — disse Nicholas, fazendo uma pausa para cuspir. Nada chegou ao chão. — Depois o segundo cavalheiro, aquele que

cometeu o assassinato, veio caminhando na outra direção, subindo a Henrietta Street. Não tão bem vestido, com calças azuis de operário e uma capa de oleado como um pescador. Eles se cruzaram exatamente aqui — disse, apontando para um ponto a dez metros do pórtico da igreja. — Imagino que se conheciam, porque acenaram um para o outro, mas não pararam para conversar nem nada, o que é compreensível, não sendo uma noite para ficar na rua.

— Então eles passaram um pelo outro? — perguntei, tanto para ter tempo de anotar quanto para deixar a questão clara. — E você achou que eles se conheciam?

— De passagem — comentou Nicholas. — Não diria que eram amigos íntimos, especialmente considerando o que se passou a seguir.

Perguntei a ele o que se passou a seguir.

— Bem, o segundo, o cavalheiro assassino, coloca um boné e um paletó vermelho e estica sua bengala, e silenciosa e rapidamente vem por trás do primeiro cavalheiro e arranca sua cabeça.

— Você está brincando comigo? — eu disse.

— Não, nunca — afirmou Nicholas, fazendo o sinal da cruz. — Juro por minha própria morte, e esse é o juramento mais solene que uma pobre sombra pode fazer. Foi uma visão terrível. A cabeça saiu e o sangue jorrou.

— O que o assassino fez?

— Bem, tendo terminado ele partiu, desceu pela New Row como um cão de caça no seu terreno — disse Nicholas.

Eu estava pensando que a New Row levava até Charing Cross Road, um lugar ideal para apanhar um táxi, ou mesmo um ônibus noturno se passasse na hora certa. O assassino poderia ter saído do centro de Londres em menos de 15 minutos.

— Isso não foi o pior — disse Nicholas, obviamente não querendo deixar a plateia se distrair. — Havia algo sobrenatural no cavalheiro assassino.

— Sobrenatural? — perguntei. — Você é um fantasma.

— Posso ser um espírito — disse Nicholas. — Mas isso só significa que reconheço o sobrenatural quando vejo.

— E o que você viu?

— O cavalheiro assassino não mudou apenas de chapéu e casaco, ele mudou de rosto — disse Nicholas. — Agora me diga que isso não é sobrenatural.

Alguém chamou meu nome. Lesley estava de volta com os cafés.

Nicholas desapareceu enquanto eu não estava olhando. Fiquei parado como um idiota até Lesley chamar novamente.

— Você quer esse café ou não?

Eu atravessei os paralelepípedos até onde Lesley me esperava com um copo de isopor.

— Aconteceu alguma coisa enquanto eu estava fora? — ela perguntou.

Eu bebi meu café. As palavras “acabei de conversar com um fantasma que viu a coisa toda” se recusaram a sair da minha boca.

No dia seguinte, acordei às 11 horas — muito mais cedo do que gostaria. Lesley e eu havíamos sido liberados às oito, nos arrastamos de volta ao alojamento e fomos direto para cama. Separadas, infelizmente.

As principais vantagens de morar no alojamento da delegacia são: é barato, perto do trabalho e não é a casa de seus pais. As principais desvantagens são: você está partilhando acomodações com pessoas pouco socializadas para viver com seres humanos normais, e que normalmente usam botas pesadas. A socialização deficiente faz com que abrir a geladeira seja uma excitante aventura em microbiologia, e as botas significam que qualquer troca de turno soa como uma avalanche.

Fiquei deitado em minha cama estreita olhando para o pôster de Estelle que eu havia prendido na parede em frente. Não me importa o que dizem: você nunca é velho demais para acordar com a visão de uma mulher bonita.

Passei dez minutos na cama esperando que minha lembrança de ter conversado com um fantasma desaparecesse como um sonho, mas isso não aconteceu, então me levantei e tomei uma chuveirada. Aquele era um dia importante, e eu precisava estar acordado.

A despeito do que as pessoas pensam, o Serviço de Polícia Metropolitana ainda é uma organização operária, e como tal rejeita inteiramente a ideia de uma classe de oficiais. Por isso policiais novos, independentemente de seu histórico educacional, precisam passar por um estágio de dois anos como patrulheiro comum nas ruas. Isso porque nada molda mais o caráter do que ser agredido, cuspid e vomitado pelos populares.

No final de seu estágio você começa a buscar colocações nos vários departamentos, diretórios e unidades de comando operacional que compõem a força. A maioria dos estagiários continuará a ser policial uniformizado em um dos comandos municipais, e a hierarquia da Polícia Metropolitana gosta de insistir em que tomar a decisão de continuar a ser um policial uniformizado fazendo o trabalho fundamental nas ruas de Londres é em si uma escolha positiva. Alguém tem de ser agredido, cuspid e vomitado, e eu, por exemplo, aplaudo os homens e mulheres corajosos dispostos a se oferecer para esse papel.

Essa foi a nobre vocação de meu comandante de turno, o inspetor Francis Neblett. Ele ingressou na Met na época dos dinossauros, tendo rapidamente ascendido ao posto de inspetor, e a seguir passou os trinta anos seguintes feliz na mesma posição. Ele era um homem imperturbável, com cabelos castanhos escorridos e um rosto que parecia ter sido atingido pela lâmina de uma pá. Neblett era antiquado o suficiente para usar uma túnica de uniforme sobre a camisa branca, mesmo quando estava em patrulha com “seus jovens”.

Eu tinha uma entrevista marcada com ele para aquele dia, na qual discutiríamos minhas perspectivas profissionais. Teoricamente isso fazia parte de um processo integrado de desenvolvimento profissional que levaria a resultados positivos tanto para o serviço policial quanto para mim. Após essa conversa seria tomada uma decisão final sobre meu destino — eu tinha uma forte suspeita de que o que gostaria de fazer não estaria ali.

Lesley, parecendo absurdamente disposta, se encontrou comigo na pequena cozinha partilhada por todos os residentes do meu andar. Em um dos armários havia analgésicos; uma coisa de que você sempre podia ter certeza em um alojamento policial é que



sempre haveria analgésicos. Eu tomei dois com um gole de água da torneira.

— O Sr. Decapitado tinha nome — disse ela enquanto eu fazia café. — William Skirmish, tipo comum, mora em Highgate.

— Disseram mais alguma coisa?

— Só o de sempre — disse Lesley. — Morte sem sentido, blá, blá, blá.

Violência urbana, no que Londres está se transformando, blá.

— Blá — eu disse.

— O que você vai fazer antes do meio-dia? — perguntou.

— Ter minha reunião de evolução profissional com Neblett ao meio-dia.

— Boa sorte — ela disse.

Eu soube que tudo daria errado quando o inspetor Neblett me chamou pelo meu primeiro nome.

— Diga, Peter — falou. — O que você pensa para a sua carreira?

Eu me ajeitei na cadeira.

— Bem, senhor — respondi. — Estava pensando na DIC.

— Você quer ser detetive?

Neblett, claro, era um “uniformizado” de carreira e, portanto, via policiais à paisana como os civis veem os fiscais de impostos. Caso pressionado você talvez admita que eles são um mal necessário, mas não deixaria sua filha se casar com um.

— Sim, senhor.

— Por que se limitar à DIC? — perguntou. — Por que não uma das unidades especializadas?

Porque quando você ainda é estagiário, não diz que quer estar no esquadrão de emergência ou em uma Equipe de Investigação de Assassinato e circular em um carro bom calçando sapatos feitos à mão.

— Pensei em começar do começo e abrir caminho para cima, senhor — respondi.

— Uma postura muito sensata — disse Neblett.

De repente tive um pensamento horrível. E se eles estivessem pensando em me mandar para Trident? Era a Unidade de Comando Operacional encarregada de lidar com crime à mão armada na

comunidade negra. Trident era sempre uma perspectiva para policiais negros fazerem trabalho disfarçado, e sendo mulato eu me qualificava.

Não que não achasse que eles faziam um trabalho meritório, simplesmente não acreditava que seria muito bom nisso. É importante que um homem conheça seus limites, e os meus começavam em me mudar para Peckham e circular com marginais, candidatos a marginais e aqueles estranhos garotos brancos magricelas que não conseguem ver ironia em Eminem.

— Não gosto de música rap, senhor — disse.

Neblett assentiu lentamente.

— Bom saber disso — falou, e eu resolvi ficar de boca calada.

— Peter — disse ele —, nos dois últimos anos eu desenvolvi uma opinião muito positiva sobre sua inteligência e sua capacidade de trabalho duro.

— Obrigado, senhor.

— E tem seu histórico científico.

Eu tenho três notas C em matemática, física e química no secundário. Isso só é considerado histórico científico fora da comunidade científica. Certamente não foi suficiente para me dar a vaga universitária que eu desejava.

— Você é muito útil colocando suas ideias no papel — disse Neblett.

Eu senti um nó de desapontamento no estômago. Sabia exatamente que posto horrendo a Polícia Metropolitana planejava para mim.

— Queremos que você considere a Unidade de Progressão de Casos — disse Neblett.

A teoria por trás da Unidade de Progressão de Casos é muito vistosa. Segundo a sabedoria convencional, os policiais estão afogados em papelada, suspeitos precisam ser colocados no sistema, a cadeia de evidências nunca pode ser rompida, e os políticos e a LPPC, a sigla para Lei Policial e de Provas Criminais, precisam ser seguidos ao pé da letra. O papel da Unidade de Progressão de Casos é cuidar da burocracia para o policial atarefado para que ele ou ela possa voltar às ruas para ser agredido, cuspidado e vomitado. Assim haverá um *tira* em ação, o

crime será derrotado e os bons cidadãos de nossa nação que leem o *Daily Mail* poderão viver em paz.

A verdade é que a papelada não demanda tanto — qualquer terceirizado medianamente competente daria conta dela em menos de uma hora e ainda teria tempo para fazer as unhas. O problema é que o trabalho policial diz respeito a “rosto” e “presença”, e lembrar o que um suspeito disse um dia de modo que você possa flagrá-lo em uma mentira no dia seguinte. Tem a ver com ir na direção do grito, permanecer calmo e ser aquele que abre o pacote suspeito. Não que você não possa fazer ambos, apenas não é comum. O que Neblett estava me dizendo era que eu não era um tira de verdade — não era um apanhador de ladrões —, mas podia desempenhar um papel valioso liberando tiras de verdade. Eu podia dizer com nauseante certeza que aquelas palavras exatas “papel valioso” corriam na direção da conversa.

— Eu esperava algo um pouco mais proativo, senhor — eu disse.

— Isso será proativo — disse Neblett. — Você estará cumprindo um papel valioso.

Como regra, policiais não precisam de desculpa para ir ao pub, mas uma das muitas não-desculpas que têm é o tradicional porre de final de estágio quando os policiais do turno arrasam com os policiais novinhos em folha. Com esse objetivo, Lesley e eu fomos arrastados para o Roosevelt Toad, do outro lado da Strand, e enchidos de álcool até estarmos na horizontal. Pelo menos essa era a teoria.

— Como foi? — perguntou Lesley acima da gritaria no pub.

— Mal — gritei de volta. — Unidade de Progressão de Casos. Lesley fez uma careta.

— E você?

— Não quero contar — ela disse. — Vai chatear você.

— Pode mandar — eu rebati. — Eu posso suportar.

— Fui destacada temporariamente para a equipe de homicídios — disse ela.

Eu nunca tinha ouvido falar nisso antes.

— Como detetive?

— Como policial uniformizada à paisana — disse ela. — É um grande caso e eles precisam de pessoal.

Ela estava certa. Aquilo me chateou.

A noite desandou depois daquilo. Eu suportei duas horas, mas odeio autopiedade, especialmente a minha, portanto saí e fiz a segunda melhor coisa depois de enfiar a cabeça em um balde de água fria.

Infelizmente, parou de chover enquanto estávamos no pub, de modo que me acomodei até que o ar gelado me deixasse sóbrio.

Lesley foi até mim vinte minutos depois.

— Coloque o casaco — disse ela. — Você vai encontrar a morte.

— Está frio? — perguntei.

— Eu sabia que você ia ficar chateado — ela disse.

Eu vesti o casaco.

— Você já contou à tribo? — perguntei.

Além de mãe, pai e avó, Lesley tinha cinco irmãs mais velhas, todas morando em um raio de cem metros da casa da família em Brightlingsea. Eu as vi uma ou duas vezes quando foram em massa a Londres para uma expedição de compras. Eram barulhentas a ponto de constituir uma violação familiar da paz, e teriam merecido escolta policial caso já não tivessem uma: Lesley e eu.

— Esta tarde — contou. — Ficaram satisfeitos. Até mesmo Tanya, e ela sequer sabe o que isso significa. Já contou ao seu pessoal?

— Contar o quê? Que eu trabalho num escritório? — perguntei.

— Não há nada de errado em trabalhar no escritório.

— Eu só quero ser tira — eu disse.

— Eu sei — disse Lesley. — Mas por quê?

— Porque quero ajudar a comunidade. Pegar os caras maus — respondi.

— Então não é pelos botões reluzentes? — perguntou. — Ou a chance de colocar as algemas e dizer: “Você vai para a cadeia, cara”?

— Manter a paz da rainha — eu disse. — Produzir ordem a partir do caos.

Ela balançou a cabeça tristemente.

— O que o leva a pensar que há alguma ordem? E você já esteve de patrulha em uma noite de sábado. Isso parece a paz da rainha?

Eu fui me apoiar despreocupadamente em um poste de iluminação, mas deu errado e cambaleei um pouco. Lesley achou aquilo muito mais engraçado do que eu pensei que realmente era. Ela se sentou no degrau da livraria Waterstone's para recuperar o fôlego.

— Certo — eu disse. — Por que você está nisso?

— Porque sou realmente boa nisso — disse Lesley.

— Você não é uma tira tão boa — retruquei.

— Sou sim — disse ela. — Vamos ser honestos, sou uma maravilha como tira.

— E o que eu sou?

— Distraído facilmente, até demais.

— Não sou.

— Véspera de Ano-novo, Trafalgar Square, multidão, um bando de punheteiros mijando na fonte; lembra disso? — perguntou Lesley. — Os carros chegam, os punheteiros reagem, e o que você estava fazendo?

— Eu saí por apenas dois segundos — respondi.

— Você estava verificando o que estava escrito no traseiro do leão — disse Lesley. Eu lutando com dois vagabundos bêbados e você fazendo pesquisa histórica.

— Quer saber o que estava escrito no traseiro do leão? — perguntei.

— Não — disse Lesley. — Não quero saber o que estava escrito no traseiro do leão ou como sifões funcionam ou por que um lado da Floral Street é cem anos mais velho que o outro.

— Você não acha nada disso interessante?

— Não quando estou lutando com vagabundos, apanhando ladrões de carros ou cuidando de um acidente fatal — respondeu Lesley. — Gosto de você, acho que é um bom homem, mas é como se você não visse o mundo do modo que um tira precisa ver; é como se estivesse vendo coisas que não estão lá.

— Como o quê?

— Não sei — disse Lesley. — Eu não consigo ver coisas que não estão lá.

— Ver coisas que não estão lá pode ser uma habilidade útil para um tira — disse.

Lesley bufou.

— Verdade — insisti. — Noite passada, enquanto você estava distraída com sua dependência de cafeína, eu conheci uma testemunha ocular que não estava lá.

— Não estava lá — repetiu Lesley.

— Como você pode ter uma testemunha ocular que não estava lá, é o que eu estou ouvindo você perguntar?

— Estou perguntando — disse Lesley.

— Quando sua testemunha ocular é um fantasma — respondi.

Lesley ficou olhando para mim por um momento.

— Eu teria apostado no controlador de câmera do CCTV — disse ela.

— Como?

— O cara vendo o assassinato na CCTV — disse Lesley. — Ele seria uma testemunha que não estava lá. Mas gostei da coisa do fantasma.

— Eu interroguei um fantasma — disse.

— Babaquice — disse Lesley.

Então contei a ela sobre Nicholas Wallpenny e o cavalheiro assassino que voltou, mudou de roupa e depois arrancou a...

— Qual é mesmo o nome da vítima? — perguntei.

— William Skirmish — disse Lesley. — Estava no noticiário.

— Arrancou a cabeça do pobre William Skirmish dos ombros.

— Isso não estava no noticiário — disse Lesley.

— A equipe de homicídios quer guardar isso — falei. — Para testar as testemunhas.

— Sendo a testemunha em questão um fantasma? — perguntou Lesley.

— Sim.

Lesley se levantou, oscilou um pouco e então concentrou o olhar novamente.

— Você acha que ele ainda está lá? — perguntou.

O ar frio finalmente estava me deixando sóbrio.

— Quem?

— Seu fantasma. Nicholas Nickleby. Acha que ele ainda pode estar na cena do crime?

— Como posso saber? Eu sequer acredito em fantasmas.

— Vamos ver se ele está lá — disse ela. — Se eu também o vir, será como... como... prova.

— Certo — falei.

Subimos de braços dados a King Street na direção de Covent Garden.

Nicholas, o fantasma, não estava lá. Começamos pelo pórtico da igreja onde eu o vira, e, como Lesley era minuciosa mesmo, fizemos uma busca demorada no perímetro.

— Fritas — disse Lesley depois da segunda volta. — Ou um kebab.

— Talvez ele não apareça quando estou com mais alguém — falei.

— Talvez ele trabalhe em turnos — disse Lesley.

— Foda-se — respondi. — Vamos comer um kebab.

— Você vai se dar bem na Unidade de Progressão de Casos — disse Lesley. — E você estará...

— Se você disser “dando uma contribuição valiosa” eu não me responsabilizarei por meus atos.

— Eu ia dizer “fazendo diferença” — disse ela. — Você sempre pode ir para os Estados Unidos, aposto que o FBI iria querer você.

— Por que o FBI iria me querer?

— Poderiam usar você como sócia do Obama — respondeu.

— Por causa disso, você paga os kebabs — retruquei.

No final estávamos exaustos demais para kebabs, então fomos direto para o alojamento, onde Lesley não me convidou para ir até seu quarto. Eu estava naquele estágio de embriaguez em que você se deita na cama e o quarto começa a girar ao seu redor, e você fica pensando na natureza do universo e em se consegue chegar à pia antes de vomitar.

Amanhã é meu último dia, e a não ser que consiga provar que ver coisas que não estão lá é uma habilidade vital para o policial moderno, será olá Unidade de Progressão de Casos para mim.

— Lamento por ontem à noite — disse Lesley.

Nenhum de nós podia encarar os horrores da cozinha naquela manhã, então encontramos abrigo na cantina da delegacia. A despeito do fato de que a equipe de cozinha era uma mistura de mulheres polonesas compactas e homens somali magricelos, um tipo estranho de inércia institucional fazia com que a comida fosse uma clássica gororoba inglesa, o café fosse ruim e o chá quente, doce e viesse em canecas. Lesley tomava um café inglês completo; eu tomava chá.

— Está tudo bem — respondi. — Foi você quem perdeu, não eu.

— Não isso — disse Lesley, batendo em minha mão com o lado da faca. — O que disse sobre sua carreira na polícia.

— Não se preocupe — respondi. — Levei em consideração sua opinião, e após trabalhar muito esta manhã agora sinto que posso buscar meus objetivos profissionais profundos de uma forma diligente, proativa,

mas, acima de tudo, criativa.

— O que você está pretendendo fazer?

— Vou invadir a HOLMES para descobrir se meu fantasma estava certo — respondi.

Toda delegacia de polícia do país tem pelo menos um acesso ao HOLMES. Essa é a sigla para *Home Office Large Major Enquiry System*, sistema de investigação online que permite que policiais sem conhecimento algum de informática ingressem no século XX. Fazê-los ingressar no século XXI seria pedir demais.

Tudo relativo a uma grande investigação é mantido no sistema, permitindo aos detetives cruzar dados e evitar o tipo de bagunça que transformou a caçada ao estripador de Yorkshire uma operação tão exemplar. A substituição do sistema antigo deveria se chamar SHERLOCK, mas ninguém conseguiu encontrar as palavras que fizessem o acrônimo funcionar, então eles o chamaram de HOLMES 2.

Teoricamente você pode acessar o HOLMES 2 a partir de um laptop, mas a Polícia Metropolitana gosta de manter seu pessoal preso a terminais fixos — que não podem ser deixados em trens ou vendidos em lojas de penhores. Quando há uma grande investigação os terminais podem ser transferidos do ponto de acesso para salas de investigação em qualquer lugar da delegacia.



Lesley e eu poderíamos ter entrado furtivamente no ponto de acesso do HOLMES correndo o risco de sermos flagrados, mas preferi ligar meu laptop a um plugue LAN em uma das salas de investigação vazias e trabalhar com segurança e conforto.

Eu fiz um curso de familiarização com o HOLMES 2 três meses antes. Na época fiquei animado, pois pensara que eles estavam me preparando para um papel em grandes investigações, mas agora me dou conta de que estavam me criando para trabalho de inserção de dados. Demorei menos de meia hora para encontrar a investigação de Covent Garden. As pessoas costumam ser negligentes com senhas, e o inspetor Neblett usou o nome e a data de nascimento da filha mais nova, o que é criminoso. Isso também me deu acesso a leitura somente das pastas que queríamos.

O sistema antigo não suportava grandes arquivos de dados, mas como o HOLMES 2 estava apenas dez anos atrás da mais nova tecnologia, os detetives podiam anexar fotografias de evidências, documentos escaneados e até mesmo gravações de câmeras de vigilância diretamente ao que era chamado de arquivo de “registro nominal”. É como YouTube para policiais.

A Equipe de Homicídios que ficou com o assassinato de William Skirmish não perdeu tempo, apanhando as gravações das câmeras de vigilância e verificando se podiam dar uma olhada no assassino. Era um arquivo pesado, e fui diretamente para ele.

Segundo o relatório, a câmera estava instalada na esquina da James Street, voltada para oeste. Era de baixa qualidade, gravação com pouca luz atualizada a um quadro por segundo. Mas, a despeito da luz ruim, mostrava claramente William Skirmish saindo de debaixo da câmera na direção da Henrietta Street.

— Eis nosso suspeito — disse Lesley, apontando.

A tela mostrava outro elemento. Provavelmente era do sexo masculino, provavelmente vestia jeans e uma jaqueta de couro. Passou por William Skirmish e desapareceu na base da tela. Segundo as anotações, esse elemento foi chamado de TESTEMUNHA A.

Um terceiro elemento apareceu, se afastando da câmera. Eu apertei pausa.

— Não parece o mesmo cara — disse Lesley.

Definitivamente não. Aquele homem usava o que parecia ser um chapéu de smurf e o que eu reconheci como um paletó à moda eduardiana — não me pergunte por que eu sei como se parece um paletó à moda eduardiana: digamos apenas que tem algo a ver com *Doctor Who* e deixemos assim. Nicholas disse que era vermelho, mas a imagem da câmera de segurança era em preto e branco. Eu recuei dois quadros e depois avancei novamente. O primeiro elemento, TESTEMUNHA A, saiu da imagem um ou dois quadros antes do homem com chapéu de smurf aparecer.

— Foram dois segundos para trocar de roupa — disse Lesley. — Não é humanamente possível.

Eu avancei a filmagem. O homem com chapéu de smurf pegou seu bastão e atacou William Skirmish por trás. O movimento aconteceu entre quadros, mas o impacto foi claro. No quadro seguinte o corpo de Skirmish estava a meio caminho do chão e uma pequena mancha escura, que decidimos ser a cabeça, era visível junto ao pórtico.

— Meu Deus, ele realmente arrancou a cabeça — disse Lesley. Exatamente como Nicholas disse que ele havia feito.

— Agora, isso não é humanamente possível — falei.

— Você já viu uma cabeça ser decepada antes — disse Lesley.

— Eu estava lá, lembra?

— Aquilo foi um acidente de carro — retruquei. — Duas toneladas de metal, não um bastão.

— É — disse Lesley, dando uma batidinha na tela. — Mas aí está.

— Há algo errado aqui.

— Além do horrendo assassinato?

Eu retornei até onde Chapéu Smurf entrara na cena.

— Você consegue ver um bastão?

— Não — disse Lesley. — As duas mãos dele são visíveis.

Talvez esteja preso às costas.

Avancei. No terceiro quadro o bastão apareceu nas mãos de Chapéu Smurf como por mágica, mas isso poderia ser fruto do intervalo de um segundo entre quadros. Havia outra coisa errada com ele.

— É grande demais para ser um bastão de baseball — eu disse.

O bastão tinha pelo menos dois terços do tamanho do homem que o carregava. Eu recuei e avancei algumas vezes, mas não consegui descobrir onde ele o estava escondendo.

— Onde se consegue comprar um bastão desse tamanho?

— Na Big Bat Shop? — respondeu Lesley. — Bats R Us?

— Vamos ver se conseguimos dar uma olhada no rosto dele — falei.

— Plus Size Bats — continuou Lesley.

Eu a ignorei e avancei. O assassinato demorou menos de três segundos, três quadros: um no movimento, dois no golpe e três na sequência. O quadro seguinte apanhou Chapéu Smurf se virando, o rosto em perfil três quartos mostrando um queixo pontudo e um nariz curvo proeminente. O quadro seguinte mostrava Chapéu Smurf voltando pelo caminho que fizera, mais lentamente que na chegada, descontraído, pelo que eu podia dizer a partir da imagem saltada. O bastão desapareceu dois quadros depois do assassinato — mais uma vez eu não conseguia ver para onde tinha ido.

Fiquei pensando se poderíamos ampliar os rostos, e comecei a procurar uma função gráfica que pudesse usar.

— Idiota — disse Lesley. — A Equipe de Homicídios vai revirar isso.

Ela estava certa. A gravação tinha links para fotos ampliadas de William Skirmish, T EST EMUNHA A e o cavalheiro assassino com chapéu de smurf. Ao contrário do que diz a televisão, há um limite claro para a qualidade de um close que você pode produzir a partir de um antiquado fragmento de fita de vídeo. Não importa se é digital — se a informação não está lá, ela não está lá. Ainda assim, alguém no laboratório técnico fez o melhor que pôde, e a despeito de todos os rostos estarem borrados, pelo menos era óbvio serem três pessoas diferentes.

— Ele está usando uma máscara — falei.

— Você está ficando desesperado — retrucou Lesley.

— Olhe para aquele queixo e aquele nariz — eu disse. — Ninguém tem um rosto assim.

Lesley apontou para uma anotação anexada à imagem.

— Parece que a Equipe de Homicídios concorda com você.

Havia uma lista de “ações” relacionada ao arquivo de evidências, uma das quais era verificar figurinistas, teatros e lojas de fantasias em busca de máscaras. Tinha prioridade baixa.

— Arrá! — disse. — Então pode ser a mesma pessoa.

— Quem consegue mudar de roupa em menos de dois segundos? — perguntou Lesley. — Faça-me o favor.

Todos os arquivos de evidências são relacionados, então conferi para descobrir se a Equipe de Homicídios conseguiu rastrear T EST EMUNHA A após deixar a cena do crime. Não conseguiu, e segundo a lista de ações, encontrá-lo se tornara prioridade. Eu previ uma entrevista coletiva e um apelo a testemunhas. *A polícia está particularmente interessada em conversar com...* Seria a frase mais relevante.

Chapéu Smurf havia sido rastreado até New Row, exatamente o caminho que Nicholas dissera que havia tomado, mas desaparecera da rede de vigilância em St. Martin’s Lane. Segundo a lista de “ações”, metade da Equipe de Homicídios estava vasculhando as ruas vizinhas em busca de possíveis testemunhas e pistas.

— Não — disse Lesley, lendo minha mente.

— Nicholas...

— Nicholas, o fantasma — disse Lesley.

— Nicholas — retruquei — estava certo sobre a abordagem do assassino, o método do ataque e a causa da morte. Também estava certo sobre a rota de fuga, e não temos um momento em que TESTEMUNHA A seja vista ao mesmo tempo em que Chapéu Smurf.

— Chapéu Smurf?

— O suspeito de assassinato — respondi. — Preciso apresentar isso à Equipe de Homicídios.

— O que você vai dizer ao investigador-chefe? — perguntou Lesley. — Encontrei um fantasma e ele disse que T EST EMUNHA A colocou uma máscara e fez isso?

— Não, vou dizer que fui procurado por uma possível testemunha que, a despeito de ter deixado a cena do crime antes que eu pudesse pegar seu nome e endereço, produziu pistas potencialmente interessantes que podem levar a uma solução da investigação.

Isso pelo menos obrigou Lesley a fazer uma pausa.

— E você acha que eles o tirarão da Unidade de Progressão de Casos?

— Vale a pena tentar — respondi.

— Não é o suficiente — disse Lesley. — Primeiro: eles já estão conseguindo pistas sobre T EST EMUNHA A , incluindo a possibilidade de que estivesse usando uma máscara. Segundo: você poderia ter conseguido todas essas informações no vídeo.

— Eles não sabem que eu tive acesso ao vídeo.

— Peter — disse Lesley. — Ele mostra a cabeça de alguém sendo arrancada. Vai estar na internet no final do dia, isso se não estiver no noticiário das dez horas.

— Então vou conseguir mais pistas.

— Vai procurar o seu fantasma?

— Quer vir?

— Não — disse Lesley. — Porque amanhã é o dia mais importante do resto da minha carreira, e eu vou para cama cedo com um chocolate e um exemplar do *Police Investigator's Workbook* de Blackstone.

— Você é quem sabe — retruquei. — De qualquer forma, acho que você o afugentou na noite passada.

Equipamento para caçar fantasmas: roupa de baixo térmica, muito importante; casaco quente; garrafa térmica; paciência; fantasma.

Logo no começo me ocorreu que aquela possivelmente era a coisa mais absurda que já tinha feito. Eu tomei posição por volta de dez horas, sentado à mesa de fora de um café, e esperei que a multidão diminuísse. Assim que o café fechou eu caminhei até o pórtico da igreja e esperei.

Era outra noite gelada, significando que os bêbados que saíam dos pubs estavam com frio demais para agredir uns aos outros. Em dado momento passou uma despedida de solteira, com uma dúzia de mulheres com camisetas rosas, orelhas de coelho e saltos altos. Suas pernas brancas estavam roxas de frio. Uma delas me viu.

— Melhor ir para casa — gritou ela. — Ele não vem.

Suas colegas riram. Ouvi uma delas se queixando de que “todos os caras bonitos são gays”.

Era no que eu estava pensando quando vi o homem me observando do outro lado da praça. Com a proliferação de bares e boates gays, e salas de bate-papo, não é mais necessário um homem sofisticado frequentar banheiros públicos e cemitérios em noites geladas para encontrar o homem para suas necessidades imediatas. Ainda assim, algumas pessoas gostam de correr o risco de congelar suas partes íntimas — não me pergunte por quê.

Ele tinha mais ou menos um metro e oitenta de altura e vestia um terno bem cortado que destacava a largura de seus ombros e uma cintura fina. Eu pensei em quarenta e poucos com longos traços bem esculpidos e cabelos castanhos em um antiquado penteado lateral. Era difícil dizer com a iluminação amarelada da rua, mas achei que os olhos eram cinza. Levava uma bengala com ponta de prata e soube sem olhar que seus sapatos eram feitos à mão. Tudo do que ele precisava era um jovem namorado ligeiramente étnico e eu teria de chamar a polícia de combate aos clichês.

Quando ele se adiantou para falar comigo pensei que realmente poderia estar procurando por aquele namorado ligeiramente étnico.

— Olá — disse. Ele tinha uma adequada pronúncia britânica, como um vilão inglês em um filme de Hollywood. — O que está fazendo?

Eu pensei em tentar a verdade.

— Estou caçando fantasmas — respondi.

— Interessante — reagiu ele. — Algum fantasma em particular?

— Nicholas Wallpenny — respondi.

— Qual seu nome e endereço? — perguntou.

Nenhum londrino responde a essa pergunta sem reagir.

— Desculpe-me?

Ele enfiou a mão no paletó e tirou a carteira.

— Inspetor-chefe detetive Thomas Nightingale — disse, me mostrando seu distintivo.

— Policial Peter Grant — respondi.

— Da delegacia de Charring Cross?

— Sim, senhor.

Ele me deu um sorriso estranho.

— Prossiga, policial — falou, e caminhou de volta pela James Street.

Então lá estava eu, tendo acabado de contar a um inspetor-chefe detetive que estava caçando fantasmas, o que, caso ele acreditasse em mim, significava que pensava que eu era doido, ou se não acreditasse em mim significava que ele pensava que estava fazendo pegação e pretendendo cometer um ato obsceno em violação à ordem pública.

E o fantasma que eu estava procurando não apareceu.

Você já fugiu de casa? Eu já, em duas oportunidades. Na primeira vez, quando tinha 9 anos, só consegui chegar até a loja Argos, na Camden High Street, e na segunda, com 14 anos, fui até a estação de Euston e estava de pé em frente ao quadro de partidas quando parei.

Nas duas oportunidades não fui resgatado, encontrado ou levado de volta; na verdade, quando voltei para casa acho que minha mãe não havia percebido que eu partira. Sei que meu pai não percebeu.

As duas aventuras terminaram da mesma forma — com a compreensão de que no final, não importando como, eu teria de ir para casa. Para meu eu de 9 anos foi saber que a loja Argos representava o limite externo de minha compreensão do mundo. Além daquele ponto havia uma estação do metrô e um prédio grande com estátuas de gatos e, mais além, mais ruas e viagens de ônibus que levavam a boates subterrâneas que eram tristes, vazias e cheiravam a cerveja.

Meu eu de 14 anos era mais racional. Eu não conhecia ninguém naquelas cidades no quadro de partidas, e duvidava que elas fossem mais agradáveis do que Londres. Provavelmente sequer tinha dinheiro suficiente para ir além de Potters Bar, e mesmo que conseguisse viajar escondido, o que iria comer? Sendo realista, eu tinha dinheiro para três refeições, depois seria obrigado a voltar para casa para mamãe e papai.

Qualquer coisa que fizesse que não fosse voltar de ônibus para casa seria meramente adiar o momento inevitável do meu retorno.

Tive o mesmo tipo de compreensão em Covent Garden às três horas da manhã. O mesmo tipo de redução de possíveis futuros a uma singularidade, um futuro do qual não podia escapar. Eu não iria

dirigir um carro elegante e dizer “você está preso”. Eu iria trabalhar na Unidade de Progressão de Casos e dar uma “contribuição valiosa”.

Eu me levantei e comecei a caminhar de volta à delegacia. Achei que podia ouvir alguém rindo de mim.





## Cão caça-fantasmas

Na manhã seguinte Lesley perguntou como havia sido minha caçada ao fantasma. Estávamos fazendo hora na frente do escritório de Neblett, o lugar de onde viria o golpe fatal. Não precisávamos estar ali, mas nenhum de nós queria prolongar a agonia.

— Há coisas piores que a Unidade de Progressão de Casos — falei.

Ambos pensamos naquilo por um instante.

— Tráfego — disse Lesley. — Isso é pior.

— Mas você dirige belos carros — retruquei. — BMW 5, Mercedes Classe M.

— Sabe, Peter, você realmente é uma pessoa bastante superficial — disse Lesley.

Eu ia protestar, mas Neblett saiu do escritório. Não pareceu surpreso por nos ver. Deu uma carta a Lesley, que pareceu curiosamente relutante em abri-la.

— Estão esperando por você em Belgravia — disse Neblett. — Siga.

Belgravia é a base da Equipe de Homicídios de Westminster. Lesley me deu um pequeno aceno nervoso, se virou e sumiu pelo corredor.

— Lá vai uma boa captora de ladrões — disse Neblett. Ele olhou para mim e franziu o cenho.

— Quanto a você, não sei o que é — disse ele.

— Estou proativamente dando uma contribuição valiosa, senhor — respondi.

— Sodomita impertinente é o que você é — disse Neblett. Ele não me deu um envelope, mas uma folha de papel. — Você vai trabalhar com um inspetor-chefe Thomas Nightingale.

A folha de papel tinha o nome e o endereço de um restaurante japonês em New Row.

— Para quem irei trabalhar? — perguntei.

— Crimes Econômicos e Especiais, pelo que sei — disse Neblett. — Querem você a paisana, então é melhor se apressar.

Crimes Econômicos e Especiais era um nome administrativo genérico para uma série de unidades especializadas, variando de artes e antiguidades a imigração e crimes virtuais. O importante era que a Unidade de Progressão de Casos não era uma delas. Eu saí apressado antes que ele pudesse mudar de ideia, mas quero deixar claro que em nenhum momento saí pulando.

New Row era uma estreita rua de pedestres entre Covent Garden e St. Martin's Lane, com um Tesco's em uma ponta e os teatros da St.

Martin's Lane na outra. *Tokyo A Go Go* era um restaurante que serve refeições tipo bentô que ficava na metade da rua, espremido entre uma galeria e uma loja de roupas esportivas femininas. O interior era comprido e com largura apenas para duas filas de mesas, esparsamente decorado ao estilo minimalista japonês, com piso de madeira encerado, mesas e cadeiras de madeira laqueada, muitos ângulos retos e papel de arroz.

Eu localizei Nightingale em uma mesa dos fundos comendo em um bentô. Ele se levantou ao me ver e apertou minha mão. Assim que me acomodei em frente a ele, perguntou se eu estava com fome. Respondi “não, obrigado”. Eu estava nervoso, e tinha como regra nunca colocar arroz frio em um estômago agitado. Ele pediu chá e perguntou se eu me importava se ele continuasse a comer.

Eu disse que de modo algum, e ele continuou a jogar comida para fora da caixa com golpes rápidos dos pauzinhos.

— Ele voltou? — perguntou Nightingale.

— Quem?

— Seu fantasma — respondeu Nightingale. — Nicholas Wallpenny: dissimulado, caçador de insetos e ladrão furtivo.

Anteriormente da paróquia de St. Giles. Arrisca dizer onde ele está enterrado?

— No cemitério da Igreja dos Atores?

— Muito bem — disse Nightingale, e agarrou uma trouxinha de pato com um golpe rápido dos pauzinhos. — Então, ele voltou?

— Não voltou, não — respondi.

— Fantasmas são caprichosos — disse. — Realmente não são testemunhas confiáveis.

— Está me dizendo que fantasmas são reais?

Nightingale limpou os lábios cuidadosamente com um guardanapo.

— Você conversou com um. O que acha?

— Estou aguardando confirmação de um superior — respondi. Ele baixou o guardanapo e pegou a xícara de chá.

— Fantasmas são reais — disse, tomando um gole.

Fiquei olhando para ele. Não acredito em fantasmas, fadas ou deuses, e nos dois últimos dias fui como um homem assistindo a um espetáculo de mágica — esperava ver um mágico sair de detrás da cortina e pedir que eu escolhesse uma carta, qualquer carta. Não estava pronto a acreditar em fantasmas, mas esse é o problema da experiência empírica — é a coisa real.

E se fantasmas fossem reais?

— Esse é o momento em que você me diz que há uma divisão secreta da Polícia Metropolitana cuja missão é lidar com fantasmas, espíritos do mal, fadas, demônios, bruxas e feiticeiros, elfos e duendes? — perguntei. — Você pode me interromper antes que eu esgote meu estoque de criaturas sobrenaturais.

— Você não chegou nem na superfície — disse Nightingale.

— Alienígenas? — tive de perguntar.

— Ainda não.

— E a divisão secreta da Met?

— Apenas eu, temo — respondeu.

— E você quer que eu o quê... Ingresse?

— Ajude com esta investigação — respondeu Nightingale.

— Acha que há algo sobrenatural no assassinato? — perguntei.

— Que tal você me contar o que sua testemunha tinha a dizer, e então veremos aonde isso chega? — pediu.

Então contei a ele sobre Nicholas e a mudança de roupas do cavalheiro assassino. Sobre a cobertura das câmeras de vigilância e a opinião da Equipe de Homicídios de que eram duas pessoas distintas.

Quando terminei, ele pediu a conta à garçonete.

— Gostaria de ter sabido disso antes — disse ele — Mas ainda podemos conseguir pegar um traço.

— Um traço de quê, senhor?

— Do sobrenatural — disse Nightingale. — Ele sempre deixa traços.

O carro de Nightingale era um Jaguar, um legítimo Mark 2 com o motor XK6 de 3,8 litros. Meu pai teria vendido seu trompete por uma chance de ter um carro como aquele, e isso nos anos 1960, quando ainda significava alguma coisa. Não estava impecável: havia alguns amassados na carroceria e um arranhão feio na porta do motorista, e o couro dos bancos estava começando a rachar, mas quando Nightingale virou a chave na ignição e os 6 cilindros em linha roncaram, ele estava perfeito onde importava.

— Você estudou ciências no secundário — disse Nightingale enquanto saíamos. — Por que não fez um curso superior em ciências?

— Eu me distraí, senhor — respondi. — Minhas notas eram baixas e eu não consegui o curso que desejava.

— Mesmo? Qual foi a distração? — perguntou. — Música, talvez?

Você montou uma banda?

— Não, senhor. Nada tão interessante.

Passamos pela Trafalgar Square e nos valemos da luz discreta da Polícia Metropolitana no para-brisa para atravessar o Mall, passando pelo Palácio de Buckingham e entrando na Victoria. Eu sabia que só havia dois lugares para onde podíamos estar indo: a delegacia de Belgravia, onde a Equipe de Homicídios tinha sua sala de investigação, ou o Necrotério de Westminster, onde o corpo estava guardado.

Esperava que fosse a sala de investigação, mas claro que era o necrotério.

— Mas você compreende o método científico, certo? — perguntou Nightingale.

— Sim, senhor — respondi, e pensei: Bacon, Descartes e Newton, conferido. Observação, hipótese, experimento e algo mais que eu poderia conferir quando voltasse ao meu laptop.

— Bom — disse Nightingale. — Porque preciso de alguém com alguma objetividade.

Decididamente o necrotério, pensei.

Seu nome oficial é Conjunto Forense Ian West, e representa a melhor tentativa do Ministério do Interior de fazer um de seus necrotérios parecer tão legal quanto aqueles em programas de TV americanos. De modo a impedir que policiais sujos contaminem qualquer vestígio de provas no corpo, há uma área especial de observação com autópsias transmitidas por um circuito interno de televisão. Isso teve o efeito de reduzir até a necropsia mais horripilante a nada além de um horrendo documentário de TV. Eu estava bem com aquilo, mas Nightingale, por outro lado, disse que precisávamos chegar perto do cadáver.

— Por quê?

— Porque há outros sentidos além da visão — respondeu Nightingale.

— Estamos falando de PES?

— Apenas mantenha a mente aberta — disse Nightingale.

A equipe nos fez vestir trajes limpos e máscaras antes de nos deixar chegar perto da mesa. Não éramos parentes, portanto eles não se preocuparam com um pano discreto cobrindo a lacuna entre os ombros e a cabeça do corpo. Fiquei muito contente por ter pulado a comida chinesa naquela manhã.

Imaginei que William Skirmish havia sido um homem comum quando vivo. Meia-idade, pouco acima da altura mediana, tinha pouco tônus muscular, mas não era gordo. Achei surpreendentemente fácil olhar para a cabeça destacada, com sua beirada irregular de pele e músculos arrancados em vez de um pescoço. As pessoas supõem que, como policial, seu primeiro morto será uma vítima de assassinato, mas a verdade é que normalmente é resultado de um acidente de carro. Meu primeiro havia sido no segundo dia, quando um entregador ciclista teve sua cabeça

arrancada por uma van. Depois você não se acostuma, mas sabe que poderia ser muito pior. Eu não estava gostando do Sr.

Skirmish sem cabeça, mas tinha de admitir que era menos intimidador do que havia imaginado.

Nightingale se curvou sobre o corpo e praticamente enfiou o rosto no pescoço cortado. Balançou a cabeça e se virou para mim.

— Me ajude a virá-lo — disse.

Eu não queria tocar no corpo, nem mesmo com luvas cirúrgicas, mas não podia perder a compostura naquele momento. O corpo era mais pesado do que eu esperava, frio e inerte enquanto era virado de barriga para baixo. Eu me afastei rapidamente, mas Nightingale me chamou de volta.

— Quero que você aproxime o rosto o mais perto possível do pescoço, feche os olhos e me diga o que sente — pediu Nightingale.

Eu hesitei.

— Prometo que tudo ficará claro — falou.

A máscara e os óculos de proteção ajudavam; não havia como eu beijar o cara morto acidentalmente. Fiz o que ele mandou e fechei os olhos. Inicialmente havia apenas o cheiro de desinfetante, aço inoxidável e pele recém-lavada, mas após alguns momentos tive consciência de algo mais, uma sensação rascante, magra, forte, ofegante, de nariz molhado e rabo balançando.

— Então? — perguntou Nightingale.

— Um cachorro — falei. — Um cachorrinho latindo.

Rosnando, latindo, gritando, imagens de paralelepípedos, varas, risos — risos maníacos, agudos.

Eu me levantei abruptamente.

— Violência e riso? — perguntou Nightingale. Eu assenti.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O sobrenatural — disse Nightingale. — É como uma luz brilhante quando você fecha os olhos; deixa uma imagem.

Chamamos de *vestigium*.

— Como sei que simplesmente não imaginei? — perguntei.

— Experiência — respondeu Nightingale. — Você aprende a distinguir a diferença por intermédio da experiência.

Felizmente demos as costas ao corpo e saímos.

— Eu mal senti algo — disse, enquanto trocávamos de roupa. —  
É

sempre tão fraco assim?

— Aquele corpo passou dois dias no gelo, e corpos mortos não retêm *vestigia* muito bem — respondeu Nightingale.

— Então o que causou a morte deve ter sido muito forte — comentei.

— Bastante — disse Nightingale. — Portanto, temos de supor que o cachorro é muito importante e temos de descobrir por quê.

— Talvez o Sr. Skirmish tivesse um cão — sugeri.

— Sim — concordou Nightingale. — Vamos começar por lá.

Trocamos de roupa e estávamos saindo do necrotério quando o destino nos encontrou.

— Ouvi boatos de que havia um cheiro ruim no prédio — disse uma voz atrás de nós. — E veja só, é verdade.

Paramos e nos viramos.

O detetive inspetor-chefe Alexander Seawoll era um homem grande, com pouco menos de dois metros, peito largo, barriga de cerveja e uma voz que fazia vibrar as janelas. Ele era de Yorkshire, ou algum lugar assim, e como muitos nortistas com problemas, se mudara para Londres como uma alternativa barata à psicoterapia. Eu o conhecia de fama, e a fama era: não o sacaneie em circunstância alguma. Ele avançou pelo corredor na nossa direção como um touro anabolizado, e enquanto isso acontecia eu tinha de lutar contra o impulso de me esconder atrás de Nightingale.

— Essa maldita investigação é minha, Nightingale — disse Seawoll. — Não me interessa quem você está comendo, não quero nada da sua merda de Arquivo X no caminho do trabalho policial de verdade.

— Posso garantir, inspetor, que não tenho qualquer intenção de ficar no seu caminho — disse Nightingale.

Seawoll se virou para mim.

— Quem é esse merda?

— Esse é o policial Peter Grant — disse Nightingale. — Está trabalhando comigo.

Pude ver que isso chocou Seawoll. Ele olhou para mim com cuidado antes de se virar novamente para Nightingale.

— Você está pegando um aprendiz? — perguntou.  
— Isso ainda será decidido — respondeu Nightingale.  
— Isso nós veremos — falou Seawoll. — Havia um acordo.  
— Havia um acordo — concordou Nightingale. — As

circunstâncias mudam.

— Não tanto assim, porra — disse Seawoll, mas me pareceu que ele havia perdido um pouco de sua convicção. Olhou para mim de novo e disse em voz baixa. — Aceite meu conselho, filho. Suma de perto desse homem enquanto ainda tem uma chance.

— Isso é tudo? — perguntou Nightingale.

— Apenas fique longe da minha investigação — disse Seawoll.

— Eu vou aonde sou necessário — retrucou Nightingale. — Esse é o acordo.

— As circunstâncias podem mudar, cacete — disse Seawoll. — Agora, se os cavalheiros não se incomodam, estou atrasado para minha lavagem intestinal.

Ele voltou pelo corredor, passou violentamente pelas portas duplas e desapareceu.

— O que é o acordo? — perguntei.

— Isso não tem importância — respondeu Nightingale. — Vamos ver se conseguimos encontrar esse cachorro.

A extremidade norte do bairro londrino de Camden é dominada por suas colinas, Hampstead a oeste e Highgate a leste, com o Heath, um dos maiores parques de Londres, enfiado entre eles como uma sela verde. Desses pontos a terra desce na direção do rio Tâmesa e as planícies alagadas que se escondem abaixo do centro edificado de Londres.

O parque Dartmouth, onde William Skirmish vivera, ficava nas encostas mais baixas de Highgate Hill, e a pouca distância a pé do Hampstead Heath. Ele ocupara o térreo de uma casa vitoriana reformada, o imóvel de esquina de uma rua arborizada cujo tráfego havia sido reduzido até quase a morte.

Mais abaixo ficava Kentish Town, a Leighton Road e o imóvel no qual fui criado. Alguns de meus colegas de escola tinham morado perto do apartamento de Skirmish, de modo que eu conhecia bem a área.



Vislumbrei um rosto em uma janela do primeiro andar enquanto mostrávamos nossos distintivos para o uniformizado protegendo a porta. Como em muitas casas reformadas, o saguão um dia elegante havia ganhado uma divisória que o tornava apertado e sem luz. Duas portas da frente adicionais haviam sido espremidas lado a lado no espaço ao fundo. A porta da direita estava entreaberta, mas simbolicamente bloqueada por fita policial. A outra presumivelmente pertencia ao apartamento acima com as cortinas que se fechavam.

O apartamento de Skirmish era elegante e mobiliado com a colcha de retalhos que as pessoas comuns, aquelas não movidas por aspirantes a demônio, escolhem para suas casas. Menos estantes do que eu esperaria de um tipo mediano; muitas fotografias, mas as de crianças eram todas em preto e branco ou nas cores desbotadas e um velho filme de Instamatic.

— Uma vida de desespero silencioso — disse Nightingale. Eu sabia que era uma citação, mas não iria dar a ele a satisfação de perguntar quem havia dito aquilo.

O inspetor-chefe Seawoll, o que quer que fosse, não era idiota. Era possível dizer que sua Equipe de Homicídios fizera um trabalho completo — havia marcas de pó de digitais em telefone, maçanetas e batentes das portas, e livros haviam sido tirados de estantes e depois recolocados de cabeça para baixo. Isso pareceu incomodar Nightingale mais do que era apropriado.

— Isso não passa de negligência — disse.

Gavetas haviam sido abertas, vasculhadas e depois deixadas ligeiramente abertas para indicar seu status. Qualquer coisa digna de nota teria sido inserida no HOLMES. Provavelmente por pobres idiotas como Lesley, mas a Equipe de Homicídios não tinha conhecimento de meus poderes psíquicos e do *vestigium* do cachorro latindo.

Havia um cachorro. Isso ou Skirmish gostava de Pal Meaty Chunks com molho, e eu não achava que a vida silenciosa dele era tão desesperada.

Liguei para o celular de Lesley.

— Você está perto de um terminal HOLMES? — perguntei.

— Não larguei a maldita coisa desde que cheguei aqui — disse Lesley.

— Eles me colocaram na inserção de dados e na maldita verificação de declarações.

— De fato — eu disse, tentando não me vangloriar. — Adivinhe onde estou?

— Você está no apartamento de Skirmish no maldito Dartmouth Park — respondeu ela.

— Como sabe disso?

— Porque posso ouvir o detetive inspetor-chefe Seawoll gritando sobre isso através da parede do escritório dele. Quem é o inspetor Nightingale?

Eu olhei para Nightingale, que me olhava, impaciente.

— Conto a você mais tarde. Pode verificar uma coisa para nós?

— Claro — respondeu Lesley. — O que é?

— Quando a Equipe de Homicídios revirou o apartamento, eles encontraram um cachorro?

Eu a ouvi digitando enquanto fazia uma pesquisa de texto nos arquivos relevantes.

— Nenhuma menção a um cachorro no relatório.

— Obrigado — falei. — Você deu uma contribuição valiosa.

— Você paga as bebidas esta noite — retrucou, e desligou.

Contei a Nightingale sobre a ausência de cachorro.

— Vamos descobrir um vizinho barulhento — disse Nightingale.

Ele obviamente também vira o rosto na janela.

Ao lado da porta de entrada ficava um interfone que havia passado por um processo de modernização. Nightingale mal teve tempo de apertar o botão antes que a trava estalasse e uma voz dissesse: — Suba, querido.

Houve outro zumbido e a porta de dentro se abriu, atrás de uma escadaria empoeirada, mas limpa, que levava para cima, e quando começamos a subir ouvimos um cachorrinho barulhento começar a latir. A dama que nos recebeu no alto não tinha cabelos tingidos de azul. Na verdade não estou certo de como seriam cabelos azulados, e para começar, por que alguém acharia que cabelos azuis eram uma boa ideia? Ela também não tinha luvas sem dedos ou gatos demais, mas algo nela sugeria que ambas poderiam ser sérias opções de estilo de vida no futuro. Era bastante alta para uma

velhinha, vigorosa e nada senil. Ela se identificou como a Sra. Shirley Palmarron.

Fomos rapidamente levados a uma sala de estar que havia sido mobiliada pela última vez nos anos 1970, e recebemos a oferta de chá e biscoitos. Enquanto ela se movimentava na cozinha, o cachorro, um cruzamento de terrier branco e marrom de pelo curto, abanava o rabo e latia sem parar. Obviamente o cachorro não sabia qual de nós considerava uma ameaça maior, portanto virava a cabeça de um lado para o outro latindo continuamente até Nightingale apontar o dedo para ele e murmurar algo em voz baixa. O cachorro imediatamente rolou, fechou os olhos e começou dormir.

Eu olhei para Nightingale, mas ele se limitou a erguer uma sobrancelha.

— Toby foi dormir? — perguntou a Sra. Palmarron ao voltar com uma bandeja de chá. Nightingale se levantou de um pulo e a ajudou a colocá-la na mesa de café. Esperou até que nossa anfitriã se sentasse antes de voltar ao seu assento.

Toby chutou e rosnou no sono. Obviamente nada menos que a morte manteria aquele cachorro em silêncio.

— Coisinha barulhenta, não? — disse a Sra. Palmarron enquanto servia o chá.

Agora que Toby estava relativamente quieto tive a oportunidade de perceber que havia uma ausência de caninismo no apartamento da Sra. Palmarron. Havia fotografias do que presumivelmente era o Sr. Palmarron e seus filhos acima da lareira, mas nada de caminha de cachorro junto à lareira, nem ao lado do sofá. Peguei bloco e caneta.

— Ele é seu? — perguntei.

— Deus, não — disse a Sra. Palmarron. — Ele pertencia ao pobre Sr. Skirmish, mas estou cuidando dele há algum tempo. Ele não é ruim quando você se acostuma.

— Ele estava aqui antes da morte do Sr. Skirmish? — perguntou Nightingale.

— Ah, sim — disse a Sra. Palmarron com simpatia. — Vocês entendem, Toby é um fugitivo da justiça, ele está “foragido”.

— Qual o crime dele? — perguntou Nightingale.

— É procurado por agressão — disse a Sra. Palmarron. — Mordeu um homem. Bem no nariz. A polícia foi chamada e tudo mais — contou, baixando os olhos para Toby. — Se não o tivesse deixado se esconder aqui seria a prisão para você, meu jovem. E depois a injeção — acrescentou.

Telefonei para a delegacia de Kentish Town, que me passou para a delegacia de Hampstead, que disse que sim, tinha havido uma chamada para um ataque de cachorro em Hampstead Heath pouco antes do Natal. A vítima não prestara queixa, e era tudo o que havia no relatório.

Eles me deram o nome e o endereço da vítima: Brandon Coopertown, Downshire Hill, Hampstead.

— Você colocou um feitiço no cachorro — eu disse quando saímos da casa.

— Um pequeno — disse Nightingale.

— Então magia é real — eu disse. — O que faz de você um... o quê?

— Um mago.

— Como Harry Potter?

Nightingale suspirou.

— Não, não como Harry Potter.

— Em qual sentido?

— Não sou um personagem de ficção — disse Nightingale.

Subimos novamente no Jaguar e seguimos rumo oeste, contornando o limite sul de Hampstead Heat antes de subirmos a colina para Hampstead propriamente dito. O alto da colina era um labirinto de ruas estreitas tomadas por BMWs e utilitários esportivos. As casas tinham preços de sete dígitos, e se havia algum desespero ali tinha de ser em relação às coisas que o dinheiro não podia comprar.

Nightingale estacionou o Jaguar em uma vaga exclusiva para moradores e subimos Downshire Hill procurando o endereço. Era uma das grandiosas mansões vitorianas no lado norte da rua. Uma casa marrom clara sóbria com elementos decorativos góticos e mansardas; o jardim da frente recebia cuidados profissionais, e a julgar pela falta de um interfone, os Coopertown eram donos de tudo.

Enquanto nos aproximávamos da porta da frente ouvimos uma criança chorando, o tipo de choro fraco e contido de um bebê que estava se preparando para uma boa choradeira, pronto para sustentar isso o dia inteiro caso fosse necessário. Com uma casa tão cara eu esperava uma babá ou no mínimo uma *au pair*, mas a mulher que abriu a porta parecia arrasada demais para ser qualquer das opções.

August Coopertown tinha vinte e tantos anos, era alta, loura e dinamarquesa. Descobrimos a nacionalidade porque ela conseguiu inserir isso na conversa quase imediatamente. Antes do bebê ela tinha um corpo magro, mas o parto alargou seus quadris e depositou porções de gordura nas coxas. Ela também conseguiu inserir isso na conversa rapidamente. No que dizia respeito a August, tudo isso era culpa dos ingleses, que não correspondiam aos altos padrões que uma mulher escandinava bem criada esperava. Não sei por quê; talvez os hospitais dinamarqueses tenham academias em suas maternidades.

Ela nos levou para a sala de estar e de jantar com piso de madeira clara e mais pinho que eu gosto de ver fora de uma sauna. Uma mamadeira rolou para entre as sólidas pernas de carvalho do aparador, e havia um macacão enrolado em cima de um aparelho de som Bang & Olufsen. Eu senti cheiro de leite azedo e vômito.

O bebê estava deitado em seu berço de quatrocentas libras e continuava a chorar.

Retratos de família estavam pendurados em uma composição elegante acima da lareira minimalista de granito. Brandon Coopertown era um homem mais velho de boa aparência com quarenta e tantos anos, cabelos pretos e rosto estreito. Enquanto a Sra. Coopertown se movimentava, eu tirei uma fotografia com a câmera do celular.

— Continuo me esquecendo de que é possível fazer isso — murmurou Nightingale.

— Bem-vindo ao século XXI, senhor — disse.

Nightingale se levantou quando a Sra. Coopertown retornou. Dessa vez eu estava pronto e o acompanhei.

— Posso perguntar o que seu marido faz para viver? — perguntou Nightingale.

Ele era produtor de televisão de sucesso, com BAFTAs e vendas para os Estados Unidos, o que explicava a casa de sete dígitos. Poderia estar ainda melhor, mas sua ascensão a planos mais altos da produção internacional havia sido totalmente prejudicada pela natureza provinciana da televisão britânica. Se pelo menos os britânicos pudessem parar de fazer programas que atendessem apenas ao público interno, ou pelo menos escalar atores que fossem minimamente atraentes.

Por mais fascinantes que fossem as observações da Sra.

Coopertown sobre o provincianismo da televisão britânica, nos sentimos compelidos a perguntar sobre o incidente com o cão.

— Isso também é típico — disse a Sra. Coopertown. — Claro que Brandon não quis prestar queixa. Ele é inglês. Não quis criar caso; o policial devia ter processado o dono do cachorro ainda assim. O animal claramente era um perigo para as pessoas. Mordeu o pobre Brandon no nariz.

O bebê parou, e todos prendemos a respiração, mas ele apenas arrotou uma vez e recomeçou a chorar. Olhei para Nightingale e desviei os olhos para o bebê. Talvez pudesse usar o mesmo feitiço que usara em Toby. Ele franziu o cenho para mim. Talvez houvesse questões éticas quanto a usá-lo em bebês.

Segundo a Sra. Coopertown, o bebê havia se comportado perfeitamente bem até o problema com o cachorro. Agora, bem, agora a Sra. Coopertown achava que devia estar com dentes nascendo, cólicas ou refluxo. O médico não tinha nenhuma pista e havia sido imperdoavelmente rápido com ela. Achava que deveriam procurar um médico particular.

— Como o cachorro conseguiu morder seu marido no nariz? — perguntei.

— O que quer dizer? — perguntou a Sra. Coopertown.

— A senhora disse que seu marido foi mordido no nariz — falei. — O cachorro é muito pequeno. Como alcançou o nariz dele?

— O idiota do meu marido se curvou — disse a Sra.

Coopertown. — Havíamos saído para caminhar no Heath, os três, quando esse cachorro apareceu correndo. Meu marido se curvou para fazer um carinho no cachorro e de repente, sem aviso, ele o mordeu no nariz.

No início achei bastante engraçado, mas Brandon começou a gritar e então aquele homenzinho desagradável apareceu correndo e começou a gritar: “Ah, o que estão fazendo com meu pobre cachorro, deixem-no em paz.”

— Sendo o homenzinho desagradável o dono do cachorro? — perguntou Nightingale.

— Cachorrinho desagradável, homenzinho desagradável — disse a Sra. Coopertown.

— Seu marido ficou aborrecido?

— Quem pode dizer no caso de um inglês? — perguntou a Sra.

Coopertown. — Fui buscar alguma coisa para conter o sangue, e quando voltei Brandon estava rindo; tudo é uma piada para vocês. Eu mesma tive de chamar a polícia. Ela veio, Brandon mostrou o nariz e eles começaram a rir. Todos estavam felizes, até mesmo o cachorrinho desagradável estava feliz.

— Mas você não estava feliz? — perguntei.

— Não é uma questão de estar feliz — disse a Sra. Coopertown.

— Se um cachorro morde um homem, o que o impedirá de morder uma criança ou um bebê?

— Posso saber onde estive na noite da última terça-feira? — perguntou Nightingale.

— Onde estou toda noite — respondeu. — Aqui, cuidando do meu filho.

— E onde estava seu marido?

August Coopertown, irritante sim, loura sim, idiota não, retrucou:

— Por que querem saber?

— Não é importante — retrucou Nightingale.

— Achei que estavam aqui por causa do cachorro — falou.

— Estamos — retrucou Nightingale. — Mas gostaríamos de confirmar alguns detalhes com seu marido.

— Acham que estou inventando isso? — perguntou a Sra.

Coopertown. Ela tinha o olhar de coelho assustado que civis apresentam após cinco minutos ajudando a polícia com suas investigações. Se eles ficam calmos por tempo demais é sinal de que são vilões profissionais, estrangeiros ou apenas idiotas completos.

Todos os quais podem lhe causar problemas caso você não tome cuidado. Se você se vir conversando com a polícia, meu conselho é que permaneça calmo, mas pareça culpado; é a aposta mais segura.

— De modo algum — respondeu Nightingale. — Mas como ele é a vítima principal, precisamos do depoimento dele.

— Ele está em Los Angeles — disse. — Volta esta noite, tarde.

Nightingale deixou seu cartão e prometeu à Sra. Coopertown que ele, e por extensão todo policial correto, levava muito a sério ataques por cachorrinhos barulhentos, e que entrariam em contato.

— O que sentiu lá dentro? — perguntou Nightingale enquanto caminhávamos de volta ao Jaguar.

— No sentido de *vestigium*?

— *Vestigium* é singular, o plural é *vestigia* — disse Nightingale.

— Você sentiu *vestigia*?

— Para ser honesto, nada. Nem mesmo um vestígio.

— Uma criança aos berros, uma mãe desesperada e um pai ausente.

Sem falar em uma casa daquela idade — disse Nightingale. — Deveria haver algo.

— Ela me pareceu esquisita demais — falei. — Talvez tenha aspirado toda a magia?

— Alguma coisa certamente fez isso — disse Nightingale. — Vamos conversar com o marido amanhã. Agora vamos voltar a Covent Garden e ver se conseguimos descobrir a trilha lá.

— Já se passaram três dias — comentei. — Os *vestigia* não teriam desaparecido?

— Pedra retém *vestigia* muito bem. Por isso prédios velhos têm tanto caráter — contou Nightingale. — Isso dito, com o trânsito de pedestres e os componentes sobrenaturais da área, eles certamente não serão fáceis de rastrear.

Chegamos ao Jaguar.

— Animais sentem *vestigia*?

— Depende do animal — respondeu Nightingale.

— E se fosse um que achamos já estar ligado ao caso? — perguntei.



— Por que estamos bebendo no seu quarto? — perguntou Lesley.

— Porque eles não me deixam entrar com o cachorro no pub — respondi.

Lesley, que estava instalada na minha cama, esticou o braço para baixo e coçou atrás das orelhas de Toby. O cachorro gemeu de prazer e tentou enterrar a cabeça no joelho de Lesley.

— Você deveria dizer a eles que é um cão caça-fantasmas — sugeriu.

— Não estamos caçando fantasmas — corrigi. — Estamos procurando traços de energia sobrenatural.

— Ele disse mesmo que era um mago?

Eu estava começando a lamentar ter contado tudo a Lesley.

— Sim. Eu o vi fazer um feitiço e tudo mais.

Estávamos bebendo garrafas de Grolsch de uma caixa que Lesley desviara da festa de Natal da delegacia e escondera atrás de uma divisória solta na cozinha.

— Lembra-se daquele cara que prendemos por agressão semana passada?

— Como poderia esquecer?

Eu havia sido jogado contra uma parede durante a luta.

— Acho que você bateu muito mais forte com a cabeça do que pensou — disse ela.

— Tudo é real — contestei. — Fantasmas, magia, tudo.

— Então por que tudo não parece diferente?

— Porque estava lá na sua frente o tempo todo. Nada mudou, então por que você deveria perceber algo? — falei, e terminei minha garrafa. — Dã!

— Achei que você era um cético — disse Lesley. — Achei que era científico.

Ela me deu outra garrafa.

— Certo. Você sabe que meu pai tocava jazz, certo?

— Claro. Você me apresentou uma vez, lembra? Eu o achei legal.

Tentei não estremecer com aquilo e continuei: — E você sabe que jazz tem a ver com improvisar em cima de uma melodia?

— Não. Achei que isso era quando você cantava sobre queijo e amarrar as galochas das pessoas.

— Muito engraçado. Eu uma vez perguntei a meu pai — quando estava sóbrio — como ele sabia o que tocar. E ele disse que quando você pegava a linha certa você sabia, porque era perfeita. Você encontrava a linha e simplesmente a seguia.

— E que porra isso tem a ver com alguma coisa?

— O que Nightingale faz se encaixa com o modo como eu vejo o mundo. Essa é a linha, a melodia certa.

Lesley riu.

— Você quer ser um mago — disse.

— Não sei.

— Mentiroso, você quer ser aprendiz dele, aprender magia e montar em uma vassoura.

— Não acho que magos de verdade montem em vassouras.

— Você não quer pensar no que acabou de dizer? — perguntou Lesley. — De qualquer forma, como você saberia? Ele pode estar zunindo pelo céu enquanto conversamos.

— Porque se você tivesse um carro como aquele Jaguar você não perderia tempo com vassouras.

— Isso faz sentido — disse Lesley, e fizemos tintim com as garrafas.

Covent Garden, novamente de noite. Dessa vez com um cão.

Também uma noite de sexta-feira, o que significava bandos de jovens terrivelmente bêbados e barulhentos em duas dúzias de idiomas.

Eu tive de carregar Toby no colo, ou o perderia na multidão — pista e tudo mais. Ele gostou do passeio, alternando entre rosar para turistas, lamber meu rosto e tentar enfiar o nariz em axilas de passagem.

Eu ofereci a Lesley uma chance de fazer algumas horas extras não remuneradas, mas ela recusou. Enviei o retrato de Brandon Coopertown e ela prometeu colocar os detalhes dele no HOLMES.

Acabara de dar onze horas quando Toby e eu chegamos à praça e encontramos o Jaguar de Nightingale estacionado o mais perto da Igreja dos Atores que era possível sem ser rebocado.

Nightingale saltou enquanto eu ia até ele. Carregava a mesma bengala de ponta de prata que tinha na primeira vez em que o encontrara. Fiquei pensando se teria algum significado especial além de ser um prático instrumento para momentos de necessidade.

— Como quer fazer isso? — perguntou Nightingale.

— O senhor é o especialista — respondi.

— Eu estudei a literatura sobre isso e não foi muito útil.

— Há literatura sobre isso?

— Policial, você ficaria impressionado com os tipos de literatura que existem.

— Temos duas opções — falei. — Um de nós o conduz pela cena do crime, ou o soltamos e vemos para onde vai.

— Acredito que devemos fazer isso nessa ordem — disse Nightingale.

— Acha que uma primeira passagem orientada permitirá maior controle? — perguntei.

— Não — respondeu Nightingale. — Mas se o soltarmos da guia e ele correr para longe, será o fim de tudo. Eu o levo para passear. Você fica perto da igreja, de olhos abertos.

Ele não disse para que devia ficar de olhos abertos, mas era como se eu já soubesse. Como suspeitava, assim que Nightingale e Toby desapareceram pela lateral do mercado coberto, ouvi alguém me chamando com um psiu. Eu me virei e vi Nicholas Wallpenny me chamando de detrás de uma das colunas.

— Aqui, oficial — sibilou Nicholas. — Antes que ele volte.

Ele me levou para trás da coluna, onde, em meio às sombras, Nicholas parecia mais sólido e menos preocupado.

— Você sabe que tipo de homem está acompanhado?

— Você é um fantasma — eu disse.

— Não eu — disse Nicholas. — Ele, com o belo terno e o espancador de grosseirões.

— O inspetor Nightingale? Ele é meu superior.

— Bem, não quero ensinar a você seu trabalho — disse Nicholas. — Mas eu encontraria outro superior se fosse você. Alguém menos tocado.

— Tocado pelo quê? — perguntei.

— Apenas pergunte a ele seu ano de nascimento — disse Nicholas.

Ouvi Toby latir, e de repente Nicholas não estava mais ali.

— Você não está fazendo amigos, Nicholas — avisei.

Nightingale voltou com Toby e sem nada a relatar. Não contei sobre o fantasma ou o que o fantasma dissera sobre ele. Acho importante não sobrecarregar os superiores com mais informação do que precisam.

Peguei Toby e o segurei de modo a que seu absurdo rosto canino estivesse no nível do meu — tentando ignorar o cheiro de Pal Meaty Chunks com molho.

— Escute, Toby, seu dono está morto, eu não gosto muito de cães e meu superior o transformará em um par de luvas. Você está diante de uma passagem só de ida para o abrigo de cães ou para o sono eterno.

Sua única chance de evitar o canil do céu é usar quaisquer sentidos sobrenaturais caninos que tenha para rastrear... o que quer que tenha assassinado seu dono. Você entende?

Toby arfou e depois latiu uma vez.

— Isso basta — disse, e o coloquei no chão. Ele imediatamente trotou até a coluna e ergueu a perna.

— Eu não o transformaria em um par de luvas — disse Nightingale.

— Não?

— Ele é uma raça de pelo curto, elas ficariam horríveis — disse Nightingale. — Talvez desse um bom chapéu.

Toby farejou ao redor de um ponto perto de onde o corpo de seu mestre estivera caído. Olhou para cima, latiu uma vez e disparou na direção da King Street.

— Maldição — reagi. — Não estava esperando isso.

— Vá atrás dele — ordenou Nightingale.

Eu já estava a caminho. Detetives inspetores-chefes não correm; para isso eles têm policiais. Disparei atrás de Toby, que, como todos os cães parecidos de pequeno porte, era muito ágil. Ele passou pela Tesco's e desceu a New Row com suas perninhas girando como um desenho animado. Dois anos correndo atrás de bêbados na Leicester Square haviam me dado velocidade e disposição, e estava

me aproximando quando ele atravessou a St. Martin's Lane e entrou em St. Martin's Court do outro lado. Perdi terreno quando tive de desviar de uma fila de turistas holandeses saindo do teatro Noel Coward.

— Polícia, saiam do caminho! — gritei. Eu não gritei “detenham aquele cão”, tenho alguns limites.

Toby disparou pelo J. Sheekey Oyster Bar e pelo restaurante de carne seca e falafel na esquina, e atravessou a toda a Charing Cross Road, uma das ruas mais movimentadas do centro de Londres. Tive de olhar para os dois lados antes de atravessar, mas felizmente Toby havia parado em um ponto de ônibus e estava se aliviando na máquina de venda de passagens.

Toby exibiu o olhar de satisfação usado por cachorrinhos no mundo todo depois de destruir alguma coisa. Verifiquei quais ônibus paravam naquele ponto — um deles era o 24: Candem Town, Chalk Farm e Hampstead.

Nightingale chegou e juntos contamos as câmeras. Havia pelo menos cinco com uma boa visão do ponto de ônibus, para não falar das câmeras que a Secretária de Transporte Público costuma colocar em seus veículos. Deixei uma mensagem no telefone de Lesley sugerindo que verificasse primeiro a gravação da câmera do ônibus 24.

Tenho certeza de que ficou animada quando ouviu a mensagem.

Ela se vingou telefonando para mim às oito horas da manhã seguinte.

Eu odeio o inverno; odeio acordar no escuro.

— Você nunca dorme? — perguntei.

— Pássaros madrugadores pegam as minhocas — disse Lesley.

— Sabe aquela foto que você me mandou, a de Brandon Coopertown?

Acho que ele subiu em um número 24 na Leicester Square menos de dez minutos depois do assassinato.

— Você contou a Seawoll?

— Claro que sim — disse Lesley. — Eu o amo muito, mas ainda assim não vou foder minha carreira por sua causa.

— O que disse a ele?

— Que tinha uma pista sobre a TESTEMUNHA A , uma das centenas que surgiram nos dois últimos dias, poderia acrescentar.

— O que ele falou?

— Falou para eu verificar — respondeu Lesley.

— Segundo a Sra. Coopertown, ele deveria estar de volta hoje.

— Melhor ainda.

— Você pode me pegar? — perguntei.

— Claro — disse Lesley. — E quanto a Voldemort?

— Ele tem o meu número.

Tive tempo para uma chuva e um café antes de me encontrar com Lesley do lado de fora. Ela chegou em um Honda Accord de dez anos atrás que parecia ter sido usado em muitas ações contra drogas.

Ela me deu um olhar amargo enquanto Toby subia no banco de trás.

— Este é só emprestado, você sabe — disse ela.

— Eu não ia deixá-lo no meu quarto — disse, enquanto Toby farejava Deus sabe o que nos espaços entre os bancos. — Tem certeza de que era Coopertown?

Lesley me mostrou duas cópias impressas. A câmera de segurança do ônibus estava em um ângulo que dava para pegar uma boa imagem de quem subisse as escadas, e não havia como confundir o rosto: era ele.

— Isso é um hematoma? — perguntei. Parecia haver manchas nas bochechas e no pescoço de Coopertown. Lesley disse que não sabia, mas havia sido uma noite fria.

Como era sábado o trânsito estava apenas horrendo, e chegamos a Hampstead em pouco menos de meia hora. Infelizmente, assim que entramos na Downshire Hill identifiquei a conhecida forma prateada do Jaguar aninhado entre Range Rovers e BMWs. Toby começou a latir.

— Ele nunca dorme? — perguntou Lesley.

— Imagino que passou a noite inteira dormindo — falei.

— Ele não é meu superior, então vou fazer meu trabalho — anunciou Lesley. — Você vem?

Deixamos Toby no carro e seguimos para a casa. O inspetor Nightingale saltou do seu Jaguar e nos interceptou pouco antes do

portão da frente. Percebi que vestia o mesmo terno da noite anterior.

— Peter — disse, e inclinou a cabeça para Lesley. — Policial May.

Imagino que isso signifique que sua busca foi frutífera.

Nem mesmo a Rainha da Confiança iria desafiar um superior diretamente, então ela contou sobre a gravação da câmera do ônibus e de como tínhamos noventa por cento de certeza, com nosso cão caça-fantasmas, de que Brandon Coopertown era no mínimo a TESTEMUNHA A, se não o assassino.

— Já verificou os detalhes do voo dele com a Imigração? — perguntou Nightingale.

Eu olhei para Lesley, que deu de ombros.

— Não, senhor — respondi.

— Então ele poderia estar em Los Angeles quando o assassinato foi cometido.

— Pensamos em perguntar a ele, senhor — falei.

Toby começou a latir, não seu latido irritante habitual, mas um latido realmente furioso. Por um momento pensei ter sentido algo, uma onda de emoção como a excitação de estar no meio da torcida em uma partida de futebol quando um gol é marcado.

A cabeça de Nightingale se virou abruptamente na direção da casa dos Coopertown.

Ouvimos uma janela quebrando e uma mulher gritando.

— Policial, espere! — Nightingale gritou, mas Lesley já estava passando o portão e entrando no jardim. Então ela parou tão de repente que Nightingale e eu quase batemos nas costas dela. Ela olhava para algo no gramado.

— Jesus Cristo, não — sussurrou.

Eu olhei. Meu cérebro continuava tentando evitar a ideia de que alguém jogara um bebê pela janela do primeiro andar. Tentei me convencer de que o que estava vendo era um fardo de roupa ou uma boneca. Mas não era.

— Chame uma ambulância — disse Nightingale, e subiu os degraus correndo. Peguei meu telefone enquanto Lesley cambaleava na direção do bebê e se jogava de joelhos. Eu a vi virar o corpinho e procurar pulsação.

Passei o código de emergência e o endereço automaticamente. Lesley se curvou e começou a fazer respiração boca a boca, a dela cobrindo a do bebê e o nariz da forma recomendada.

— Grant, entre aqui — chamou Nightingale. A voz dele era firme, profissional. Ele me fez subir os degraus e chegar à varanda.

Nightingale devia ter arrancado a porta da frente das dobradiças com um chute, pois tive de passar por cima dela para chegar ao saguão.

Tivemos de parar para descobrir de onde vinha a porra do barulho.

A mulher gritou de novo; no andar de cima. Houve um som de batida como alguém batendo um tapete. Uma voz, que achei que podia ser de homem, embora muito aguda, estava gritando: — Está com dor de cabeça agora?

Sequer me lembro das escadas. De repente eu estava no patamar com Nightingale na minha frente. Vi August Coopertown caída de barriga para baixo na extremidade oposta do patamar, um braço enfiado entre um espaço nos balaústres. Seus cabelos estavam encharcados de sangue e uma poça crescia sob sua bochecha. Havia um homem de pé acima dela segurando um bastão de madeira de pelo menos um metro e meio de comprimento. Ofegava muito.

Nightingale não hesitou. Disparou para frente, ombro baixo, obviamente planejando derrubar o homem em um bloqueio de rúgbi. Eu também investi, pensando em ir no alto para segurar o braço do homem antes que ele o baixasse. Mas o homem girou e relaxadamente deu um tapa de costas de mão em Nightingale que foi forte o bastante para jogá-lo nos balaústres.

Eu estava olhando diretamente para o rosto dele. Supus que devia ser Brandon Coopertown, mas era impossível dizer. Eu podia ver um dos olhos, mas um grande pedaço de pele havia caído da região ao redor do nariz e cobria o outro olho. Em vez de boca ele tinha fuças ensanguentadas cheias de pontos brancos de dentes e ossos quebrados.

Fiquei tão chocado que tropecei e caí, o que salvou minha vida quando Coopertown girou o bastão na minha direção, e passou logo acima da minha cabeça.



Caí no chão e o desgraçado passou por cima de mim, um pé pisando nas minhas costas e arrancando o ar dos meus pulmões. Rolei enquanto ouvia seus pés nas escadas e consegui ficar de quatro. Havia algo molhado e viscoso sob meus dedos, e me dei conta de que havia uma grossa trilha de sangue seguindo pelo patamar e descendo as escadas.

— Houve um barulho de algo quebrando e uma série de baques no corredor abaixo.

— Você precisa levantar, policial — disse Nightingale.

— Que porra era aquela? — perguntei enquanto ele me ajudava. Baixei os olhos para o corredor onde Coopertown, ou o que quer que aquilo fosse, havia caído. Misericordiosamente com o rosto para baixo.

— Não tenho ideia — disse Nightingale. — Tente ficar fora da trilha de sangue.

Desci as escadas o mais rápido que consegui. O sangue fresco era vermelho brilhante, arterial. Imaginei que devia ter jorrado do buraco no rosto dele. Eu me curvei e toquei no pescoço dele cautelosamente, procurando pulso. Não havia.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Peter — disse o inspetor Nightingale —, preciso que você se afaste do corpo e saia com cuidado. Não devemos contaminar a cena mais do que já fizemos.

Por isso você tem procedimentos, treinamento e prática, para fazer as coisas quando seu cérebro está chocado demais para pensar por conta própria — pergunte a qualquer soldado.

Eu saí para a luz do dia.

Podia ouvir sirenes à distância.



## Folly

O inspetor Nightingale mandou que Lesley e eu esperássemos no jardim, e voltou para a casa para verificar se havia mais alguém lá dentro. Lesley usou seu casaco para cobrir o bebê, e tremia no frio. Eu tentei me livrar do meu paletó para oferecê-lo a ela, mas ela me impediu.

— Está coberto de sangue — disse.

Ela estava certa: havia manchas de sangue nas mangas e na bainha.

Havia mais sangue nos joelhos das calças. Eu podia sentir a densidade onde ele havia penetrado no tecido. Havia sangue no rosto de Lesley, ao redor dos lábios, de quando tentara ressuscitar o bebê. Ela notou que eu estava olhando.

— Eu sei — disse. — Ainda sinto o gosto na boca.

Ambos tremíamos, e eu queria gritar, mas sabia que tinha de ser forte por causa de Lesley. Tentava não pensar nisso, mas a ruína vermelha que era o rosto de Brandon Coopertown continuava se esgueirando para dentro de mim;

— Ei — disse Lesley. — Segura a onda.

Ela parecia preocupada, e pareceu ainda mais quando comecei a rir.

Não consegui evitar.

— Peter?

— Desculpe — disse. — Mas você está sendo forte por minha causa e estou sendo forte por você e... Não entende? É assim que você sobrevive ao trabalho.

Eu controlei meu riso e Lesley deu um meio sorriso.

— Certo — disse Lesley. — Eu não surto se você não surtar.

Ela pegou minha mão, apertou, depois soltou.

— Acha que nosso apoio está vindo a pé da delegacia de Hampstead?

— perguntei.

A ambulância chegou primeiro, os paramédicos correndo para o jardim. Passaram vinte minutos tentando inutilmente ressuscitar a criança. Paramédicos sempre fazem isso com crianças, independentemente de o quanto estrague a cena do crime. Você não consegue impedi-los, então é melhor deixar que terminem.

Os paramédicos tinham acabado de começar quando a van cheia de uniformizados chegou e começou a circular no meio da confusão. O sargento se aproximou de nós cuidadosamente, nos confundindo com civis cobertos de sangue e, portanto, possíveis suspeitos.

— Vocês estão bem? — perguntou o sargento.

Não consegui falar, parecia uma pergunta muito idiota.

O sargento olhou para os paramédicos, que ainda estavam trabalhando no bebê.

— Podem me dizer o que aconteceu? — perguntou.

— Foi um incidente sério — disse Nightingale, saindo de dentro da casa. — Você — disse, apontando para um policial — pegue mais um, contorne a casa e garanta que ninguém entre por aquele lado.

O policial agarrou um colega e foi em frente. Parecia que o sargento queria pedir um distintivo, mas Nightingale não deu essa chance a ele.

— Quero a rua fechada e isolada nove metros nas duas direções — ordenou. — A imprensa vai chegar a qualquer momento, então se assegure de ter pessoal suficiente para mantê-los longe.

O sargento não bateu continência porque somos a Met e não batemos continência, mas houve um toque de desfile militar no modo como ele deu meia-volta e marchou para fora. Nightingale olhou para onde Lesley e eu estávamos. Assentiu para nós, tranquilizador, se virou para um dos policiais remanescentes e começou a dar ordens.

Pouco depois disso apareceram cobertores, foi aberto um espaço na van e copos de chá quente com três pedras de açúcar

foram enfiados em nossas mãos. Bebemos o chá e esperamos em silêncio o passo seguinte.

O detetive inspetor-chefe Seawoll levou menos de quarenta minutos para chegar a Downshire Hill. Mesmo com o trânsito de sábado isso significava que precisou usar luzes e sirene o tempo todo desde Belgravia. Apareceu na porta lateral da van e franziu o cenho para Lesley e eu.

— Vocês dois estão bem? — perguntou.

Ambos assentimos.

— Bem, não saiam daqui, cacete — avisou.

Sem chance. Uma grande investigação, assim que começa, é tão excitante quanto ver reprises de *Big Brother*, embora provavelmente envolvendo menos sexo e violência. Criminosos não são apanhados por um brilhante raciocínio dedutivo, mas pelo fato de que algum pobre infeliz passou uma semana rastreando todas as lojas em Hackney que vendem uma marca específica de tênis e depois verificando as gravações das câmeras de segurança em cada uma delas. Um bom investigador sênior é aquele que garante que sua equipe tenha colocado todos os pingos nos is.

Seawoll era um dos melhores, então para começar fomos levados separadamente a uma barraca que o pessoal da perícia montara perto do portão da frente. Lá, ficamos de roupa de baixo e trocamos nossas roupas civis por uma elegante roupa esterilizada em peça única.

Enquanto via meu paletó preferido ser colocado em um saco de evidências me dei conta de que nunca me dera ao trabalho de descobrir se as pessoas recebiam aquelas coisas de volta. E caso me devolvessem, iriam lavar a seco antes? Eles tiraram amostras do sangue de nossos rostos e mãos, e depois foram simpáticos o bastante de nos dar lenços de papel para que pudéssemos limpar o resto.

Terminamos voltando a van da polícia para o almoço, que consistiu de dois sanduíches comprados prontos, mas sendo ali Hampstead, eram de qualidade. Eu me vi surpreendentemente faminto, e estava pensando em pedir um segundo quando o detetive investigador-chefe Seawoll entrou na van conosco. Seu peso fez com que o veículo se inclinasse para um lado, e sua presença fez

com que Lesley e eu inconscientemente afundássemos em nossos bancos.

— Como vocês dois estão passando? — perguntou.

Dissemos que estávamos bem e prontos, na verdade ansiosos, para montar no cavalo e voltar ao trabalho.

— Isso é babaquice — ele disse —, mas pelo menos babaquice convincente. Em dois minutos vamos levá-los para a delegacia de Hampstead, onde uma simpática dama da Scotland Yard irá tomar suas declarações; separadamente. E embora eu acredite na verdade em todas as coisas, quero deixar claro que não haverá nenhuma porra de feitiçaria vodu de merda de *Arquivo X* em nenhuma porra de declaração. Ficou claro?

Indicamos que ele de fato transmitira adequadamente a sua posição.

— No que diz respeito a todos os outros, a porra do trabalho normal de polícia nos colocou nessa bagunça, e a porra do trabalho normal de polícia vai nos tirar dela.

E, com um rangido da suspensão da van, ele partiu.

— Ele acabou de nos pedir para mentir para um superior? — perguntei.

— É — respondeu Lesley.

— Só confirmando — disse.

Então passamos o resto da tarde prestando falso testemunho em salas de interrogatório separadas. Tomamos o cuidado de garantir que embora nossos relatos concordassem no geral, houvesse muitas discrepâncias aparentemente autênticas. Ninguém consegue falsificar uma declaração do modo que um policial consegue.

Após mentir, pegamos emprestadas roupas descartadas no alojamento e voltamos para Downshire Hill. Um crime sério em uma área como Hampstead sempre seria notícia, e a imprensa estava lá em peso não apenas porque metade dos apresentadores poderia ter ido trabalhar naquela tarde.

Deixamos um Toby suspeitamente silencioso sair do Honda Accord, passamos uma hora mais ou menos limpando o banco de trás e depois dirigimos de volta até Charing Cross com as janelas abertas. Não podíamos culpar Toby, já que havíamos sido nós a

deixá-lo no carro o dia inteiro. Compramos para ele um McLanche Feliz, então acho que nos perdoou.

Voltamos para meu quarto e bebemos as últimas Grolsch. Depois Lesley tirou a roupa e deitou na minha cama. Eu deitei atrás e coloquei os braços ao redor dela. Ela suspirou e se encaixou em mim. Eu tive uma ereção, mas ela teve a educação de não mencionar. Toby se acomodou na ponta da cama, usando nossos pés como travesseiro, e dormimos assim.

Quando acordei na manhã seguinte Lesley havia partido e meu telefone estava tocando. Quando atendi, era Nightingale.

— Pronto para voltar ao trabalho? — ele perguntou.

Eu disse que sim.

De volta ao trabalho. De volta ao Bar e Grill Iain West Forense, onde o inspetor Nightingale e eu tínhamos marcado uma visita guiada pelos horrendos ferimentos de Brandon Coopertown. Eu fui apresentado a Abdul Haqq Walid, um homem vigoroso e animado de uns 50 anos que falava com um suave sotaque das Highlands.

— O Dr. Walid cuida de todos os nossos casos especiais — disse Nightingale.

— Sou especialista em criptopatologia — disse o Dr. Walid.

— Salem — eu disse.

— *Al salam alaikum* — disse o Dr. Walid, apertando minha mão.

Eu esperara que dessa vez nós usássemos a sala de acompanhamento remoto, mas Nightingale não queria um registro visual desse estágio da autópsia. Mais uma vez usando aventais, máscaras e óculos de proteção, entramos no laboratório. Brandon Coopertown, ou pelo menos o homem que acreditávamos ser Brandon Coopertown, estava deitado nu de costas na mesa. O Dr. Walid já havia aberto o tronco com a incisão padrão em forma de Y e, após vasculhar em busca do que quer que os patologistas procurem ali, a fechou novamente. Havíamos confirmado a identidade pelos dados biométricos em seu passaporte.

— Abaixo do pescoço ele é um homem em boa forma física de quarenta e tantos anos — disse o Dr. Walid. — É o rosto que nos interessa.

Ou na verdade o que restou de seu rosto. O Dr. Walid usou garras para abrir a pele rasgada, de modo que o rosto de Brandon

Coopertown pareceu horrivelmente com uma margarida rosa e vermelha.

— Começando pelo crânio — disse o Dr. Walid, e se curvou para frente usando um indicador luminoso. Nightingale o acompanhou, mas eu me contentei em espiar por cima do ombro dele. — Como podem ver, há grandes danos aos ossos da face; mandíbula, maxila e ossos zigomáticos foram pulverizados, e os dentes, aqueles sobreviventes normalmente confiáveis, foram esfaqueados.

— Um golpe violento no rosto? — perguntou Nightingale.

— Teria sido meu primeiro palpite, não fosse por isto — disse o Dr. Walid. Ele usou uma pinça para segurar um pedaço de pele, a que um dia cobriu a bochecha, acho, e puxá-lo por sobre o rosto. Ela atravessou todo o crânio e caiu para cobrir a orelha do outro lado. — A pele foi esticada além de sua capacidade natural de manter a forma, e embora não reste muito do tecido muscular, também apresenta degeneração lateral. A julgar pelas linhas de tensão eu diria que algo empurrou o rosto para fora em torno de queixo e nariz, esticando pele e músculo, pulverizando o osso e então o mantendo em posição.

Depois, o que quer que o estivesse mantendo naquela forma desapareceu, os ossos e tecidos moles perderam toda integridade, e basicamente o rosto desmontou.

— Está pensando em *dissimulo*? — perguntou Nightingale.

— Ou uma técnica muito parecida — disse o Dr. Walid.

Nightingale explicou, para minha compreensão, que *dissimulo* era uma magia que podia modificar a aparência. Na verdade ele não usou a palavra “magia”, mas era o que significava.

— Infelizmente — continuou o Dr. Walid —, ela desloca músculos e pele para novas posições, e isso pode causar danos permanentes.

— Nunca foi uma técnica popular — comentou Nightingale.

— Dá para entender por quê — disse o Dr. Walid apontando para os restos do rosto de Brandon Coopertown.

— Algum sinal de que ele fosse um praticante? — perguntou Nightingale.

O Dr. Walid pegou uma bandeja de aço inoxidável coberta.

— Sabia que iria perguntar isso, então há algo que peguei mais cedo.

Ele levantou a tampa para exhibir um cérebro humano. Não sou especialista, mas não me parecia um cérebro saudável; parecia encolhido e esburacado, como se tivesse sido deixado ao sol para enrugar.

— Como podem ver — prosseguiu o Dr. Walid —, há uma extensa degeneração do córtex cerebral e evidências de hemorragia intracraniana que poderíamos associar a alguma forma de quadro degenerativo, caso o inspetor Nightingale e eu já não estivéssemos familiarizados com a verdadeira causa.

Ele o fatiou ao meio para nos mostrar o interior. Parecia uma couve-flor doente.

— E isso é seu cérebro com magia.

— Magia faz isso ao cérebro? — perguntei. — Não espanta que ninguém pratique mais.

— Isso é o que acontece quando você vai além dos seus limites — disse Nightingale. Ele se virou para o Dr. Walid. — Não havia nenhuma evidência de prática na casa dele. Sem livros, sem parafernália, sem *vestigium*.

— Alguém poderia ter roubado a magia dele? — perguntei. — Sugado do cérebro dele?

— É muito improvável — disse Nightingale. — É quase impossível roubar a magia de outro homem.

— Exceto no momento da morte — completou o Dr. Walid.

— É muito mais provável que nosso Sr. Coopertown tenha feito isso a ele mesmo — falou Nightingale.

— Então está dizendo que ele não estava usando uma máscara durante o primeiro ataque? — perguntei.

— Parece provável — respondeu Nightingale.

— Então o rosto dele foi revirado na terça-feira — falei. — O que explica porque ele parece manchado nas câmeras do ônibus, depois ele voa para os Estados Unidos, passa três noites e volta para cá. E todo esse tempo o rosto dele está destruído.

O Dr. Walid pensou nisso.

— Isso seria consistente com os ferimentos e a evidência de princípio de regeneração ao redor de alguns fragmentos de ossos.

— Ele deve ter sentido muitas dores — comentei.



— Não necessariamente — disse Nightingale. — Um dos perigos do *dissimulo* é que esconde a dor. O praticante pode não desconfiar que está se ferindo.

— Mas quando seu rosto tinha aparência normal, isso era apenas porque a magia o estava mantendo assim?

O Dr. Walid olhou para Nightingale.

— Sim — disse Nightingale.

— O que acontece ao feitiço quando você dorme? — perguntei.

— Provavelmente desaparece — respondeu Nightingale.

— Mas ele estava tão afetado que assim que o feitiço passasse seu rosto iria desmontar. Ele teria de sustentar o feitiço o tempo todo que passou nos Estados Unidos — falei. — Está me dizendo que ele não dormiu durante quatro dias?

— Isso parece um pouco improvável — respondeu o Dr. Walid.

— Feitiços funcionam como programas de computador? — perguntei.

Nightingale me lançou um olhar vazio. O Dr. Walid tentou ajudar.

— Em que sentido? — perguntou.

— Você conseguiria persuadir a mente inconsciente de alguém a sustentar um feitiço? Assim o feitiço continuaria operando mesmo durante o sono.

— Isso teoricamente é possível, mas deixando de lado a moralidade, eu não conseguiria fazê-lo — disse Nightingale. — Não acho que nenhum mago humano pudesse.

Nenhum mago humano, certo. O Dr. Walid e Nightingale estavam olhando para mim, e me dei conta de que estavam ali esperando que eu entendesse.

— Quando perguntei sobre fantasmas, vampiros e lobisomens e você disse que eu não chegara nem à superfície, não estava brincando, estava?

Nightingale balançou a cabeça.

— Temo que não — respondeu. — Lamento.

— Merda — falei.

O Dr. Walid sorriu.

— Eu disse exatamente a mesma coisa há trinta anos — falou.

— Então, quem quer tenha feito isso ao pobre velho Sr. Coopertown, provavelmente não era humano — concluí.

— Não diria isso com certeza — falou o Dr. Walid. — Mas é uma boa aposta.

Nightingale e eu fizemos o que todo bom tira faz quando se depara com um momento livre no meio do dia — fomos em busca de um pub.

Virando a esquina encontramos o absolutamente elegante Marquis of Queensbury parecendo um tanto desmazelado sob a garoa da tarde.

Nightingale me deu uma cerveja, e nos sentamos em um reservado de canto sob uma gravura vitoriana de uma luta de boxe de punhos nus.

— Como se tornou um mago? — perguntei.

Nightingale balançou a cabeça.

— Não é como ingressar no Departamento de Investigações Criminais — respondeu.

— Você me surpreende. Como é?

— É um aprendizado — explicou. — Um compromisso, com a habilidade, comigo e com seu país.

— Eu devo chamá-lo de *sifu*?

Isso finalmente arrancou um sorriso.

— Não, você tem de me chamar de mestre.

— Mestre?

— É a tradição — disse Nightingale.

Eu disse a palavra em minha cabeça, e continuou saindo *massa*.

— Não poderia chamá-lo de inspetor?

— O que o leva a pensar que estou lhe oferecendo um posto?

Eu tomei um gole de meu *pint* e esperei. Nightingale sorriu novamente e tomou sua bebida.

— Assim que você cruzar este Rubicão específico não haverá volta.

E você pode me chamar de inspetor — avisou.

— Acabei de ver um homem matar esposa e filho. Se há uma razão racional para isso, então quero saber qual é. Se há uma chance mínima de que ele não fosse responsável por seus atos, então quero saber sobre isso. Porque isso significaria que poderíamos ser capazes de impedir que aconteça novamente.

— Essa não é uma boa razão para aceitar este trabalho — disse Nightingale.

— Há uma boa razão? — perguntei. — Eu quero entrar, senhor, porque tenho de saber.

Nightingale ergueu o copo em cumprimento.

— Essa é uma razão melhor.

— Então, o que acontece agora? — perguntei.

— Nada acontece agora — disse Nightingale. — É domingo. Mas amanhã cedo iremos ver o comissário.

— Boa, senhor — falei.

— Na verdade, ele é a única pessoa autorizada a tomar a decisão final — explicou Nightingale.

A New Scotland Yard foi um dia um prédio de escritórios comum alugado pela Met nos anos 1960. Desde então foi reformado várias vezes, a mais recente nos anos 1990, a pior década para decoração institucional desde os anos 1970. Motivo pelo qual, suponho, a antessala do escritório do comissário era uma selva triste de compensado e cadeiras de poliuretano moldado. Apenas para deixar os visitantes à vontade, fotografias dos seis últimos comissários estavam penduradas nas paredes.

Sir Robert Mark (1972-1977) parecia particularmente desaprovador.

Duvido que ele achasse que eu estava dando uma contribuição significativa.

— Não é tarde demais para voltar atrás em sua candidatura — comentou Nightingale.

Sim, era, mas isso não significa que eu não estivesse desejando que não fosse. Normalmente um policial só se senta na antessala do comissário quando foi muito corajoso ou muito idiota, e eu realmente não sabia dizer qual se aplicava a mim.

O comissário só nos fez esperar dez minutos antes que sua secretária fosse nos buscar. O escritório dele era grande e projetado com a mesma falta de estilo do resto da Scotland Yard, apenas com uma camada de painéis de carvalho falso por cima. Havia um retrato da rainha em uma das paredes e do primeiro comissário, Sir Charles Rowan, em outra. Eu me coloquei o mais perto de uma posição de

sentido que qualquer tira de Londres era capaz e quase estremecei quando o comissário estendeu a mão para me cumprimentar.

— Policial Grant — disse ele. — Seu pai é Richard Grant, não? Tenho algumas gravações dele de quando tocava com Tubby Hayes. Em vinil, claro.

Ele não esperou que respondesse, apertou a mão de Nightingale e nos indicou onde deveríamos sentar. Era outro homem do norte que subiu na vida do jeito difícil e passou um período na Irlanda do Norte que parece ser obrigatório para candidatos a comissário da Polícia Metropolitana, presumivelmente porque se acredita que o sectarianismo violento é bom para o caráter. Ele vestia bem o uniforme e era considerado, pelos de baixo, como não sendo uma marionete completa — o que o colocava bem acima de alguns de seus predecessores.

— Esse é um desdobramento inesperado, inspetor — começou o comissário. — Alguns veriam isto como um passo desnecessário.

— Comissário — disse Nightingale com cautela —, acredito que as circunstâncias determinam uma mudança no acordo.

— Quando informado pela primeira vez da natureza de sua divisão fui levado a crer que atendia a uma função limitada, e que a... — o comissário teve de se forçar a pronunciar a palavra — que “a magia”

estava em declínio e só oferecia uma ameaça marginal à paz da rainha.

Na verdade, eu definitivamente me lembro da palavra “murchar” ter sido usada pelo Ministério do Interior. “Eclipsada pela ciência e tecnologia” foi outra frase que ouvi muito.

— O Ministério do Interior nunca entendeu realmente que ciência e magia não são mutuamente excludentes, senhor. O fundador de minha sociedade deu provas suficientes disso. Acredito que tem havido um aumento lento, porém constante, da atividade mágica.

— A magia está voltando? — perguntou o comissário.

— Desde meados dos anos sessenta — informou Nightingale.

— Os anos sessenta — repetiu o comissário. — Por que será que não estou surpreso? Isso é muito inconveniente. Alguma ideia de por quê?

— Não, senhor — respondeu Nightingale. — Mas nunca houve um verdadeiro consenso quanto a por que diminuiu em primeiro lugar.

— Ouvi a palavra Ettersberg ser usada nesse contexto — disse o comissário.

Por um momento houve uma dor real no rosto de Nightingale.

— Ettersberg foi parte disso, certamente.

O comissário encheu as bochechas e suspirou.

— Os assassinatos em Covent Garden e Hampstead estão relacionados? — perguntou.

— Sim, senhor.

— Acha que a situação irá piorar?

— Sim, senhor.

— O suficiente para justificar romper o acordo?

— São necessários dez anos para treinar um aprendiz, senhor — explicou Nightingale. — É melhor ter um de reserva caso algo aconteça a mim.

O comissário deu um risinho sem humor.

— Ele sabe no que está se metendo?

— Algum tira sabe? — retrucou Nightingale.

— Muito bem — disse o comissário. — De pé, filho.

Nós nos levantamos. Nightingale mandou que erguesse minha mão e leu o juramento para mim.

— Você, Peter Grant de Kentish Town, jura ser fiel à nossa soberana rainha e seus herdeiros. E servir bem e fielmente a seu mestre pelo período de seu aprendizado. E prestará obediência a todas as pessoas e vestes dessa confraria. Em reverência ao segredo de dita confraria, deverá manter e não dar qualquer informação a qualquer homem que não da dita confraria. E em tudo isso irá se comportar bem e verdadeiramente e manter em segredo este juramento com toda a sua força de modo a ajudar seu Deus, sua soberana e o poder que colocou o universo em movimento.

Eu assim jurei, embora quase tenha tropeçado na parte final.

— Então que Deus o ajude — disse o comissário.

Nightingale me informou que como seu aprendiz eu tinha de morar em sua residência londrina na Russel Square. Ele me deu o endereço e me deixou no alojamento da Charing Cross.

Lesley me ajudou a arrumar minhas coisas.

— Você não deveria estar em Belgravia fazendo coisas da Equipe de Homicídios? — perguntei.

— Mandaram que tirasse uma folga — respondeu Lesley. — Ficasse longe da imprensa.

Aquilo eu podia entender. Um massacre familiar envolvendo pessoas ricas e carismáticas seria a notícia dos sonhos de qualquer editor.

Assim que descobrissem os detalhes horripilantes poderiam estender o assunto perguntando o que a morte trágica da família Coopertown nos dizia sobre nossa sociedade e como essa tragédia era uma condenação de cultura moderna/humanismo secular/correção política/a situação na Palestina. A única coisa que poderia melhorar a cobertura seria o envolvimento de uma policial loura de boa aparência, enviada, devo acrescentar, sem supervisão, em uma missão perigosa. Perguntas seriam feitas. Respostas seriam ignoradas.

— Quem irá a Los Angeles? — perguntei. Alguém teria de rastrear os movimentos de Brandon nos Estados Unidos.

— Dois sargentos que nunca tive a oportunidade de conhecer — respondeu. — Só trabalhei lá dois dias antes de você me colocar em problemas.

— Você é a menina dos olhos dele — falei. — Seawoll não vai usar isso contra você.

— Continuo achando que você está me devendo — disse, pegando minha toalha de banho e a dobrando rapidamente em um cubo bem apertado.

— O que você quer?

Lesley perguntou se haveria a chance de eu ter a noite livre, e respondi que poderia tentar.

— Não quero ficar trancada aqui — falou. — Quero sair.

— Aonde quer ir? — perguntei, e a observei desdobrando a toalha e a dobrando novamente em um triângulo.

— Qualquer lugar, menos o pub — respondeu, e me deu a toalha.

Consegui enfiá-la em minha mochila, mas precisei desdobrar antes.

— Que tal um filme? — sugeri.

— Parece bom, mas tem de ser engraçado — respondeu.

A Russell Square fica um quilômetro ao norte de Covent Garden, do outro lado do Museu Britânico. Segundo Nightingale, era o coração de um movimento literário e filosófico nos primeiros anos do século passado, mas lembro dali por causa de um velho filme de terror sobre canibais vivendo no metrô.

O endereço era no lado sul da praça, onde uma fila de casas georgianas sobrevivera. Elas tinham cindo andares, incluindo as mansardas, com grades de ferro forjado protegendo degraus íngremes para apartamentos no porão. O endereço que eu procurava tinha um lance de escadas perceptivelmente mais grandioso que os vizinhos, conduzindo a portas duplas de mogno com elementos de latão. Acima do lintel estavam gravadas as palavras SCIENTIA POTEST AEST.

A ciência aponta para o leste, pensei. A ciência é fenomenal, não é?

A ciência protesta demais. A ciência é das batatas. Será que eu havia me deparado com o esconderijo de perigosos geneticistas vegetais?

Carreguei minha mochila e duas malas até o patamar. Apertei a campainha de latão, mas não consegui ouvir o toque através das portas grossas. Após um momento elas se abriram sozinhas. Poderia ser o barulho do trânsito, mas eu jurava que não tinha ouvido um motor ou qualquer espécie de mecanismo. Toby ganiu e se escondeu atrás de minhas pernas.

— Isso não é assustador — falei. — Nem um pouquinho.

Passei minha mala pelas portas.

O saguão de entrada tinha um piso de mosaico à moda romana e um guichê de madeira e vidro que, embora de modo algum lembrando uma bilheteria, indicava que o prédio tinha um dentro e um fora, e que a pessoa precisava de autorização para ingressar. O que quer que fosse aquele lugar, certamente não era a residência particular de Nightingale.

Além do guichê, flanqueada por duas colunas neoclássicas, havia uma estátua de mármore de um homem com uma toga acadêmica e calças. Embalava um grande volume em um braço e

um sextante no outro. Seu rosto quadrado tinha uma expressão de curiosidade implacável, e eu soube seu nome antes mesmo de ver o plinto, que dizia:

*A natureza e as leis da natureza se escondem na noite; Deus disse “Faça-se Newton” e a luz se fez.*

Nightingale esperava por mim ao lado da estátua.

— Bem vindo a Folly, lar oficial da magia inglesa desde 1775 — disse ele.

— E seu santo padroeiro é Sir Isaac Newton? — perguntei.

Nightingale sorriu.

— Ele foi nosso fundador, e o primeiro homem a sistematizar a prática da magia.

— A mim ensinaram que ele inventou a ciência moderna — eu disse.

— Ele fez ambos — retrucou Nightingale. — Essa é a natureza do gênio.

Nightingale me conduziu além de uma porta para um átrio retangular que dominava o centro do imóvel. Acima de mim havia duas filas de balcões, e um domo vitoriano de ferro e vidro formava o teto. As garras de Toby estalavam no piso de mármore creme. Era muito silencioso, e embora o lugar estivesse impecável, tive uma forte sensação de abandono.

— Para lá fica a grande sala de jantar que não usamos mais, a sala de estar e de fumar, que também não usamos — disse Nightingale, apontando para portas do outro lado do átrio. — Biblioteca geral, salão de leitura. No andar de baixo ficam cozinhas, copa e adega. As escadas dos fundos, que na verdade ficam na frente, são para lá. Passando pelas portas dos fundos, estão a garagem e a cocheira.

— Quantas pessoas moram aqui? — perguntei.

— Apenas nós dois. E Molly — respondeu Nightingale.

Toby de repente se agachou aos meus pés e rosnou, um devido rosnado de rato na cozinha absolutamente profissional. Eu olhei e vi uma mulher deslizando na nossa direção pelo mármore encerado. Era magra e se vestia como uma empregada eduardiana, com direito a avental branco engomado com peitilho sobre saia preta comprida e blusa de algodão branca. Seu rosto não combinava com



o traje, sendo comprido demais e com ossos salientes e olhos negros amendoados. A despeito do gorro branco, usava os cabelos soltos, uma cortina negra que chegava à cintura. Ela me causou arrepios imediatamente, e não apenas por eu ter visto filmes de horror japoneses demais.

— Esta é Molly — disse Nightingale. — Ela cuida de nós.

— Cuida do quê?

— Do que precisa ser cuidado — respondeu Nightingale.

Molly baixou os olhos e fez um pequeno gesto desajeitado que poderia ter sido reverência ou mesura. Quando Toby rosnou novamente

Molly rosnou de volta, mostrando dentes perturbadoramente afiados.

— Molly — disse Nightingale, cortante.

Molly cobriu a boca com a mão pudicamente, se virou e deslizou de volta pelo caminho pelo qual viera. Toby deu uma bufada satisfeita que não enganou ninguém além dele mesmo.

— E ela é... — perguntei.

— Indispensável — disse Nightingale.

Antes de subirmos Nightingale me levou a uma alcova na parede norte. Ali, apoiada em um pedestal como um deus doméstico, havia uma vitrine de museu lacrada contendo um exemplar de um livro encadernado em couro. Estava aberto na folha de rosto. Eu me inclinei e li: *Philosophiae Naturalis Principia Artes Magicis, Autore: I. S. Newton*.

— Então, não satisfeito em deflagrar a revolução científica, nosso garotão Isaac inventou a magia? — perguntei.

— Não inventou — corrigiu Nightingale. — Ele codificou seus princípios básicos, a tornou menos tentativa e erro.

— Mágica e ciência — eu disse. — O que ele apresentou no bis?

— Reformou a Casa da Moeda Real e salvou o país da falência — disse Nightingale.

Aparentemente havia duas escadarias principais; nós pegamos a do lado leste até o primeiro dos balcões com colunatas e uma confusão de revestimentos de madeira e camadas de poeira branca. Mais dois lances de escada nos levaram a um corredor no segundo

andar com pesadas portas de madeira. Ele abriu uma, aparentemente ao acaso, e me conduziu para dentro.

— Este é o seu — disse ele.

Ele tinha o dobro do tamanho de meu quarto no alojamento, com boas proporções e pé-direito alto. Uma cama dupla de latão estava encaixada em um canto, um guarda-roupa de Narnia no outro, com uma escrivaninha entre ambos, onde recebia a luz de uma das duas janelas de guilhotina. Estantes cobriam duas paredes inteiras, vazias a não ser pelo que em uma inspeção posterior se revelou uma coleção completa da décima primeira edição da *Encyclopaedia Britannica* publicada em 1913, uma primeira edição gasta de *Admirável Mundo Novo* e uma Bíblia. O que obviamente havia sido um dia uma lareira aberta foi substituída por um aquecedor a gás cercado por azulejos verdes. A luminária de leitura na escrivaninha tinha uma cúpula com imitação de gravura japonesa, e ao lado ficava um telefone que parecia mais velho que meu pai. Havia um cheiro de poeira e polidor de móveis recém-aplicado, e imaginei que aquele quarto passara os cinquenta anos anteriores sonhando sob lençóis brancos.

— Quando estiver pronto, me encontre lá embaixo — disse Nightingale. — E esteja certo de estar apresentável.

Eu sabia o que seria aquilo, então tentei me demorar, mas não levei muito tempo para desfazer as malas.

Estritamente falando, não era nosso trabalho apanhar pais em luto no aeroporto. Deixando de lado o fato de que oficialmente aquele era um caso da Equipe de Homicídios de Westminster, era altamente improvável que os pais de August Coopertown tivessem qualquer informação pertinente sobre assassinato. Isso soa insensível, mas detetives têm mais o que fazer que dar conselhos improvisados a parentes angustiados; para isso existem os Policiais de Ligação com as Famílias. Nightingale não via as coisas assim, motivo pelo qual ele e eu estávamos de pé no desembarque de Heathrow quando o Sr. e a Sra. Fischer passaram pela imigração. Era eu quem segurava o cartaz de papelão.

Eles não eram o que eu esperava. O pai era baixo e calvo, e a mãe tinha cabelos castanhos claros e era baixa e roliça. Nightingale

se apresentou no que eu imaginei ser dinamarquês, e me mandou carregar as malas até o Jaguar, o que fiz alegremente.

Pergunte a qualquer policial qual a pior parte de seu trabalho e ele sempre dirá que é dar más notícias aos parentes, mas isso não é verdade. A pior parte é ficar na sala depois que você deu a notícia, sendo obrigado a estar lá quando a vida de alguém desmorona ao redor dela. Algumas pessoas dizem que isso não as incomoda — essas pessoas não são confiáveis.

Os Fischer obviamente haviam procurado no Google o hotel mais perto da casa da filha, dessa forma fizeram reservas em uma mistura de prisão com posto de gasolina feito de tijolos em Haverstock Hill cujo saguão era desgastado, lotado e tão aconchegante quanto uma agência de empregos. Duvido que os Fischer tivessem notado, mas percebi que Nightingale não considerara aquilo suficientemente bom, e por um momento pensei que iria se oferecer para hospedá-los em Folly.

Então ele suspirou e me disse para colocar a bagagem na recepção.

— Eu cuido das coisas a partir de agora — disse, e me mandou para casa. Eu me despedi dos Fischer e saí da vida deles o mais rápido que pude.

Depois disso eu realmente não queria sair, mas Lesley me convenceu.

— Você não pode abandonar tudo só porque coisas ruins acontecem — ela disse. — Ademais, você está me devendo uma saída.

Eu não discuti, e, afinal, a coisa boa do West End é que sempre há algum lugar onde assistir a um filme. Começamos no Prince Charles, mas estava exibindo *Doze macacos* no andar de baixo e um programa duplo de Kurosawa no andar de cima, então viramos a esquina para o Leicester Square Voyage. O Voyage é uma versão miniatura de um multiplex com oito telas, das quais pelo menos duas são maiores que sua televisão de plasma padrão. Normalmente gosto de certa dose de violência gratuita nos filmes, mas deixei Lesley me convencer de que *Sherbet Lemons*, a comédia romântica para se sentir bem do mês com Allison Tyke e Dennis Carter, era o filme perfeito para nos alegrar. Pelo que sei

poderia até ter funcionado, caso tivéssemos tido uma chance de assistir.

O saguão era dominado pelo balcão de comidas e bebidas, que se estendia por toda a extensão. Havia oito caixas, cada uma com sua própria registradora encaixada em meio a uma confusão e máquinas de pipoca, grelhas de cachorro-quente e cartazes de papelão oferecendo caixas infantis do último *blockbuster*. Acima de cada caixa havia uma tela de LCD mostrando os filmes programados, a classificação etária, onde estavam passando, quanto tempo tínhamos até o começo da sessão e quantos lugares restavam em cada sala. A intervalos regulares a tela exibia um *trailer*, um anúncio de restos de carne processados ou simplesmente dizia como você estava se divertindo na rede de cinemas Voyage. Naquela noite havia apenas um caixa aberto, e aproximadamente 15 pessoas esperavam na fila para serem atendidas.

Entramos na fila atrás de uma mulher de meia-idade bem vestida com quatro garotas com idades entre 9 e 11 anos. Isso não incomodou Lesley e a mim — se há uma coisa que você aprende sendo tira é a esperar.

A investigação posterior revelou que o único funcionário no caixa naquele turno era um refugiado do Sri Lanka de 23 anos chamado Sadun Ranatunga, uma das quatro pessoas no Leicester Square Voyage naquela noite. No momento do incidente, dois estavam limpando as telas um e três nos preparativos para a sessão seguinte, um estava recebendo ingressos e o último cuidava de um derramamento desagradável no toalete de cavalheiros.

Como o Sr. Ranatunga estava vendendo ingressos e pipoca, demorou pelo menos 15 minutos para reduzir a fila até o ponto em que a mulher à nossa frente começou a ter esperanças. As crianças que a acompanhavam, que até então estavam se divertindo em outro lugar, voltaram à fila para que pudessem pedir seus doces. Ela estava sendo impressionantemente firme, deixando claro que a porção seria de uma bebida, uma pipoca ou um pacote de balas — sem exceção, e não me interessa o que a mãe da Priscilla deixa vocês comerem quando as leva. Não, você não pode pedir nachos, e afinal, o que são nachos? Comporte-se ou não vai ganhar nada.

A gota d'água foi, segundo o detetive investigador-chefe de Charing Cross, quando a dupla logo em frente na fila pediu desconto para estudantes. A dupla, identificada como Nicola Fabroni e Eugenio Turco, dois viciados em heroína de Nápoles que haviam ido à Inglaterra para se curar, tinham folhetos da Picadilly English Language School que, diziam, faziam deles estudantes *bona fide*. Na semana anterior o Sr. Ranatunga teria deixado passar, mas naquela tarde seu gerente o informara que o escritório central determinara que o Leicester Square Voyage estava vendendo bilhetes demais com desconto, e que os funcionários deveriam recusar qualquer pedido que parecesse suspeito. Seguindo a determinação, o Sr. Ranatunga informou Turco e Fabroni que lamentavelmente teriam de pagar inteira.

Isso não foi bem aceito pela dupla, que organizara sua noite com base no cinema. Eles protestaram com o Sr. Ranatunga, que foi inflexível em sua recusa, mas como os dois lados faziam isso em seu segundo idioma, isso consumiu um tempo precioso. Finalmente, e com má vontade, Turco e Fabroni pagaram o preço integral com duas notas sujas de cinco libras e um punhado de moedas de dez centavos.

Aparentemente Lesley mantivera seus olhos de tira nos italianos desde o início, enquanto eu — facilmente distraído, lembrem-se — fiquei pensando se conseguiria levar Lesley para meu quarto em Folly. Por isso foi um pouco surpreendente quando a respeitável mulher de classe média na nossa frente se esticou por cima do balcão e tentou estrangular o Sr. Ranatunga.

Seu nome era Celie Munroe, residente em Finchley, que levara suas filhas Georgina e Antonia e as duas amigas Jennifer e Alex ao West End para um programa especial. A briga começou quando a Sra. Munroe apresentou cinco *vouchers* Voyager Film Fun como parte do pagamento dos ingressos. O Sr. Ranatunga disse que lamentavelmente os *vouchers* não eram válidos naquele cinema específico. A Sra. Munroe perguntou como podia ser assim, mas o Sr. Ranatunga não soube dizer, já que seu gerente nunca se preocupou em falar a ele sobre a promoção. A Sra. Munroe expressou sua insatisfação com um grau de veemência que

surpreendeu o Sr. Ranatunga, Lesley e eu e, segundo sua declaração posterior, a própria Sra. Munroe.

Foi nesse momento que Lesley e eu decidimos intervir, mas sequer havíamos tido tempo de nos adiantar e perguntar qual era o problema quando a Sra. Munroe avançou. Aconteceu muito rápido, e como costuma ser o caso com acontecimentos inesperados, demoramos alguns momentos para registrar o que estava acontecendo. Felizmente ambos tínhamos suficiente experiência nas ruas para não ficarmos paralisados, e cada um agarrou um ombro e juntos tentamos soltar a mulher do pobre Sr. Ranatunga. O aperto dela no pescoço era tão forte que Ranatunga também foi arrastado por cima do balcão. Àquela altura uma das garotas estava histérica e aparentemente a mais velha, Antonia, começou a me socar nas costas, mas na hora não senti. Os lábios da Sra. Munroe estavam contorcidos em fúria, os tendões se destacando em pescoço e antebraços. O rosto do Sr. Ranatunga estava escurecendo, os lábios ficando azuis.

Lesley enfiou o polegar no ponto de pressão nos pulsos da Sra. Munroe e ela o soltou tão rapidamente que ambos caímos de costas no chão. Ela caiu por cima de mim, então tentei prender seus braços, mas não antes que ela desse uma violenta cotovelada em minhas costelas.

Usei meu peso e força para tirá-la de cima de mim e rolá-la de barriga para baixo sobre o carpete cheirando a pipoca. Claro que não tinha algemas comigo, então tive de segurá-la com as duas mãos nas costas.

Legalmente falando, assim que você colocou as mãos em um suspeito, tem de prendê-lo. Eu a avisei, e ela ficou calma. Olhei para Lesley, que não apenas cuidou do homem ferido como reuniu as crianças e relatou o incidente a Charing Cross.

— Se deixar que se levante, irá se comportar? — perguntei.

A Sra. Munroe assentiu. Deixei que se virasse e sentasse onde estava.

— Eu só queria ir ao cinema — falou. — Quando eu era jovem você simplesmente ia ao Odeon local, dizia “uma entrada, por favor”, dava o dinheiro e eles davam uma entrada. Quando se tornou tão complicado?

Quando esses nachos horríveis chegaram? Quero dizer, afinal de contas que porra é um nacho?

Uma das garotas deu um risinho nervoso com a obscenidade.

Lesley estava escrevendo em seu bloquinho oficial. Sabe quando o aviso diz que “qualquer coisa que você disser poderá ser usada contra você”? Bem, é disso que eles estão falando.

— Aquele garoto está machucado? — perguntou ela, olhando para mim em busca de tranquilização. — Não sei o que aconteceu. Eu só queria falar com alguém que soubesse falar inglês corretamente. Eu fui de férias à Baviera verão passado e todos falavam inglês, muito bem.

Eu trago minhas crianças ao West End e todos são estrangeiros. Não entendo uma palavra do que estão dizendo.

Suspeitei que algum idiota na promotoria poderia transformar aquilo em um crime de motivação racial. Olhei Lesley nos olhos, ela suspirou e parou de fazer anotações.

— Eu só queria ir ao cinema — repetiu a Sra. Munroe.

A salvação chegou na forma do inspetor Neblett, que olhou para nós e disse: — Eu simplesmente não posso deixar vocês sozinhos, posso? Ele não me enganou. Eu sabia que ensaiara aquela fala durante toda a viagem.

De qualquer forma, todos voltamos à delegacia para completar a prisão e preencher a papelada. E foram três horas da minha vida que não conseguirei de volta. Como todos os tiras fazendo hora extra, terminamos na cantina, onde tomamos chá e preenchemos formulários.

— Onde está a Unidade de Progressão de Casos quando você precisa dela? — perguntou Lesley.

— Eu avisei que deveríamos ver *Os sete samurais* — falei.

— Você achou que havia algo estranho na coisa toda? — perguntou Lesley.

— Estranho como?

— Sabe, mulher de meia-idade de repente surta e ataca alguém em um cinema na frente das filhas. Tem certeza de que você não sentiu nenhum...? — disse, agitando os dedos.

— Não estava prestando atenção — respondi.

Retrospectivamente acho que poderia ter havido algo, uma explosão

de violência e riso, mas aquilo parecia uma lembrança que criei depois do acontecimento.

O Sr. Munroe chegou com uma declaração e os pais das outras crianças por volta de nove horas, e a esposa foi libertada sob fiança menos de uma hora depois. Consideravelmente antes de Lesley e eu termos terminado a papelada. Nesse momento eu estava esgotado demais para tentar alguma coisa mais inteligente, então me despedi e peguei uma carona no carro de patrulha de volta à Russel Square.

Eu tinha um molho de chaves novo, incluindo uma para a entrada de serviço nos fundos. Dessa forma não teria de me esgueirar sob o olhar de desaprovação de Sir Isaac. O átrio principal estava mal iluminado, mas quando subia o primeiro lance de escadas vi uma figura pálida deslizando pelo piso abaixo.

Você sabe que está em um lugar fino quando a sala do café da manhã é uma sala completamente diferente e não o mesmo lugar onde você jantou, simplesmente com louças diferentes. Ficava na direção sudeste para capturar a luz fraca de janeiro, e dava vista para garagem e cocheira. A despeito do fato de que apenas Nightingale e eu estávamos comendo, todas as mesas haviam sido postas e tinham toalhas de mesa impecavelmente brancas. Seria possível acomodar cinquenta pessoas ali. Da mesma forma o bufê tinha uma fila de salvas de prata com filés de salmão, ovos, bacon, chouriço e uma tigela cheia de arroz, ervilhas e pedaços de hadoque que Nightingale identificou como *kedgeree*. Ele parecia tão chocado quanto eu com a quantidade de comida.

— Acho que Molly se entusiasmou um pouco demais — disse, se servindo de *kedgeree*. Eu comi um pouco de tudo, e Toby ganhou algumas salsichas, um pouco de chouriço e uma tigela de água.

— Não há como comermos tudo isso — falei. — O que ela vai fazer com os restos?

— Eu aprendi a não fazer essas perguntas — disse Nightingale.

— Por quê?

— Porque não estou certo de que quero ouvir as respostas — encerrou.

Minha primeira lição de magia aconteceu em um dos laboratórios nos fundos do primeiro andar. Os outros laboratórios um dia foram



usados para projetos de pesquisa, mas aquele era para ensino, e de fato parecia um laboratório escolar de química. Havia bancadas na altura da cintura com pontos de gás para bicos de Bunsen colocados em intervalos regulares e pias de porcelana branca encaixadas nos balcões de madeira envernizada. Havia até mesmo um quadro da tabela periódica na parede, sem, percebi, todos os elementos descobertos depois da Segunda Guerra Mundial.

— Primeiro precisamos encher uma pia — disse Nightingale. Ele escolheu uma e abriu o registro na base de seu comprido cano em forma de pescoço de cisne. Houve um barulho distante de batida, o pescoço de cisne negro balançou, gargarejou e então cuspiu um jorro de água marrom.

Ambos recuamos um passo.

— Quando foi a última vez que você usou este lugar? — perguntei.

As batidas ficaram mais altas, rápidas, e então saiu água do cano, inicialmente suja, mas depois clara. As batidas sumiram. Nightingale colocou a tampa do ralo e deixou a pia encher até três quartos antes de fechar o registro.

— Quando você estiver tentando fazer este feitiço, sempre tenha uma pia cheia de água como medida de segurança — disse.

— Vamos fazer fogo?

— Só se você fizer errado — disse Nightingale. — Vou dar uma demonstração, e você deve prestar muita atenção, como fez quando procurava *vestigia*. Entendeu?

— *Vestigia*. Saquei.

Nightingale ergueu a mão direita com a palma para cima e fechou o punho.

— Observe minha mão — disse, e abriu os dedos.

De repente, flutuando alguns centímetros acima da palma, havia uma bola de luz. Brilhante, mas não tanto que eu não conseguisse olhar para ela.

Nightingale fechou os dedos e o globo desapareceu.

— De novo? — perguntou.

Até aquele momento acho que uma parte de mim estava esperando pela explicação racional, mas quando eu vi como Nightingale produzira aquela *werelight* tão relaxadamente me dei

conta de que eu tinha uma explicação racional — magia funciona. A pergunta seguinte, claro, era: como?

— De novo? — repeti.

Ele abriu a mão e a luz apareceu. A fonte parecia ser do tamanho de uma bola de golfe com uma superfície perolada lisa. Eu me inclinei para frente, mas não soube dizer se a luz emanava de dentro do globo ou de sua pele.

Nightingale fechou a mão.

— Tome cuidado — avisou. — Melhor não ferir os olhos.

Eu pisquei e vi manchas violetas. Ele estava certo. Eu havia sido enganado pela qualidade suave da luz e por olhar tempo demais para ela. Joguei um pouco de água nos olhos.

— Pronto para recomeçar? — perguntou Nightingale. — Tente se concentrar na sensação enquanto faço isso; você deve sentir algo.

— Algo? — perguntei.

— Magia é como música — respondeu Nightingale. — Cada um ouve de uma forma diferente. O termo técnico que usamos é *forma*, mas isso não ajuda mais do que “algo”, ajuda?

— Posso fechar os olhos? — perguntei.

— À vontade — respondeu.

Eu senti um “algo”, como um soluço no silêncio do momento da criação. Repetimos o exercício até que eu tivesse certeza de que não estava imaginando. Nightingale me perguntou se tinha alguma dúvida.

Perguntei como o feitiço era chamado.

— É conhecido popularmente como *werelight* — respondeu.

— Você consegue fazer debaixo d’água?

Nightingale enfiou a mão na pia e, a despeito do ângulo desajeitado, demonstrou formando uma *werelight* sem qualquer dificuldade.

— Então não é um processo de oxidação — falei.

— Concentração — disse Nightingale. — Magia primeiro, ciência depois.

Eu tentei me concentrar; mas no quê?

— Em um minuto pedirei para você abrir sua mão da mesma forma que demonstrei — avisou Nightingale. — Enquanto abre a mão, quero que crie uma forma em sua mente que corresponda ao

que sentiu quando criei minha luz. Pense nisso como uma chave que abre uma porta. Entendeu?

— Mão — repeti. — Forma, chave, cadeado, porta.

— Exatamente — disse Nightingale. — Comece agora.

Respirei fundo, estiquei o braço e abri o punho; nada aconteceu.

Nightingale não riu, mas eu teria preferido que sim. Respirei novamente, tentei “moldar” minha mente, o que quer que isso signifique, e abri a mão novamente.

— Vou demonstrar mais uma vez — disse Nightingale. — Então você acompanha.

Ele criou a luz, eu senti a forma da *forma* e tentei reproduzi-la.

Continuei fracassando em criar minha própria luz, mas dessa vez achei ter sentido um eco da *forma* em minha mente como um fragmento de música de um carro passando.

Repetimos o exercício várias vezes até eu estar certo de que sabia qual era a *forma*, mas não conseguia achar a figura em minha própria mente. O processo devia ser conhecido por Nightingale, porque ele sabia em que estágio eu estava.

— Pratique isso por mais duas horas — falou. — Depois faremos uma pausa para o almoço, depois você praticará por mais duas horas. Então poderá ter a noite de folga.

— Só isso? — perguntei. — Nada de aprender línguas antigas, nada de teoria da magia?

— Este é o primeiro passo — respondeu Nightingale. — Se você não conseguir dominar isso, todo o resto é irrelevante.

— Então isso é um teste?

— Um aprendizado é assim — disse Nightingale. — Quando que você tiver dominado esta *forma*, posso prometer a você muito estudo.

Latim, grego, árabe, alemão técnico. Sem falar que ficará com todo o trabalho preparatório dos meus casos.

— Bom — falei. — Agora estou incentivado.

Nightingale riu e me deixou sozinho.



## Junto ao rio

Há algumas coisas que você não quer fazer menos de dez minutos após acordar, descer a Great West Road a cem por hora é uma delas.

Mesmo às três da manhã, com o giroscópio ligado e uma sirene para abrir caminho, e as ruas livres de trânsito. Eu estava me agarrando à alça da porta e tentando não pensar no fato de que o Jaguar, com suas muitas qualidades antigas de estilo, lamentavelmente carecia de *airbag*.

— Já consertou o rádio? — perguntou Nightingale.

Em algum momento o Jaguar havia sido dotado de um rádio moderno, que Nightingale alegremente admitiu não saber usar. Eu consegui ligá-lo, mas me distraí quando Nightingale contornou o Hogarth Roundabout rápido o bastante para que minha cabeça batesse na janela do carona. Eu me vali de um trecho de rua relativamente reto para sintonizar no comando do distrito de Richmond, que era onde Nightingale dissera estar o problema. Pegamos o final de um relatório feito em tom ligeiramente estrangulado adotado por alguém que tenta soar como se não estivesse em pânico. Era alguma coisa a respeito de gansos.

— *Tango Uísque Um para Tango Uísque Três: repita?*

TU-1 seria a inspetora de plantão de Richmond na sala de controle local, TU-3 seria um dos carros de polícia do distrito.

— *Tango Uísque Três para Tango Uísque Um, estamos no White Swan sendo atacados pelos malditos gansos.*

— White Swan? — perguntei.

— É um pub em Twickenham — disse Nightingale. — Perto da ponte para Eel Pie Island.

Eu sabia que Eel Pie Island era um conjunto de estaleiros e casas em uma ilhota de rio com menos de quinhentos metros de comprimento.

Os Rolling Stones uma vez tocaram lá, assim como meu pai — motivo pelo qual eu conhecia.

— E os gansos? — perguntei.

— Melhores que cães de guarda — respondeu Nightingale. — Pergunte aos romanos.

TU-1 não estava interessada nos gansos; ela queria saber do crime.

Tinha havido várias chamadas para o 999 vinte minutos antes, denunciando perturbação da paz e possíveis brigas entre grupos de jovens, o que, pela minha experiência, podia ser qualquer coisa desde uma despedida de solteiro que deu errado até raposas virando latas de lixo.

TU-3 relatou ter visto um grupo de homens IC1 vestindo jeans e jaquetas lutando contra um número desconhecido de mulheres IC3 na Riverside Road. IC1 é o código de identificação para pessoas brancas, IC3 é para pessoas negras, e caso esteja especulando, eu tendo a variar entre IC3 e IC6 — árabe ou do norte da África.

Depende de quanto sol tomei. Pretos contra brancos era incomum, mas não impossível, no entanto nunca tinha ouvido falar em meninos contra meninas, nem TU-1, que queria esclarecimentos.

— *Feminino* — relatou TU-3. — *Definitivamente feminino, e uma delas está completamente nua.*

— Era o que eu temia — disse Nightingale.

— Temia o quê? — perguntei.

Houve um vazio do lado de fora do Jaguar enquanto disparávamos pela Chiswick Bridge. Acima de Chiswick o Tâmesa faz uma curva na direção norte ao redor de Kew Gardens. Estávamos cruzando a base e seguindo para a ponte de Richmond.

— Há um santuário importante perto — disse Nightingale. — Acho que os garotos podiam estar atrás dele.

Quando ele disse santuário, imaginei que não estava falando do estádio de rúgbi.

— E as garotas estão defendendo o santuário?

— Algo assim — disse Nightingale. Ele era um soberbo motorista, com um grau de concentração que sempre considerei um conforto em alta velocidade, mas mesmo Nightingale teve de desacelerar quando as ruas ficaram mais estreitas. Como grande parte de Londres, o centro de Richmond havia sido criado quando planejamento urbano era algo que acontecia a outras pessoas.

— *Tango Uísque 4 para Tango Uísque Um; estou na Church Lane junto ao rio e identifiquei cinco ou seis homens IC1 entrando em um barco; em perseguição.*

TU-4 seria o segundo veículo de resposta ao incidente de Richmond, significando que praticamente todo pessoal disponível estava sendo utilizado.

TU-3 relatou que não havia sinal das mulheres IC3, nuas ou vestidas. Mas que podiam ver o barco e ele estava indo para a margem oposta.

— Chame e diga a eles que estamos indo — disse Nightingale.

— Qual o nosso código de chamada? — perguntei.

— Zulu Um — respondeu.

Eu apertei o microfone.

— Zulu Um para Tango Uísque Um: estamos entrando.

Houve uma pequena pausa enquanto TU-1 digeriria isso. Fiquei pensando em se a inspetora de plantão sabia quem éramos.

— *Tango Uísque Um para Zulu Um* – disse a inspetora, soando normal, neutra. Certo, ela sabia quem éramos . — *Fiquem avisados que os suspeitos parecem ter cruzado o rio, e podem agora estar na margem sul.*

Eu tentei responder, mas a voz saiu estrangulada quando Nightingale nos colocou na contramão da George Street, o que você não deveria fazer mesmo com luzes e sirene ligada. Inclusive pelo risco de se ver frente a frente com algo pesado e projetado para limpar ruas no meio da noite. Finquei as pernas no piso quando nossos faróis iluminaram um coração de dia nos namorados vermelho-cereja de dois metros na vitrine da Boots.

TU-3 chamou:

— *Fiquem informados de que o barco suspeito está pegando fogo, posso ver pessoas pulando.*

Nightingale pisou fundo, mas misericordiosamente viramos uma esquina e voltamos para a direção certa descendo a rua. À direita ficava a ponte de Richmond, mas Nightingale cruzou direto o retorno e desceu a rua que corria ao lado do Tâmis. Ouvimos TU-1 chamando o barco da Brigada de Incêndio de Londres — a pelo menos vinte minutos dali.

Nightingale enfiou o Jaguar em uma curva à direita que eu sequer havia percebido, e de repente estávamos disparando por um breu completo, sacudindo por uma trilha com cascalho batendo no chassi.

Uma curva repentina à esquerda e corríamos junto ao limite da água, seguindo o rio que se curvava novamente para o norte. Uma fila de barcos de passeio estava ancorada perto da margem oposta, e além dela podia ver chamas amarelas — no barco em chamas. Não era um barco de passeio moderno, parecia mais um barco estreito para navegação em canais, do tipo que pequenos negociantes tinham, com bordas pintadas a mão e um gato dormindo no teto. Mas se aquele barco tinha um gato, eu esperava que soubesse nadar, pois estava pegando fogo da popa à proa.

— Lá — disse Nightingale.

Olhei à frente e vi sujeitos no limite dos nossos faróis. Eu chamei TU-1: — Confirmo suspeitos na margem sul perto de... Em que porra de lugar estamos?

— Hammerton's Ferry — disse Nightingale, e eu repassei.

Nightingale freou o Jaguar e paramos do lado oposto ao barco em chamas. Havia lanternas no porta-luvas, monstruosidades vulcanizadas com antiquadas lâmpadas incandescentes. A minha se provou tranquilizadamente pesada na mão quando eu e Nightingale saímos para a escuridão.

Passei meu facho de luz pela trilha, mas os suspeitos — supondo que eram eles — haviam sumido. Nightingale parecia mais interessado no rio que na trilha. Usei minha lanterna para verificar a água ao redor do barco que descia lentamente à deriva, mas não havia ninguém na água.

— Não deveríamos verificar se restou alguém a bordo? — perguntei.

— Melhor não haver ninguém naquele barco — disse Nightingale em voz alta, como se falando mais para o rio que para mim. — E quero aquele fogo apagado imediatamente.

Ouvi uma risada na escuridão. Apontei minha lanterna para a direção de onde veio, mas não havia nada para ser visto a não ser os barcos ancorados na margem distante. Eu me virei para ver o barco incendiado sendo sugado para dentro do rio, como se alguém tivesse agarrado o fundo e o puxado para abaixo da superfície. As últimas chamas se apagaram, e então, como um pato de borracha escapando, ele voltou para a superfície, as chamas totalmente eliminadas.

— Quem fez aquilo? — perguntei.

— Espíritos do rio — respondeu Nightingale. — Fique aqui enquanto verifico mais acima na margem.

Ouvi uma risada do outro lado da água. Então, muito claramente, e a menos de três metros de onde eu estava, alguém, uma mulher londrina, disse “Ah, merda!”. Depois veio o som de metal se contorcendo.

Corri para lá. Naquele ponto a margem era uma encosta enlameada mantida no lugar por raízes de árvores e reforços de pedra. Enquanto me aproximava ouvi barulho de água e acendi minha lanterna bem a tempo de ver uma forma esguia desaparecer sob a superfície. Eu deveria ter pensado que era uma lontra, se fosse idiota o bastante para pensar que lontras não tinham pelos e eram do tamanho de um homem.

Logo abaixo dos meus pés havia uma gaiola quadrada feita de tela de galinheiro, parte de um projeto contra a erosão, como descobri mais tarde, com um dos lados aberto.

Nightingale retornou de mãos vazias e disse que poderíamos esperar que o barco dos bombeiros chegasse e rebocasse os restos do barco incendiado. Perguntei a ele se havia coisas como sereias.

— Aquilo não era uma sereia — respondeu.

— Então sereias existem — falei.

— Concentração, Peter — retrucou. — Uma coisa de cada vez.

— Aquilo era um espírito do rio? — perguntei.

— *Genii locorum* — respondeu. — O espírito de um lugar, uma deusa do rio, caso prefira.



Embora não seja a Deusa do Tâmis, explicou Nightingale, se ela tomar parte, diretamente, em qualquer violência, seria uma violação do acordo. Eu perguntei se esse era o mesmo acordo que “o acordo” ou um acordo totalmente diferente.

— Há vários acordos — respondeu Nightingale. — Muito do que fazemos é garantir que todos os cumpram.

— Há uma deusa do rio — falei.

— Sim, Mãe Tâmis — disse ele pacientemente. — E há um deus do rio, Pai Tâmis.

— Eles são parentes?

— Não. E isso é parte do problema.

— Eles são realmente deuses?

— Eu nunca me preocupei com questões teológicas — disse Nightingale. — Eles existem, eles têm poder, e eles podem violar a paz da rainha; isso faz deles um problema da polícia.

Um holofote surgiu da escuridão e varreu o rio uma, duas vezes, antes de voltar a se fixar nos restos do barco — a Brigada de Incêndio de Londres chegou. Eu senti cheiro de escapamento de diesel enquanto o barco dos bombeiros manobrava cuidadosamente, figuras com capacetes amarelos esperavam com mangueiras e ganchos de abordagem. O holofote revelou que a estrutura superior havia sido totalmente destruída pelo incêndio, mas eu podia ver que o casco havia sido pintado de vermelho com borda preta. Podia ouvir os bombeiros conversando enquanto deixavam o barco seguro. Tudo era tranquilizadamente mundano. O que me produziu outro pensamento.

Nightingale e eu havíamos pulado da cama, entrado no Jaguar e partido rumo oeste antes de haver qualquer indício de que aquilo era mais que o final de uma noite comum de sexta-feira.

— Como você sabia que isto era coisa para nós? — perguntei.

— Tenho minhas fontes — respondeu Nightingale.

Um dos carros de polícia de Richmond chegou com a inspetora de plantão a bordo, e todos nos permitimos um pouco de exibicionismo burocrático para estabelecer nossas respectivas posições. Richmond venceu por pontos, mas apenas porque um deles tinha uma garrafa cheia de café. Nightingale orientou os locais — era coisa de gangues, disse. Alguns jovens IC1, sem dúvida

bêbados, haviam roubado um barco, navegado rio abaixo desde além da eclusa de Teddington e começado uma briga com um grupo local de jovens IC3 — alguns dos quais eram do sexo feminino. Quando tentaram escapar, a gangue de Teddington conseguiu, acidentalmente, incendiar seu barco, o abandonara e fugira a pé pela trilha do Tâmis. Todos concordaram — soava como uma noite típica de sexta-feira na cidade grande.

Nightingale disse que estava certo de que ninguém se afogou, mas a inspetora de plantão de Richmond decidiu chamar uma equipe de busca e resgate apenas por garantia.

Então, depois que nossos inspetores marcaram suas respectivas árvores, seguimos caminhos separados.

Voltamos para Richmond, mas paramos bem antes da ponte. Ainda faltava pelo menos uma hora para o alvorecer, mas enquanto eu passava com Nightingale por um portão de ferro pude ver que a rua em que estávamos atravessava um jardim municipal que descia até o rio.

Havia um brilho alaranjado à nossa frente, um lampião pendurado nos galhos baixos de um plátano, que iluminava uma fileira de arcos de tijolos vermelhos construídos no arrimo que sustentava a rua. Vi, dentro dessas cavernas artificiais, sacos de dormir, caixas de papelão e jornais velhos.

— Vou apenas bater um papo com este troll — disse Nightingale.

— Senhor, acho que deveríamos chamá-los de sem-teto — eu disse.

— Não este aqui. Ele é um troll — respondeu Nightingale.

Eu vi movimento nas sombras, um rosto pálido, cabelos despenteados, camadas de roupas velhas para combater o frio do inverno. Ele me parecia um sem-teto.

— Um troll, mesmo? — perguntei.

— O nome dele é Nathaniel — respondeu Nightingale. — Costumava dormir embaixo da ponte de Hunterford.

— Por que se mudou?

— Aparentemente queria morar no subúrbio.

Troll suburbano, pensei. Por que não?

— Ele é seu informante, não é? Ele deu a dica.

— Um policial é tão bom quanto seus informantes — disse Nightingale. Não contei a ele que atualmente deveríamos nos referir a eles como Fontes de Informação Humanas Disfarçadas. — Fique um pouco atrás. Ele ainda não o conhece — recomendou.

Nathaniel recuou para seu esconderijo quando Nightingale se aproximou e agachou educadamente no umbral da caverna do troll.

Fiquei batendo os pés e soprando ar quente em meus dedos. Havia sido suficientemente sensato para pegar meu colete do uniforme, mas mesmo com aquilo sob o paletó, três horas junto ao rio em fevereiro estavam congelando minhas bolas. Se não estivesse ocupado demais enfiando as mãos nas axilas poderia ter percebido muito antes que estava sendo observado. Na verdade, se não tivesse passado as duas semanas anteriores tentando distinguir *vestigium* de paranoia aleatória, não teria percebido nunca.

Começou como um rubor, tipo constrangimento, como na festa da oitava série quando Rona Tang atravessou a pista de dança e me informou, muito claramente, que Funme Ajayi queria que eu dançasse com ela, mas não havia nenhuma chance de eu dançar tendo um bando de garotas adolescentes me vigiando enquanto eu fazia isso. Era o mesmo tipo de escrutínio — desafiador, debochado, curioso.

Inicialmente olhei para trás, como você faria, mas não vi nada além das luzes na rua acima. Achei ter sentido um hálito quente em minha bochecha, uma sensação de luz do sol, grama cortada e cabelo chamuscado. Eu me virei, olhei para o rio e por um momento achei ter visto movimento, um rosto, algo...

— Viu alguma coisa? — perguntou Nightingale, me fazendo dar um pulo.

— Jesus Cristo — reagi.

— Não neste rio — disse Nightingale. — Nem mesmo Blake achou que isso era possível.

Retornamos ao Jaguar e ao abraço instável do sistema de aquecimento dos anos 1960. Enquanto retornávamos pelo centro de Richmond, dessa vez no sentido certo da rua de mão única, perguntei a Nightingale se o troll Nathaniel havia sido útil.

— Ele confirmou o que suspeitávamos — respondeu.

Que os garotos no barco eram seguidores de Pai Tâmis, haviam descido o rio para atacar o santuário em Eel Pie Island e sido apanhados por seguidores da Mãe Tâmis. Eles sem dúvida estavam bem embriagados e provavelmente iniciaram o próprio incêndio enquanto tentavam escapar. Rio abaixo, o Tâmis era domínio soberano da Mãe Tâmis, acima, pertencia ao Pai Tâmis. A linha divisória ficava na eclusa de Teddington, dois quilômetros rio acima a partir de Eel Pie Island.

— Então você acha que Pai Tâmis está tentando conquistar território? — perguntei. Aquilo fazia aqueles “deuses” parecerem traficantes de drogas. O tráfego estava claramente mais pesado na volta; Londres estava acordando.

— Não é exatamente uma surpresa que os espíritos de um local demonstrem territorialidade — disse Nightingale. — De qualquer forma, acho que você pode ter uma visão única desse problema. Quero que você vá ter uma palavrinha com Mãe Tâmis.

— E o que eu e minha visão única devemos dizer a Sra. Tâmis?

— Descubra qual é o problema e veja se consegue chegar a uma solução amigável — respondeu Nightingale.

— E se não conseguir?

— Então quero que você lembre a ela que, independentemente do que algumas pessoas possam pensar, a paz da rainha se estende a todo o reino.

Ninguém dirige o Jaguar além de Nightingale, o que era compreensível. Se eu tivesse um carro como aquele também não deixaria ninguém mais dirigir. Contudo, eu tinha acesso a um Ford Escort azul elétrico de dez anos de idade que tinha “ex-patrulha” escrito em letras brilhantes. Nightingale fazia compras na mesma loja de carros usados que Lesley. Você sempre pode identificar um velho carro de polícia, porque por mais que você o esfregue, ele sempre cheira a tira velho.

Shoreditch, Whitechapel, Wapping — o velho e o novo East End estavam fundidos por dinheiro e intransigência. Mãe Tâmis morava a leste de White Tower em um armazém reformado perto de Shadwell Basin. Ficava do outro lado da rampa do Prospect of Whitby, um antigo pub que havia sido um lendário espaço de jazz.

Meu pai tocou lá com Johnny Keating, mas conseguiu, com sua refinada habilidade de sabotar a própria carreira, perder a oportunidade de se apresentar com Lita Roza — acho que eles chamaram Ronnie Hughes para substituí-lo.

Do lado da rua principal, o armazém tinha uma parede de tijolos londrinos perfurada por janelas modernas, mas do lado do Tâmis os velhos cais de carga haviam sido transformados em um estacionamento. Estacionei entre um Citroën Picasso laranja e um Jaguar XF vermelho-tijolo com um plástico da Urban Dance FM no para-brisa.

Quando saltei tive a sensação mais clara de *vestigia* que já tive até então. Um cheiro repentino de pimenta e maresia rápido e chocante como o grito de uma gaivota. Não foi uma surpresa, já que o armazém havia sido parte do Porto de Londres, o porto mais movimentado do mundo.

Um vento muito frio soprava do Tâmis, então segui apressado para o saguão de entrada. Alguém em algum lugar estava tocando música com o baixo a uma altura que violava os níveis de Saúde e Segurança.

A melodia, supondo que havia uma, era inaudível, mas eu podia sentir a pulsação do baixo em meu peito. De repente, houve acima dele uma vibração de riso feminino, maldoso e fofoqueiro. O saguão neovitoriano era protegido por um interfone de último tipo. Apertei o número que Nightingale me dera e esperei. Estava prestes a tentar novamente quando ouvi barulho de chinelos sobre ladrilhos se aproximando da porta pelo outro lado. Ela então se abriu para revelar uma jovem negra com olhos de gato vestindo uma camiseta preta muitos números maior que ela com as palavras WE RUN TINGZ impressas na frente.

— Ahn, o que você quer? — perguntou.

— Sou o detetive Grant — respondi. — Estou aqui para ver a Sra.

Tâmis.

A garota me olhou de cima a baixo e, tendo me comparado com algum padrão teórico, cruzou os braços sobre os seios e olhou feio para mim.

— E? — perguntou.

— Nightingale me mandou.

A garota suspirou e se virou para gritar para o saguão: — Tem um maluco aqui dizendo que foi mandado pelo mago.

A camiseta tinha impresso atrás: T INGZ NUH RUN WE.

— Deixe-o entrar — disse uma voz do fundo do prédio. Tinha um leve sotaque nigeriano.

— Melhor entrar — disse a garota, se colocando de lado.

— Qual o seu nome? — perguntei.

— Meu nome é Beverley Brook — respondeu, inclinando a cabeça enquanto eu passava.

— Prazer em conhecê-la, Beverley — disse.

Estava quente dentro do prédio, tropical, quase úmido, e suor brotou em meu rosto e costas. Vi que as portas da frente do corredor comum estavam escancaradas e a batida pesada do baixo descia flutuando pela escadaria de ferro forjado que ligava os andares. Ou aquele era o prédio de apartamentos mais sociável de toda a história da Inglaterra ou Mãe Tâmis controlava o prédio inteiro.

Beverley me conduziu a um apartamento no térreo e tentei manter meus olhos longe das pernas compridas que surgiam esguias e marrons da barra da camiseta. Estava ainda mais quente dentro do apartamento propriamente dito, e reconheci o cheiro de óleo de coco e folha de mandioca. Sabia exatamente em que estilo de casa estava pelas paredes, pintadas com um pêssego discreto, até a cozinha cheia de arroz e frango e biscoitos de nata Morrisons.

Paramos no umbral da sala de estar. Beverley me chamou para que pudesse murmurar em meu ouvido:

— Agora você deve demonstrar algum respeito.

Eu inspirei cabelo alisado e manteiga de cacau. Era como ter 16 anos de novo.

Nos anos 1990, quando o arquiteto que construiu aquele lugar foi contratado, havia sido avisado de que estava projetando apartamentos de luxo para jovens profissionais liberais ousados. Sem dúvida imaginou ternos, suspensórios e pessoas que iriam mobiliar suas casas ao estilo minimalista árido de um romance de detetives escandinavos.

Provavelmente nem mesmo em seu pior pesadelo ele considerou a hipótese de que o dono usaria as proporções generosas da sala de estar como desculpa para amontoar pelo menos quatro conjuntos estofados de três peças World of Leather. Para não falar em uma televisão de plasma, naquele momento exibindo futebol sem som, e uma enorme planta em um vaso que eu reconheci, chocado, como mangue. Uma árvore de verdade, cujas raízes retorcidas saíam por cima do vaso e haviam se enfiado sob o tapete de fibras compridas. Ergui os olhos e vi que os galhos mais altos haviam se projetado através do teto. Eu podia ver onde a massa branca havia descascado, revelando as vigas de pinho.

Um sofá de couro acomodava uma bela coleção de mulheres africanas de meia-idade do tipo que você encontraria em uma igreja pentecostal, todas elas me examinaram da cabeça aos pés como Beverley havia feito. Incoerentemente sentada entre elas, uma mulher branca magricela com conjunto de cardigã rosa e pérolas, parecendo totalmente à vontade. Percebi que o calor não a incomodava. Ela me cumprimentou de forma amistosa.

Mas nada disso era importante, porque também estava na sala a Deusa do Rio Tâmisa.

Ela estava entronizada na mais elegante das poltronas executivas.

Seus cabelos eram trançados, entrelaçados com algodão preto e arrematados com ouro, de modo que se erguiam acima de sua testa como uma coroa. O rosto era redondo e sem rugas, a pele lisa e perfeita como a de uma criança, os lábios grossos e muito escuros.

Tinha os mesmos olhos de gato de Beverley. A blusa e a saia trespassada eram feitas da mais fina renda de ouro austríaca, o decote reluzindo em prata e escarlata, largo o bastante para exibir um ombro roliço suave e as generosas curvas superiores de seus seios.

Uma mão com as unhas bem feitas estava apoiada em uma mesa lateral, aos pés da qual se erguiam sacos de juta e pequenos engradados de madeira. Quando me aproximei pude sentir maresia e café, diesel e bananas, chocolate e entranhas de peixe. Eu não precisava que Nightingale me dissesse que estava sentindo algo sobrenatural, um encanto tão forte que era como estar sendo

banhado pela maré. Na presença dela eu não achei nada estranho no fato de que a Deusa do Rio era nigeriana.

— Então você é o garoto do mago — disse Mama Tâmis. — Achei que havia um acordo?

Consegui falar.

— Acredito que era mais que um acordo.

Eu estava lutando contra a ânsia de me jogar de joelhos aos pés dela, colocar o rosto entre seus seios e fazer *blubby, blubby, blubby*.

Quando ela me ofereceu uma cadeira eu estava tão rígido que foi doloroso me sentar.

Flagrei Beverley escondendo um risinho com a mão. Também Mama Tâmis, que mandou a adolescente para a cozinha. Isso eu sabia com certeza: a razão pela qual mulheres africanas têm filhos é para que mais alguém faça os trabalhos domésticos.

— Gostaria de um chá? — perguntou Mama Tâmis.

Eu recusei educadamente. Nightingale havia sido muito específico: não coma nem beba nada sob seu teto. Faça isso e ela o terá fisgado, disse. Minha mãe teria considerado tal recusa um insulto, mas Mama Tâmis simplesmente inclinou a cabeça elegantemente. Talvez também fosse parte do acordo.

— Seu mestre — disse ela. — Ele está bem?

— Sim, senhora.

— Ele parece melhorar à medida que envelhece, seu mestre Nightingale — disse ela. Antes que eu pudesse perguntar o que queria dizer, ela perguntou sobre meus pais. — Sua mãe é de origem fula, certo?

— De Serra Leoa — respondi.

— E seu pai já não toca mais, acredito?

— Você conhece meu pai?

— Não — ela disse, e me deu um sorriso sábio. — Apenas no sentido de que todos os músicos de Londres me pertencem, especialmente os de jazz e blues. É uma coisa de rio.

— Então você mantém relações com o Mississippi? — perguntei.

Meu pai sempre jurou que o jazz, como o blues, nasceu nas águas enlameadas do Mississippi. Minha mãe jurava que ele vinha da garrafa, como todas as boas obras do diabo. Eu estava



provocando um pouco, mas de repente me ocorreu que se havia uma Mãe Tâmis, por que não um Velho do Rio, e se fosse assim, eles conversavam? Tinham longos papos telefônicos sobre assoreamento, bacias e a necessidade de controle de inundações em regiões de marés? Ou trocavam e-mail, mensagens de texto ou twitter?

Com aquele choque de realidade eu me dei conta de que parte do encanto estava se dissipando. Acho que Mama Tâmis também deve ter sentido o mesmo, porque me deu um olhar penetrante e assentiu.

— Sim — disse ela. — Agora eu vejo. Como seu mestre foi inteligente de escolher você, e ainda dizem que cachorros velhos não aprendem truques novos.

Duas semanas de comentários impenetráveis de Nightingale me ajudaram a desenvolver uma reação sofisticada a aforismos murmurados — mudei de assunto.

— Como se tornou a Deusa do Tâmis? — perguntei.

— Tem certeza de que quer saber? — ela reagiu, mas estava claro que ficara lisonjeada com meu interesse. Todos adoram falar sobre si mesmos. Nove em cada dez confissões são fruto exclusivo do instinto natural do ser humano de contar sua história de vida a um ouvinte atento, mesmo que isso envolva como eles acabaram espancando seu parceiro de golfe até a morte. Mama Tâmis não era diferente; na verdade, percebi, os deuses tinham ainda mais necessidade de se explicar.

— Eu vim para Londres em 1957 — disse Mama Tâmis. — Mas eu então não era uma deusa. Era apenas uma garota idiota do interior com um nome que esqueci. Vim para estudar enfermagem, mas, sendo honesta, tenho de dizer que não era uma enfermeira muito boa. Nunca gostei de ficar perto demais de pessoas doentes, e havia igbos demais na minha turma. Por causa daqueles pacientes idiotas eu fracassei em todas as minhas provas e eles me botaram para fora. — Mama Tâmis fez com os dentes um chiado de desprezo pela cara de pau deles. — Para fora, simples assim. E então meu belo Robert, que me cortejava havia três anos, me diz: “Não posso mais esperar que você se decida, então vou me casar com uma piranha irlandesa branca.”

Ela fez o chiado novamente, e ele foi repetido ao redor da sala por todas as outras mulheres.

— Fiquei com o coração tão partido que fui me matar — disse Mama Tâmisia. — Ah, sim, foi o tanto que o homem partiu meu coração. Então fui até a ponte de Hungerford para me jogar no rio. Mas aquela é uma ponte ferroviária, e a velha passagem de pedestres que corria pela lateral era muito suja na época. Todos os tipos de coisas viviam naquela ponte, vagabundos, trolls e goblins. Não é o tipo de lugar de onde uma garota nigeriana decente quer se jogar. Quem sabe o que poderia estar olhando? Então fui para a ponte Waterloo, mas quando cheguei lá era pôr do sol, e para todo lado que olhava era tão bonito que pensei que não conseguiria pular. Depois ficou escuro, então fui para casa jantar. Na manhã seguinte levantei bem cedo e peguei um ônibus para a ponte de Blackfriars. Mas tem aquela maldita estátua da rainha Vitória na extremidade norte, e mesmo ela olhando para o outro lado, pense em como seria constrangedor se ela se virasse e o visse de pé no parapeito.

O resto da sala balançou a cabeça, concordando.

— Não havia nenhuma chance de eu me jogar da ponte de Southwark — disse Mama Tâmisia. — Então, após mais uma longa caminhada, onde eu estava?

— Na London Bridge?

Mama Tâmisia esticou a mão e deu um tapinha no meu joelho.

— Era a velha ponte, aquela que pouco depois foi vendida para aquele simpático cavalheiro americano. Um homem que sabe como fazer bem a um rio. Dois barris de Guinness e um engradado de rum Barbancourt, isso é o que eu chamo de oferenda.

Houve uma pausa enquanto Mama Tâmisia tomava seu chá. Beverley entrou com um prato de biscoitos de nata e os colocou ao alcance. Eu estava com um biscoito na mão antes de me dar conta do que estava fazendo, então o coloquei de volta. Beverley bufou.

— No meio da velha London Bridge havia uma capela, um santuário a St. Birinus, e eu pensei, sendo eu uma boa cristã de domingo, que aquele seria o lugar certo de onde saltar. Fiquei lá olhando para oeste no momento em que a maré mudava. Londres ainda era um porto na época, morrendo, mas como um homem

velho com uma vida longa e excitante, cheio de histórias e lembranças. E aterrorizado porque iria ficar velho e frágil sem ninguém para cuidar dele, porque não havia mais vida no rio, nenhum orixá, nenhum espírito, nada para cuidar do velho. Eu ouvi o rio me chamar pelo nome que esqueci, e dizer: “Vemos que sente dor, vemos que chora por causa de um homem.” E eu disse: “Ah, rio, eu vim de tão longe, mas fracassei como enfermeira, fracassei como mulher e é por isso que meu homem não me ama.” E então o rio me disse: “Podemos acabar com a dor, podemos fazê-la feliz e dar a você muitos filhos e netos. Todo o mundo virá até você e colocará presentes aos seus pés.” Bem, disse Mama Tâmis, essa era uma oferta tentadora, então perguntei: “O que preciso fazer? O que você quer de mim?” E o rio respondeu: “Não queremos de você nada que já não esteja disposta a dar.”

“Então pulei na água; *SPLASH!* E desci até o fundo, há coisas lá embaixo que você não acreditaria. Digamos apenas que precisa ser dragado e libertado.”

Ela virou o braço languidamente na direção do rio.

— Eu saí andando do rio ali em Wapping Stair, onde eles costumavam afogar piratas. Estou aqui desde então — disse ela. — Este é o rio industrial mais limpo da Europa. Acha que aconteceu por acaso?

Swinging London, Cool Britannia, Thames Barrier; acha que tudo aconteceu por acaso?

— O Dome? — perguntei.

— Hoje o espaço musical mais popular da Europa — disse ela.

— As Damas do Reno vêm me visitar para ver como funciona.

Ela me lançou um olhar significativo, e fiquei pensando o que afinal seriam as Damas do Reno.

— Talvez Pai Tâmis veja isso de outra forma — disse.

— Baba Tâmis — cuspiu Mama. — Quando ele era jovem ficou de pé onde eu fiquei, na ponte, e fez a mesma promessa que eu. Mas ele não é visto abaixo da eclusa de Teddington desde o Grande Fedor de 1858.

Ele nunca voltou, nem mesmo depois de Bazalgette ter instalado o sistema de esgoto. Nem mesmo para a Blitz, nem quando a cidade estava queimando. E agora ele diz que o rio é dele.

Mama Tâmisia se empertigou na cadeira como se posando para um retrato formal.

— Não sou ambiciosa — ela disse. — Que ele fique com Henley, Oxford e Staines. Eu terei Londres e os presentes de todo o mundo aos meus pés.

— Não podemos ter vocês brigando uns com os outros — falei. O “plural majestático” é muito importante no trabalho policial; lembra à pessoa com quem você fala, de que atrás de você está a poderosa instituição que é a Polícia Metropolitana, dotada de toda a majestade da lei e capaz, em termos de poderio, de invadir um pequeno país. Quando usa essa expressão você só espera que todo o edifício esteja voltado para a mesma direção que você.

— É Baba Tâmisia quem está descendo abaixo da eclusa — disse Mama Tâmisia. — Não sou eu quem precisa recuar.

— Nós falaremos com Pai Tâmisia — disse. — Esperamos que você mantenha seu pessoal sob controle.

Mama Tâmisia inclinou a cabeça para um lado e me lançou um olhar demorado.

— Vou lhe dizer — falou. — Darei a você até o Espetáculo das Flores de Chelsea para fazer Baba recuperar o juízo; depois disso cuidaremos da questão com nossas próprias mãos.

O uso dela do “plural majestático” foi muito menos hesitante que o meu.

A entrevista terminou, trocamos amabilidades e então Beverley Brook me acompanhou até a porta. Quando chegamos ao átrio ela deliberadamente deixou o quadril raspar no meu e eu senti um calor repentino que não tinha nada a ver com o aquecimento central.

Ela me deu um olhar malicioso ao abrir a porta para mim.

— Tchauzinho, Peter — ela disse. — Vejo você por aí.

Quando voltei a Folly encontrei Nightingale na sala de leitura do primeiro andar. Era uma cômodo com algumas poltronas de couro verde estofadas, banquetas para os pés e mesas laterais. Estantes de mogno com portas de vidro cobriam duas paredes, mas Nightingale admitiu a mim que nos velhos tempos as pessoas normalmente iam ali para um cochilo depois do almoço. Ele estava fazendo as palavras cruzadas do *Telegraph*.

Ergueu os olhos quando me sentei diante dele.

— Ela certamente acredita ser a Deusa do Tâmis — falei. — Ela é?

— Essa não é uma pergunta absolutamente útil — respondeu Nightingale.

Molly chegou silenciosamente com café e uma travessa de biscoitos de nata. Eu olhei para os biscoitos e lancei um olhar desconfiado para ela, que estava impenetrável como sempre.

— Nesse caso, de onde vem o poder deles? — perguntei.

— Essa é uma pergunta muito melhor — disse Nightingale. — Há várias teorias conflitantes acerca disso; que o poder é fruto da crença dos seguidores, do próprio lugar ou de uma fonte divina além do reino mortal.

— O que Isaac achava?

— Sir Isaac tinha uma espécie de ponto cego no que dizia respeito à divindade; ele até mesmo questionava se Jesus Cristo era realmente divino. Não gostava da ideia da Trindade.

— Por que isso?

— Ele tinha uma mente muito organizada — respondeu Nightingale.

— O poder tem a mesma origem da magia? — perguntei.

— Tudo isso será muito mais fácil de explicar assim que você tiver dominado seu primeiro feitiço — disse ele. — Acho que você poderia praticar umas duas horas antes do chá da tarde.

Eu me arrastei na direção do laboratório.

Sonhei que dividia minha cama com Lesley May e Beverley Brook, graciosas e nuas uma de cada lado, mas não era erótico como deveria ser porque eu não ousava abraçar uma por medo de ofender mortalmente a outra. Quando arranjei uma estratégia para colocar os braços ao redor de ambas ao mesmo tempo, Beverley cravou os dentes no meu pulso e eu acordei com câibras terríveis no braço direito.

Foi suficientemente ruim para me fazer cair da cama e me lamentar por ser inutilmente estoico por dois longos minutos. Não há nada como uma dor excruciante para acordar alguém, de modo que quando ficou claro que não dormiria novamente eu saí do quarto e fui em busca de alguma coisa para comer. O porão do Folly era uma ala de quartos abandonados de quando tinha dezenas de

funcionários, mas eu sabia que as escadas dos fundos terminavam junto à cozinha. Não querendo incomodar Molly, eu descii as escadas o mais silenciosamente possível, mas quando cheguei ao porão vi que as luzes da cozinha estavam acesas. Quando me aproximei ouvi Toby rosnar, depois latir, e então houve um estranho som sibilado ritmado. Um bom tira sabe quando não anunciar sua presença, então me arrastei até a porta da cozinha e esperei.

Molly, ainda vestindo seu traje de empregada, estava encarapitada na beirada da mesa de carvalho gasta que dominava um lado da cozinha.

Ao lado dela na mesa havia uma tigela de cerâmica bege e, sentado em frente a cerca de três metros, Toby. Como a porta estava atrás dela, Molly não me viu observar enquanto enfiava a mão na tigela e erguia um cubo de carne picada — crua o bastante para estar pingando sangue.

Toby latiu excitado enquanto Molly o provocava com a carne por um momento antes de jogá-la no ar na direção dele com um hábil golpe de pulso. Toby deu um pulo impressionante a partir da posição sentada e pegou a carne no ar. Ao ver Toby mastigando enquanto dava pequenas voltas, Molly começou a rir — o som sibilado ritmado que eu ouvira antes.

Molly pegou outro cubo de carne e acenou para Toby, que fez uma pequena dança de ansiedade canina. Dessa vez Molly o enganou, sibilando com os rodopios confusos dele e então, quando tinha certeza de que ele estava vendo, enfiou o pedaço de carne sangrento na própria boca. Toby latiu irritado, mas Molly esticou uma língua bizarramente comprida na direção dele.

Eu devo ter engasgado ou me mexido, porque Molly pulou da mesa e se virou para me encarar. Olhos arregalados, boca aberta revelando dentes pontudos afiados e sangue vermelho sobre sua pele clara, escorrendo pelo queixo. Depois lançou a mão sobre a boca e, com uma expressão de vergonha chocada, correu silenciosamente para fora da cozinha. Toby rosnou para mim, irritado.

— Não é culpa minha — disse a ele. — Só queria fazer um lanche.

Não sei do que ele estava reclamando; ficou com o resto da tigela de carne — eu consegui um copo d'água.



## Ação à distância

Apesar da cãibra e um claro aumento na força da minha empunhadura, meus esforços para criar uma *werelight* eram frustrantes. Em manhãs alternadas Nightingale demonstrava o feitiço e eu passava até quatro horas por dia abrindo a mão de forma significativa. Felizmente tive uma folga de três semanas em fevereiro, quando Lesley e eu devíamos oferecer provas contra Celie Munroe, a perpetradora do ataque no cinema de Leicester Square.

Naquela manhã aparecemos devidamente uniformizados — magistrados gostam de seus policiais vestindo uniforme — no horário determinado de dez horas, com a firme e garantida certeza de que o caso seria postergado até pelo menos duas horas. Como policiais prevenidos, havíamos levado nosso próprio material de leitura: Lesley tinha o último *Manual Blackstone do Investigador de Polícia*, e eu estava com o *Lendas do Vale do Tâmisa*, de Horace Pitman, publicado em 1897.

A Corte de Magistrados da Cidade de Westminster fica nos fundos da Estação Vitória, na Horseferry Road. É um caixote sem graça construído nos anos 1970; era considerado tão carente de méritos arquitetônicos que se falava em tombá-lo para que ficasse para a posteridade como um terrível alerta. Do lado de dentro as áreas de espera mantinham a combinação única de agitação congestionada e desumanidade nua que havia sido a glória da arquitetura britânica na segunda metade do século XX.

Havia dois bancos do lado de fora do tribunal. Sentamos em um deles, enquanto a acusada, Celie Munroe, seu advogado e uma



amiga que levava para dar apoio moral dividiam o outro com o Sr. Ranatunga e o irmão do Sr. Ranatunga. Nenhum deles queria estar ali, e todos nos culpavam.

— Alguma notícia de Los Angeles? — perguntei.

— Brandon Coopertown era um homem no limite — respondeu Lesley. — Aparentemente todos os seus negócios americanos fracassaram totalmente e sua produtora estava prestes a quebrar.

— E aquela casa? — perguntei.

— Prestes a desaparecer — disse Lesley. Eu olhei sem entender. — A hipoteca estava seis meses atrasada. E a renda dele este ano mal chegou a 35 mil.

Isso eram bons dez mil a mais do que eu ganhava como policial; minha empatia por ele era limitada.

— Está começando a parecer um caso clássico de extermínio familiar — disse Lesley, que estivera lendo sua psicologia forense.

— Pai enfrenta uma perda de status catastrófica, não consegue suportar a vergonha e decide que sem ele as vidas de esposa e filho não têm sentido. Ele surta, mata um colega de mídia, mata a família e mata a si mesmo.

— Fazendo seu rosto se desintegrar? — perguntei.

— Nenhuma teoria é perfeita — retrucou Lesley. — Ainda mais já que não conseguimos sequer encontrar uma razão para William Skirmish estar no West End naquela noite.

— Talvez estivesse de pegação — sugeri.

— Ele não estava de pegação — disse Lesley. — E eu saberia.

Como a linha do tempo de William Skirmish se tornou quase irrelevante para o caso, o trabalho de completá-la havia sido dado ao integrante mais novo da Equipe de Homicídios, ou seja, Lesley. Como ela dedicou tanto tempo e esforço em reconstruir as últimas horas de William Skirmish, estava inteiramente disposta, na verdade encantada, em partilhá-las comigo nos mínimos detalhes. Ela verificou as inclinações românticas de William Skirmish e não encontrou indícios de circular pelo West End em busca de sexo — totalmente monógamo, nosso William —, todos eles caras que conhecera no trabalho ou por intermédio de amigos comuns. Ela também rastreou todas as câmeras de vigilância pelas quais ele passou naquela noite, e pelo que Lesley podia dizer ele caminhou

de sua casa até a estação de Tufnell Park e pegou o metrô para Tottenham Court Road. De lá, caminhou diretamente para Covent Garden pela Mercer Street, para seu encontro fatal com Coopertown. Sem desvios nem hesitação, como se tivesse um compromisso.

— Quase como se alguma coisa estivesse mexendo com sua cabeça — ela disse. — Certo?

Então contei a ela sobre o feitiço *dissimulo* e a teoria de que algo havia invadido a mente de Coopertown, o obrigado a mudar o rosto, matar William Skirmish e depois a família. Isso, naturalmente, levou a uma descrição de minha visita a Mama Tâmis, das lições de magia e de Molly, a estranha empregada.

— Você deveria estar me contando isso? — perguntou Lesley.

— Não vejo por que não — respondi. — Nightingale nunca disse para não contar. Seu chefe também acredita que essa coisa é real; ele apenas não gosta muito.

— Então alguma coisa estava mexendo com a cabeça de Coopertown, certo? — perguntou Lesley.

— Certo — respondi.

— E o que quer que fosse, também poderia estar interferindo com a cabeça de William Skirmish — continuou ela. — Poderia tê-lo obrigado a ir para o West apenas para poder ter sua cabeça arrancada. Quero dizer, se isso pode bagunçar a cabeça de alguém, por que não outra, por que não a sua ou a minha?

Eu me lembrei do horror no rosto de Coopertown enquanto ele se arrastava na minha direção pelo balcão e do cheiro de sangue.

— Obrigado por essa ideia, Lesley — falei. — Certamente a guardarei para sempre; provavelmente tarde da noite enquanto estiver tentando dormir.

Lesley olhou para onde Celie Munroe estava sentada, reservadamente.

— Ela tinha o mesmo tipo de fúria louca repentina — disse. — E se a cabeça dela também estivesse sendo bagunçada?

— O rosto dela não desmontou — falei.

Celie Munroe nos viu olhando para ela e se encolheu.

— E se Coopertown foi a coisa grande e ela apenas um eco? — tentou Lesley. — Poderia haver outros incidentes acontecendo pelo

lugar inteiro, e nós apenas estávamos lá quando este explodiu.

— Podíamos verificar os relatórios de crimes e descobrir se algum se encaixa — respondi. — Ver se há um conjunto.

— Seria em Westminster e Camden — disse Lesley. — É muito crime.

— Limite a agressões físicas e sem antecedentes — retruquei.  
— O computador deve fazer a maior parte do trabalho.

— O que você vai fazer? — perguntou ela.

— Devo aprender a fazer luz — respondi.

Dois dias depois Nightingale me chamou do primeiro andar assim que saí do banheiro. O treinamento havia sido cancelado e, assim parecia, também o café da manhã. Nightingale vestia o que eu reconheci como seu “terno de trabalho” de tweed espinha de peixe marrom claro, jaquetão, couro nos cotovelos. Levava sua capa Burberry original dobrada sobre o braço e carregava a bengala de castão de prata — algo que eu nunca antes o vi fazer à luz do dia.

— Estamos indo a Purley — disse e, para minha surpresa, me jogou as chaves do Jaguar.

— O que há em Purley? — perguntei.

— Não vou lhe dizer — respondeu. — Prefiro que tire suas próprias conclusões.

— É assunto policial ou coisa de aprendiz?

— Ambos — disse Nightingale.

Eu sentei ao volante do Jaguar, virei a chave na ignição e passei um momento saboreando o ronco do motor. É importante não apressar as coisas boas da vida.

— Quando estiver pronto — disse Nightingale.

Ele não funcionava tão bem quanto eu esperava, mas o modo como o motor reagiu ao meu pé no acelerador compensou qualquer falha, incluindo a direção dura demais e o aquecedor que de tempos em tempos soprava ar quente mofado no meu rosto.

Cruzei a ponte de Lambeth. O tráfego em Londres durante a semana é sempre ruim, passamos por Brixton e até Streatham. Além dali estávamos nos subúrbios do sul de Londres, hectares de casas eduardianas de dois andares intercaladas por ruas principais idênticas.

Eventualmente passávamos por retângulos irregulares de áreas verdes, remanescentes de antigas vilas que haviam se juntado como pontos de mofo em uma placa de Petri.

A A23 se transformou na Purley Way, e passamos por duas chaminés altas coroadas com o logotipo da IKEA. A parada seguinte era Purley, lugar famoso.

Uma van VW com as cores da Brigada de Incêndio de Londres esperava por nós no estacionamento da estação de Purley. Quando estacionamos ao lado dela um homem grande saiu pela porta lateral e ergueu a mão em um cumprimento. Estava na casa dos quarenta; tinha o nariz quebrado e os cabelos cortados bem curtos.

Nightingale o apresentou como Frank Caffrey.

— Frank trabalha no quartel de New Cross. Ele é nossa ligação na Brigada de Incêndio.

— Ligação para o quê? — perguntei.

— Isto — disse Frank, e me deu uma bolsa de lona. Era inesperadamente pesada, e quase a deixei cair. Algo fez um barulho metálico do lado de dentro.

— Tome cuidado — disse Nightingale.

Abri a tampa e dei uma olhada. Dentro havia dois cilindros de metal do tamanho de latas de aerossol, porém muito mais pesadas. Eram brancos com a inscrição *No. 80 WP Gren.* pintada no corpo. No alto havia um gatilho de mola mantido preso por um grande pino de metal.

Não sou especialista em assuntos militares, mas reconheço uma granada quando a vejo. Eu olhei para Nightingale, que acenou para mim irritado.

— Guarde isso — disse.

Fechei o saco e o pendurei cuidadosamente no ombro.

Nightingale se virou para Frank.

— Seu pessoal está pronto? — perguntou.

— Dois carros de prontidão; por garantia.

— Bom — disse Nightingale. — Devemos ter terminado em meia hora.

Voltamos ao Jaguar e Nightingale me guiou pela ponte da estação e por duas ruas idênticas até que disse: — Esta aqui.

Encontramos uma vaga virando a esquina e andamos o resto do caminho.

A Grasmere Road corria paralela à ferrovia e parecia absolutamente normal, uma sequência de casas isoladas e paredes construídas nos anos 1920. Não havia ninguém ali, as crianças ainda na escola, e seus pais no trabalho, e mantivemos um ritmo relaxado, ou pelo menos o mais relaxado que eu podia com duas granadas chacoalhando em meu colo. Qualquer um que nos visse nos tomaria por dois selvagens corretores de imóveis marcando território.

Nightingale virou repentinamente à esquerda, passando pelo portão de uma determinada casa, e seguiu para o portão de madeira da altura de uma porta que bloqueava o acesso à passagem lateral. Sem desacelerar, ele enfiou o braço direito no portão, palma virada para frente, e com um pequeno ruído o cadeado se soltou da madeira e caiu na calçada do outro lado.

Passamos pelo portão aberto e paramos na área isolada. Nightingale fez um gesto de cabeça para o portão e eu o mantive fechado com um grande vaso de flores de cerâmica. Ainda havia terra no vaso, com um caule preto ressecado se projetando. Verifiquei vasos semelhantes alinhados no lado ensolarado do caminho; também estavam todos mortos. Nightingale se curvou, apanhou um pouco de terra e a esmagou junto ao nariz. Eu o imitei, mas a terra não cheirava a nada, estéril, como se tivesse sido deixada em um parapeito de janela tempo demais.

— Eles ficaram um pouco aqui — disse Nightingale.

— Quem ficou? — perguntei, mas ele não respondeu.

A casa dava fundos para a linha do trem, então só tínhamos de nos preocupar com os vizinhos dos dois lados. O jardim não era uma selva, mas o gramado parecia não ser cortado havia meses, e trechos de canteiros de flores antes bem-cuidados estavam tão mortos quanto os vasos de plantas. As portas duplas que levavam ao pátio estavam trancadas, e as cortinas bem fechadas. Demos a volta até a cozinha. As venezianas estavam baixadas nas janelas e a porta, trancada por dentro.

Olhei atentamente, esperando que Nightingale fizesse novamente a coisa de soltar cadeados, mas em vez disso ele

simplesmente quebrou a janela com a bengala. Enfiou a mão, soltou o trinco e abriu a porta. Eu o segui para dentro.

Era uma cozinha suburbana absolutamente normal. Balcões suecos, forno e fogão a gás, micro-ondas, falsos jarros de pedra marcados “açúcar”, “chá” e “café”. A geladeira com freezer estava desligada, bilhetes e contas presas nas portas com ímãs. A conta mais nova era de seis meses antes. Perto dela um bilhete dizia: “Vô?” Abaixo havia uma programação que incluía horários de saída de creche.

— Crianças moram aqui — falei.

Nightingale parecia soturno.

— Não mais — disse. — Foi uma das coisas que nos alertaram.

— Isso não vai terminar bem, vai? — perguntei.

— Não para a família que morava aqui — respondeu.

Nós nos esgueiramos para o corredor. Nightingale mandou que eu verificasse o andar de cima. Estiquei meu cassetete e o deixei pronto enquanto subia os degraus. A janela acima das escadas tinha sido grosseiramente coberta com folhas de papel preto para bloquear a luz do sol. Uma das folhas tinha um desenho de uma casa com janelas quadradas, feito por uma criança, com uma espiral de fumaça saindo de uma chaminé deformada e bonequinhos de mamãe e papai orgulhosos ao lado dela.

Enquanto eu pisava no patamar uma palavra se formou em minha mente: três sílabas, começando com V e rimando com tiro. Eu fiquei paralisado. Nightingale dissera que tudo era verdade, de certa forma, e isso tinha de incluir vampiros, não? Eu duvidava que eles fossem como eram nos livros e na TV, e de uma coisa eu tinha certeza: não iriam virar pó à luz do sol.

Havia uma porta à minha esquerda. Eu me obriguei a passar por ela. Um quarto de criança, um garoto pequeno o bastante para ainda ter Lego e bonecos de ação espalhados pelo chão. A cama estava bem arrumada com fronhas e edredom azul e lilás combinando. O garoto gostava de Ben 10 e do Chelsea FC o suficiente para ter pôsteres deles nas paredes. Havia um cheiro de poeira, mas nada do mofo e da umidade que eu associaria a uma casa abandonada há tanto tempo. O quarto principal era semelhante, a cama bem-feita e um cheiro de poeira seca, mas sem

teias de aranha dos cantos do teto. O despertador digital junto à cama havia parado, embora estivesse ligado na tomada.

Quando eu o pequei, areia branca escorreu por um encaixe no fundo.

Eu o recolquei cuidadosamente no lugar e fiz uma anotação mental de verificar depois.

O aposento principal nos fundos da casa era o quarto de bebê. Papel de parede Beatrix Potter, um berço, um cercado. Um móvel de madeira antialérgica da Galt's Educational Toys tremulava à brisa que entrava pela porta aberta. Assim como nos outros quartos, não havia nenhum sinal de luta ou mesmo de partida apressada; tudo estava organizado. Nada natural em um quarto de criança. Igualmente antinatural era a falta de mofo no chuveiro e o não-cheiro poeirento da água na cisterna.

O último quarto no andar de cima era o que um corretor de imóveis chamaria de aposento adequado para crianças pequenas ou anões com agorafobia. Havia sido transformado em um pequeno escritório com um computador Dell com dois anos e, previsivelmente, um arquivo e uma luminária IKEA. Quando toquei o computador tive uma sensação de poeira e ozônio, um *vestigium* que reconheci do quarto principal.

Abri a lateral do gabinete e encontrei dentro a mesma areia branca. Eu a esfreguei entre os dedos. Era muito fina, quase um pó, mas definitivamente granulada e salpicada de ouro. Estava prestes a tirar a placa-mãe quando Nightingale apareceu no umbral.

— O que você está esperando? — sibilou.

— Estou verificando o computador — respondi.

Ele hesitou, tirou os cabelos da testa.

— Deixe isso para lá — falou. — Só falta olhar em um lugar.

Eu teria de me lembrar de retornar com um saco de evidências e levar o computador inteiro.

Havia uma porta no corredor que levava a uma escada estreita que descia. Os degraus eram tábuas de madeira gastas que imaginei terem sido instaladas quando a casa foi construída. Uma lâmpada incandescente sem luminária balançava do outro lado da porta, me ofuscando e tornando ainda mais intensa a penumbra na base da escada.

O porão, pensei; por que não estou surpreso?

— Bem, o tempo está passando — disse Nightingale.

Fiquei feliz de deixá-lo ir na frente.

Estremeci enquanto descíamos as escadas estreitas. Era frio, como entrar em um freezer, mas notei que quando respirava meu fôlego não condensava. Coloquei a mão sob a axila, mas não havia diferença de temperatura. Não era um frio físico, tinha de ser um tipo de *vestigium*.

Nightingale parou, deslocou seu peso e flexionou os ombros como um pugilista se preparando para lutar.

— Está sentindo isto? — perguntou.

— Sim — sussurrei. — O que é?

— *Tactus disvitalae* — respondeu. — O cheiro da antevida; eles devem estar aqui.

Ele não disse o quê, e não perguntei. Recomeçamos a descer as escadas.

O porão era estreito e bem iluminado, fiquei surpreso ao descobrir, por uma lâmpada fluorescente que corria pela metade do comprimento.

Alguém havia colocado prateleiras ao longo de uma parede e otimistamente montou uma bancada de trabalho abaixo. Mais recentemente um colchão velho havia sido jogado no piso de concreto, e nele estavam deitados dois vampiros. Pareciam vagabundos, vagabundos antiquados daqueles que se vestiam com camadas de roupas esfarrapadas e rosnavam para você desde as sombras. A sensação de frio se intensificava à medida que Nightingale e eu nos aproximávamos. Eles pareciam dormir, mas não havia som de respiração e nada do ar abafado que um ser humano adormecido produziria em um ambiente confinado.

Nightingale me deu uma fotografia de família emoldurada, obviamente apanhada na sala de estar, e passou a bengala para a mão direita.

— Preciso de duas coisas — disse. — Preciso que confirme as identidades deles e verifique se têm pulso. Pode fazer isso?

— O que você estará fazendo?

— Eu irei dar cobertura a você — respondeu. — Caso acordem. Pensei naquilo por um momento.



— É provável que acordem?

— Já aconteceu antes — respondeu Nightingale.

— Com que frequência?

— Passa a ser mais provável quanto mais tempo ficamos aqui — falou Nightingale.

Eu me agachei e estiquei a mão cautelosamente para afastar a lapela do casaco daquele mais próximo. Tomei o cuidado de não tocar na pele. Era o rosto de um homem de meia-idade com bochechas lisas como porcelana e lábios pálidos. Eu o comparei com a fotografia, e embora os traços fossem os mesmos ele não parecia com o pai sorridente na fotografia. Dei a volta para dar uma olhada no segundo corpo. Aquele era do sexo feminino, e o rosto correspondia ao da mãe.

Misericordiosamente Nightingale escolheu uma foto sem as crianças.

Eu estendi a mão para sentir o pulso e hesitei.

— Nada vive nesses corpos — disse Nightingale. — Nem mesmo bactérias.

Apertei os dedos no pescoço do homem. Sua pele era fria e não havia pulsação. A mulher era o mesmo. Eu me levantei e recuei.

— Nada — anunciei.

— De volta para cima — disse Nightingale. — Rapidamente.

Eu não corri, mas também não chamaria de relaxado o modo como subi aquelas escadas. Atrás de mim Nightingale subiu de costas, a bengala erguida e pronta.

— Pegue as granadas — comandou.

Eu tirei as granadas da bolsa, Nightingale pegou uma e me mostrou o que fazer. Minha mão tremia um pouco e o pino se mostrou mais difícil de puxar que eu esperava. Acho que é uma característica de segurança em uma granada. Nightingale puxou o pino e apontou o explosivo para o porão.

— No três — ele disse. — E se assegure de que chegue até o fundo.

Ele contou, e no três jogamos nossas granadas pelas escadas e eu, estupidamente, fiquei olhando enquanto ela pulava para o fundo até que Nightingale agarrou meu braço e me arrastou dali.

Sequer tivemos tempo de chegar à porta da frente quando ouvi um baque duplo sob nossos pés. No momento em que havíamos saído da casa e chegado ao jardim da frente, fumaça branca subia do porão.

— Fósforo branco — disse Nightingale.

Um grito fino começou a subir de algum ponto lá dentro. Não humano, mas bastante parecido.

— Você ouviu isso? — perguntei a Nightingale.

— Não — ele respondeu. — E nem você.

Vizinhos preocupados saíram apressados para ver o que estava acontecendo ao seu patrimônio, mas Nightingale mostrou o distintivo a eles.

— Não se preocupem, nos asseguramos de que não havia ninguém no interior — disse. — Realmente sorte que estivéssemos passando.

O primeiro carro dos bombeiros chegou menos de três minutos depois, e fomos afastados da casa. A Brigada de Incêndio reconhece apenas dois tipos de pessoas em um incêndio, vítimas e obstáculos, e se você não quer ser nenhum dos dois, melhor recuar.

Frank Caffrey chegou à cena, ele e Nightingale se cumprimentaram com um movimento de cabeça, antes que fosse a passos largos até o bombeiro no comando. Nightingale não tinha de explicar o que iria acontecer; assim que o incêndio fosse apagado, Frank, como Investigador de Incêndio, iria examinar o local e declarar que havia sido causado por algo plausível e eliminar qualquer evidência em contrário.

Sem dúvida havia acertos igualmente discretos para lidar com os restos dos corpos no porão, e a coisa toda se passaria como apenas outro incêndio doméstico diurno. Provavelmente uma falha elétrica, sorte que não havia ninguém no interior no momento, isso faz você pensar em instalar um detector de fumaça, não?

E é assim, senhoras e senhores, que lidamos com vampiros na velha cidade de Londres.

É difícil descrever a sensação do sucesso. Mesmo antes de conseguir produzir meu primeiro feitiço eu lentamente me dei conta de que estava chegando perto. Como um motor de carro

começando a funcionar em uma manhã fria, podia sentir algo surgindo em meus pensamentos.

Com uma hora de treinamento eu parei, respirei fundo e abri a mão.

Lá estava, do tamanho de uma bola de golfe e brilhante como o sol da manhã: um globo de luz.

Foi quando descobri por que Nightingale insistira em que mantivesse uma pia cheia de água por perto enquanto fazia aquele exercício.

Diferentemente do globo de luz dele, o meu era amarelo e liberava calor, muito calor. Eu gritei enquanto minha palma queimou e enfiei a mão na pia. O globo cuspiu e apagou.

— Você queimou a mão, não é mesmo? — disse Nightingale. Eu não o ouvi entrar.

Eu tirei a mão da água e dei uma olhada. Havia uma mancha rosa na palma, mas não parecia muito sério.

— Sim — disse. Não conseguia acreditar; eu tinha feito magia de verdade. Não era um truque de palco de Nightingale.

— Faça novamente — ele ordenou.

Dessa vez eu sustentei a mão bem acima da pia, formei a chave em minha mente e abri a mão.

Nada aconteceu.

— Não pense na dor — disse Nightingale. — Encontre a chave, faça novamente.

Eu procurei a chave, senti o motor ligar e abri a mão.

Queimou novamente, mas não foi tão quente e minha mão estava muito mais perto da água. Ainda assim, verifiquei a palma — formaria bolhas.

— E mais uma vez — comandou Nightingale. — Reduza o calor, mantenha a luz.

Fiquei surpreso com a facilidade em obedecer. Chave, poder, liberar — mais luz, menos calor. Dessa vez cáldo, não quente, e um tom amarelo como o de uma velha lâmpada incandescente de 40 watts.

Nightingale não precisou falar novamente.

Eu abri a palma da mão e produzi um globo de luz perfeito.

— Agora sustente — disse Nightingale.

Era como equilibrar um azevinho na palma da mão: a teoria é simples, mas na prática dura cinco segundos, no máximo. Meu belo globo estourou como uma bolha de sabão.

— Bom — disse Nightingale. — Vou lhe dar uma palavra, e quero que diga essa palavra sempre que fizer o feitiço. Mas é muito importante que o efeito do feitiço seja consistente.

— Por quê?

— Explicarei em um minuto — respondeu Nightingale. — A palavra é *lux*.

Fiz a magia novamente: chave, motor. Eu disse a palavra ao liberar.

O globo se sustentou por mais tempo — definitivamente estava ficando mais fácil.

— Quero que você pratique essa magia, e apenas essa magia, por pelo menos mais uma semana — disse Nightingale. — Você sentirá ânsia de experimentar, torná-lo mais brilhante, movê-lo...

— É possível movê-lo?

Nightingale suspirou.

— Não pela próxima semana. Pratique até que a palavra se torne a magia e a magia se torne a palavra. De modo a que dizer *lux* produza luz.

— *Lux*? — perguntei. — Que língua é essa?

— É luz em latim — respondeu. — Eles não ensinam mais latim nas escolas secundárias modernas?

— Não na minha.

— Não se preocupe — disse Nightingale. — Também posso orientá-lo nisso.

Sorte minha, pensei.

— Por que usar latim? — perguntei. — Por que não usar inglês ou inventar as próprias palavras?

— *Lux*, a magia que você acabou de fazer, é o que chamamos de forma — disse Nightingale. — Cada uma das formas básicas que você aprende tem um nome: *Lux*, *Impello*, *Scindere* e outras. Assim que elas são incorporadas você pode combinar as formas para criar feitiços complexos da mesma forma que combina palavras para criar uma frase.

— Como notação musical? — perguntei.

Nightingale sorriu.

— Exatamente como notação musical — respondeu.

— Então, por que não usar notação musical?

— Porque na biblioteca principal há milhares de livros detalhando como fazer magia, e todos usam as formas latinas padronizadas — disse Nightingale.

— Presumivelmente tudo isso foi inventado por Sir Isaac? — perguntei.

— As formas originais estão no *Principia Ars Magicis* — respondeu Nightingale. — Houve mudanças ao longo dos anos.

— Quem fez as mudanças?

— Pessoas que não conseguem resistir a remexer nas coisas — disse Nightingale. — Pessoas como você, Peter.

Então Newton, como todos os bons intelectuais do século XVII, escrevia em latim porque essa era a língua internacional da ciência, da filosofia e, eu descobri mais tarde, da pornografia de alto nível. Pensei em se haveria uma tradução.

— Não do *Ars Magicis* — disse Nightingale.

— Não queremos o povão aprendendo magia, não é mesmo?

— Basicamente isso.

— Não me diga — falei. — Nos outros livros não são apenas as formas. Tudo é escrito em latim.

— Com exceção das coisas em grego e árabe — disse Nightingale.

— Quanto tempo leva para aprender todas as formas? — perguntei.

— Dez anos — respondeu Nightingale. — Caso trabalhe duro.

— É melhor começar.

— Pratique duas horas e depois pare — comandou Nightingale.

— Não faça a magia novamente antes que seis horas tenham se passado.

— Não estou cansado, sabe. Posso continuar com isso o dia todo.

— Se você exagerar pode haver consequências — avisou Nightingale.

Não gostei de como aquilo soou.

— Que tipo de consequências?

— Derrames, hemorragias cerebrais, aneurismas...

— Como você sabe que exagerou?

— Quando você tem um derrame, uma hemorragia cerebral ou um aneurisma — respondeu Nightingale.

Lembrei-me do cérebro de couve-flor ressecado de Brandon Coopertown e do Dr. Walid dizendo: *Esse é seu cérebro com overdose de magia*.

— Obrigado pela dica — disse.

— Duas horas — disse Nightingale da porta. — Depois me encontre no estúdio para sua aula de latim.

Esprei até ele ter saído antes de abrir minha mão e sussurrar:  
— *Lux!*

Dessa vez o globo liberou uma luz branca suave e não mais quente que um dia ensolarado.

— Cacete, — pensei. — Eu consigo fazer magia.



## A garagem

Durante o dia, quando eu não estava no laboratório, estudando, meu trabalho era escutar a campainha e atender a porta da frente quando tocava. Isso acontecia com tão pouca frequência que na primeira vez demorei um minuto para descobrir o que era aquele barulho.

Era Beverley Brook em uma jaqueta de tricô azul vibrante com capuz levantado.

— Você demorou — ela disse. — Está gelado aqui fora.

Eu disse que poderia entrar, mas ela pareceu desconfiada e disse que não podia.

— Mamãe diz que não devo, diz que é desfavorável àqueles como nós.

— Desfavorável?

— Campos de força mágicos e coisas assim — disse Beverley.

Isso fazia sentido, pensei. Certamente explicava por que Nightingale era tão relaxado com a segurança.

— Então por que está aqui?

— Bem — disse Beverley —, quando uma mamãe rio e um papai rio se amam muito...

— Engraçado.

— Mamãe diz que há umas coisas estranhas no Hospital Universitário que você deveria verificar.

— Que tipo de coisas estranhas?

— Disse que estava no noticiário.

— Não temos televisão — eu disse.

— Nem mesmo aberta?

— Nenhum tipo de TV.

— Cruel — disse Beverley. — Você vem ou não?

— Vou ver o que o inspetor diz — falei.

Encontrei Nightingale na biblioteca fazendo anotações sobre o que eu suspeitei fortemente que seria o dever de casa de latim do dia seguinte. Expliquei sobre Beverley e ele me mandou verificar. Quando voltei ao saguão Beverley se arriscara a atravessar a porta, embora estivesse o mais perto possível da soleira.

Surpreendentemente, Molly estava de pé ao lado dela, as cabeças juntas como se trocando confidências. Quando me ouviram chegar se afastaram com velocidade suspeita — senti minhas orelhas queimando. Molly passou apressada por mim e desapareceu nas profundezas de Folly.

— Vamos pegar o Jaguar? — perguntou Beverley enquanto eu vestia meu paletó.

— Por que, você vem comigo? — perguntei.

— Eu tenho de ir — disse Beverley. — Mamãe disse para eu facilitar.

— Facilitar o quê?

— A mulher que chamou é uma acólita — disse Beverley. — Não falará com você sem que eu esteja lá.

— Certo — disse. — Vamos.

— Vamos pegar o Jaguar?

— Não seja idiota — eu disse. — O Hospital Universitário fica a uma caminhada.

— Ah — disse Beverley. — Eu queria ir no Jaguar.

Então pegamos o Jaguar e ficamos presos em um engarrafamento na Euston Road, depois passamos mais vinte minutos procurando uma vaga. Estimei que demoramos o dobro do tempo dirigindo do que teríamos levado andando.

O University College Hospital ocupa dois quarteirões inteiros entre Tottenham Court Road e Gower Street. Fundado no século XIX, é conhecido basicamente por ser o hospital de ensino da University College de Londres e local de nascimento de Peter Grant, aprendiz de mago. Desde aquele momento grandioso em meados dos anos 1980, metade do espaço foi transformada em uma torre azul e branca cintilante que parecia como se um pedaço de Brasília houvesse caído no meio da Londres vitoriana.



O saguão era um amplo espaço limpo com muito vidro e tinta branca desfigurado apenas pelo grande número de pessoas doentes circulando. Policiais passavam muito tempo na emergência, perguntando às pessoas onde elas conseguiram os ferimentos à faca, lidando com bêbados violentos ou eles mesmos fazendo curativos. É uma das razões pelas quais tantos tiras se casam com enfermeiras — isso e o fato de que as enfermeiras compreendem esquemas de turnos de trabalho malucos.

A acólita de Beverley era uma enfermeira, magricela e pálida com cabelo lilás e sotaque australiano. Ela olhou para mim desconfiada.

— Quem é esse? — perguntou a Beverley.

— Um amigo — respondeu Beverley, e colocou a mão no braço da mulher. — Nós contamos tudo a ele.

A mulher relaxou e me deu um sorriso cheio de esperança. Parecia uma das adolescentes pentecostais da penúltima igreja da minha mãe.

— Não é maravilhoso fazer parte de algo real? — perguntou.

Eu concordei que fazer parte de algo real de fato era maravilhoso, mas seria muito legal se ela pudesse me contar o que havia visto.

Segundo ela, um mensageiro havia sido trazido de ambulância após um acidente de trânsito, e enquanto estava sendo tratado chutou o médico no olho. O médico ficou mais chocado que ferido gravemente, e o ciclista saiu correndo da emergência antes que a segurança conseguisse apanhá-lo.

— Por que isso tem a ver conosco? — perguntei.

— Foi o riso — disse a enfermeira. — Eu estava voltando à enfermaria quando ouvi o riso guinchado dele, como um pássaro. Depois eu ouvi Eric, o Dr. Framline, o médico ferido, eu o ouvi xingando, depois o ciclista saiu correndo da enfermaria, e havia algo errado com o rosto dele.

— Errado como? — perguntei.

— Apenas errado — respondeu, demonstrando exatamente a característica que torna as testemunhas oculares uma parcela tão útil da investigação policial. — Ele passou tão rápido que eu não vi muito, mas parecia... errado.

Ela me mostrou a enfermaria onde aquilo aconteceu, um cubículo branco e bege com uma maca e uma cortina para oferecer privacidade.

O *vestigium* — note que estou usando o singular — me atingiu como um tapa na cara assim que entrei. Violência, riso, suor seco e couro. O mesmo que no caso do pobre William Skirmish quando deitado no necrotério, apenas sem o cachorro barulhento irritante.

Dois meses antes eu teria entrado naquela enfermaria, estremecido, pensado “Isso é estranho” e saído novamente.

Beverley espiou dentro da sala e exigiu saber se eu descobrira algo.

— Preciso do seu telefone emprestado — disse.

— O que aconteceu com o seu? — perguntou.

— Eu o explodi em um acidente de magia — expliquei. — Não pergunte.

Beverley fez biquinho e me deu um Ericsson surpreendentemente grande.

— Você vai ter de recarregar.

A peça tinha lacres de látex e os botões eram grandes e protegidos por uma camada de plástico transparente.

— É projetado para funcionar debaixo d’água — ela disse. — Não pergunte.

— Pode pedir à sua acólita para descobrir o endereço do Dr. Framline para mim?

Beverley deu de ombros.

— Claro — disse. — E lembre-se, você fala, você paga!

Enquanto Beverley se distraía com a tarefa eu saí com o telefone dela para Beaumont Place, uma tranquila rua de pedestres que passava entre os lados velho e novo do hospital, e liguei para Nightingale.

Descrevi o incidente e o *vestigium*, e ele concordou que valia a pena ir à procura do mensageiro.

— Quero ficar de olho no médico — falei.

— Interessante — disse Nightingale. — Por quê?

— Estou pensando na sequência de eventos no assassinato de Skirmish — respondi. — Toby morde Coopertown no nariz, e é

quando tudo começa. Mas Coopertown só enlouquece mais tarde quando se depara com Skirmish em Covent Garden.

— Você acha que isso foi deflagrado por um encontro fortuito?

— Exatamente — eu disse. — Lesley diz que a Equipe de Homicídios não encontrou nenhuma razão para Skirmish sequer estar em Covent Garden naquela noite. Ele toma um ônibus para o West End, encontra Coopertown e tem a cabeça arrancada. Sem encontros, sem amigos, nada.

— Acha que as duas pessoas foram afetadas? — perguntou Nightingale. — Acha que um elemento externo fez com que se encontrassem?

— Tal coisa é possível?

— Qualquer coisa é possível — disse Nightingale. — Se o seu cachorro foi afetado juntamente com o mestre dele e Coopertown, isso explicaria porque era tão sensível aos *vestigia*.

Eu percebi que Toby se tornara meu cachorro.

— Então é possível?

— Sim — disse Nightingale, mas eu podia dizer que estava cético.

— E se o mensageiro estiver fazendo o papel de Toby e o médico o de Coopertown? — perguntei. — No mínimo não faria mal ficar de olho no médico até o entregador ser apanhado.

— Você pode cuidar disso? — perguntou Nightingale.

— Sem problema — respondi.

— Bom — falou Nightingale, e se ofereceu para coordenar a busca pelo entregador ciclista.

Eu desliguei enquanto Beverley Brook vinha caminhando do hospital, o balanço de seus quadris atraindo meus olhos. Ela sorriu quando me viu olhando e me deu uma folha de papel — o endereço do Dr. Framline.

— E agora, chefe? — perguntou.

— Onde posso deixar você? — perguntei.

— Não, não, não — disse Beverley rapidamente. — Mamãe diz para eu facilitar.

— Você facilitou — respondi. — Pode ir para casa agora.

— Não quero ir para casa. Mamãe está com toda a companhia, Ty, Effra e Fleet, para não falar em todas as senhoras. Você não

sabe como é.

Na verdade eu sabia exatamente como era, mas não iria contar a Beverley.

— Vamos lá, eu serei boazinha — disse ela, me olhando com olhos grandes. — Emprestei meu telefone.

Cedi antes que ela passasse para os lábios trêmulos.

— Mas você vai ter de fazer o que eu mandar.

— Sim, chefe — disse, e bateu continência.

Não é possível ficar de campana em um Jaguar clássico, então, para grande decepção de Beverley, voltamos para Folly para trocá-lo pela ex-patrolha. A garagem de Folly é nos fundos do prédio e ocupa todo o térreo da cocheira reformada. Dali é possível ver onde as portas originais, amplas e altas o bastante para permitir a entrada de um coche com quatro cavalos, haviam sido emparedadas e substituídas por uma porta de deslizar mais modesta. O Jaguar e a ex-patrolha ocupavam um espaço grande o bastante para quatro carruagens.

Diferentemente do saguão de entrada, a cocheira não pareceu incomodar Beverley de modo algum.

— O que aconteceu com os campos de força mágicos inimigos? — perguntei.

— Não aqui — disse ela. — Um pouco de proteção na porta da garagem, e é só.

Nightingale deixou o prédio, mas Molly me recebeu no saguão com uma sacola da Tesco's cheia de sanduíches enrolados em papel impermeável e amarrados com barbante. Não perguntei o que havia neles, mas duvidava que fosse frango tikka masala. De volta à cocheira, joguei minha bolsa e os sanduíches no banco de trás da ex-patrolha, me assegurei que Beverley havia colocado o cinto de segurança e parti para assediar um médico júnior.

O Dr. Framline morava em uma casa vitoriana de dois andares na Romford Road, Newham. Ficava mais a leste do que eu gosto de ir, mas não era uma vizinhança ruim. Encontrei uma vaga com uma linha de visão decente da porta da frente e saltei — eu sabia que nenhuma força no mundo seria capaz de manter Beverley no carro, então deixei que ela fosse comigo, deixando muito claro que ela ficaria de boca fechada.

Só havia uma campainha, e o pequeno jardim da frente estava tomado por cascalho, latas de lixo e dois vasos de plantas vermelho-brilhante vazios. Estava pensando que ou o Dr. Framline era dono do lugar inteiro ou dividia o espaço com amigos. Toquei a campainha e uma voz alegre disse que já estava indo. A voz pertencia a uma mulher roliça de rosto redondo do tipo que desenvolve uma boa personalidade porque a alternativa é o suicídio.

Mostrei meu distintivo a ela.

— Boa tarde, meu nome é Peter Grant, sou da polícia, e esta é minha colega Beverley Brook, que é um rio ao sul de Londres.

Você consegue dizer esse tipo de coisa a civis, porque seus cérebros trancam com a palavra “polícia”.

Na verdade acho que exagerei, porque a mulher franziu o cenho para Beverley e perguntou:

— Você disse que ela é um rio?

Por isso você não deve fazer gracinhas quando está trabalhando.

— Uma piada de escritório.

— Ela parece um pouco jovem para ser policial — disse a mulher.

— Não é — eu disse. — Está fazendo estágio.

— Posso ver sua identificação novamente? — solicitou a mulher.

Eu suspirei e dei a ela. Beverley deu um risinho debochado.

— Posso lhe dar o número do meu superior, caso queira — disse.

Isso costuma funcionar, já que os populares normalmente são mais preguiçosos do que desconfiados.

— Você está aqui por causa do que aconteceu no hospital? — perguntou a mulher.

— Sim — disse, aliviado. — Exatamente por isso estamos aqui.

— Acontece que Eric foi para a cidade — falou. — Você o perdeu por pouco; ele saiu há quinze minutos.

Claro que sim, pensei, sem dúvida para algum lugar a menos de quinhentos metros de onde Beverley e eu havíamos começado.

— Sabe para onde ele estava indo?

— Por que quer saber?

— Aachamos ter uma pista do homem que o atacou — respondi.  
— Precisamos que confirme alguns detalhes. Se fizermos isso logo poderemos conseguir uma prisão.

Isso a animou, e ela me deu não apenas o nome do pub para o qual o Dr. Framline estava indo, mas também o número do seu celular.

Beverley teve de trotar para me acompanhar enquanto voltávamos ao carro.

— Por que a pressa? — ela perguntou enquanto entrávamos.

— Eu conheço o pub. Fica na esquina de Neal Street e Shelton Street — disse, e saí sem esperar que Beverley colocasse o cinto.  
— Bem em frente há um espaço de pedestres diante da Urban Outfitters.

Eu disparei com a ex-patrolha, ou pelo menos o mais perto que você chega de disparar com um Ford Escort de dez anos, e cruzamos uma série de sinais vermelhos. Houve uma gritaria atrás de mim.

— Mensageiros ficam por ali. É conveniente por causa do pub e do café, e fica perto da maioria dos clientes deles — falei.

Começou a cair chuva no para-brisa e eu tive de diminuir a velocidade — as ruas estavam ficando molhadas. Quanto tempo o Dr.

Framline levaria para chegar a Covent Garden por transporte público?

Não menos de uma hora, mas ele saiu na frente e aquilo era Londres, onde o metrô com frequência era mais rápido que o carro.

— Ligue para o Dr. Framline — disse a Beverley.

Ela resmungou, ligou, esperou e disse: — Caixa postal. Provavelmente está no metrô.

Dei a ela o número de Lesley.

— Lembre-se, você fala, você paga — falou.

— É assim que funciona — retruquei.

Beverley levou o telefone ao meu ouvido para que eu pudesse manter as duas mãos no volante. Quando Lesley atendeu, pude ouvir ao fundo a sala de operações de Belgravia — verdadeiro trabalho policial.

— O que aconteceu com seu telefone? — ela perguntou. —  
Tentei ligar para você a manhã toda.

— Eu o quebrei fazendo magia — respondi. — O que me lembra:  
preciso que você me consiga um Airwave.

Airwave era o sofisticado rádio digital para tiras.

— Você não consegue um na sua delegacia? — ela perguntou.

— Você está brincando. Não acho que Nightingale tenha ouvido  
falar em Airwave. Ou mesmo em rádios. Na verdade, acho que ele  
se atrapalha um pouco com telefones.

Ela concordou em encontrar conosco na Neal Street.

A chuva estava despencando quando me arrastei pelo trecho  
para carros e pedestres da Earlham Street e parei na esquina, de  
onde podíamos ter uma boa visão do pub e do ponto de encontro  
dos mensageiros. Deixei Beverley no carro e atravessei para dar  
uma olhada no pub. Estava deserto; o Dr. Framline ainda não  
chegou.

Meus cabelos estavam encharcados quando voltei ao carro, mas  
eu tinha uma toalha na bolsa e a usei para secar a maior parte da  
água. Por alguma razão Beverley achou isso hilariante.

— Deixe que eu faço isso.

Dei a toalha a ela, que se inclinou e começou a esfregar minha  
cabeça. Um dos seus seios roçou no meu ombro e tive de resistir ao  
impulso de colocar o braço ao redor da cintura dela. Ela enfiou os  
dedos no meu couro cabeludo.

— Você nunca penteia isso? — perguntou.

— Não posso perder tempo — respondi. — Apenas raspo toda  
primavera.

Ela passou a palma da mão sobre minha cabeça e a deixou  
pousar levemente na nuca. Senti a respiração dela perto, na minha  
orelha.

— Você realmente não herdou nada do seu pai, não é?

Beverley se acomodou novamente em seu banco e jogou a  
toalha atrás.

— Sua mãe deve ter ficado desapontada. Aposto que ela achou  
que você teria grandes cachos.

— Poderia ser pior. Eu poderia ser menina — disse.

Beverley inconscientemente tocou seus próprios cabelos, que eram alisados e chegavam aos ombros.

— Você não sabe a metade. Razão pela qual você não vai me meter naquilo — disse, apontando com a cabeça para as ruas varridas pela chuva.

— Se você é uma deusa...

— Orixá — disse Beverley. — Nem espíritos nem gênios locais; orixá.

— Por que não faz alguma coisa em relação ao tempo? — perguntei.

— Para começar — disse ela com exagerada lentidão — você não mexe com o tempo, e em segundo lugar aqui é o norte de Londres, e esta jurisdição é de minhas irmãs mais velhas.

Eu havia encontrado um mapa dos rios de Londres do século XVII.

— Seriam Fleet e Tyburn? — perguntei.

— Você não a chama de Tyburn se não quiser passar o resto do dia pendurado de cabeça para baixo — disse Beverley. — Se encontrar com ela, melhor chamá-la de Lady Ty. Não que você vá querer encontrá-la.

Não que ela queira um dia encontrar você.

— Então você não se dá com elas?

— Fleet é legal. Mas barulhenta. Ty é apenas metida. Mora em Mayfair e vai a festas de pessoas chiques e conhece “gente importante”.

— A queridinha da mamãe.

— Só porque ela ajeita as coisas com os políticos — disse Beverley. — Toma chá no terraço do Palácio de Westminster. Eu tenho de ficar sentada em um carro com o garoto de recados de Nightingale.

— Se bem me lembro, foi você quem não quis ir para casa — falei.

Eu vi o carro de Lesley parando atrás de nós. Ela piscou os faróis e saltou. Eu me inclinei rapidamente para abrir a porta de trás para ela. A chuva bateu no meu rosto com força, e Lesley praticamente se jogou no banco de trás.



— Acho que vai inundar — disse, e pegou minha toalha, a usando para secar rosto e cabelos. Apontou com a cabeça para Beverley. — Quem é essa?

— Beverley, esta é a policial Lesley May — disse, e me virei para Lesley. — Esta é Beverley Brook, espírito do rio e vencedora do campeonato regional de Londres de falar ininterruptamente por cinco anos seguidos.

Beverley me socou no braço. Lesley deu a ela um sorriso encorajador.

— A mãe dela é o Tâmis, sabe?

— Mesmo? — reagiu Lesley. — E quem é seu pai?

— Isso é complicado — disse Beverley. — Mamãe disse que me encontrou descendo o riacho junto à pista de mão dupla em Kingston Vale.

— Em uma cesta? — perguntou Lesley.

— Não, simplesmente flutuando — respondeu Beverley.

— Ela foi gerada espontaneamente pelos midi-chlorians — eu disse.

As duas me olharam sem entender. — Deixem para lá.

— Seu homem já chegou? — perguntou Lesley.

— Ninguém chegou desde que estamos aqui — respondi.

— Você sabe como ele é? — perguntou Lesley.

Eu me dei conta de que não tinha a menor ideia de qual era a aparência do Dr. Framline. Estava esperando entrevistá-lo em casa antes de segui-lo.

— Tenho uma descrição — eu disse.

Lesley olhou para mim com pena e tirou uma impressão da foto da carteira de motorista do Dr. Framline.

— Ele seria um tira decente se conseguisse se lembrar dos detalhes — disse a Beverley.

Ela me deu algo que parecia o corpulento filho mutante de um Nokia e um walkie-talkie: um Airwave. Eu o enfiei no bolso de dentro do paletó. O aparelho era um pouco mais pesado que um celular e ia me deixar inclinado para o lado.

— É ele? — perguntou Beverley.

Olhamos para a chuva e vimos um casal se aproximando do final da Neal Street que dá para Covent Garden. O rosto do homem

correspondia à fotografia a não ser pelo hematoma no olho esquerdo e as tiras adesivas unindo os dois lados do corte na bochecha. Segurava um guarda-chuva acima da companheira, uma mulher corpulenta com uma capa de chuva laranja brilhante. Ambos sorriam e pareciam felizes.

Observamos em silêncio enquanto eles chegavam ao pub e, com uma pausa para sacudir o guarda-chuva, entraram.

— Me diga por que estamos aqui mesmo? — perguntou Lesley.

— Já encontrou o mensageiro? — perguntei.

— Não. E não acho que meu chefe goste do seu chefe o tratando como seu menino de recados.

— Diga que ele é bem-vindo ao clube — falei.

— Diga você mesmo — retrucou Lesley.

— Do que são os sanduíches? — perguntou Beverley.

Eu abri a sacola da Tesco, desenrolei os embrulhos e encontrei pão branco crocante recheado com rosbife e conserva de mostarda com raiz-forte — muito legal, mas uma vez meu almoço tinha sido cérebro de vitela frito, então eu tendia a ser cauteloso com os sanduíches de Molly. Lesley, que come sem medo e acha que gelatina de enguia é um manjar, foi fundo, mas Beverley hesitou.

— Se eu comer isso você não irá esperar nenhum compromisso, irá?

— Beverley perguntou.

— Não se preocupe. Tenho um purificador de ar na bolsa — eu disse.

— Estou falando sério. Tem um cara no apartamento da minha mãe que apareceu um dia de 1997 para recuperar alguns móveis. Uma xícara de chá e um biscoito depois, ele nunca mais saiu. Eu costumava chamá-lo de tio Meirinho. Ele faz serviços estranhos ali, conserta coisas e mantém o lugar limpo, e minha mãe nunca o deixará ir embora — disse Beverley, enfiando um dedo no meu peito. — Então eu quero saber quais as suas intenções com este sanduíche.

— Posso lhe assegurar que minhas intenções são honradas — disse, mas uma parte de mim estava pensando em como cheguei perto de comer aquele biscoito de nata no apartamento de Mama Tâmis.

— Jure pelo seu poder — disse Beverley.  
— Eu não tenho nenhum poder — respondi.  
— Bem lembrado — disse Beverley. — Jure pela vida de sua mãe.

— Não — retruquei. — Isso é infantil.  
— Tudo bem — disse Beverley. — Eu arrumo minha própria comida.

Ela saltou do carro e saiu pisando duro, deixando a porta aberta. Notei que ela esperou a chuva diminuir antes de ter um chique.

— Isso é verdade? — perguntou Lesley.

— Qual parte?

— Feitiços, comida, compromissos, magos; o meirinho. Deus do céu, Peter, isso é no mínimo cárcere privado.

— Parte disso é verdade. Não sei quanto. Acho que se tornar um mago tem a ver com descobrir o que é real e o que não é.

— A mãe dela é realmente a deusa do Tâmis?

— Ela acha que é, eu a conheci e estou começando a achar que pode ser — respondi. — Ela tem poder de verdade, então vou tratá-la como filha de verdade até descobrir algo diferente.

Lesley se inclinou sobre o encosto do banco e me olhou nos olhos.

— Você consegue fazer magias? — perguntou suavemente.

— Consigo fazer uma — respondi.

— Mostre.

— Não posso. Se fizer agora explodirei os Airwave, o aparelho de som e provavelmente a ignição. Foi assim que detonei meu telefone; estava no meu bolso enquanto eu praticava.

Lesley inclinou a cabeça para o lado e me deu um olhar frio.

Eu estava prestes a protestar quando Beverley esmurrou minha janela. Eu baixei o vidro.

— Só achei que você deveria saber que parou de chover — ela disse.

— E que há um mensageiro descendo a rua a pé.

Eu e Lesley saímos do carro, o que mostra como éramos inexperientes em vigilância básica, considerando que estávamos tentando ser discretos e fingir bater um papo descontraído. Em

nossa defesa, havíamos acabado de passar dois anos vestindo uniforme, e chamar atenção é o objetivo de um policial uniformizado.

Beverley devia ter uma boa visão, pois o mensageiro estava na extremidade da Neal Street virada para a Shaftesbury Avenue e se aproximando em um ritmo lento e deliberado. Estava empurrando a bicicleta, o que era suspeito, e vi que a roda de trás estava amassada.

Tive uma profunda sensação de desconforto, mas não sabia dizer se era eu ou algo externo.

Um cachorro começou a latir. Atrás de nós uma mãe deu uma bronca em uma criança que queria ser carregada no colo. Eu podia ouvir a chuva escorrendo para um bueiro em alguma parte e me vi fazendo um esforço para escutar — não sei exatamente o quê. Então ouvi: um risinho fino, contido, agudo que pareceu vir flutuando de longe.

O mensageiro parecia normal, vestindo uma bermuda de lycra amarela e preta dolorosamente apertada, uma mochila de mensageiro com um rádio preso à alça de ombro e um capacete azul e branco.

Tinha um rosto estreito e uma boca que era uma linha fina sob um nariz pontudo, mas seus olhos estavam preocupantemente vazios. Não gostei do modo como ele caminhava. A roda traseira retorcida raspava no garfo e o homem parecia mover o pescoço de forma pouco natural a cada volta. Decidi que seria má ideia deixá-lo se aproximar mais.

— Desgraçado! — um grito atrás de mim e barulho de algo quebrando.

Eu me virei, mas não vi nada até Lesley apontar para as portas duplas de vidro da Urban Outfitters. Um homem estava sendo jogado com violência contra o lado de dentro das portas, com força suficiente para arrancar uma delas das dobradiças e abrir espaço para permitir a fuga do homem. Ele parecia um turista ou estudante estrangeiro, bem vestido ao estilo europeu, cabelos louros escuros compridos demais, porém respeitáveis, uma mochila azul de brinde da Swissair ainda pendurada no ombro. Ele balançou a cabeça como se estivesse atônito e se encolheu para trás quando seu agressor escancarou as portas e foi na sua direção.

Era um homem baixo e roliço com cabelos castanhos e óculos redondos de aro de metal. Vestia uma camisa branca com plaqueta de gerente presa no bolso. Suava e seu rosto brilhante estava vermelho de raiva.

— Estou farto — ele gritou. — Eu tento ser educado, mas não, você tem de me tratar como se fosse um maldito escravo.

— Ei, polícia — gritou Lesley, avançando na direção deles com distintivo na mão esquerda, a direita pousada no punho de seu cassetete extensível. — Qual é o problema?

— Ele me atacou — disse o jovem. Decididamente com um sotaque.

Alemão, achei.

O gerente de loja, furioso, hesitou e se virou para Lesley, os olhos piscando atrás dos óculos.

— Ele estava falando ao telefone — disse o gerente. A violência parecia ter sido drenada dele. — Enquanto estava no caixa. Não que tivesse recebido um telefonema; ele mesmo ligou enquanto pagava. Eu devo ter uma interação mutuamente benéfica e educada com ele, e o desgraçado me ignora e dá um telefonema.

Lesley se colocou entre os dois homens e gentilmente conduziu o gerente para trás.

— Por que não entramos e você me conta tudo o que aconteceu? — disse. Realmente era uma maravilha vê-la trabalhar.

— Quero dizer, por quê? — continuou o gerente. — O que era tão importante que não podia esperar?

Beverley deu um tapa no meu braço.

— Peter. Lá.

Eu me virei bem a tempo de ver o Dr. Framline avançar pela rua brandindo uma vara com a metade da sua altura. Sua namorada saiu do pub atrás dele, gritando seu nome, confusa. Eu corri o mais rápido que pude, passando pela mulher, mas não havia como chegar ao Dr.

Framline antes que ele alcançasse seu alvo.

O mensageiro sequer ergueu um braço para se defender quando o Dr. Framline o acertou no ombro com a vara. Eu vi o braço do homem se torcer, quebrado, e sua mão soltar a bicicleta, que começou a cair de lado.

— Quanto mais tomar, melhor para você — gritou o médico, erguendo a vara novamente.

Eu o acertei na parte inferior, jogando meu ombro no ponto macio logo acima do quadril, de modo que ele caiu de lado e amorteceu minha queda, em vez de o contrário. Eu ouvi a bicicleta cair na rua e depois a vara bater no piso. Tentei imobilizar o Dr. Framline, mas ele parecia espantosamente forte, e enfiou um cotovelo em meu peito com força suficiente para me deixar ofegando. Tentei agarrar suas pernas e levei uma joelhada no rosto.

— Polícia — gritei. — Pare de lutar.

De forma impressionante, ele fez isso.

— Obrigado — eu disse; pareceu educado.

Tentei me levantar, mas alguém me acertou um golpe tão forte que caí de cara no chão antes mesmo de registrar que havia sido atingido.

Em uma luta de rua, não importa o quanto você esteja machucado, o chão não é seu amigo, então rolei e tentei me levantar novamente.

Enquanto fazia isso vi o mensageiro pegar a vara do chão e virá-la na direção do Dr. Framline. O médico se encolheu para sair do caminho, mas a vara o atingiu no alto do braço. Ele escorregou e caiu, arfando de dor.

Uma onda de emoções se abateu sobre mim: orgulho, excitação e um toque de violência, como aquela da torcida da casa em um jogo de futebol quando seu time tem uma chance de gol.

Dessa vez eu vi o *dissimulo* acontecendo: o queixo do mensageiro pareceu inchar, eu ouvi o distinto estalo de osso e dentes se projetando para frente em uma ponta. Os lábios se contorceram em um esgar enquanto o nariz se esticava ficando mais comprido. Não era um rosto real, era uma caricatura que nenhum ser humano poderia ter na vida real. A boca se abriu e pude ver as ruínas vermelhas de seu maxilar.

— É assim que se faz! — ele guinchou e ergueu a vara.

O cassetete de Lesley o acertou atrás da cabeça. Ele cambaleou, Lesley o acertou novamente e, com um suspiro gargarejante, ele caiu para frente sobre mim. Eu me arrastei e o virei de costas, mas já era tarde demais. O rosto dele desmontou como

papel machê molhado. Vi a pele se rasgando ao redor do nariz e do queixo, e então um grande pedaço de pele descamou e rolou sobre a testa. Tentei me forçar a fazer algo, mas nada em meu treinamento de primeiros socorros havia me preparado para o rosto de alguém se abrindo como uma estrela do mar.

Deslizei a palma da mão sob o pedaço de pele, sentindo arrepios com a umidade quente, e tentei colocá-la novamente sobre o rosto.

Tinha uma vaga ideia de que deveria pelo menos tentar impedir a hemorragia.

— Me solte — gritou o Dr. Framline. Eu olhei para ele e vi que Lesley já o algemara. — Me solte. Posso ajudá-lo.

Lesley hesitou.

— Lesley — eu disse, e ela começou a tirar as algemas do médico.

Tarde demais. O mensageiro ficou rígido de repente, suas costas arquearam e uma maré de sangue subiu de seu pescoço e forçou passagem pelos rasgões na pele e os espaços entre meus dedos.

O Dr. Framline avançou e enfiou os dedos no pescoço do mensageiro. Mudou a posição, procurando pulsação, mas pude ver pela sua expressão que não havia nenhuma. Ele finalmente balançou a cabeça e me disse para soltar. O rosto do mensageiro se abriu novamente.

Alguém estava gritando e tive de conferir se não seria eu. Poderia ser. Certamente queria gritar, mas me lembrei de que, naquele instante e lugar, Lesley e eu éramos os únicos tiras e o público não gosta quando a polícia começa a gritar: isso contribui para uma impressão de que as coisas não estão sob controle.

— Senhoras e senhores — falei. — Assunto policial. Preciso que se afastem.

A multidão se afastou. Estar coberto de sangue pode produzir esse efeito nas pessoas.

Nós preservamos a cena de crime até a chegada do apoio, mas dois terços da multidão haviam sacado seus telefones e estavam fazendo vídeos e fotos de mim, de Lesley e dos restos mutilados do mensageiro. As imagens já estavam circulando na internet antes que a ambulância chegasse e os paramédicos cobrissem o pobre coitado com um lençol. Localizei Beverley esperando atrás da

multidão, e quando ela viu aquilo, me olhou nos olhos, deu um pequeno aceno, se virou e foi embora.

Eu e Lesley achamos um lugar sob o toldo de uma loja e esperamos pela barraca dos peritos, as amostras e os macacões.

— Não podemos continuar com isso — disse Lesley. — Estou ficando sem roupas.

Nós rimos. Não que seja mais fácil da segunda vez, é só que nesse caso você sabe que irá acordar no dia seguinte ainda a mesma pessoa que foi dormir.

Uma sargento-detetive da Equipe de Homicídios chegou e assumiu o comando. Era uma mulher de meia-idade, baixa e larga, de rosto raivoso, com cabelos castanhos lisos e compridos que parecia lutar com rottweilers por diversão. Era a lendária sargento-detetive Miriam Stephanopoulos, braço direito de Seawoll e uma lésbica terrível. A única piada já feita à custa dela dizia: “Sabe o que aconteceu com o último policial que fez uma piada sobre a sargento Stephanopoulos?”

Não, o que aconteceu a ele? Ninguém também sabe.” Eu disse que era a única piada, não uma boa piada.

Mas ela parecia ter uma queda por Lesley, então fomos liberados muito mais rapidamente dessa vez, mas assim que havíamos terminado fomos colocados em um carro sem identificação e levados para Belgravia. Nightingale e Seawoll nos escutaram em uma sala de reuniões onde ninguém tomou notas, mas pelo menos nos ofereceram chá.

Seawoll olhou feio para Lesley; ele não estava feliz. Lesley olhou feio para mim; ela não estava feliz por Seawoll não estar feliz.

Nightingale não estava nada além de distraído; ele só pareceu se interessar quando relatei minhas impressões sensoriais imediatamente antes do ataque. Depois da reunião fomos para o necrotério de Westminster, onde, surpreendentemente, Seawoll e Stephanopoulos acompanharam a autópsia. Lesley e eu nos preocupamos em ficar atrás deles na esperança de que não nos notassem.

O mensageiro estava na mesa com o rosto esparramado de um modo que estava se tornando horivelmente familiar. O Dr. Walid apresentava sua conclusão de que, de alguma forma, uma pessoa



ou pessoas desconhecidas haviam conseguido convencer a vítima a mudar seu rosto com magia e depois o mandaram atacar estranhos ao acaso.

A sargento Stephanopoulos lançou um olhar penetrante para Seawoll ao ouvir a palavra *magia*, mas seu chefe balançou levemente a cabeça dizendo: “Depois, não aqui”.

— O nome dele era Derek Shampwell — disse o Dr. Walid. — Idade, 23, cidadão australiano, estava em Londres havia três anos, sem registro policial, a análise do cabelo mostra uso intermitente de maconha nos dois últimos anos.

— Sabemos por que foi escolhido? — perguntou Seawoll.

— Não — disse Nightingale. — Embora todos os casos pareçam começar com uma sensação de indignação. Coopertown foi mordido pelo cachorro de alguém, Shampwell foi atingido por um veículo enquanto pedalava.

Seawoll olhou para Stephanopoulos.

— Atropelamento e fuga na Strand, senhor, em um ponto cego das câmeras de vigilância.

— Um ponto cego? — perguntou Seawoll. — Na Strand?

— Uma chance em mil — disse Stephanopoulos.

— May — rosnou Seawoll, sem se virar. — Acha que os casos estão relacionados?

— Incluindo o incidente que Grant e eu testemunhamos no cinema e aquele que aconteceu logo antes da morte de Shampwell, identifiquei quinze casos em que os perpetradores apresentaram níveis de agressividade incomuns — disse Lesley. — Todas elas pessoas com ficha limpa, sem histórico psiquiátrico e todos a oitocentos metros de Cambridge Circus.

— Quantos sabemos que realmente estavam — começou Seawoll, fazendo uma pausa antes de continuar — possuídos?

— Apenas aqueles cujos rostos desmontaram — disse Nightingale.

— Apenas para deixar claro — disse Seawoll. — O comissário quer manter isso em segredo, então a policial May se comunica com o policial Grant para as questões menores, mas qualquer coisa significativa, qualquer coisa, você fala comigo. Algum problema com isso, Thomas?

— De modo algum, Alexander — disse Nightingale. — Tudo parece muito sensato.

— Os pais dele chegarão amanhã — disse o Dr. Walid. — Tudo bem se eu costurar o rosto?

Seawoll olhou furioso para o corpo.

— Bosta — disse.

Nightingale ficou em silêncio na volta para casa, mas aos pés da escada ele se virou para mim e me disse para ter uma boa noite de sono. Perguntei o que ele iria fazer, e respondeu que iria fazer pesquisas na biblioteca, descobrir se podia reduzir o que estava causando os assassinatos. Perguntei se poderia ajudar.

— Treine mais — respondeu. — Aprenda mais rápido.

Enquanto eu subia as escadas, encontrei Molly deslizando para baixo. Ela parou e me deu um olhar inquisitivo.

— Como posso saber? — eu disse. — Você o conhece melhor do que eu.

Você não diz ao seu superior que precisa de conexão por banda larga, de preferência por cabo, porque quer ver futebol. Você diz que precisa da internet para poder acessar o HOLMES diretamente em vez de ter de estar sempre dependendo de Lesley May. A cobertura do futebol, o cardápio de filmes e os jogos multiplayer por acaso são extras.

— Isso implicaria em entrar com um cabo físico em Folly? — perguntou Nightingale quando eu o abordei durante o treinamento no laboratório.

— Por isso é chamado de cabo — respondi.

— Mão esquerda — disse Nightingale, e eu produzi uma *werelight* com a mão esquerda.

— Sustente — disse Nightingale. — Não podemos ter nada entrando fisicamente no prédio.

Eu cheguei ao ponto em que podia conversar enquanto mantinha uma *werelight*, embora fosse um esforço parecer tão descontraído enquanto eu fazia.

— Por que não?

— Há uma série de proteções ao redor do prédio — respondeu Nightingale. — Elas foram colocadas pela última vez depois que as novas linhas telefônicas foram instaladas em 1941. Se

introduzíssemos uma nova conexão física com o mundo exterior, isso criaria um ponto fraco.

Eu parei de tentar ser relaxado e me concentrei em sustentar a *werelight*. Foi um alívio quando Nightingale me disse para parar.

— Bom — falou. — Acho que você está quase pronto para avançar para a forma seguinte.

Eu soltei a *werelight* e descansei. Nightingale caminhou até a bancada adjacente, onde eu havia desmontado meu antigo celular e instalou o microscópio que havia encontrado no estojo de mogno em um dos armários de estocagem.

Ele tocou o tubo de latão e laca preta.

— Sabe o que é isto? — perguntou.

— Um microscópio Charles Perry número 5 original — respondi.

— Eu olhei na internet. Feito em 1932.

Nightingale assentiu e se curvou para examinar as entranhas do meu telefone.

— Você acha que a magia fez isso? — perguntou.

— Eu sei que foi a magia — respondi. — Só não sei como ou por quê.

Nightingale se remexeu, desconfortável, e disse: — Peter, você não é o primeiro aprendiz com uma mente inquisitiva, mas não quero que isso prejudique suas obrigações.

— Sim, senhor — disse. — Guardarei isso para meu tempo livre.

— Você está prestes a sugerir a cocheira — disse Nightingale.

— Senhor?

— Para essa conexão por cabo — disse Nightingale. — As defesas pesadas costumavam perturbar os cavalos, então eles evitam a cocheira. Estou certo de que essa sua conexão por cabo será muito útil.

— Sim, senhor.

— Para todo tipo de diversão — continuou Nightingale.

— Senhor.

— Agora — disse Nightingale. — A próxima forma: *Impello*.

Eu não tinha como dizer se originalmente a cocheira havia sido construída com um segundo andar, para abrigar soldados ou sei lá o que, ou se o andar havia sido acrescentado dando um novo teto à garagem quando eles fecharam o portão principal. Em algum

momento alguém instalou no muro do pátio uma escada em caracol de ferro forjado. Quando me arrisquei a subir pela primeira vez fiquei surpreso ao descobrir que mais ou menos um terço do telhado inclinado no lado voltado para o sul havia sido envidraçado. O vidro era sujo do lado de fora e algumas peças estavam rachadas, mas ele permitia a entrada de luz do dia suficiente para revelar um aglomerado de formas embrulhadas em lençóis de proteção. Diferentemente daqueles no resto de Folly, a poeira ali era grossa — acho que Molly nunca limpa ali.

Se a *chaise*, o biombo chinês, as mesas laterais diferentes uma da outra e as tigelas de cerâmica que encontrei sob os lençóis não fossem pistas suficientes, também encontrei um cavalete e uma caixa cheia de pincéis de pelo de esquilo endurecidos pela falta de uso. Alguém usara o espaço como ateliê, a julgar pelas garrafas de cerveja vazias alinhadas junto à parede sul. Provavelmente aprendizes como eu — isso ou um mago com um grande problema com álcool.

Guardadas em um canto e cuidadosamente enroladas em papel pardo e amarradas com barbante havia uma série de telas pintadas a óleo. Entre elas um conjunto de naturezas mortas e um retrato bastante amador de uma jovem cujo desconforto era evidente, a despeito da execução descuidada. O seguinte era muito mais profissional — um cavalheiro eduardiano reclinado na mesma cadeira de vime que encontrara antes sob um lençol. O homem segurava uma bengala de castão de prata, e por um momento achei que poderia ser Nightingale, mas o homem era mais velho, e seus olhos de um azul intenso.

Nightingale sênior, talvez? O seguinte, provavelmente do mesmo pintor, era um nu com modelo que me chocou tanto que o levei até a claraboia para examinar melhor. Eu não me enganei. Ali estava Molly, reclinada pálida e nua na *chaise*, olhando para a tela com olhos de pálpebras pesadas, uma das mãos mergulhando em uma tigela de cerejas sobre a mesa a seu lado. Pelo menos eu esperava que fossem cerejas. A pintura era ao estilo impressionista, então as pinceladas eram ousadas, tornando difícil ter certeza: definitivamente eram pequenas e vermelhas, da mesma cor dos lábios de Molly.

Eu reembalei cuidadosamente as pinturas e as recoloquei onde estavam. Examinei o aposento cuidadosamente em busca de umidade, ressecamento e o que mais torna vigas de madeira frágeis e perigosas.

Descobri que ainda havia uma porta de carga com persianas na extremidade do aposento voltada para o pátio e, acima dela, uma viga de carga. Presumivelmente para servir de depósito de feno para os cavalos.

Enquanto me inclinava para verificar se ainda era sólida, vi o rosto pálido de Molly em uma das janelas superiores. Eu não sabia o que achava mais estranho, que alguém a tivesse convencido a tirar o traje ou que sua aparência não tivesse mudado nos últimos setenta anos. Ela se retirou, aparentemente sem me ver. Eu dei as costas e examinei o aposento.

Pensei que serviria muito bem.

Em um momento ou outro a maioria dos parentes de minha mãe havia limpado escritórios para ganhar a vida. Para certa geração de imigrantes africanos, limpar escritórios se tornou parte da cultura, como circuncidar os meninos e torcer pelo Arsenal. Minha mãe mesmo fez isso por um período, e muitas vezes me levou junto para economizar a babá. Quando uma mãe africana leva o filho para o trabalho, espera que ele trabalhe, então logo aprendi a segurar um esfregão e um pano de limpeza. Assim, no dia seguinte, depois do treinamento, voltei à cocheira com um pacote de luvas e o aspirador de meu tio Tito. Vou lhes dizer, mil watts de poder de sucção fazem muita diferença na hora de limpar uma sala. A única coisa com que eu tinha de me preocupar era abrir uma fenda no espaço-tempo do universo. Eu encontrei os limpadores de janelas pela internet, e uma dupla de romenos brigões esfregou a claraboia enquanto eu prendia uma polia à viga de carga bem a tempo de a TV ser entregue juntamente com a geladeira.

Tive de esperar uma semana até que o cabo fosse instalado, portanto me dediquei ao treinamento e comecei a limitar a localização de Pai Tâmis.

— Encontrá-lo será um bom exercício para você — dissera Nightingale. — Dará uma boa base sobre o folclore do vale do Tâmis.

Eu pedi uma dica, e ele me mandou lembrar que Pai Tâmis tradicionalmente havia sido um espírito peripatético, o que segundo o Google significa caminhante ou viajante, itinerante, portanto, não ajuda muito. Tinha de admitir que isso estava ampliando meu conhecimento sobre o folclore do vale do Tâmis, a maior parte do qual era contraditório, mas sem dúvida seria útil no próximo jogo de perguntas e respostas do qual participasse em um pub.

Para inaugurar minha reentrada no século XX eu pedi pizza e convidei Lesley para ver minhas gravuras. Tomei um banho demorado na banheira de porcelana de pés em forma de garra que dominava o banheiro coletivo do meu andar e jurei, não pela primeira vez, que definitivamente iria instalar um chuveiro. Não sou exibido, mas eventualmente gosto de me vestir para impressionar, embora, como a maioria dos tiras, não use joias, a regra é que você nunca usa ao redor do pescoço nada com o que possa ser estrangulado. Coloquei algumas Becks para gelar, porque Lesley preferia cerveja em garrafa, e me acomodei para ver TV enquanto esperava que ela chegasse.

Entre as muitas outras inovações modernas que eu introduzira na cocheira estava um interfone instalado na porta lateral da garagem, de modo que quando Lesley chegasse eu só teria de apertar o botão para deixá-la entrar. Abri a porta e a recebi no alto da escada em caracol; ela levou companhia.

— Trouxe Beverley — disse Lesley.

— Claro que sim — falei.

Ofereci cerveja a elas.

— Quero que você deixe claro que nada que eu coma ou beba aqui irá me colocar sob um compromisso — disse Beverley. — E nada de me embromar desta vez.

— Certo — falei. — Coma, beba, sem compromissos, palavra de escoteiro.

— Pelo seu poder — disse Beverley.

— Juro pelo meu poder — disse.

Beverley apanhou uma cerveja, pulou no sofá, encontrou o controle remoto e começou a zapear.

— Posso comprar um filme? — perguntou.

Seguiu-se a isso uma discussão tripla sobre o que iríamos ver, que eu perdi no começo e Lesley ganhou no fim ao agarrar o controle e colocar em um dos canais de filmes gratuitos.

Beverley estava começando a reclamar que nenhuma das pizzas tinha pepperone quando a porta se entreabriu e um rosto pálido apareceu. Era Molly. Ela olhou para nós, e nós olhamos de volta.

— Gostaria de entrar? — perguntei.

Molly deslizou silenciosamente para dentro e derivou até o sofá, onde se sentou junto a Beverley. Eu me dei conta de que nunca estive tão perto dela antes; a pele era muito branca e perfeita, da mesma forma que era a de Beverley. Ela recusou a cerveja, mas aceitou uma fatia de pizza com cautela. Ao comer desviou o rosto e usou a mão para esconder a boca.

— Quando você vai resolver o problema com Pai Tâmis? — perguntou Beverley. — Mamãe está ficando impaciente, e a turma de Richmond está ficando inquieta.

— Turma de Richmond — disse Lesley, e bufou.

— Temos de encontrá-lo antes — respondi.

— Qual a dificuldade nisso? — perguntou Beverley. — Ele tem de estar perto do rio. Alugue um barco, suba o rio e pare quando chegar lá.

— Como saberíamos quando chegamos lá?

— Eu saberia.

— Então por que não vem conosco?

— De jeito nenhum — disse Beverley. — Você não vai me fazer ir além da eclusa de Teffington. Sou exclusivamente dependente das marés, sou sim.

De repente a cabeça de Molly virou rapidamente para a porta, e um momento depois alguém bateu. Beverley me olhou, mas dei de ombros, não estava esperando ninguém. Tirei o som da televisão e me levantei para atender. Era o inspetor Nightingale, vestindo a camisa polo azul e o blazer que reconheci como sendo a coisa mais perto que ele vestia de traje descontraído. Olhei para ele por um momento, depois o convidei a entrar.

— Só queria ver o que você havia feito com o lugar — ele disse.

Molly se levantou de um pulo assim que Nightingale entrou na sala, Lesley se levantou porque ele era um superior, e Beverley se

levantou ou por um vestígio de educação ou antecipando uma fuga rápida. Eu apresentei Beverley, que ele só vira rapidamente quando ela tinha dez anos de idade.

— Gostaria de uma cerveja, senhor? — perguntei.

— Obrigado — respondeu. — Pode me chamar de Thomas, por favor.

O que não iria acontecer. Dei uma garrafa a ele e indiquei a *chaise*.

Ele se sentou cautelosamente em uma ponta. Eu me sentei na outra enquanto Beverley se jogou no meio do sofá, Lesley se sentou de maneira formal e a pobre Molly se balançou duas vezes antes de se acomodar bem na beirada. Manteve os olhos rigorosamente baixos.

— É uma televisão muito grande — disse Nightingale.

— É uma TV de plasma — respondi. Nightingale sorriu de forma solene, enquanto fora das vistas dele Beverley revirava os olhos.

— Há algo errado com o som? — perguntou.

— Não — respondi. — Eu coloquei em mudo.

Encontrei o controle remoto e tivemos dez segundos de *Beat the Rest* antes que eu conseguisse controlar o volume.

— É bastante clara — disse Nightingale. — É como ter seu próprio cinema.

Ficamos sentados em silêncio por um momento, todos sem dúvida apreciando o som com qualidade de cinema.

Eu ofereci um pedaço de pizza a Nightingale, mas ele explicou que já havia comido. Perguntou pela mãe de Beverley, e ouviu que estava bem. Terminou sua cerveja e se levantou.

— Realmente preciso ir — disse ele. — Obrigado pela cerveja.

Todos nos levantamos e eu o acompanhei até a porta. Quando ele saiu, ouvi Lesley suspirar e se jogar de volta no sofá. Quase gritei quando Molly passou de repente por mim com um farfalhar de roupas e escapuliu pela porta.

— Esquisito — disse Beverley.

— Você não acha que ela e Nightingale? — perguntou Lesley.

— Irc — reagiu Beverley. — Isso é errado.

— Achei que você e ela eram amigas — eu disse.



— Sim, mas ela é uma criatura da noite — explicou Beverley. —  
E ele é velho.

— Ele não é tão velho assim — completou Lesley.

— Sim, ele é — rebateu Beverley e, apesar das insinuações que  
dei naquela noite, ela não disse mais nada.



## A feira de marionetes

Começou quando eu iniciei uma sessão de treinamento sem tirar o telefone do bolso do paletó. Cheguei a perceber um pequeno aumento de intensidade quando formei a *werelight*, mas só estava trabalhando com confiança havia dois dias, então não considerei aquilo significativo. Foi apenas mais tarde, quando tentei ligar para Lesley e descobri que meu telefone estava morto, que abri o aparelho e vi o mesmo resto de areia que tinha percebido na casa dos vampiros. Eu o levei para o laboratório e tirei o microprocessador. Quando ele se soltou a mesma areia fina escorreu de seu invólucro plástico. Os pinos de ouro estavam intactos, assim como os contatos, mas o silício do chip havia desintegrado. Os armários do laboratório estavam tomados pelo cheiro de sândalo e um conjunto impressionante de equipamentos antigos, incluindo o microscópio de Charles Perry, tudo guardado com tal precisão e apuro que eu sabia que nenhum estudante estivera envolvido naquilo. Sob o microscópio eu descobri que o pó era basicamente silício com algumas impurezas que suspeitava fossem germânio ou arseneto de gálio. O chip que permitia conversão de radiofrequência estava superficialmente intacto, mas sofreu perfurações microscópicas por toda sua superfície. Os padrões me lembravam do cérebro do Sr. Coopertown. Era meu telefone mergulhado em magia, pensei. Eu obviamente não podia fazer magia e carregar um telefone celular ou ficar perto de um computador, iPod ou a maior parte da tecnologia útil inventada desde que eu nasci. Não espantava que Nightingale dirigisse um Jaguar 1967. A questão era: quão perto a magia precisava estar?

Eu estava fazendo algumas experiências para descobrir quando Nightingale me distraiu com minha forma seguinte.

Nós nos sentamos em lados opostos da bancada do laboratório e Nightingale colocou um objeto entre nós. Era uma pequena maçã.

— *Impello* — ele disse, e a maçã se ergueu no ar. Ficou pairando ali, girando lentamente, enquanto eu procurava cabos, varas e tudo o mais em que consegui pensar. Eu a toquei com o dedo, mas parecia estar mergulhada em algo sólido.

— Já viu o suficiente?

Eu assenti, e Nightingale pegou uma cesta de maçãs. Uma cesta de vime com alça e uma toalha, completa. Colocou uma segunda maçã na minha frente, e eu não precisei que ele explicasse o passo seguinte. Ele levitou a maçã, eu prestei atenção na *forma*, me concentrei em minha própria maçã e disse:

— *Impello*.

Não foi uma surpresa quando nada aconteceu.

— Fica mais fácil — disse Nightingale. — Só que fica mais fácil lentamente.

Eu olhei para a cesta.

— Por que precisamos de tantas maçãs?

— Elas têm uma tendência a explodir — respondeu Nightingale.

Na manhã seguinte eu saí e comprei três óculos de proteção e um jaleco de laboratório pesado. Nightingale estava brincado sobre frutas explosivas, e passei a tarde cheirando a suco de maçã e a noite tirando sementes de minhas roupas. Perguntei a Nightingale por que não praticávamos com algo mais durável como pequenas bolas de aço, mas ele disse que a magia exigia o domínio do controle fino desde o início.

— Os jovens sempre têm a tentação de usar força bruta — dissera Nightingale. — É como aprender a disparar um rifle: como é inerentemente perigoso você ensina segurança, precisão e velocidade; nessa ordem.

Passamos por muitas maçãs naquela primeira sessão. Eu as sustentava no ar, porém mais cedo ou mais tarde — *splash!* Houve uma breve fase quando isso foi engraçado, depois se tornou tedioso. Após uma semana de prática eu conseguia fazer uma maçã

levitar sem explodir nove em cada dez vezes. Mas não era um pequeno mago feliz.

O que me preocupava era de onde o poder vinha. Eu nunca fui muito bom em eletricidade, portanto não sei quanta energia é necessária para produzir uma *werelight*. Mas levitar uma pequena maçã contra a gravidade da Terra, isso era essencialmente a definição de um newton de força, e deveria consumir um teórico joule de energia a cada segundo. As leis da termodinâmica são muito rígidas quanto a esse tipo de coisa, e dizem que você nunca consegue nada de graça. O que significava que cada joule estava vindo de algum lugar. Mas de onde?

Do meu cérebro?

— Então é como PES — disse Lesley em uma de suas visitas periódicas à cocheira. Oficialmente ela estava ali para discutir o caso comigo, mas na verdade estava lá pela TV de tela grande, comida para viagem e a tensão sexual não resolvida. Ademais, afora dois casos não confirmados mais ou menos na mesma época do ataque na Neal Street, nada chamou nossa atenção.

— Como o sujeito naquele programa que conseguia mover as coisas — falou.

— Não parece que eu esteja movendo as coisas com a mente — retruquei. — É como se estivesse criando formas com a mente, o que afeta tudo mais e faz com que as coisas aconteçam na outra ponta.

Sabe o que é um teremim?

— Aquele instrumento musical esquisito de ficção científica com as antenas — ela respondeu. — Certo?

— Basicamente — concordei. — A questão é que é o único instrumento musical que você não precisa tocar fisicamente. Você faz formas com as mãos e consegue um som. As formas são totalmente abstratas, então precisa associar uma forma específica a uma nota e um tom antes de conseguir que a coisa produza uma melodia.

— O que Nightingale diz?

— Ele diz que se eu parar de me distrair, poderei passar muito menos tempo coberto de pedaços de maçã.

No final de março os relógios avançam uma hora para marcar o início do horário britânico de verão. Eu acordei tarde e descobri Folly estranhamente vazia, as cadeiras no salão de café da manhã ainda enfiada sobre as mesas e o balcão do bufê sem nada. Encontrei Nightingale lendo o *Telegraph* do dia anterior em uma das poltronas macias demais que ocupavam o balcão do primeiro andar.

— É a mudança da hora — disse. — Duas vezes por ano ela tira um dia de folga.

— Para onde ela vai?

Nightingale apontou para o sótão.

— Acredito que fique em seu quarto.

— Vamos dar um passeio? — perguntei. Nightingale estava vestindo seu paletó esporte sobre um suéter creme. Suas luvas de pilotar e as chaves do Jaguar estavam em uma mesa próxima.

— Isso depende — respondeu. — Acha que sabe onde o Velho do Tâmis está hoje?

— Trewsbury Mead — respondi. — Deve ter chegado lá por volta do equinócio de primavera, que foi semana passada, e ficará até 1º de abril.

— Sua lógica? — perguntou Nightingale.

— Ele é a fonte desse rio — respondi. — Para onde mais iria na primavera?

Nightingale sorriu.

— Eu conheço um belo café de estrada na M4; podemos tomar café da manhã lá.

Trewsbury Mead, começo da tarde sob um céu azul acinzentado.

Segundo a cartografia oficial, ali é onde o Tâmis surge pela primeira vez, 130 quilômetros em linha reta a oeste de Londres. Logo ao norte fica uma colina fortificada da Idade do Ferro ou um acampamento romano, à espera de um episódio de *Time Team*. Aparentemente há um campo encharcado, uma pedra marcando o local e uma chance, após um inverno especialmente úmido, de que você veja alguma água. Você chega por uma estrada secundária que passa a ser de cascalho assim que ultrapassa as casas particulares para as quais ela foi aberta. A linha do rio é marcada por uma concentração de árvores, e a fonte do Tâmis fica além delas.

No campo além fica a Corte do Velho do Rio. Pudemos ouvi-la antes de vê-la, o ronco de geradores a diesel, ruído de forja, a pulsação de baixo de música, alto-falantes latindo, garotas gritando, vislumbres de néon acima da linha das árvores e toda a excitação de uma feira itinerante. Tive uma lembrança repentina de um feriado segurando a mão do meu pai com um punho e agarrando um precioso punhado de moedas com o outro. Nunca o suficiente, e desapareciam rapidamente.

Deixamos o Jaguar ao lado da estrada e andamos o resto do caminho. Além da linha das árvores eu podia ver o alto da roda gigante e aquele brinquedo em que jogam você no ar na ponta de uma corda e no qual não vejo nenhum sentido. A trilha atravessava um leito de córrego em um canal de concreto que havia sido pouco antes marcado pela passagem de caminhões pesados, e por um momento estivemos à sombra das árvores.

A primeira linha de trailers começava onde a sombra das árvores terminava. A maioria deles era antiquada, com tetos abaulados e pequenas portas e janelas. Uns poucos eram modernos com frentes inclinadas e pintura sugerindo velocidade. Eu até mesmo vi em meio à superposição de cilindros de butano, cadeiras dobráveis, cordas e rottweilers adormecidos, o teto em formato de ferradura de uma carroça cigana de madeira — algo que imaginei ser apenas para turistas.

Embora os trailers parecessem estar estacionados aleatoriamente, tive a forte sensação de que havia um padrão, uma estrutura profunda que se insinuava no limite da percepção. Definitivamente havia um perímetro nada ilusório no homem corpulento que o vigiava do umbral do seu trailer.

O homem tinha cabelos pretos grossos engomados em topete e suíças que haviam estado na moda pela última vez quando meu pai tocava regularmente com Ted Heath no final dos anos 1950. Ele também tinha uma escopeta calibre doze totalmente ilegal apoiada na lateral do trailer.

— Tarde — disse Nightingale sem parar.

O homem cumprimentou com um movimento de cabeça.

— Tarde — disse.

— Estamos tendo um tempo bom — falou Nightingale.

— Parece bom — disse o homem com um sotaque irlandês ou galês, não sabia, mas decididamente celta. Senti um arrepio na nuca. Um tira de Londres não invade um acampamento de nômades com menos que uma van cheia de policiais com equipamento antimotim — é considerado desrespeitoso.

Os trailers residenciais formavam um semicírculo ao redor do parque de diversões. Ali, as grandes feras do mundo do picadeiro rugiam, estavalam e berravam “I Feel Good”, de James Brown. Todo tira sabe que os parques de diversões da Grã-Bretanha são dirigidos pelos Showmen, uma reunião de famílias interligadas tão clônicas que oficialmente formam um grupo étnico distinto. Seus sobrenomes estavam pintados nos caminhões geradores e eram gravados no alto dos outdoors. contei pelo menos seis sobrenomes diferentes em seis brinquedos e mais meia dúzia enquanto percorríamos o parque. Parecia que toda família levou um brinquedo para a feira de primavera em Trewsbury Mead.

Garotinhas magricelas passavam correndo, deixando para trás um rastro de risos e cabelos ruivos. Suas irmãs mais velhas desfilavam em shortinhos apertados brancos, sutiãs de biquínis e botas de salto alto, encarando os garotos mais velhos sob cílios postiços e nuvens de fumaça de cigarro. Os garotos tentavam disfarçar posando de machões ou andando nos brinquedos com indiferença. As mães delas trabalhavam nas barracas pintadas e com cartazes grosseiros de astros do cinema da década passada e decorados com pôsteres e avisos de saúde e segurança. Ninguém parecia pagar pelos brinquedos ou o algodão-doce, o que provavelmente explicava por que os garotos estavam tão felizes.

O parque propriamente dito formava outro semicírculo, e em seu centro ficava um curral de madeira improvisado do tipo que você vê em faroestes, e no centro disso a fonte do poderoso rio Tâmis. Que para mim parecia um laguinho com patos. E, de pé junto à cerca, o próprio Velho do Rio.

Um dia houve uma estátua de Pai Tâmis no Mead, agora transferida para outro trecho do rio em Lechlade, representando um velho musculoso com barba ao estilo William Blake, com uma pá sobre o ombro, caixas e fardos dispostos aos seus pés — os frutos da indústria e do comércio. Mesmo eu consigo identificar um toque

de ênfase imperial quando vejo, não esperava que ele se parecesse com aquilo, mas acho que ainda assim esperava algo mais grandioso que o homem junto à cerca.

Ele era baixo, com um rosto apertado dominado por um nariz adunco e cenho pesado. Ele parecia velho, pelo menos na casa dos setenta, mas havia um vigor musculoso no modo como se movia, e seus olhos eram cinzentos e brilhantes. Vestia um antiquado paletó jaquetão preto acinzentado, desabotoado para exibir um colete de veludo vermelho, um relógio de bolso e um lenço de bolso dobrado, da cor amarelo brilhante de um narciso de primavera. Havia um chapéu de feltro gasto enfiado na cabeça, cachos de cabelos brancos escapando por baixo, e um cigarro balançando nos lábios. Ele estava apoiado na cerca, um pé na trave inferior, falando com o canto da boca com um companheiro, um dos muitos velhos assustadoramente vigorosos que dividiam a cerca com ele, gesticulando para o lago ou dando uma longa tragada no cigarro.

Ele deu uma espiada enquanto nos aproximávamos, franzindo o cenho ao ver Nightingale antes de voltar sua atenção para mim. Senti a força de sua personalidade me arrastando: prometia diversão, cheiro de estrume de cavalo e voltar para casa do pub à luz da lua, lareira quente e mulheres sem complicação. Bom que eu tivesse praticado com Mama Tâmis e me preparado antes, porque do contrário teria avançado e oferecido a ele o conteúdo da minha carteira. Ele piscou para mim e dedicou toda sua atenção a Nightingale.

Ele fez uma saudação em uma língua que poderia ser galês ou até mesmo um legítimo gaélico pré-romano pelo que eu podia dizer.

Nightingale respondeu no mesmo idioma, e fiquei pensando se também teria de aprender aquilo. Os companheiros se deslocaram para abrir espaço na cerca — apenas para um, percebi. Nightingale se juntou a Pai Tâmis, e eles trocaram um aperto de mãos. Com sua altura e seu terno bom, Nightingale deveria parecer o nobre das terras encontrando os plebeus, mas não havia respeito no modo como Pai Tâmis o avaliou.

Pai Tâmis era quem mais falava, enfatizando as palavras com pequenos rodopios e petelecos com os dedos. Nightingale se apoiou na cerca, deliberadamente minimizando a diferença de



altura, e anuindo e dando risinhos, percebi, em todos os momentos certos.

Eu estava pensando se deveria me adiantar para entender mais claramente o que estavam dizendo quando um dos homens mais jovens na cerca me olhou. Era mais alto e corpulento que Pai Tâmis, mas tinha os mesmos braços musculosos compridos e o rosto estreito.

— Você não vai querer se aborrecer com aquilo — ele disse. — Vai demorar uma boa meia hora até que eles terminem as gentilezas.

Ele esticou uma grande mão calosa para apertar a minha.

— Oxley — ele disse.

— Peter Grant — falei.

— Venha e conheça a esposa — ele falou.

A esposa era uma mulher bonita com rosto redondo e olhos pretos impressionantes. Ela nos recebeu no umbral de um modesto trailer dos anos 1960 estacionado em um pequeno espaço à esquerda do parque de diversões.

— Esta é minha esposa Isis — disse Oxley, a seguir se virando para ela. — Este é Peter, o novo aprendiz.

Ela segurou minha mão. Sua pele era quente e tinha a mesma perfeição irreal que eu percebi em Beverley e Molly.

— Encantada — ela disse. Seu sotaque era puro Jane Austen.

Sentamos em cadeiras dobráveis ao redor de uma mesa de carteadado com tampo de linóleo rachado, decorada com um único narciso em um vaso fino de vidro soprado.

— Gostaria de um chá? — perguntou Isis, e quando hesitei, ela disse: — Eu, Anna Maria de Burgh Coopinger Isis, juro solenemente pela vida de meu marido — o que arrancou um risinho de Oxley — e pelas perspectivas futuras da equipe de remo de Oxford que nada que você consumir em minha casa o deixará com qualquer compromisso.

Ela fez uma cruz sobre o coração e me deu um sorriso de menininha.

— Obrigado — respondi. — Um chá seria bom.

— Vejo que está pensando em como nos conhecemos — intuiu Oxley.

Eu podia ver que ele queria contar a história.

— Imagino que ela tenha caído no rio.

— Imagina errado, senhor — corrigiu Oxley. — Na época eu gostava muito de teatro, e com frequência me animava e remava rio acima até Westminster para uma noite de diversão. Na época eu era um pavão, e gosto de pensar que atraía muitos olhares de admiração.

— Como ele atravessando o mercado de gado na época — disse Isis, retornando com o chá. As xícaras e o bule eram porcelana nova, um desenho moderno simples com uma elegante faixa platina na borda, sem nenhum trincado, percebi. Suspeitei que estava recebendo tratamento VIP, e fiquei pensando em por quê.

— Coloquei os olhos em Isis pela primeira vez no velho Royal da Drury Lane. Eu estava nas galerias e ela em um camarote com sua querida amiga Anne. Eu me apaixonei, mas infelizmente ela já tinha seu amor — contou, fazendo depois uma pausa para servir o chá e retomando. — Embora ele tenha sofrido uma terrível decepção, isso posso dizer.

— Quietos, meu amor — advertiu Isis. — O jovem não quer saber disso.

Eu peguei minha xícara. O líquido era bastante claro, e reconheci o aroma de Earl Grey. Hesitei com a xícara nos lábios, mas a confiança tem de começar em algum ponto, então tomei um gole, decidido. De fato era uma xícara de chá bastante boa.

— Mas sou como o rio — explicou Oxley. — Posso correr, mas estou sempre ali.

— Exceto nas secas — disse Isis, e me ofereceu uma fatia de bolo Battenberg.

— Estou sempre me deslocando sob a superfície — continuou Oxley.

— Estava, mesmo então. A amiga dela tinha uma casa muito bonita em Strawberry Hill, um lugar bonito e naquela época não era cercado por falsas casas Tudor. Se você tivesse visto o lugar saberia que foi construído como um castelo, e minha Isis era uma princesa mantida prisioneira em sua torre mais alta.

— Na verdade, passando um longo fim de semana na casa de uma amiga — esclareceu Isis.

— Minha chance surgiu quando deram um grande baile de máscaras no castelo — disse Oxley. — Vestindo minhas melhores roupas, meus traços inteligentemente disfarçados por uma máscara de cisne, eu penetrei pela entrada de serviço e me vi misturado às pessoas elegantes lá dentro.

Eu imaginei que já tinha problemas com o chá, portanto poderia muito bem comer o bolo. Era comprado em loja e muito doce.

— Era um grande baile — contou Oxley. — Lordes, damas e cavalheiros com vestidos de baile, calções de montaria apertados e coletes de veludo, e todos tendo pensamentos maliciosos em segurança atrás de suas máscaras. E a mais maliciosa de todas era minha Isis, que usava a máscara da rainha do Egito.

— Eu era Isis. Como você sabe muito bem.

— Então, eu corajosamente me adiantei e marquei o cartão dela para todas as danças — disse Oxley.

— O que foi impertinente e presunçoso — brincou Isis.

— Eu a salvei dos pés esquerdos de muitos pretendentes — rebateu Oxley.

Ela levou a mão à face dele.

— Isso eu não posso negar.

— O que você precisa se lembrar em um baile de máscaras é que ao final da noite as máscaras precisam ser retiradas — explicou Oxley. — Pelo menos em grupos elegantes, mas eu estivera pensando...

— Sempre algo preocupante — disse Isis.

— Por que o baile de máscaras tinha de terminar? — continuou Oxley.

— E assim como o filho segue o pai, eu deixei a ação acompanhar o pensamento e tomei minha querida Isis, a joguei sobre o ombro e desapareci pelos campos na direção de Chertsey.

— Oxley — alertou Isis. — O pobre rapaz é um agente da lei. Você não pode contar a ele que me sequestrou. Ele será obrigado a prendê-lo — falou, a seguir se virando para mim. — Foi totalmente voluntário, posso lhe assegurar. Eu já havia me casado duas vezes e era mãe, e sempre soube o que estava fazendo.

— Ela certamente provou ser uma mulher experiente — ele disse e, para meu constrangimento, piscou para mim.

— Você nunca imaginaria que ele um dia foi um homem do clero — desafiou Isis.

— Eu era um monge terrível. Mas aquela era outra vida — explicou, dando uma batida na mesa. — Agora que já o alimentamos, hidratamos e entediamos, por que não falamos de negócios? O que a Grande Dama quer?

— Você entende que eu sou apenas um intermediário nisso — falei.

Nós fizemos um curso de solução de conflitos em Hendon, e o truque é sempre insistir em sua neutralidade ao mesmo tempo em que permite que os dois lados pensem que você está com eles. Houve exercícios de interpretação e tudo mais; uma das poucas coisas em que eu era melhor que Lesley. — Mama Tâmis acha que vocês podem estar querendo descer o rio abaixo de Teddington Lock.

— É um único rio — defendeu Oxley. — E ele é o Velho do Rio.

— Ela alega que ele abandonou a maré em 1958 — falei. — Mais precisamente, durante o Grande Fedor, quando o Tâmis ficou tão denso com esgoto que Londres foi sufocada por um fedor tão terrível que o Parlamento pensou em se transferir para Oxford.

— Naquele verão ninguém que podia se afastar ficou em Londres — disse Oxley. — Não era adequado para homem ou animal.

— Ela diz que ele nunca retornou. Isso é verdade?

— Isso é verdade — respondeu Oxley. — E na verdade o Velho nunca amou a cidade, não desde que ela matou seus filhos.

— Quem eram esses filhos?

— Ah, você sabe quem eles são — disse Oxley. — Eram Ty, Fleet e Effra. Todos afogados em uma inundação de lama e sujeira, e finalmente tendo seu sofrimento encerrado por aquele desgraçado Bazalgette. O que fez o esgoto. Eu o conheci, sabe, um homem muito grandioso com as maiores suíças deste lado de William Gladstone.

Chutei o traseiro dele por ser um desgraçado assassino.

— Você acha que ele matou os rios?

— Não — respondeu Oxley. — Mas ele foi o coveiro. Eu tive de entregá-lo às filhas da Grande Dama, pois elas certamente são mais

duras que meus irmãos.

— Se ele não quer a cidade, por que está descendo a corrente? — perguntei.

— Alguns de nós ainda desejam as luzes brilhantes — respondeu Oxley e sorriu para a esposa.

— Ouso dizer que seria agradável ir ao teatro novamente — ela disse.

Oxley encheu novamente minha xícara. Uma voz estalada em um alto-falante em algum ponto atrás de mim gritou: “Vamos começar a festa”. James Brown ainda parecia bom, açúcar e especiarias agora.

— E você quer lutar com as filhas de Mama Tâmis pelo privilégio?

— Acha que elas são assustadoras demais para nós? — questionou Oxley.

— Não acho que você queira isso tanto assim — respondi. — Ademais, estou certo de que poderia ser feito algum acordo.

— Uma excursão, talvez? Precisaremos de passaportes? — indagou Oxley.

A despeito do que você acha que sabe, a maioria das pessoas não quer lutar, especialmente contra um adversário à altura. Uma multidão fará uma pessoa em pedaços, e um homem com uma arma e uma causa nobre ficará feliz de matar mulheres e crianças. Mas arriscar uma luta justa não é tão fácil. Por isso você vê aqueles jovens raivosos fazendo a dança de “ninguém me segure” enquanto esperam desesperadamente que alguém goste deles para contê-los. Todos ficavam sempre felizes de ver a polícia chegar porque temos de salvá-

los, gostemos deles ou não.

Oxley não era um jovem raivoso, mas eu podia ver que ele igualmente queria encontrar alguém que o detivesse. Ou talvez ao pai?

— Seu pai — falei. — O que ele realmente quer?

— O que todo pai quer. O respeito de seus filhos.

Eu quase disse que nem todos os pais mereciam respeito, mas consegui manter a boca calada e, de qualquer forma, nem todos tinham um pai como o meu.

— Seria agradável se todos pudessem relaxar um pouco — falei.  
— Manter tudo calmo enquanto o inspetor e eu arrumamos alguma coisa.

Oxley olhou para mim por cima da xícara.

— É primavera — ele disse. — Muitas distrações acima de Richmond.

— Temporada de ovelhas — falei. — Entre outras coisas.

— Você não é o que eu esperava — confessou Oxley.

— O que você esperava?

— Esperava que Nightingale escolhesse alguém mais parecido com ele mesmo — respondeu Oxley.

— Classe alta?

— Sólido — disse Isis, se antecipando ao marido. — Trabalhador.

— Você é um homem ardiloso — explicou Oxley.

— Muito mais como os magos que conhecíamos — completou Isis.

— Isso é bom? — perguntei.

Oxley e Isis riram.

— Não sei — disse Oxley. — Mas será interessante descobrir.

Foi estranhamente difícil deixar o parque. Minhas pernas pareciam pesadas, como se eu estivesse saindo de uma piscina. Só quando estávamos de volta ao Jaguar e os sons do parque haviam começado a desaparecer senti que havia escapado.

— O que é isso? — perguntei a Nightingale enquanto entrávamos no carro.

— *Seducere* — ele respondeu. — A Compulsão, ou, como dizem os escoceses, o *Glamour*. Segundo Bartolomeu, muitas criaturas sobrenaturais fazem isso como forma de defesa pessoal.

— Quando aprendo a fazer isso? — perguntei.

— Em uns dez anos — ele respondeu. — Caso aumente um pouco o ritmo.

Enquanto passávamos de volta por Cirencester na direção da M4, contei a Nightingale sobre meu encontro com Oxley.

— Ele é o *consigliere* do Velho, não é? — perguntei.

— Caso esteja querendo dizer *consiliarius*, seu conselheiro, então sim — disse Nightingale. — Provavelmente o segundo

homem mais importante do acampamento.

— Você sabia que ele iria conversar comigo, não é?

Nightingale parou para verificar o tráfego antes de entrar na estrada principal.

— O trabalho dele é tentar arrancar uma vantagem — ele disse.

— Você comeu o bolo Battenberg, não?

— Deveria ter recusado?

— Não — disse Nightingale. — Ele não tentaria enganar você estando sob minha proteção, mas você nem sempre pode considerar o senso comum algo garantido ao lidar com essas pessoas. Não faz sentido o Velho de repente estar forçando caminho corrente abaixo. Agora que conheceu os dois, o que acha?

— Ambos têm poder de verdade — respondi. — Mas parece diferente.

O dela definitivamente é do mar, do porto e de tudo isso. O dele é todo da terra, do clima e de duendes e cristais, pelo que sei.

— Isso explicaria por que a fronteira é em Teddington Lock — ele disse. — Teddington é o ponto mais alto que a maré alcança; o rio abaixo desse ponto é chamado de canal de maré. Também é a parte do Tâmis administrada diretamente pelo Porto de Londres; eu duvidava que isso fosse coincidência.

— Estou certo? — perguntei.

— Acredito que está. Acho que talvez sempre tenha havido uma divisão entre o canal de maré e o rio de água doce. Talvez por isso tenha sido tão fácil para o Pai Tâmis abandonar a cidade.

— Oxley estava insinuando que o Velho na verdade não quer nada com a cidade — eu disse. — Que ele só gostaria de um pouco de respeito.

— Talvez ficasse contente com uma cerimônia — disse Nightingale. — Um juramento de fidelidade, talvez.

— Que é o quê?

— Um juramento feudal — disse Nightingale. — Um vassalo oferece sua lealdade e serviço a seu lorde e o lorde oferece sua proteção. É

como as sociedades medievais eram organizadas.

— Medieval é o que você vai conseguir se tentar fazer Mama Tâmis jurar fidelidade e serviço a alguém — falei. — Quanto mais

Pai Tâmis.

— Tem certeza? — perguntou Nightingale. — Seria puramente simbólico.

— O simbólico apenas torna pior — respondi. — Ela consideraria isso uma humilhação. Ela se considera a senhora da maior cidade da terra, e não irá se curvar a ninguém. Especialmente não a um caipira em um trailer.

— Uma pena que não possamos casá-los — disse Nightingale. Ambos rimos alto daquilo.

Assim que pegamos a M4 eu perguntei a Nightingale sobre o que ele e o Velho haviam conversado.

— Minha contribuição à conversa foi no máximo superficial — respondeu Nightingale. — Boa parte foi técnica, déficits em depósitos subterrâneos, intervalos de ciclos de aquíferos e coeficientes agregados de área drenada. Aparentemente tudo isso afetará quanta água descerá pelo rio este verão.

— Se eu recuasse duzentos anos e tivesse a mesma conversa, sobre o que o Velho falaria? — perguntei.

— Quais flores estão se abrindo — disse Nightingale. — Que tipo de inverno tivemos, o voo dos pássaros em uma manhã de primavera.

— Teria sido o mesmo Velho?

— Não sei — disse Nightingale. — Era o mesmo Velho em 1914, isso eu posso afirmar.

— Como você sabe?

Nightingale hesitou, depois disse:

— Não sou tão jovem quanto pareço.

Meu telefone tocou. Eu realmente queria ignorar, mas o toque era “That’s Not My Name”, significando que era Lesley. Quando atendi ela quis saber onde estávamos, cacete. Disse que estávamos passando por Reading.

— Houve mais um — ela disse.

— Qual a gravidade?

— Bastante ruim — respondeu.

Eu coloquei o giroscópio no teto enquanto Nightingale enfiava o pé, e chegamos a 190 km/h de volta a Londres com o sol se pondo atrás de nós.



Havia três carros de bombeiros estacionados na Charing Cross Road, e o trânsito estava engarrafado até Parliament Square e Euston Road.

Chegamos a St. Martin's Court sentindo cheiro de fumaça e ouvindo falatório e chiados dos rádios de emergência. Lesley se encontrou conosco na fita policial e nos deu roupas de proteção. Enquanto nos trocávamos eu pude ver que metade da fachada do restaurante J.

Sheekey havia sido queimada e que havia três barracas de evidências montadas na rua. Três corpos, pelo menos.

— Quantos dentro? — perguntou Nightingale.

— Nenhum — respondeu Lesley. — Todos saíram pelas portas de emergência nos fundos; apenas ferimentos leves.

— Algo pelo que ser grato — disse Nightingale. — Tem certeza de que é um caso nosso?

Lesley assentiu e nos conduziu à primeira barraca. Dentro, descobrimos que o Dr. Walid chegou antes de nós e estava agachado ao lado do corpo de um homem vestindo a característica túnica açafraão de um devoto Hare Krishna. O corpo estava deitado de costas no lugar onde caíra, pernas esticadas, braços estendidos para os dois lados como se tivesse participado de um daqueles exercícios de construção de confiança em que você se joga de costas — só que não havia ninguém para pegá-lo. Seu rosto era a mesma ruína sangrenta que os de Coopertown e do mensageiro.

Aquilo respondia à pergunta.

— Isso não é o pior — disse ela, nos chamando para a segunda barraca. Aquela tinha dois corpos. O primeiro era um homem de pele escura com casaco preto, o cabelo esticado para cima em maços e de sangue seco endurecido. Havia sido atingido com força suficiente para partir o crânio e expor uma parte do cérebro. O segundo corpo era de outro devoto de Krishna. Um bom samaritano qualquer tentou ajudar colocando-o na posição de recuperação, mas com o rosto desfigurado o gesto havia sido inútil.

Eu tinha consciência de uma pulsação em meus ouvidos e de respiração acelerada. Sangue, presumivelmente do golpe desferido no outro homem, respingou na túnica do devoto, produzindo um padrão de estamparia no tecido laranja. O interior da barraca dos

peritos era abafado, e comecei a suar dentro da roupa. Nightingale fez uma pergunta, mas na verdade não ouvi a resposta de Lesley. Saí da barraca, senti ânsias, consegui engolir e cambaleei até a fita policial, onde, para meu espanto, consegui segurar meu bolo Battenberg.

Limpei a boca na manga plástica do traje de proteção e me apoiei na parede. À minha frente havia um cartaz do Noël Coward Theatre, que exibia uma farsa chamada *Down With Kickers!*. Duas vítimas com metade dos rostos desfigurado significavam que a “possessão” havia afetado dois indivíduos ao mesmo tempo. Restava mais uma barraca.

Eu me perguntei quão pior poderia ser.

Pergunta idiota.

O terceiro corpo estava sentado de pernas cruzadas como uma criança, não, como um iogue, pois suas mãos estavam apoiadas nos joelhos com as palmas para cima. Sua túnica estava encharcada de sangue e fitas de coisas viscosas vermelhas cobriam ombros e braços.

A cabeça havia desaparecido, deixando apenas um coto de pescoço irregular. Havia um brilho branco enterrado entre os músculos rasgados — eu imaginei que fosse a coluna dele.

Seawoll estava esperando por nós na barraca. Ele grunhiu quando Lesley nos levou para dentro.

— Alguém está passando dos limites.

— Está aumentando — falei.

Nightingale me lançou um olhar penetrante, mas não disse nada.

— Mas o que está aumentando? — perguntou Lesley. — E por que vocês não conseguem impedir?

— Porque, policial — disse Nightingale friamente —, não sabemos o que é isso.

Havia muitas testemunhas e muitos suspeitos, e pessoas ajudando a polícia nas investigações. Nós formamos duplas para fazer as entrevistas o mais rápido possível. Trabalhei com Seawoll, enquanto Nightingale juntou-se a Lesley. Assim haveria alguém que pudesse identificar um *vestigium* quando pulasse no seu pescoço. A sargento Stephanopoulos cuidou da coleta de evidências físicas e do exame da cobertura das câmeras de vigilância.

Era um privilégio ver Seawoll trabalhar. Ele não era tão intimidador com os suspeitos quanto era com outros policiais. Sua técnica de interrogatório era gentil — nunca intimidante, sempre formal, mas ele nunca erguia a voz. Eu fiz anotações.

A sequência dos acontecimentos, do modo como a reconstruímos, era deprimentemente familiar, mas em uma escala maior do que já havíamos visto. Era uma agradável tarde de domingo de primavera, e St. Martin's Court estava moderadamente cheia. A Close propriamente dita era uma rua de pedestres que dava acesso a três entradas de serviço de teatros, à entrada dos fundos do Brown's e ao famoso J.

Sheekey's Oyster Bar. Era aonde o pessoal do teatro ia tomar um café e dar uma fumada entre as sessões.

O J. Sheekey's é um marco do teatro, o que não era surpresa se você servia comida até tarde da noite a pouca distância dos teatros mais famosos do West End. O Sheekey's também emprega porteiros uniformizados com cartolas e casacas pretas, e foi onde os problemas começaram naquela tarde.

Às 2h45, mais ou menos no mesmo momento em que eu me sentava para tomar chá com Oxley e Isis, seis membros da Sociedade Internacional para a Consciência Krishna entraram na Close pelo acesso da Charing Cross Road. Era um caminho usual para os *bhaktas*, os aspirantes a devotos do deus, que iam da Leicester Square para Covent Garden. Eles eram liderados por Michael Smith, que teve a identidade posteriormente confirmada por digitais, um ex-viciado em crack, ex-ladrão de carros e suspeito de estupro que vivia uma vida impoluta desde que ingressara no movimento nove meses antes. A ISKCON, como a Sociedade Internacional para Consciência Krishna gosta de ser conhecida, tem consciência de que há uma linha fina entre chamar a atenção para si e provocar hostilidade ativa dos passantes. A intenção é que, por intermédio de dança e canto em público, possíveis conversos sejam atraídos para o movimento, e não provocar confrontos raivosos. Assim, passar tempo em um determinado local deve ser algo avaliado cuidadosamente para evitar problemas. Michael Smith havia se mostrado particularmente bom em avaliar o que os devotos

podiam conseguir sem problemas, e por isso ele liderava o esquadrão naquela tarde.

Motivo pelo qual, segundo Willard Jones, ex-guarda-costas do balneário de Llandudno e feliz sobrevivente, todos ficaram surpresos quanto pararam em frente ao J. Sheekey's e Michael Smith disse que queria ouvir barulho. Ainda assim, fazer barulho e chamar atenção eram os motivos pelos quais estavam na rua, então eles começaram a fazer barulho.

— Um barulho harmonioso — relatou Willard Jones. — Nesta era de materialismo e hipocrisia, nenhuma outra forma de descoberta espiritual é tão eficaz quanto cantar o *mahamantra*. É como o verdadeiro choro da criança pela mãe...

Ele continuou assim por mais algum tempo.

O que não era harmonioso era o badalo de vaca, que Willard Jones sabia ser um legítimo badalo de vaca porque seu pai e seus irmãos eram legítimos fazendeiros galeses fracassados das montanhas.

— Se você já ouviu um badalo de vaca, você sabe que eles não são projetados de modo a ser harmoniosos — disse Jones.

Aproximadamente às 2h50, Michael Smith tirou um enorme badalo de vaca de alguma parte do corpo e começou a tocá-lo com grandes movimentos do braço. Quem estava de serviço como porteiro uniformizado era Gurcan Temiz, de Tottenham, via Ancara. Como londrino típico, Gurcan tinha um alto limite de tolerância para desconsideração aleatória; afinal, se você vive na cidade grande não faz sentido se queixar de que é uma cidade grande, mas mesmo essa tolerância tem limites, e o nome desse limite é “provocação”. Badalar um enorme badalo de vaca em frente ao restaurante e perturbar os clientes certamente constituía provocação, então Gurcan se adiantou para advertir Michael Smith, que o agrediu repetidamente com o badalo em cabeça e ombros. Segundo o Dr. Walid, o quarto golpe foi aquele que o matou. Assim que Gurcan Temiz estava no chão, dois outros devotos, Henry MacIlvoy, de Wellington, Nova Zelândia, e William Cattrington, de Hemel Hempstead, avançaram e começaram a chutar a vítima. Isso não causou os danos que poderia ter causado porque os dois devotos calçavam sandálias de plástico macias.

Nesse ponto um artefato incendiário explodiu atrás do bar dentro do J. Sheekey's. A clientela, a despeito de ser uma mistura de gente de teatro e turistas, evacuou o recinto de forma ordeira, mas rápida.

Aqueles que saíram pelas portas de emergência dos fundos se dispersaram pela Cecil Court; os que foram pela frente passaram pelos corpos de Gurcan Temiz, Henry MacIlvoy e William Cattrington, que já estavam mortos. A maioria registrou que havia corpos e que havia sangue, mas todos foram vagos em relação a detalhes. Apenas Willard Jones tivera uma visão clara do que acontecera a Michael Smith.

— Ele simplesmente se sentou — disse Jones. — E então a cabeça dele explodiu.

Há duas coisas mundanas que podem fazer sua cabeça explodir, um tiro de fuzil de alta velocidade é uma, de modo que a Equipe de Homicídios passou algum tempo eliminando-a de nossas investigações.

Enquanto isso eu me dei conta do que havia causado a explosão dentro do J. Sheekey's, o que foi muito bom, já que o Esquadrão Antiterrorismo e o MI5 estavam começando a farejar o caso, o que ninguém queria.

A resposta foi fruto das experiências que eu estivera conduzindo, parcialmente em segredo, sobre por que meu telefone quebrou. Eu não tinha intenção de usar meu laptoPou mesmo outro telefone como cobaia, então uma visita rápida a Computers for Africa, que recupera computadores abandonados e os doa a países estrangeiros, me rendeu uma sacola cheia de chips e placas-mãe que eu suspeitava tinham vindo de um Atari ST. Eu usei fita crepe para fazer marcas a intervalos de vinte centímetros ao longo da bancada, e assim que havia colocado um chip em cada marca, posicionei a mão cuidadosamente e produzi uma *werelight*. O segredo da ciência é tentar introduzir uma única variável a cada momento, mas eu sentia que havia conseguido controle suficiente para produzir *werelights* com a mesma intensidade todas as vezes.

Passei um dia inteiro conjurando luzes e depois verificando cada chip sob o microscópio em busca de danos. Tudo sem qualquer resultado a não ser irritar Nightingale, que disse que se eu tinha

tanto tempo a perder, deveria ser capaz de dizer a ele a diferença entre preposições do tipo acusativo e do tipo ablativo.

Ele então me distraiu me ensinando meu primeiro *adjectivum*, uma forma que muda algum aspecto de outra forma. Esse *adjectivum* era chamado *lactus*, o que, combinado com *impello*, deveria, teoricamente, me permitir fazer uma maçã flutuar ao redor da sala.

Após duas semanas de maçãs explosivas eu cheguei ao ponto em que era capaz de disparar uma maçã pelo laboratório com algum grau de precisão. Nightingale disse que o estágio seguinte era apanhar coisas jogadas na minha direção, o que nos levou de volta a maçãs explosivas, e esse era o ponto em que estávamos no dia em que os relógios foram adiantados e nós prestamos nossos respeitos a Pai Tâmis.

Foi enquanto eu estava naquela sala de interrogatório vendo Seawoll gentilmente arrancar os fatos do depoimento de Willard Jones que tive minha revelação. Acabou que magia era exatamente como ciência, no sentido de que algumas vezes a questão era apenas ver o óbvio. Assim como Galileu viu que os objetos aceleram sob a gravidade na mesma proporção, independentemente de seu peso, vi que a grande diferença entre meu celular e os vários microchips que havia experimentado era que o meu celular estava ligado à bateria quando foi fritado.

Simplesmente conectar minha coleção de microchips de segunda mão a uma bateria parecia aleatório e demorado demais, mas felizmente é possível conseguir dez calculadoras genéricas por menos de cinco libras — se você souber onde procurar. Então a questão era apenas distribuí-las. Sustentar a *werelight* por exatamente cinco segundos e colocá-las sob o microscópio. Aquela colocada exatamente abaixo da minha mão foi tostada, e havia níveis de dano cada vez menores até a marca de dois metros. Eu estava emitindo potência como um resíduo que danificava os aparelhos eletrônicos — ou eu estava sugando potência das calculadoras, e era isso que causava os danos? E por que os danos eram principalmente aos chips, e não a outros componentes?

A despeito das questões não resolvidas, isso implicava, de forma determinante, que eu podia levar meu celular e fazer magia —

desde que primeiro retirasse a bateria.

— Mas o que tudo isso significa? — perguntou Lesley.

Eu tomei um gole da minha Becks e apontei com a garrafa para a TV.

— Significa que eu acabei de descobrir como o incêndio começou.

Na manhã seguinte Lesley me enviou por e-mail o relatório do incêndio, e após ter examinado aquilo eu localizei um varejista de equipamentos que pudesse me entregar uma registradora como a usada no J. Sheekey's Oyster Bar. Por causa da regra de Nightingale de “nada de visitantes em Folly, exceto na cocheira”, eu tive de carregar sozinho a maldita coisa da entrada de serviço até meu laboratório.

Imaginei que Lesley não contaria como visitante nesse caso, mas quando telefonei e a convidei para uma demonstração ela disse que estava ocupada fazendo serviços para Seawoll. Assim que coloquei tudo em posição, pedi a Molly que convidasse Nightingale a se encontrar comigo no laboratório.

Eu limpei uma área no canto, longe de canos de gás, instalei a registradora em um carrinho de metal e a liguei. Quando Nightingale chegou, dei a ele um jaleco e óculos de proteção, e pedi que ficasse em uma marca a seis metros da registradora. Depois, antes de qualquer outra coisa, retirei a bateria de meu celular.

— E qual exatamente é o propósito disto? — perguntou Nightingale.

— Se puder ter um pouco de paciência comigo, senhor, logo tudo ficará claro — respondi.

— Se você diz, Peter — ele falou, cruzando os braços. — Eu também deveria usar um capacete?

— Isso provavelmente não é necessário, senhor — respondi. — Vou fazer uma contagem regressiva a partir de três, e ao chegar a zero gostaria que fizesse a magia mais poderosa nos limites de segurança.

— A mais poderosa? — perguntou Nightingale. — Tem certeza disso?

— Sim, senhor — respondi. — Pronto?

— Quando você estiver.

Eu contei, e em zero Nightingale explodiu o laboratório — ou pelo menos era o que parecia. Uma bola de fogo incandescente, como um feitiço de *werelight* que dera muito errado, se formou acima da palma da mão estendida de Nightingale. Uma onda de calor passou por mim, e senti cheiro de cabelo chamuscado. Quase me joguei atrás de um banco antes de me dar conta de que o calor não era físico. Não poderia ser, do contrário Nightingale teria pegado fogo. De alguma forma o calor era totalmente contido dentro da esfera acima da mão — o que eu sentira eram *vestigia* em grande escala.

Nightingale olhou para mim e ergueu uma sobrancelha calmamente.

— Por quanto tempo quer que mantenha isso?

— Não sei — respondi. — Por quanto tempo pode manter?

Nightingale riu. Eu vislumbrei um movimento com a visão periférica e me virei e encontrei Molly de pé no umbral, os olhos brilhando com o fogo refletido e fixos em Nightingale.

Eu me virei bem a tempo para a explosão da caixa. O alto se rasgou e um jorro de plástico incandescente se projetou para fora, fumaça negra se erguendo e correndo pelo teto. Molly deu um guincho deliciado e eu corri com o extintor de incêndio e joguei CO<sub>2</sub> sobre a caixa até que o fogo se apagasse. Nightingale apagou sua esfera de morte flamejante e ligou um conjunto de exaustores que eu sequer sabia que o laboratório tinha.

— Por que ela explodiu? — perguntou.

— A decomposição acelerada dos componentes libera um gás volátil, hidrogênio ou algo assim — expliquei. — Eu só consegui um C em química, lembre-se. O gás se mistura com o ar dentro do compartimento, há uma faísca elétrica, e *boom!* A questão que eu preciso que responda é: fazer um feitiço suga magia de um objeto ou coloca magia em um objeto?

A resposta, claro, era ambos.

— Você normalmente não aborda isso até ter dominado as formas primárias — disse Nightingale. A magia do modo como Nightingale a compreendia era gerada pela vida. Um mago podia se valer da própria magia, ou da magia que estocara por



encantamento, o que soava interessante, mas não relevante para caixas registradoras explosivas.

Contudo, a vida protegia a si mesma, e quanto mais complexa a magia que produzia, mais difícil era drenar. — É impossível drenar magia de outro ser humano — disse Nightingale. — Ou mesmo de um cachorro.

— Os vampiros. Eles sugaram a vida de tudo na casa, não?

— Os vampiros são obviamente parasitas nesse sentido, mas não sabemos como eles o fazem — respondeu Nightingale. — Também não sabemos como pessoas como a sua amiga Beverley Brook drenam poder do ambiente.

— Foi na casa dos vampiros que percebi pela primeira vez o efeito nos microchips.

— As máquinas se tornaram mais parecidas com os homens — disse Nightingale. — Imagino que com isso elas possam começar a produzir a própria magia. Não estou certo de entender como isso nos ajuda.

Tentei não ter um esgar com a pseudociência, e decidi que não era hora de entrar naquilo.

— Para começar, isso significa que sabemos que o que quer que esteja fazendo isso, está drenando um volume enorme de potência e, em segundo lugar, isso nos dá outra coisa para procurar.

Não que estivéssemos realmente descobrindo algo. Nesse meio tempo a Equipe de Homicídios de Seawoll foi cuidar de um esfaqueamento sem sentido em um pub perto de Piccadilly Circus. Eu dei uma farejada, mas não havia *vestigia*, e era um motivo idiota, mas compreensível.

— Traindo o namorado — explicou Lesley certa noite quando foi assistir a um DVD. Garoto conhece garota, garota dorme com segundo garoto, primeiro garoto esfaqueia segundo garoto e foge. — Achamos que está se escondendo em Walthamstow.

Muitos diriam que isso já era punição suficiente.

Os assassinatos diante do J. Sheekey's foram atribuídos a Michael Smith, que supostamente havia atirado na cabeça de três pessoas com uma arma ilegal antes de se matar com a mesma arma. A imprensa teria se interessado mais caso um astro de novela não tivesse sido flagrado tendo relações com um jogador de futebol

igualmente famoso no banheiro de uma boate em Mayfair. O resultante delírio da imprensa eliminou qualquer notícia de verdade durante duas semanas e, como disse Lesley, era conveniente demais para ser coincidência.

Passei abril praticando minha *forma*, meu latim e fazendo experiências com novos modos de explodir microchips. Toda tarde eu levava Toby para uma caminhada pela região de Covent Garden e Cambridge Circus para ver se algum de nós farejava algo, mas não havia nada. Liguei para Beverley Brook duas vezes, mas ela disse que a mãe lhe proibira de falar comigo até eu ter feito algo em relação a Pai Tâmisia.

Maio começou em típico estilo de feriado britânico, com dois dias de chuva e três de garoa, até o domingo seguinte amanhecer claro e limpo. É em um dia como esse que a mente de um homem se volta para romance, sorvete e espetáculos das marionetes Punch e Judy.

Era o dia da Covent Garden May Fayre, que festeja a primeira apresentação registrada de Punch e Judy com um desfile de bandas de metais, uma missa especial de marionetes na Igreja dos Atores e o maior número de espetáculos de Punch e Judy que possam ser enfiados no terreno na igreja. Enquanto eu era policial estagiário em Charing Cross, sempre ficara no controle de multidão nesse dia, portanto liguei para Lesley e perguntei se ela queria tentar ir à feira do ponto de vista dos civis. Compramos sorvete e refrigerante na Tesco Metro e desviamos dos turistas até chegarmos ao pórtico da frente da igreja. Um único palco do “professor” havia sido instalado a menos de meio metro de onde o pobre e velho William Skirmish havia tido sua cabeça arrancada.

— Quatro meses — eu pensei em voz alta.

— Não tem sido tedioso — respondeu Lesley.

— Não é você quem tem de aprender latim — retruquei.

Haviam sido instalados tapetes para que as crianças se sentassem, enquanto os adultos ficavam de pé nos fundos. Um homem usando as roupas coloridas de um bufão se adiantou e esquentou a plateia.

Explicou que ao longo dos séculos houve muitas versões do espetáculo de Punch e Judy, mas naquele dia, para nossa formação

e nossa diversão, o renomado professor Phillip Pointer apresentaria *A comédia trágica, ou tragédia cômica, de Punch e Judy* como contada a John Payne Collier por Giovanni Piccini em 1827.

A história começava com Punch sendo mordido no nariz pelo cachorro Toby.



## A versão para crianças

Toby, o cão, morde Punch, que espanca o Sr. Scaramouch, dono de Toby, até a morte. Ele então vai para casa, joga seu bebê pela janela e espanca a esposa Judy até a morte. Cai do cavalo e chuta o médico no olho. O médico o ataca com uma vara, mas ele a agarra e espanca o médico até a morte. Toca um sino de ovelha na frente da casa de um homem rico, e quando o empregado do homem rico o censura, Punch o espanca até a morte. A essa altura meu sorvete havia derretido e caído sobre meus sapatos.

*A comédia trágica, ou tragédia cômica, de Punch e Judy*, como contada a John Payne Collier por Giovanni Piccini em 1827. Não é muito difícil encontrar assim que você sabe o que está procurando.

Depois da apresentação nós mostramos nossas identificações ao professor, e ele ficou feliz de nos entregar a cópia impressa do roteiro.

Nós o levamos até o Roundhouse na esquina de New Row com Garrick Street, e nos acomodamos para ler com duas vodkas duplas.

— Não pode ser coincidência — falei.

— Você acha? — perguntou Lesley. — Algo está usando pessoas de verdade para encenar esse espetáculo de marionetes idiota.

— Seu superior não vai gostar disso — falei.

— Bem, eu não vou contar a ele — retrucou Lesley. — Deixe o seu superior contar ao meu superior que a porra do fantasma do Sr. Punch está acabando com pessoas no território dele.

— Você acha que é um fantasma? — perguntei.

— Como eu posso saber? É para isso que existem tiras magos como vocês.

Folly tinha três bibliotecas: uma eu não conhecia na época, a segunda era uma biblioteca de magia onde ficavam guardados os tratados específicos sobre magia, *forma* e alquimia, todos escritos em latim, portanto tudo grego para mim, e a terceira era a biblioteca geral do primeiro andar junto à sala de leitura. A divisão de trabalho ficou clara desde o início: Nightingale verificava a biblioteca de magia, e eu examinava os livros no inglês da rainha.

A biblioteca geral era revestida com mogno suficiente para reflorestar a bacia do Amazonas. Em uma das paredes as prateleiras iam até o teto, e você chegava a elas usando uma escada que deslizava sobre trilhos de latão reluzentes. Uma fileira de belos arquivos de nogueira continha as fichas catalográficas, que eram a coisa mais parecida com um mecanismo de busca que havia na biblioteca. Senti o cheiro de papelão velho e mofo assim que abri as gavetas, e me consolou pensar que Molly não chegava ao ponto de abri-las regularmente para limpar por dentro. As fichas eram organizadas por assunto, com um índice geral organizado por título. Comecei procurando referências a Punch e Judy, mas não encontrei nenhuma.

Nightingale me deu outro termo pelo qual procurar: *retornado*. Dois passos em falso com as fichas me levaram a *Meditações sobre a vida e a morte*, do Dr. John Polidori, que, segundo a folha de rosto, havia sido publicado em 1819. A mesma página tinha uma anotação em latim escrita com uma elegante caligrafia rebuscada: *Vincit qui se vincit*, agosto de 1821. Fiquei pensando no que significaria.

Segundo Polidori, um retornado é um espírito inquieto que retorna dos mortos para causar destruição entre os vivos, normalmente em vingança por alguma desfeita ou injustiça, real ou imaginária, sofrida pela pessoa em vida.

— Certamente se encaixa em nosso perfil — disse a Nightingale durante o almoço: filé a Wellington, batatas cozidas e pastinaca refogada. — Esses pequenos ressentimentos gerando fúria; isso se encaixa na ideia de Lesley de que grandes acontecimentos têm pequenos ecos.

— Você acha que isso os está infectando?

— Acho que é um efeito de campo, como radiação ou a luz de uma lâmpada incandescente — respondi. — Acho que os ecos são dentro do campo, os cérebros deles são carregados com emoções negativas e eles disparam.

— Nesse caso não haveria mais pessoas afetadas? — perguntou Nightingale. — Havia pelo menos dez outras pessoas no saguão do cinema, incluindo você e a policial May, mas apenas a mãe foi afetada.

— E se isso reforça uma raiva que já existe? Ou funciona como catalisador? Não seria algo fácil de provar cientificamente.

Nightingale sorriu.

— O que foi? — perguntei.

— Você me lembra de um mago que conheci chamado David Mellenby — respondeu Nightingale. — Ele tinha a mesma obsessão.

— O que aconteceu a ele? Deixou anotações?

— Temo que ele tenha morrido na guerra — respondeu Nightingale. — Nunca teve a oportunidade de fazer metade das experiências que desejava. Ele tinha uma teoria sobre como os *genii locorum* funcionam que o teria interessado.

— Qual era a teoria dele? — questionei.

— Acredito que contarei isso a você depois que dominar a forma seguinte — respondeu. — Percebi que há discrepâncias entre o roteiro e os atos do Sr. Punch. Estou pensando em Pretty Polly.

Como apresentado na *Tragical Comedy*, após matar a esposa e o filho o Sr. Punch canta uma pequena canção sobre as vantagens de matar a esposa e, isso feito, ele se volta para Pretty Polly. Ela é um personagem que não diz nada, mas “não parece nada relutante” quando nosso alegre pequeno assassino em série começa a beijá-la.

— Não sabemos se ele está seguindo este roteiro específico — eu disse.

— Verdade — falou Nightingale. — Piccini estava transmitindo uma tradição oral, e elas nunca são confiáveis.

Segundo o possivelmente não confiável Piccini, a vítima seguinte deveria ser um mendigo cego que tosse no rosto do Sr. Punch e é jogado do palco por causa de sua presunção. O roteiro não especifica se ele sobreviveu ou não à experiência.

— Se nosso Pulcinella retornado estiver seguindo à risca, então o alvo mais provável será um chacoalhante do Instituto Real Nacional dos Cegos — falei.

— O que é um chacoalhante?

— Uma pessoa com uma lata de coleta — respondi, imitando a sacudida. — As pessoas colocam moedas nela.

— Um cego pedindo dinheiro — ele disse. — Seria mais útil saber quem é o retornado e onde está enterrado.

— Presumivelmente se soubermos quem ele é podemos dar um jeito nas questões dele e deixar que descanse em paz — falei.

— Ou nós desenterramos seus ossos e os moemos até que virem poeira, os misturamos com sal de pedra e espalhamos no ar — disse Nightingale.

— Isso funciona?

— Victor Bartholomew diz que é a forma de fazê-lo — disse Nightingale, dando de ombros. — Ele escreveu o livro sobre como lidar com fantasmas e retornados.

— Acho que podemos estar negligenciando uma fonte de informação óbvia — sugeri.

— Mesmo?

— Nicholas Wallpenny. Todos os ataques tiveram origem perto da Igreja dos Atores, o que, imagino, significa que nosso retornado fica por perto. Nicholas talvez o conheça; pelo que sabemos, eles andam juntos.

— Não estou certo de que fantasmas “andem” do modo como você imagina — disse Nightingale, e dando uma espiada rápida para ter certeza de que Molly não estava olhando, ele colocou seu prato pela metade embaixo da mesa. O rabo de Toby bateu em minhas pernas enquanto ele se servia.

— Precisamos de um cachorro maior — eu disse. — Ou porções menores.

— Veja se ele não fala com você esta noite — disse Nightingale. — Mas lembre-se de que nosso Nicholas não era uma testemunha confiável quando estava vivo; duvido que sua veracidade tenha melhorado desde sua morte.

— Como ele morreu? — perguntei. — Você sabe?

— Morreu por causa da bebida — respondeu Nightingale. — Muito agradável.

Como Toby era nosso cão caça-fantasmas oficial, e como começou a se arrastar pesadamente enquanto caminhava, eu o levei comigo. É uma caminhada de meia hora da Russel Square e de Folly até Covent Garden. Assim que você passa pelo Forbidden Planet e atravessa a Shaftesbury Avenue o roteiro direto o leva pela Neal Street, onde o mensageiro havia morrido. Mas imaginei que se comesse a evitar certas ruas apenas porque alguém morreu nelas, teria de me mudar para Aberystwyth.

Era tarde da noite e não exatamente quente, mas ainda havia um bando de bêbados do lado de fora do pub. Londres abraçou tarde a ideia da sociedade do café a céu aberto, e agora não iria permitir que um pouco de frio atrapalhasse, especialmente desde que se tornou ilegal fumar em ambientes fechados.

Toby parou perto do lugar onde o Dr. Framline atacou o mensageiro, mas apenas tempo suficiente para fazer xixi em um bloqueio para carros.

Mesmo perto da hora de fechar Covent Garden estava lotado. A multidão de depois dos espetáculos saía da Royal Opera House e procurava algum lugar onde comer e fazer pose, enquanto bandos de jovens de toda a Europa em passeios escolares exercitavam seu tradicional direito de bloquear a calçada de um lado ao outro.

Assim que os cafés, restaurantes e pubs do mercado coberto fecharam as portas a praça esvaziou rapidamente, e em pouco tempo havia poucas pessoas, perfeito para que eu arriscasse uma pequena caça a fantasmas.

Havia uma discordância entre as autoridades em relação a qual era a verdadeira natureza de um fantasma. Polidor insistia que fantasmas eram as almas livres dos mortos que se aferravam a um local.

Teorizara que eles se alimentavam de seu próprio espírito e, a não ser que esse espírito fosse recuperado por intermédio de magia, eles acabariam se transformando em nada. Richard Spruce, em seu *A fantasmagoria em Yorkshire*, publicado em 1860, concordava no geral com Polidori, mas acrescentava que os fantasmas precisavam drenar a magia do ambiente de modo



semelhante ao qual o musgo retira sustento de seu lar rochoso. Peter Brock, escrevendo nos anos 1930, teorizou que fantasmas não passavam de registros gravados no tecido mágico de suas vizinhanças, em grande medida como a música é gravada em um disco de vinil. Eu pessoalmente os via como cópias grosseiras da personalidade da pessoa morta que existiam de forma decadente em uma espécie de matriz mágica onde pacotes de informação eram transmitidos de um nó mágico para outro.

Como meus dois encontros com Nicholas haviam começado no pórtico da Igreja dos Atores, foi lá que comecei. Tiras não veem o mundo da mesma forma que as outras pessoas. Você pode identificar um policial pelo modo como ele olha ao redor de um aposento. E um olhar gelado, desconfiado, que imediatamente o torna reconhecível por outros que sabem o que procurar. O estranho é como você pega isso rapidamente. Eu ainda era um policial comunitário de apoio, com apenas um mês de experiência, quando visitei o apartamento de meus pais e me dei conta de que mesmo que não soubesse que meu pai era um viciado, teria identificado isso no momento em que cheguei à porta.

Você precisa entender que minha mãe é fanática por limpeza — você poderia jantar no tapete da sala de estar — mas ainda assim todos os sinais estavam ali caso você soubesse o que procurar.

Acontecera o mesmo com *vestigia*. Quando coloquei a mão nos blocos de calcário que compunham o pórtico, as sensações, o frio, a noção de presença, um odor nas narinas que podia ser sândalo eram os mesmos — só que naquele momento, como um tira lendo uma rua, eu tinha alguma noção do que eles significavam. Também esperava que fossem muito mais fortes. Tentei lembrar a última vez em que toquei nas pedras. As impressões haviam sido as mesmas?

Eu conferi para ter certeza de que ninguém estava olhando, e disse para a parede:

— Nicholas. Você está aí?

Senti algo na palma da mão, uma vibração, pensei, como um trem do metrô se aproximando. Toby gemeu e recuou, as patas raspando nos paralelepípedos. Antes que eu mesmo pudesse recuar, o rosto de Nicholas, branco e transparente, apareceu na minha frente.

— Me ajude — ele pediu.

— O que há de errado? — perguntei.

— Ele está me comendo — disse Nicholas, e então seu rosto foi sugado de volta para dentro da parede.

Por um momento tive uma estranha sensação de puxão na nuca e me joguei para trás. Toby latiu uma vez, e então se virou e disparou na direção de Russel Square. Eu caí de costas, o que doeu, então fiquei ali me sentindo idiota por um momento, depois me levantei. Eu me aproximei da igreja cautelosamente e coloquei a palma da mão na pedra de novo.

Ela parecia fria e áspera, e não havia mais nada. Era como se os *vestigia* tivessem sido sugados das pedras da mesma forma que aconteceu na casa dos vampiros. Eu arranquei a mão e recuei. A praça estava escura e silenciosa. Eu me virei e caminhei para a noite, procurando por Toby enquanto seguia.

Ele correu todo o caminho de volta a Folly. Eu o encontrei na cozinha, aninhado no colo de Molly. Ela confortava o cão e me deu um olhar duro.

— Ele tem de enfrentar o perigo — eu disse. — Para ele ficar, tem de trabalhar.

Só porque tinha um caso em andamento não era dispensado da prática.

Eu convenci Nightingale a me mostrar o feitiço da bola de fogo, que, previsivelmente, era uma variação de *lux*, com *iactus* para movê-la.

Assim que Nightingale se convenceu de que eu podia fazer a primeira parte sem queimar a mão, fomos ao estande de tiro no porão para treinar. Não que eu até aquele momento soubesse que tínhamos um estande de tiro. No fim das escadas de trás você vira à esquerda em vez de à direita, passando por um conjunto de portas reforçadas que sempre imaginei ser de um depósito de carvão, e entrava em uma sala de cinquenta metros de comprimento com uma parede de sacos de areia em uma extremidade e uma fileira de armários de metal na outra.

Uma série de capacetes Brodie antigos estava pendurada em ganchos acima de uma fileira de caixas de máscaras de gás cáqui. Havia um cartaz, letras brancas sobre fundo vermelho-sangue, que

dizia: “Mantenha a calma e siga em frente”, o que eu achei ser um bom conselho. Havia uma pilha de silhuetas de papelão na extremidade, quebradiças de tão velhas, mas ainda identificáveis como soldados alemães com capacetes de bordas assimétricas e baionetas caladas.

Orientado por Nightingale, coloquei uma série deles sobre os sacos de areia e trotei de volta para a linha de tiro. Antes de começarmos, conferi se não estava levando meu celular novo.

— Observe com atenção — disse Nightingale. Então ele lançou a mão e houve um clarão, um som como de uma folha de papel rasgada ao meio, e o alvo na extrema esquerda foi transformado em fragmentos incandescentes.

Eu me virei com o som de palmas excitadas, e encontrei Molly sibilando de encantamento e na ponta dos pés como uma criança no circo.

— Você não falou o latim — chamei a atenção.

— Este você pratica em silêncio desde o começo — ele explicou. — Esta magia é uma arma. Tem um único objetivo, que é matar. Assim que você a tiver dominado terá as mesmas obrigações de qualquer outro policial armado, portanto sugiro que se familiarize com as atuais orientações para uso de armas de fogo.

Molly bocejou, cobrindo a boca para esconder o quanto ela se abria.

Nightingale olhou para ela de forma serena.

— Ele tem de viver no mundo dos homens — disse.

Molly deu de ombros, como se dizendo: *Que seja*.

Nightingale demonstrou novamente com um quarto da velocidade, e eu tentei acompanhá-lo. Eu pratiquei a bola de fogo, mas no momento de aplicar *iactus* parecia escorregadio, como se, diferentemente das maçãs, não houvesse o que agarrar. Quando arremessei o braço da forma dramática determinada, minha bola de fogo percorreu suavemente o comprimento do estande de tiro, queimou um pequeno buraco no alvo e se cravou nos sacos de areia atrás.

— Você tem de soltá-la, Peter, ou ela não irá — disse Nightingale.

Eu soltei a bola de fogo e houve um baque surdo atrás do alvo. Um fio de fumaça subiu para o teto, coleando. Atrás de mim Molly deu um risinho abafado.

Praticamos por uma hora, ao final da qual eu era capaz de arremessar uma bola de fogo pelo estande à velocidade estonteante de uma mamangaba que atingira sua meta de pólen e estava tirando uma folga para apreciar a paisagem.

Fizemos uma pausa para o chá da manhã e apresentei minha ideia para recuperar Nicholas — supondo que restasse o suficiente a ser recuperado do fantasma, após algo tê-lo comido.

— Polidori se refere a um feitiço que pode convocar fantasmas — eu disse. — Isso funciona?

— É mais um ritual que um feitiço — disse Nightingale.

Em uma tentativa de impedir Molly de nos entupir de comida, passamos a tomar o chá na cozinha, pensando que se ela não tinha de arrumar seis mesas na sala do café da manhã, poderíamos ter apenas duas porções. Funcionou, mas eram porções grandes.

— Qual é a diferença?

— Você continua a fazer o tipo de perguntas que realmente só deveriam surgir em um ano ou dois — disse Nightingale.

— Apenas o básico; a versão para crianças.

— Um feitiço é uma série de formas unidas de modo a produzir um efeito, enquanto um ritual é o que o nome sugere: uma sequência de formas dispostas como um ritual com certa parafernália que ajuda a avançar o processo — explicou Nightingale. — Costumam ser feitiços mais velhos da primeira metade do século XVIII.

— As partes do ritual são importantes?

— Honestamente, não sei — respondeu Nightingale. — Esses feitiços não são usados com frequência, do contrário teriam sido atualizados nos anos 1900.

— Pode me mostrar como fazer? — perguntei. Toby me viu passando manteiga em um bolo tostado e se sentou, atento. Eu parti um pedaço e dei a ele.

— Há outro problema — disse Nightingale. — O ritual exige um sacrifício animal.

— Bem, Toby parece bem e gordo — eu disse.

— A sociedade moderna tende a não gostar desse tipo de comportamento, especialmente a igreja moderna em cujo terreno por acaso teríamos de fazer isso.

— E o sacrifício é para quê?

— Segundo Bartholomew, no momento da morte a magia inerente ao animal se torna disponível para alimentar o fantasma e trazê-lo para o plano material — explicou Nightingale.

— Então ele usa a essência vital do animal como combustível mágico? — perguntei.

— Sim.

— Você pode sacrificar pessoas? Tomar a magia delas dessa forma?

— Sim — ele respondeu. — Mas há um porém.

— Qual?

— Você é caçado até os confins da terra e sumariamente executado.

Não perguntei quem seria convocado para a caçada e a execução.

Toby latiu, cobrando salsichas.

— Se tudo de que precisamos é de uma fonte de magia, acho que tenho um substituto aceitável — eu sugeri.

Segundo Bartholomew, quanto mais perto do túmulo do fantasma você estiver, melhor, então passei duas horas examinando os registros da paróquia, enquanto Nightingale persuadia o clérigo de que estávamos interessados em apanhar alguns vândalos de igreja. É uma igreja muito estranha, um grande galpão de pedra retangular projetado por Inigo Jones. O pórtico leste, onde eu encontrara Nicholas Wallpenny pela primeira vez, era falso — sendo a entrada de verdade na extremidade oeste da igreja, dando para o cemitério, que havia sido convertido em um jardim. O acesso era por uma dupla de portões em ferro forjado na Bedford Street. Nightingale conseguira convencer o clérigo a emprestar as chaves a ele.

— Se vocês estão planejando uma cilada eu não deveria ficar para trás, para uma eventualidade? — sugeriu o clérigo.

— Tememos que eles possam o estar seguindo — explicou Nightingale. — Queremos que eles pensem que o terreno está livre

para podermos pegá-los em flagrante.

— Eu corro perigo? — perguntou o clérigo.

Nightingale o olhou nos olhos.

— Apenas se ficar na igreja esta noite.

Os jardins eram cercados de três lados pelos fundos de tijolos e as janelas com persianas das casas geminadas construídas na mesma época que o resto da praça. Isolados do barulho do trânsito, eles formavam um sereno espaço verde velado pelo verdadeiro pórtico da igreja. Cerejeiras, cobertas de flores rosa ao sol de maio, eram plantadas ao longo da trilha. Era, como disse Nightingale, o lugar mais adorável de Londres. Uma pena que eu fosse voltar à meia-noite para realizar um ritual de necromancia.

Os registros fúnebres da paróquia eram vagos, e a melhor posição aproximada que consegui para o túmulo de Wallpenny foi o lado norte do jardim, em algum ponto perto do meio. Como Nicholas relutou em se mostrar com Nightingale por perto, ele ficaria junto ao portão de Bedford Street, a uma distância segura para um grito de socorro. Ainda havia eventuais cantos de pássaros quando entrei pouco depois da meia-noite. A noite era clara, mas não era possível ver estrelas em meio à névoa. O ferro do portão era frio sob minha mão quando o fechei e segui para o túmulo. Eu tinha uma lanterna de sobrevivência canadense que vinha com elástico de cabeça e a usei para ler as anotações em meu caderno padrão da polícia.

Não é possível traçar um pentagrama em terreno macio e úmido com nada menos que uma escavadeira, e de qualquer forma eu não pretendia arruinar um gramado tão adorável. Em vez disso desenhei a estrela e o círculo com pó de carvão usando um saco de aniagem com um buraco aberto na ponta, como um saco de confeitar. Eu o fiz bem grosso. Polidori tinha muito a dizer sobre os riscos de romper o pentagrama ao invocar um espírito. Ter sua alma arrancada e arremessada aos gritos para o inferno era só o começo.

Em cada um dos pontos cardeais do pentagrama eu coloquei uma das minhas calculadoras. Sugeri levar Toby apenas para o caso da substituição não funcionar, mas na hora de sair, o cão não foi encontrado em lugar algum. Comprei um pacote de iluminadores químicos em uma loja de camping; os parti e coloquei onde a anotação indicava a colocação das velas. O invocador — nesse

caso eu — deveria colocar um pouco de sua essência, que era o jargão mágico do final do século XVIII para “colocar alguma mágica” no círculo ao redor do pentagrama. Há uma forma específica criada com esse objetivo, mas eu não tive tempo de aprendê-la — em vez disso Nightingale sugeriu que eu simplesmente criasse uma *werelight* no centro.

Eu respirei fundo, criei a *werelight* e a fiz flutuar para o centro do pentagrama. Ajustei minha luz e li a invocação no bloco. A original ocupava quatro páginas manuscritas, mas com a ajuda de Nightingale eu consegui reduzir um pouco.

— Nicholas Wallpenny — eu comecei. — Ouça minha voz, aceite meus presentes, levante-se e interaja.

E de repente lá estava ele, desconfiado como sempre.

— Eu sabia que você era especial assim que coloquei os olhos em você — falou. — Seu superior não está por perto, está?

— Lá, além do portão — respondi.

— Gostaria que o mantivesse por lá — solicitou Nicholas. — Eu estava certo sobre o cavalheiro assassino, não estava?

— Achamos que é o espírito de Pulcinella.

— Vocês o quê? — reagiu Nicholas. — O Sr. Punch? Acho que vocês beberam demais. Estavam se embriagando.

— Você queria minha ajuda noite passada — lembrei.

— Eu? — reagiu Nicholas. — Mas isso faria de mim um alcaguete e escória, e ninguém nunca disse que Nicholas Wallpenny mandou um detetive atrás de ninguém, para não receber uma visita dos castigadores.

Ele me olhou de forma significativa. “Alcaguete” era uma antiga expressão para informante, e castigadores era da mesma forma gíria para homens contratados para espancar pessoas, por alcaguetar.

— Isso é um alívio — eu disse. — Como a... Morte está tratando você?

— Bastante bem — disse Nicholas. — Não posso reclamar. Certamente muito menos lotado do que já foi. Sendo esta a Igreja dos Atores e tudo mais, nunca falta diversão noturna. Até tivemos um eventual artista convidado para nossa maior edificação. Tivemos

aquele famoso Henry Pyke, Pyke com Y, veja bem, ele é muito especial. É popular com as damas por conta de seu nariz comprido.

Eu não estava gostando da aparência de Nicholas; tenso, nervoso, como se estivesse suando caso ainda pudesse suar. Eu pensei em recuar, mas o fato cruel é que informantes, vivos ou mortos, estão aí para serem usados quando necessário.

— Esse... Henry Pyke está planejando uma temporada longa? — perguntei.

— Digamos que ele tenha comprado o teatro — ironizou Nicholas.

— Parece bom — eu disse. — Alguma chance de eu participar de algum espetáculo?

— Bem, policial, eu não ficaria tão ansioso de estar no programa se fosse você — advertiu Nicholas. — O Sr. Pyke pode ser duro com os colegas de palco, e ousou dizer que ele tem um papel em mente para você.

— Ainda assim, não me importaria de conhecê-lo — disse, mas de repente Nicholas sumiu.

O pentagrama estava vazio, com apenas minha *werelight* queimando no centro. Antes que conseguisse apagá-la, senti algo me agarrar pela cabeça e tentar me arrastar para dentro do pentagrama. Entrei em pânico, puxando e me contorcendo freneticamente para tentar escapar.

Nightingale havia sido enfático sobre não pisar no pentagrama, e eu não tinha intenção de descobrir por quê. Joguei a cabeça para trás, mas senti meus calcanhares raspando na terra enquanto era arrastado para frente, na direção do pentagrama. Então vi. Abaixo de minha própria *werelight*, no centro do pentagrama, havia uma sombra escura como a boca de um poço cavado na terra. Eu podia ver as raízes da terra e as minhocas tentando se enfiar novamente nas laterais, as camadas de terra e barro de Londres desaparecendo na escuridão.

Estava quase na borda quando me dei conta de que o que estava me arrastando operava por intermédio de minha própria magia. Tentei apagar a *werelight*, mas ela permaneceu acesa, lançando uma cor amarela melancólica. Eu empurrei tanto os



ombros para trás que estava praticamente deitado, e ainda assim meus calcanhares continuavam avançando.

Ouvi Nightingale gritar, olhei e o vi correndo na minha direção. Tive uma horrível sensação de que não conseguiria chegar a tempo. Em meu desespero eu tinha mais uma coisa a tentar. Não é fácil se concentrar quando você está sendo arrastado para o esquecimento, mas eu me obriguei a respirar fundo e fazer a forma certa. De repente a *werelight* queimou com um vermelho feroz. Eu fiz com a mente a forma que esperava colocar na magia, mas não tinha como dizer se estava funcionando. Meus calcanhares sulcavam a terra nas beiradas do pentagrama e senti um jorro de excitação, uma fome de violência e todo um oceano de vergonha, humilhação e sede de vingança.

Joguei a bola de fogo meio metro e soltei.

Houve um baque desapontadoramente silencioso, como o som que um dicionário pesado faria se você o deixasse cair. Depois o solo se ergueu sob minhas pernas e me jogou cambaleando para trás. Eu acertei os galhos da cerejeira atrás de mim e tive um vislumbre de uma coluna de terra disparando para cima como um trem de carga saindo de um túnel antes que eu caísse da árvore e o solo me recebesse.

Nightingale agarrou meu colarinho e me arrastou para longe enquanto botões de cerejeira e torrões de terra caíam ao nosso redor.

Um pedaço grande caiu na minha cabeça e se partiu, fazendo terra escorrer pela minha nuca.

Depois houve silêncio; nada além do ruído do trânsito distante e o alarme de um carro próximo disparando. Esperamos meio minuto para recuperar o fôlego, apenas para o caso de mais alguma coisa acontecer.

— Adivinhe — falei. — Consegui um nome.

— Você tem uma sorte danada de ainda ter uma cabeça — disse Nightingale. — Qual é o nome?

— Henry Pyke — eu disse.

— Nunca ouvi falar dele — disse Nightingale.

Previsivelmente, minha lanterna de cabeça havia apagado, então Nightingale acendeu uma *werelight*. Onde antes estivera o buraco

agora havia uma depressão rasa em forma de prato de três metros de diâmetro. A grama estava totalmente destruída, transformada em uma mistura de grama morta e terra pulverizada. Algo redondo, sujo e branco estava pousado perto do meu pé. Um crânio. Eu o peguei.

— É você, Nicholas? — perguntei.

— Solte isso, Peter. Você não sabe onde isso esteve — avisou Nightingale. Ele examinou a bagunça que havíamos feito no jardim.

— O

clérigo não vai ficar feliz com isso.

Eu pousei o crânio e, ao fazê-lo, percebi mais alguma coisa enfiada no chão. Era uma insígnia com um esqueleto de metal. Eu o reconheci como sendo o que Nicholas Wallpenny usara. Deve ter sido enterrado com ele.

— Dissemos que estávamos caçando vândalos — falei.

Peguei a insígnia e senti um toque de fumaça de tabaco, cerveja e cavalos.

— Talvez — disse Nightingale. — Mas duvido que ele aceite isto como uma explicação.

— Um vazamento de gás? — sugeri.

— Não há canos de gás passando sob a igreja — disse Nightingale. — Ele vai ficar desconfiado.

— Não se dissermos a ele que a história do vazamento de gás é disfarce para desenterrar uma bomba não explodida — falei.

— Uma bomba não explodida? Por que complicar tanto? — perguntou Nightingale.

— Porque então podemos trazer uma escavadeira e dar uma boa vasculhada — expliquei. — Ver se podemos desenterrar esse Henry Pyke e transformá-lo em pó de cova.

— Você tem uma mente tortuosa, Peter — disse Nightingale.

— Obrigado, senhor. Eu me esforço.

Além de uma mente tortuosa, eu também tinha um hematoma do tamanho de um prato de jantar nas costas e mais duas belezinhas no peito e pernas. Disse ao médico que me atendeu na emergência que tive uma briga com uma árvore. Ele me olhou e se recusou a me receitar um analgésico mais forte que Nurofen.

Então tínhamos um nome: Henry Pyke. Nicholas insinuou que Pyke não havia sido enterrado na Igreja dos Atores, mas ainda

assim verificamos os registros, por garantia. Nightingale telefonou para o Registro Geral em Southport enquanto eu procurava por Pykes em Genepool, Familytrace e outros sites de genealogia na internet. Nenhum de nós foi muito longe além de estabelecer que era um nome comum e estranhamente popular na Califórnia, em Michigan e no estado de Nova York. Nós nos reunimos na cocheira, para que eu pudesse continuar a usar a internet e Nightingale pudesse assistir ao rúgbi.

— Nicholas disse que ele era um artista — falei. — Ele poderia ter sido até um homem de Punch e Judy, um professor. O roteiro de Piccini foi publicado em 1827, mas Nicholas disse que Pyke era um espírito mais velho, então imaginei final do século XVIII, início do século XIX. Mas os registros desse período são inúteis.

Nightingale assistiu aos All Blacks passarem pelo *fullback* dos Lions para marcar, e a julgar pela sua expressão feia, a margem de vitória era horrível.

— Se você pelo menos pudesse falar com alguns entusiasmados frequentadores de teatro daquela época — sugeriu ele.

— Quer invocar mais fantasmas? — perguntei.

— Estava pensando em alguém ainda vivo — ele respondeu. — Por assim dizer.

— Está falando de Oxley?

— E sua querida esposa, Isis, também conhecida como Anna Maria de Burgh Coppinger, amante de John Montagu, o quarto conde de Sandwich e amante do famoso acadêmico shakespeariano Henry Ireland. Partido deste vale de lágrimas em 1802, supostamente para os pastos mais verdes de Chertsey.

— Chertsey?

— É onde fica o rio Oxley — disse ele.

Eu imaginei que, se iria ver Oxley novamente, poderia muito bem matar dois coelhos com uma cajadada. Liguei para o celular à prova d'água de Beverley e perguntei se estava interessada em um passeio no campo.

Apenas para o caso do veto da mãe ainda ser válido, eu iria dizer a ela que seria para ajudar a lidar com Pai Tâmis, mas nunca tive a chance de chegar a isso.

— Nós vamos no Jaguar? — ela perguntou. — Sem ofensa, mas seu outro carro fede.

Eu respondi que sim, e ela estava tocando o interfone quinze minutos depois. Obviamente já estava espreitando no West End.

— Mamãe me colocou para dar uma farejada — disse enquanto entrava no Jaguar. — Procurar pelo seu retornado.

Ela vestia um bolero bordado por cima de um suéter de gola rulê e calças pretas.

— Você saberia reconhecer um retornado se visse um? — perguntei.

— Não sei — respondeu. — Há uma primeira vez para tudo.

Eu quis observá-la enfiando as pernas compridas sob o painel, mas percebi que a temperatura já estava suficientemente alta. Meu pai uma vez me disse que o segredo de uma vida feliz é nunca começar algo com uma garota a não ser que esteja disposto a ir até o fim. Foi o melhor conselho que ele me deu, e provavelmente a razão pela qual eu nasci. Eu me concentrei em tirar o Jaguar da garagem e estabelecer um curso para o sudoeste e o lado errado do rio novamente.

Em 671 d.C. uma abadia foi fundada no terreno elevado ao sul do rio Tâmsa, onde fica hoje Chertsey. Era o clássico estabelecimento anglo-saxão, metade centro de aprendizado, metade centro de poder econômico e refúgio para os filhos da nobreza que achavam que a vida era mais que furar pessoas com espadas. Duzentos anos depois os vikings, que nunca se cansavam de furar pessoas com espadas, saquearam a abadia e a incendiaram. Ela foi reconstruída, mas os habitantes deviam ter feito algo para irritar o rei Edgar, o Pacificador, pois em 964 d.C. ele os expulsou e substituiu por beneditinos. Essa ordem de monges acreditava em uma vida de contemplação, oração e refeições realmente grandes, e como gostavam de comer, isso significava que nunca viam um pedaço de terra cultivável que não quisessem melhorar. Uma de suas melhorias, em algum momento do século XI, foi cavar um canal separado para o Tâmsa de Penton Hook até Chertsey Weir de modo a garantir água para movimentar seus moinhos. Eu digo que os monges cavaram, mas claro que eles recrutaram camponeses para o trabalho duro. Esse tributário

artificial do Tâmbisa é marcado nos mapas como Abbey River, mas foi um dia conhecido como Oxley Mills Stream.

Eu não contei a Beverley para onde estávamos indo, mas ela percebeu para onde era assim que saímos do Clockhouse Roundabout e descemos a London Road na direção da gloriosa Staines.

— Eu não posso vir para cá — ela disse. — É fora da minha jurisdição.

— Relaxe — falei. — Isto é sancionado.

É uma coisa estranha que, embora tenha nascido e sido criado em Londres, haja tantas regiões da cidade que nunca vi. Staines era uma dessas, embora tecnicamente não fosse Londres, e para mim parecesse rural. Após termos cruzado a Staines Bridge eu me vi em um trecho de estrada anônimo com sebes altas e cercas dos dois lados. Reduzi quando nos aproximávamos de um contorno, e desejei ter investido em um GPS.

— Vá pela esquerda — disse Beverley.

— Por quê?

— Você está procurando por um dos filhos do Velho?

— Oxley — respondi.

— Então entre à esquerda — disse ela com certeza absoluta.

Eu peguei a primeira saída do contorno com aquela estranha sensação de distanciamento que você tem quando dirige seguindo as indicações de outra pessoa. Vi uma marina à minha esquerda — filas de barcos de passeio boiando, com um barco de canal eventual para quebrar a monotonia.

— É ali? — perguntei.

— Não seja idiota — ela respondeu. — Aquele é o Tâmbisa. Continue em frente.

Cruzamos uma pequena ponte moderna sobre o que Beverley garantiu ser o rio Oxley e chegamos a um estranho pequeno contorno.

Era como dirigir para a terra dos munchkins, uma propriedade composta de pequenas ruas delimitadas por bangalôs de alvenaria cor-de-rosa. Viramos à direita, paralelamente ao rio. Eu dirigi lentamente para o caso de algum camarada pular no meio da estrada e começar a cantar.

— Aqui — disse Beverley, e estacionei o carro. Quando saltei, ela ficou em seu banco. — Acho que essa é uma má ideia.

— Eles realmente são pessoas muito simpáticas — falei.

— Estou certa de que são muito civilizados e tudo mais. Mas Ty não vai gostar disto.

— Beverley. Sua mãe me disse para dar um jeito nas coisas, e estou dando um jeito nas coisas. E você está facilitando para que eu dê um jeito nas coisas. Só que isso não vai acontecer se você não saltar do carro.

Beverley suspirou, soltou o cinto de segurança e saltou. Esticou e arqueou as costas, fazendo os seios pressionarem o suéter. Ela me flagrou olhando e piscou.

— Apenas me esticando — falou.

Nightingale havia dito que comer o bolo Battenberg de Isis havia sido uma má ideia, então eu não conseguia imaginá-lo aprovando que eu confraternizasse com as ninfas das águas locais. De modo que mantive os olhos no traseiro redondo de Beverley e tentei pensar profissionalmente.

Ademais, sempre havia Lesley ou, mais precisamente, a remota esperança de Lesley em algum momento no futuro.

Toquei a campainha e recuei educadamente.

Ouvi Isis chamar de dentro.

— Quem é?

— Peter Grant — respondi.

Isis abriu a porta e sorriu para mim.

— Peter — disse. — Que agradável surpresa.

Ela viu Beverley atrás de mim, e embora não tenha perdido o sorriso, uma preocupação surgiu em seus olhos.

— E quem é esta? — perguntou.

— Esta é Beverley Brook. Achei que já era hora de apresentações formais. Beverley, esta é Isis.

Beverley estendeu uma mão cautelosa, que Isis apertou.

— Prazer em conhecê-la, Beverley. Estamos nos fundos, melhor entrarem.

Embora não tenha feito nada tão pouco digno como começar a correr, Isis caminhou no passo acelerado de uma esposa determinada a alcançar o marido com a notícia chocante antes dos

convidados. Tive um vislumbre de pequenos aposentos arrumados com papel de parede floral antes de sairmos pela porta da cozinha.

O bangalô dava diretamente para o rio, e Oxley construiu um cais de madeira que se projetava sobre um trecho amplo da água. Dois magníficos salgueiros chorões, um de cada lado, protegiam a piscina do exterior. Era fresco e atemporal como o interior de uma igreja rural.

Oxley estava de pé nu na piscina com a água marrom batendo em suas coxas. Sorria para Isis, que fazia gestos frenéticos de *comporte-se*. Ele olhou para Beverley e para mim enquanto saíamos.

— O que é isto? — ele perguntou. Eu vi os ombros se contraindo, e podia jurar que o sol se escondeu atrás de uma nuvem, embora possa ter sido coincidência.

— Isto é Beverley Brook — respondi. — Diga olá, Beverley.

— Olá — disse Beverley.

— Achei que era hora de você conhecer a outra metade — falei.

Oxley mudou de posição e eu senti, atrás de mim, Beverley recuar um passo.

— Bem, isso é simpático — disse Isis, leve. — Por que não tomamos uma bela xícara de chá?

Oxley abriu a boca como se fosse falar, aparentemente mudou de ideia e, virando-se para a esposa, disse: — Chá seria bom.

Eu soltei a respiração, Beverley deu um risinho nervoso, e o sol apareceu novamente. Tomei a mão de Beverley e a levei à frente. Oxley tinha o físico de um trabalhador braçal, magro e coberto de duros músculos pronunciados. Isis obviamente gostava de uma dose de dureza. De modo interessante, Beverley parecia mais interessada na água.

— É um belo lugar — comentou ela.

— Gostaria de entrar? — perguntou Oxley.

— Sim, por favor — disse Beverley, e para meu absoluto espanto, arrancou bolero e suéter com um único movimento sinuoso, saiu das calças e com um vislumbre memorável de membros marrons nus, se jogou na água. Isis e eu tivemos de recuar rapidamente para não ficarmos encharcados.

Oxley piscou para mim e olhou para a esposa.

— Você também vem, querida?

— Temos outro convidado — disse Isis com decoro. — Alguns de nós ainda têm modos.

Beverley emergiu e ficou de pé no rio com água até a cintura, um sorriso provocante e seios nus. Não pude deixar de notar que seus mamilos eram grandes e rígidos. Ela olhou para mim, lábios cheios e sugestivos. Se sua mãe era como a subcorrente do mar, Beverley era irresistível como um rio claro rápido correndo por uma tarde quente de verão.

Eu já havia começado a desabotoar minha camisa quando senti a mão de Isis em meu braço.

— Você realmente é um jovem extraordinariamente crédulo — ela disse. — O que faremos com você?

Oxley mergulhou sob a superfície. Beverley olhou para mim com a cabeça inclinada para o lado, um sorriso malicioso nos lábios, depois deslizou para dentro da água.

Isis me ofereceu uma cadeira à mesa de jardim de plástico, e depois, murmurando em voz baixa, recolheu as roupas jogadas de Beverley, as dobrou cuidadosamente e pendurou em um secador junto à porta dos fundos. Oxley e Beverley estavam fora de vista havia mais de um minuto. Eu olhei para Isis, que parecia serena.

— Eles vão ficar pelo menos mais meia hora — ela disse, e fez chá para nós. Fiquei de olho na água enquanto ela tomava as providências, mas não havia sequer bolhas de ar. Disse a mim mesmo que eles deviam ter nadado para fora da piscina e emergido em algum ponto além das árvores, mas não fui muito convincente, nem para mim mesmo. Ela me ofereceu as garantias, agora padrão, enquanto servia chá e me oferecia uma fatia de bolo Madeira. Eu recusei. Perguntei a ela se lembrava de um Henry Pyke. Ela achou o nome familiar.

— Estou certa de que havia um ator com esse nome — disse. — Mas sempre havia muitos atores, muitos homens bonitos. Minha boa amiga Anne Seymour tinha um empregado bonito que poderia ser seu irmão.

Ele era o terror das empregadas da cozinha — contou, se inclinando para frente e me olhando nos olhos. — Você é o terror das empregadas da cozinha, Peter?



Eu pensei em Molly.

— Tenho de dizer que não — falei.

— Não, posso ver isso — disse ela, e recostou na cadeira. — Ele foi assassinado — completou, de repente.

— O empregado? — perguntei.

— Henry Pyke. Ou pelo menos foi esse o boato. Outra vítima do notório Charles Macklin.

— Quem era ele?

— Um irlandês terrível — disse Isis. — Mas um ator esplêndido. Já havia matado um homem no Theatre Royal em uma disputa por uma peruca, o furou no olho com a bengala.

— Adorável — disse.

— Tinha aquele temperamento irlandês, sabe? — disse Isis. Macklin havia sido um ator de sucesso na juventude que se aposentou no auge para administrar um bar que logo faliu. Obrigado a voltar ao palco, era uma atração popular no Theatre Royal. — Eles o adoravam. Você sempre o via em seu lugar preferido na plateia atrás da orquestra.

Lembro de que Anne gostava de identificá-lo.

— E ele matou Henry Pyke?

— Segundo as fofocas sim, embora pelo menos meia dúzia de testemunhas tenha dito que não.

— Essas testemunhas eram amigas de Macklin?

— E também admiradores — completou Isis.

— Sabe onde Henry Pyke foi enterrado? — perguntei.

— Lamento — ela disse. — Foi um pequeno escândalo na época.

Embora eu pensasse em St. Paul, já que teria sido a paróquia certa.

Ela se referia a St. Paul de Covent Garden, claro — a Igreja dos Atores. As coisas continuavam girando em torno daquele maldito lugar.

Houve barulho de água, e Beverley subiu correndo para o cais como se houvesse escadas escondidas sob a água. Era escura e esguiamente nua como uma foca, e você poderia disparar uma escopeta junto ao meu ouvido e ainda assim eu não teria desviado

os olhos. Ela se virou para o rio e ficou dando pulinhos como uma criança.

— Eu venci você — falou.

Oxley saiu do rio com o máximo de dignidade que se podia esperar de um homem branco nu de meia-idade.

— Sorte de principiante — disse.

Beverley se jogou na cadeira ao lado da minha. Seus olhos brilhavam e a água formava pérolas em seus braços, na pele macia dos ombros e nas encostas dos seios. Ela sorriu para mim e tentei manter os olhos no rosto dela. Oxley se enxugou, sentou do outro lado e sem preâmbulos e, ignorando um olhar de Isis, pegou um pedaço de Madeira.

— Gostou do mergulho? — perguntei.

— Há coisas lá em baixo que você não acreditaria, Peter — ela disse.

— Seus cabelos estão molhados — eu falei.

Ela tocou nos cabelos alisados, que estavam começando a encaracolar. Continuei olhando enquanto ela de repente se lembrava de que estava nua.

— Ah, merda — disse ela, e depois olhou para Isis em pânico. — Desculpe.

— Há toalhas no banheiro, querida — disse Isis.

— Até mais — disse Beverley e correu para a porta dos fundos.

Oxley riu e pegou outra fatia de bolo. Isis deu um tapa na mão dele.

— Entre e vista algumas roupas, velho atrevido — disse ela. Oxley suspirou e entrou no bangalô, com Isis o observando com carinho.

— Eles sempre ficam assim depois de nadar — ela disse.

— Você também nada? — perguntei.

— Ah, sim — disse Isis, corando levemente. — Mas eu ainda sou uma criatura da margem. Há neles um equilíbrio entre a água e a terra; quanto mais tempo passam conosco, mais se parecem conosco.

— E quanto mais tempo você passa com eles?

— Não tenha pressa de entrar na água — disse Isis. — Não é uma decisão que você queira tomar apressadamente.

Beverley ficou em silêncio todo o caminho de volta para o leste. Perguntei se ela queria ser deixada em algum lugar.

— Pode me levar para casa? — pediu. — Acho que tenho de falar com minha mãe.

Então tive de atravessar a cidade até o maravilhoso Wapping com Beverley arrasada demais para falar, o que em si era perturbador.

Quando a deixei em frente ao prédio ela fez uma pausa antes de sair e me disse para tomar cuidado. Quando perguntei com o que deveria tomar cuidado, ela deu de ombros, e antes que pudesse impedir, me beijou no rosto. Eu a vi se afastar do carro, a barra do suéter prendendo em seu traseiro e pensei: que porra foi isso?

Não me entenda mal, eu gostava de Beverley Brook, mas estava um pouco desconfiado, inclusive porque ela e a mãe pareciam conseguir produzir uma ereção em musgo caso quisesse. O alerta de Isis sobre entrar na água com alguém que não era cem por cento humano foi apenas a cobertura do bolo.

A hora do rush estava começando quando eu dirigia de volta a Folly.

O dia havia ficado nublado, e chuva começou a bater no para-brisa.

Estava bastante certo de que Oxley e Beverley haviam estabelecido uma ligação. Quando os vira de pé lado a lado no rio eles pareciam...

confortáveis era a melhor palavra, ou talvez familiares, no sentido de primos. Bartholomew, que tinha muito a dizer à Inglaterra sobre *genii locorum*, havia sido irredutível em que os espíritos da natureza, como os chamava, sempre assumiriam algumas das características dos lugares que representavam. Papa e Mama Tâmis eram espíritos do mesmo rio — se você pudesse aproximá-los, então sua verdadeira natureza seguiria seu rumo.

E se isso significava passar alguns dias vendo Beverley no rio, era um preço que eu estava disposto a pagar.

Pensei em ligar para Lesley, mas em vez disso tranquei a garagem e atravessei o parque até a estação do metrô de Russell Square. Comprei flores em um quiosque da estação e, sem nenhuma razão aparente, fui pegar um trem para outro lugar.



## A isca

Peguei o metrô até Swiss Cottage, e já havia subido um quarto da Fitzjohn Avenue quando comecei a questionar o que fazia. Eu não apenas havia trocado meu carro pelo transporte público, como também estava subindo uma das colinas mais íngremes de Londres quando poderia ter tomado o trem até Hampstead e descido a colina. Ainda estava claro, e o sol da tarde penetrava pelos espaços entre as árvores que margeavam a avenida. As flores na minha mão eram rosas, uma variedade lilás tão escura que quase parecia preta. Fiquei pensando para quem seriam.

Estava quente suficiente para que eu tirasse a gravata e a colocasse no bolso do paletó. Eu não queria chegar suado, então fui devagar, caminhando à sombra dos plátanos ao longo da calçada. Era o tipo do dia em que uma música gruda na sua cabeça e você não consegue deixar de cantar alto; no caso era um ataque do meu passado, “Digging Your Scene”, do Blow Monkeys. Considerando que havia sido lançada quando eu ainda usava fraldas, era um espanto que eu soubesse a letra inteira. Estava cantando “I’d just like to be myself again” no terceiro refrão quando cheguei ao meu destino. A casa era um alto arranjo gótico com uma torre falsa em cada esquina e caixilhos das janelas pintados de branco. Degraus revestidos de mármore levavam a uma porta de entrada imponente, mas eu os ignorei e segui para o portão lateral — sabia para onde estava indo. Conferi se meu paletó estava arrumado e limpei as pontas dos sapatos nas batatas das pernas; satisfeito, abri o portão e entrei.

Madressilvas haviam sido plantadas ao longo da lateral da casa, criando um corredor com perfume doce que dava em um amplo jardim ensolarado. Um gramado bem aparado era delimitado por canteiros formais com petúnias, cravos-de-defunto e tulipas. Dois enormes vasos de cerâmica com flores de primavera protegiam os degraus que levavam a um pátio rebaixado no centro do qual a luz da tarde batia ao redor de uma fonte. Até mesmo eu podia ver que aquilo não era uma peça encontrada em uma loja de jardinagem. Era uma delicada bacia para pássaros com uma estátua central de um nu carregando água; Renascença italiana, talvez — eu não conhecia história da arte o suficiente para saber. Era antiga e gasta, o mármore lascado em certos pontos, e a ninfa tinha uma faixa desbotada que ia do ombro à virilha feita pela água que escorria de sua cabeça.

A água tinha um cheiro doce e provocante, perfeita depois de minha longa e lenta caminhada colina acima. Uma bela mulher de meia-idade esperava por mim junto à fonte. Usava um vestido leve de algodão amarelo, chapéu de palha e sandálias abertas. À medida que me aproximei vi que tinha os olhos da mãe, negros e oblíquos como os de um gato, mas era mais clara que Beverley, com um belo nariz reto que fotografava bem.

Um dia houve um patíbulo perto de onde hoje fica Marble Arch, no qual costumavam enforcar os criminosos da velha cidade de Londres.

O patíbulo tinha o nome da aldeia, cujos habitantes lucravam tanto com os espetáculos horrendos que construíram arquibancadas para o público, com o nome do rio que corria por elas. O rio se chamava Tyburn. Enforcaram a pobre Elizabeth Burton ali, e Gentleman Jack, que já havia escapado quatro vezes antes, e o reverendo James Hackman pelo assassinato da bela Martha Ray. Eu sabia de tudo isso porque depois que Beverley havia citado o nome da irmã na conversa como aquela que *conhece as pessoas que importam*, eu me preocupei em descobrir.

— Achei que era hora de você e eu batermos um papinho — disse Tyburn.

Eu ofereci as flores a ela, que as recebeu com um riso deliciado.

Puxou minha cabeça para baixo e me beijou na face. Ela cheirava a charuto e bancos de carro novos, cavalos e polidor de móveis, Stilton, chocolate belga e, por trás de tudo, o cânhamo, a multidão e o último mergulho no esquecimento.

Eu rastreei as fontes, o melhor possível, pelo menos, de todos os rios perdidos de Londres. Alguns, como o Beverley Brook, o Lea ou o Fleet, eram fáceis de descobrir, mas a localização do Tyburn, a lendária Fonte do Pastor, havia se perdido na louca expansão vitoriana de Londres, movida a vapor na segunda metade do século XIX. Aquela fonte obviamente era a origem, mas a fonte propriamente dita, suspeitava, havia sido saqueada por um funcionário empreendedor nos últimos dias do império.

Eu tinha sede, gostaria de uma bebida.

— Sobre o que gostaria de conversar? — perguntei.

— Para começar, gostaria de saber quais as suas intenções para com minha irmã — disse Tyburn.

— Minhas intenções? — perguntei. Minha boca estava muito seca. — Minhas intenções são absolutamente honrosas.

— Realmente? — disse ela, se agachando para pegar um vaso atrás da fonte. — Por isso você a levou para ver os vagabundos?

Vagabundo não é uma palavra que um jovem policial bem criado deva usar.

— Aquilo foi apenas uma investigação preliminar — eu expliquei. — E Oxley e Isis não são vagabundos.

Tyburn deslizou as costas da mão pela estátua de mármore carregando água, e o fio da cabeça se tornou uma corrente forte com a qual ela encheu o vaso.

— Ainda assim não são o tipo de pessoa com a qual alguém queira ver a irmã — disse enquanto desembulhava as rosas.

— Não podemos escolher nossa família — eu disse alegremente. — Graças a Deus podemos escolher nossos amigos.

Tyburn me lançou um olhar penetrante e começou a arrumar as rosas. O vaso era banal, de fundo chato como um frasco e feito de fibra de vidro verde laqueada, o tipo de coisa que você consegue por cinquenta centavos em uma venda de garagem.

— Não tenho nada contra o Velho ou seu pessoal, mas este é o século XXI, esta é minha cidade e eu não dei duro por trinta anos

para que algum “cavalheiro da estrada” volte e pegue o que é meu.

— O que você acha que é seu? — perguntei.

Ela me ignorou e, tendo arrumado a última rosa, colocou o vaso na parede do pátio ali perto. Quando eu comprei as rosas, eram as últimas, e estavam começando a murchar. Assim que Tyburn as colocou no vaso elas se empertigaram, se tornando cheias, gloriosas e ainda mais escuras.

— Peter, você já viu como Folly é organizado, ou melhor, não organizado — disse ela. — Você sabe que não tem um lugar oficial no governo, e sua relação com a Polícia Metropolitana é unicamente uma questão de costume e prática e, Deus me ajude, tradição. Tudo é mantido no lugar com cuspe, cera de lacrar e a rede do velho. É uma típica agregação britânica, e no único momento em que foi requisitada a operar, fracassou terrivelmente. Eu tenho acesso a arquivos que você sequer sabe que existem, Peter, sobre um lugar na Alemanha chamado Ettersberg; você deveria perguntar a seu mentor sobre isso.

— Tecnicamente ele é meu mestre — eu corriji. — Eu fiz um juramento de guilda como seu aprendiz.

Minha língua estava grossa e seca, como se eu tivesse passado a noite dormindo de boca aberta.

— Eu encerro — disse ela. — Sei que é contra o caráter nacional, mas você não gostaria que fôssemos um pouquinho mais organizados nessas coisas, apenas um tantinho mais maduros? Faria algum mal se tivéssemos uma divisão oficial do governo cuidando do sobrenatural?

— Um Ministério da Magia? — perguntei.

— Rá-rá — reagiu Tyburn.

Eu queria saber por que ela não me havia oferecido uma xícara de chá. Eu dei flores a ela, e o mínimo que podia esperar em retribuição seria uma bela xícara de chá, ou uma cerveja, ou mesmo um gole de água. Eu pigarreei, e saiu um pouco chiado. Espiei a fonte e a água correndo para a bacia.

— Gosta dela? — perguntou. — A bacia é uma cópia bastante grosseira do século XVII de um desenho italiano, mas a figura central foi desenterrada quando estavam construindo a estação Swiss Cottage.

Ela apoiou a mão no rosto da estátua.

— O mármore é belga, mas os arqueólogos me asseguram que foi esculpida aqui.

Eu estava tendo dificuldade em descobrir por que não queria beber a água. Eu já havia bebido água antes, quando não havia cerveja, café ou diet Coke disponíveis. Eu bebi de garrafas, eventualmente da torneira.

Quando eu era garoto costumava beber da torneira o tempo todo. Eu corria de volta ao apartamento quente, suado de brincar e nem tinha o trabalho de colocar em um copo, apenas abria a torneira e enfiava a boca embaixo. Se minha mãe me apanhava fazendo isso dava uma bronca, mas meu pai apenas dizia que eu devia tomar cuidado. “E se um peixe pular?”, ele costumava dizer, “Você iria engolir antes mesmo de saber que estava ali”. Papai estava sempre dizendo coisas assim, e só aos 17 anos eu me dei conta de que era por estar doidão o tempo todo.

— Pare com isso — murmurei.

Ela me deu um lindo sorriso.

— Parar com o quê?

Eu não me importo de ficar bêbado, mas sempre chega um momento da noite em que me descubro esbarrando nas coisas e pensando, estou cansado disso, posso recuperar o pleno controle do meu cérebro, por favor? Eu estava ficando igualmente irritado com minha repentina necessidade de levar flores a Hampstead e beber água de fontes estranhas. Tentei recuar um passo, mas o máximo que consegui foi me arrastar um pouco.

O sorriso de Tyburn desapareceu.

— Por que você não toma um belo gole? — perguntou.

Ela havia ido longe demais, e sabia disso, e sabia que eu sabia que ela sabia. Qualquer influência que lançara sobre mim tinha de ter sido sutil demais para produzir uma sugestão tão óbvia.

Ademais, eu sempre pensei naquele peixe.

— Boa ideia — respondi. — Há um pub no final da rua. Vamos lá.

— Seu desgraçado dissimulado — ela disse, e não achei que estivesse falando de mim. Ela se inclinou mais e olhou nos meus olhos. — Sei que você está com sede. Beba a água.



Eu senti meu corpo se lançar na direção da fonte. Foi involuntário, exatamente como quando você tem um espasmo na perna ou soluço, mas naquele momento era meu corpo inteiro operando com um objetivo que não era o meu — aterrorizante. Eu me dei conta então de que o Velho e Mama Tâmisia sequer haviam tentado me controlar, e caso quisessem, poderiam ter me colocado a fazer piruetas pela sala.

Tinha de haver um limite para o poder, do contrário o que impediria Mama Tâmisia ou o Velho de entrar em Downing Street e estabelecer os termos? Acho que as pessoas perceberiam se isso acontecesse. Para começar, o Tâmisia seria muito mais limpo.

Tinha de ser Nightingale, percebi. O contrapeso, o equilíbrio humano para o sobrenatural, e isso significava que eles não podiam controlá-lo. A única coisa que distinguia Nightingale de um sujeito comum era sua magia, significando que a magia devia oferecer uma defesa. Era forçar um pouco, mas não é fácil pensar direito nas coisas quando a personificação de um rio londrino histórico está tentando subjugar você.

Para ganhar tempo eu tentei me jogar para trás. Não funcionou, mas impediu meu avanço para a fonte. Nightingale ainda não me ensinou a bloquear magia, então em vez disso apelei para o *impello*. Conceber a forma em minha mente foi tão mais fácil do que eu esperava — mais tarde especulei que o que quer que Tyburn estivesse fazendo, agia sobre a parcela instintiva do meu cérebro, não sobre as funções superiores — que me arrastaram.

— *Impello* — eu disse, e tentei erguer a estátua de seu pedestal.

Tyburn arregalou os olhos com o som do mármore partindo. Ela se virou para olhar, e quando seus olhos desviaram dos meus, cambaleei para trás, de repente livre. Senti a forma em minha mente sair de controle e a cabeça da estátua desintegrar em um jorro de cacos de mármore. Senti um golpe do ombro e um corte afiado no rosto. Um pedaço de mármore do tamanho de um cachorrinho caiu nos ladrilhos do pátio aos meus pés.

Eu vi que a bacia de pássaros também se partiu e que a água escorria e se espalhava pelo pátio como uma mancha de sangue.

Tyburn se virou para olhar para mim. Tinha um corte na testa e seu vestido estava rasgado logo acima do quadril.

Ela ficou muito silenciosa, e isso não era um bom sinal. Eu já vi aquele silêncio antes, na minha mãe e no rosto de uma mulher cujo irmão acabara de ser atropelado por um motorista bêbado. As pessoas são condicionadas pela imprensa a pensar que mulheres negras estão sempre gritando, sacudindo as cabeças e reclamando e “ah, você não fez isso”, e se não estão sendo impertinentes, são dignas, oprimidas e resistentes e “Não entendo porque as pessoas simplesmente não conseguem conviver”. Mas quando você vê uma mulher negra ficar em silêncio do modo como Tyburn ficou, os olhos brilhantes, os lábios apertados e o rosto imóvel como uma máscara mortuária, é porque você fez uma inimiga pelo resto da vida. Ponto final.

Não fique por perto e tente conversar sobre isso — acredite em mim, não irá terminar bem. Eu segui meu próprio conselho e recuei. Os olhos negros de Tyburn me viram partir, e assim que estava em segurança na passagem lateral, me virei e andei o mais rápido que pude.

Não exatamente desci a colina correndo até Swiss Cottage, mas dei uma caminhada vigorosa. Havia um telefone público perto do final, que eu precisava, já que meu celular estava perto durante minha demolição da estátua. Eu chamei a telefonista, dei meu número de identificação e fui transferido para o celular de Lesley. Ela queria saber onde eu estava, porque aparentemente tudo havia ficado animado sem mim.

— Salvamos o cego, não graças a você — ela disse. Ela se recusou a me dar detalhes, porque “seu chefe quer você aqui imediatamente”.

Perguntei a ela onde era “aqui”, e ela falou no Necrotério de Westminster, o que me deixou aborrecido, porque podíamos ter salvado o cego, mas algum pobre desgraçado ainda perdeu o rosto.

Disse a ela que estaria lá assim que pudesse.

Peguei uma carona com o carro da área para a estação do metrô Swiss Cottage e tomei um trem da Jubilee Line para a cidade. Duvidei que Lady Ty tivesse recursos ou tendência a cobrir todas as estações, e uma das poucas vantagens de explodir meu telefone era que ele não podia ser grampeado, da mesma forma como

qualquer rastreador que ela pudesse ter colocado em mim. Não estou sendo paranoico, sabe.

Você pode comprar essas coisas na internet.

A hora do rush estava quase no máximo quando peguei o metrô, e o vagão estava lotado no limite, apertado como sardinhas. Percebi alguns dos passageiros me olhando enquanto eu me acomodava no final do vagão, de costas para a porta de ligação. Estava transmitindo sinais contraditórios, o terno e a expressão tranquilizadora em meu rosto indo numa direção, o fato de que eu obviamente estivera em uma briga recente e era mulato indo em outra. É um mito que os londrinos ignoram uns aos outros no metrô: somos hiperconscientes uns dos outros, e estamos constantemente revisando os cenários possíveis e contraestratégias. E se aquele jovem suavemente belo, mas étnico, me pedir dinheiro? Eu dou ou recuso? Se ele fizer uma piada eu reajo, e caso positivo será um sorriso tímido ou uma gargalhada? Se ele tiver sido ferido em uma briga, precisa de ajuda. Se eu o ajudar me verei arrastado para uma situação ameaçadora, uma aventura ou um selvagem romance inter-racial? Perderei o jantar? Se ele abrir o paletó e gritar “Deus é grande” eu conseguirei ir para a outra ponta do vagão a tempo?

O tempo todo a maioria de nós está concebendo estratégias livres de atrito para promover a paz em nossa época, nosso vagão e satisfazer Deus pelo menos até chegar em casa. Isso é chamado por pessoas acima dos sessenta de gentileza básica, e seu objetivo é nos impedir de matar uns aos outros. Era como *vestigia*: você não está sempre consciente deles, mas instintivamente moldou seu comportamento em reação à acumulação de magia ao seu redor. Eu me dei conta de que era o que sustentava os fantasmas; eles viviam de *vestigia* como LEDs de uma bateria de vida longa, reduzindo a potência para racionar. Eu me lembrei do espaço morto que havia na casa dos vampiros em Purley. Segundo Nightingale, vampiros eram pessoas comuns que foram infectadas, ninguém sabe exatamente como ou por quê, e começaram a se alimentar do potencial mágico, incluindo os *vestigia*, do ambiente.

“Mas isso não é suficiente para sustentar um ser vivo”, disse Nightingale. “Então eles vão à caça de mais magia”.

Segundo Isaac Newton, a melhor fonte disso eram seres humanos, mas você não pode roubar magia de uma pessoa, ou de qualquer vida mais complexa que musgo, a não ser no momento da morte, e mesmo isso não é fácil. Eu fiz a pergunta óbvia: por que beber sangue? Ele disse que ninguém sabia. Perguntei por que ninguém fez alguma experiência, e ele me lançou um olhar estranho.

“Foram feitas algumas experiências”, ele disse após uma pausa demorada, “durante a guerra. Mas os resultados foram considerados antiéticos e os arquivos foram lacrados”. Eu perguntei: “Nós íamos usar vampiros durante a guerra?”, e fiquei surpreso com a expressão de verdadeira dor e raiva no rosto de Nightingale. “Não”, ele disse secamente, e depois, com mais moderação: “Não nós; os alemães.”

Algumas vezes quando alguém lhe diz para não ir a algum lugar, é melhor não ir.

Os *genii locorum*, como Beverley, Oxley e o resto da estranha família Tâmisa, também eram seres vivos em um plano, e também tiravam seu poder do ambiente. Bartholomew e Polidori sugeriram que eles tiravam sustento de *toda a diversa e múltipla vida e magia dentro de seus domínios*. Eu era cético, mas estava disposto a aceitar que eles viviam em simbiose com seus domínios, enquanto os vampiros claramente eram parasitários. E se isso fosse espelhado pelos fantasmas? Se Nicholas Wallpenny era, de alguma forma, parte dos *vestigia* que ele habitava e dos quais extraía poder, um simbiote, então o retornado podia ser um parasita, um fantasma vampiro. Isso explicaria os cérebros encolhidos de couve-flor das vítimas — a magia havia sido sugada deles.

O que significava que a invocação que eu fiz com as calculadoras não fez mais do que alimentar o apetite de Henry Pyke por magia. Mas também fiquei pensando se não era possível atrair um retornado espalhando magia da mesma forma que coloca iscas para um tubarão.

No momento em que o trem parou na Baker Street eu já estava começando a formular um plano.

O metrô é um bom lugar para esse tipo de descoberta conceitual, pois a não ser que você tenha algo para ler, não há mais

nada a fazer.

Dessa vez, quando cheguei ao Necrotério de Westminster sequer precisei apresentar meu distintivo. Os guardas no portão simplesmente me mandaram entrar. Nightingale esperava por mim no vestiário.

Enquanto eu me aprontava, dei a ele uma rápida explicação sobre meu encontro com Tyburn.

— São sempre os filhos — disse Nightingale. — Eles nunca estão satisfeitos com o *status quo*.

— Como vocês salvaram o cego? — perguntei.

— Aparentemente eles não são cegos — explicou Nightingale. — Eles, na verdade, são deficientes visuais. Uma jovem muito persuasiva me explicou isso longamente enquanto estávamos esperando no hospital.

— Então, como vocês salvaram o deficiente visual?

— Gostaria de ficar com o crédito — disse Nightingale. — Foi o cão guia. Assim que começou o confisco...

— Confisco? — perguntei.

Aparentemente esse era o termo que o Dr. Walid inventara para descrever o que acontecia quando um ser humano normal era tomado por nosso retornador. É uma expressão legal relativa ao processo pelo qual os bens de uma pessoa são tomados de modo a quitar dívidas, ou por serem considerados fruto de crime. Neste caso, o bem confiscado era o corpo da pessoa.

— Assim que o confisco começou, o cão guia, que acredito se chamar Malcolm, ficou agitado e arrastou a vítima potencial para longe — disse Nightingale. — O inspetor Seawoll já tinha colocado seu pessoal para cobrir a coleta de doativos na área, e um deles interferiu antes que nosso pobre Punch pudesse seguir o cego.

— Outro triunfo para o policiamento conduzido por informações — eu disse.

— Bastante — concordou Nightingale. — Foi sua amiga policial May a primeira a chegar à cena do crime.

— Lesley? Aposto que ela não ficou feliz com isso.

— Nas palavras dela: “Por que essa merda sempre acontece comigo, cacete?” — repetiu Nightingale.

— Então quem era nossa vítima de confisco quando estava viva? — perguntei.

— Quem disse que está morta? — reagiu Nightingale.

Ele me conduziu pelo corredor, onde tinham uma sala equipada como uma unidade de tratamento intensivo móvel, algo que, quando você para para pensar, é algo perturbador de encontrar em um necrotério. Lesley estava jogada em uma cadeira no canto da sala.

Ergueu a mão em uma saudação quando entramos. A cama estava cercada dos dois lados por máquinas bufando, fazendo bipe ou simplesmente piscando em silêncio. Na cama estava Terrence Pottsley, 27 anos, de Sedgefield, Condado de Durham, gerente de estoque da Tesco, parente mais próximo definitivamente ainda não informado.

Uma moita de aço inoxidável crescia em seu rosto — um andaime médico, como o chamam. O Dr. Walid esperava que isso permitisse uma cirurgia de reconstrução assim que a questão do confisco de Pottsley estivesse solucionada.

— E eu reclamava quando usava aparelho nos dentes — disse Lesley.

— Ele está acordado? — perguntei.

— Aparentemente está sendo mantido no que eles chamam de “coma induzido” — respondeu Nightingale. — Oxley sabe com quem estamos lidando?

— Isis sabe — respondi. — Ela se lembra de Henry Pyke como um ator fracassado que pode ter sido assassinado por Charles Macklin, um ator muito mais bem-sucedido.

— Isso explicaria o ressentimento — concluiu Nightingale.

— Ele foi preso? — perguntou Lesley.

— Os registros são vagos — eu disse. — Pyke pode ter sido preso...

— Não Pyke — cortou Lesley. — Macklin. Se safar com um assassinato pode ser um acidente, mas se safar com dois parece um pouco improvável, cacete. Para não dizer injusto.

— Macklin viveu até uma idade adiantada — disse Nightingale. — Ele era um personagem da vida de Covent Garden. Eu sabia sobre o primeiro assassinato, mas nunca tinha ouvido falar em Henry Pyke.

— Podemos ter essa conversa em outro lugar? — pediu Lesley.  
— Esse sujeito está me deixando nervosa.

Como nós éramos em maioria tiras, isso significava um pub ou a cantina. Esperei que o Dr. Walid se juntasse a nós antes de apresentar minha estratégia.

— Tenho uma ideia — anunciei.

— Melhor não ser um plano engenhoso — disse Lesley.

Nightingale fez uma expressão vazia, mas pelo menos isso arrancou um risinho do Dr. Walid.

— Na verdade é um plano engenhoso — expliquei.

Nightingale tinha uma impressão do roteiro de Piccini. Eu o abri e chamei atenção para a cena que se segue a Punch se livrar do mendigo cego. Nela o policial chega para prender Punch pelo assassinato da esposa e do bebê.

— Eu irei interpretar o policial na próxima cena.

— Você está se oferecendo para ter a cabeça espancada? — perguntou o Dr. Walid.

— Se você ler o roteiro verá que o policial na verdade sobrevive ao encontro — eu disse. — Assim como aquele que chega imediatamente depois.

— Imagino que esse serei eu — concluiu Nightingale.

— Desde que não seja eu — avisou Lesley.

— Não sei se acredito que isso possa funcionar — confessou Nightingale. — Henry Pyke não tem por que tramar um encontro conosco, por mais que isso se encaixe em sua pequena peça.

O Dr. Walid colocou o dedo no roteiro e disse: — Punch pergunta: “E quem o mandou?”, ao que o policial responde: “Fui mandado para você”. Punch não tem escolha; esse é o seu destino. “Eu não quero o policial”, diz.

— Acho que você entendeu Punch totalmente errado — disse Lesley.

— Está supondo que ele é um assassino em série sobrenatural obrigado a interpretar uma peça de Punch e Judy. E se ele for outra coisa?

— Como o quê? — perguntei.

— Como a manifestação de uma tendência social, crime e desordem, um superbaderneiro. O espírito do conflito e da rebelião

da malta londrina.

Todos olhamos para ela espantados.

— Você esquece que eu também consegui nota dez, sabe? — disse Lesley.

— Você tem outro plano? — perguntei.

— Não — respondeu. — Só quero que você tome cuidado.

Apenas porque você acha que sabe o que está fazendo não significa que realmente saiba o que está fazendo.

— Fico contente por termos esclarecido isso — eu disse.

— Fique à vontade — ela falou. — Mesmo que você apanhe Henry, o que fará depois?

Era uma boa pergunta. Olhei para Nightingale.

— Posso rastrear o espírito dele — disse Nightingale. — Se conseguir chegar suficientemente perto poderei rastreá-lo até seus ossos velhos.

— E depois? — continuou Lesley.

Eu olhei para Nightingale.

— Nós os desenterramos, transformamos em pó, misturamos com sal de pedra e depois espalhamos no mar — falei.

— E isso funciona? — ela questionou.

— Funcionou antes — respondeu o Dr. Walid.

— Vocês vão precisar de um mandado — disse Lesley.

— Não precisamos de um mandado para um fantasma — eu disse.

Lesley sorriu e empurrou o roteiro para o meu lado da mesa. Deu um tapinha na página com a colher e leu a linha: “Policia! Não me diga.

Você cometeu assassinato, e tenho um mandado para você.”

— Se você vai interpretar o papel, precisará de todos os elementos cenográficos.

— Um mandado para um fantasma — eu disse.

— Isso, pelo menos, não será uma dificuldade — observou Nightingale. — Embora signifique que teremos de adiar a operação de captura até mais tarde esta noite.

— Vocês vão em frente com isso? — perguntou Lesley. Ela olhou para mim preocupada. Fiz minha melhor expressão de



despreocupação, mas suspeito que tenha parecido mais com otimismo infundado.

— Acredito, policial, que é nossa única opção — respondeu Nightingale. — Ficaremos muito gratos caso você possa informar ao inspetor Seawoll e pedir a ele para estar pronto em Covent Garden às onze horas.

— Tão tarde assim? — indaguei. — Henry Pyke talvez não espere tanto.

— Não conseguiremos nosso mandado antes de onze, na melhor das hipóteses — respondeu Nightingale.

— E se isso não funcionar?

— Então será a vez de Lesley apresentar seu plano — concluiu Nightingale.

Dirigimos de volta a Folly, onde Nightingale desapareceu na biblioteca de magia, supostamente para revisar seus feitiços de rastrear retornados, enquanto eu subi para meu quarto e tirei meu uniforme do armário. Tive de procurar meu capacete, e acabei encontrando-o embaixo da cama, tendo dentro dele meu apito de prata, absurdamente ainda parte do uniforme moderno. Como meu último telefone não sobreviveu à fonte de Tyburn, peguei o Airwave da polícia na escrivaninha e coloquei as baterias. Enquanto o colocava na mochila com o paletó do uniforme, me dei conta de que o quarto ainda parecia o quarto de hóspedes de alguém, um lugar que eu estava apenas ocupando enquanto não aparecia nada melhor.

Pendurei a mochila no ombro e me virei para ver Molly me olhando do umbral. Ela inclinou a cabeça para um lado.

— Não sei — disse. — Mas vamos comer fora.

Ela franziu o cenho.

— Sou eu que vou me arriscar — expliquei, mas isso não pareceu impressioná-la. — Ele ficará bem.

Ela me deu um último olhar cético antes de ir embora deslizando.

Quando saí do quarto ela não podia ser vista em lugar algum. Desci e esperei por Nightingale na sala de leitura. Ele surgiu meia hora depois vestindo seu terno de “trabalho” e levando a bengala. Perguntou se eu estava pronto, e respondi que sim.

Era uma bela noite quente de verão, então em vez de pegar o Jaguar caminhamos pela frente do Museu Britânico antes de cortar pela Museum Street e entrar na Drury Lane. Embora tivéssemos gastado tempo, ainda tínhamos horas para gastar, então entramos para jantar em uma casa de curry perto do Theatre Royal com o nome promissor de House of Bengal.

Eu examinei um cardápio misericordiosamente livre de batatas, massa de casca grossa, sebo e molho, e me dei conta de por que Nightingale gostava tanto de comer fora.

Nightingale pediu o cordeiro com limão selvagem e eu fiquei com um frango Madras quente o bastante para fazer brotar lágrimas nos olhos de Nightingale. Para mim estava um pouco mais suave. Comida indiana não é um problema para um garoto criado com frango com amendoim e arroz *jollof*. O lema da cozinha da África ocidental é que se a comida não incendiar a toalha de mesa o cozinheiro está sendo pão-duro com a pimenta. Na verdade não existe esse lema — do ponto de vista de minha mãe era simplesmente inconcebível que alguém pudesse querer comer algo que não queimasse o interior da boca.

Pedimos uma cerveja enquanto esperávamos, e Nightingale me perguntou como progrediam meus esforços diplomáticos.

— Deixando de lado seu pequeno contratempo com Tyburn.

Contei a ele sobre a visita ao rio de Oxley e a reação de Beverley.

Deixei de fora todo o aspecto da visita no qual eu mesmo queria pular.

Disse que achava que tudo deu certo e que havia estabelecido uma ligação mútua entre os dois lados.

— É algo a partir do que trabalhar — concluí.

— Solução de conflitos — disse Nightingale. — É isso que eles ensinam em Hendon atualmente?

— Sim, senhor. Mas não se preocupe, eles também nos ensinam como espancar pessoas com catálogos telefônicos e as dez melhores maneiras de plantar evidências.

— Bom saber que as antigas habilidades estão sendo preservadas — disse Nightingale.

Eu tomei um gole da minha cerveja.

— Tyburn não é uma grande fã dos estilos antigos — eu disse.

— Peter. De todas as filhas de Mãe Tâmis, você tinha de brigar com Lady Ty — disse ele, acenando com o garfo. — Por isso não ficamos usando magia até estarmos treinados.

— O que eu deveria fazer?

— Você deveria ter escapado disso conversando — sugeriu ele.

— O que você acha que Ty é? Uma gângster? Acha que ela iria meter uma bala na sua cabeça? Ela o pressionou para ver até onde você iria, e você explodiu.

Passamos algum tempo comendo nossos curries. Ele estava certo — eu havia entrado em pânico.

— É, meter uma bala no meu traseiro — repeti. — Não meter; enfiar.

— Ah — disse Nightingale.

— Não parece tão preocupado com isso, senhor. A questão de Lady Ty.

Nightingale terminou uma garfada de cordeiro e disse: — Peter, estamos prestes a nos oferecer como iscas para um poderoso espírito retornado que matou mais de dez pessoas, pelo que sabemos — falou, depois mergulhando no arroz. — Não vou me preocupar com Lady Ty até termos sobrevivido a isso.

— Se bem me lembro, eu sou a isca, o “policia” nesse roteiro. E considerando que é o meu traseiro que estará na mira, senhor, tem certeza de que consegue rastreá-lo?

— Nada é certo, Peter. Mas darei o melhor de mim — garantiu.

— E se não conseguirmos afugentá-lo para seu túmulo? — indaguei. — Temos um plano B?

— Molly pode fazer hemomancia — disse Nightingale. — É muito impressionante.

Eu vasculhei meu pequeno estoque de grego.

— Adivinhação por intermédio de sangue?

Nightingale mastigou, pensativo, e engoliu.

— Talvez não seja o melhor termo para isso — corrigiu. — Molly pode ajudá-lo a projetar seu sentido de *vestigia* a alguma distância.

— Qual distância?

— De três e meio a cinco quilômetros — respondeu Nightingale.

— Eu só fiz isso uma vez, então é difícil dizer.

— Como foi?  
— Como pisar em um mundo de fantasmas — respondeu Nightingale.  
— Pelo que sei, pode muito bem ser O mundo dos fantasmas. Talvez seja possível encontrar Henry Pyke assim.  
— Por que não podemos fazer isso agora? — perguntei.  
— Porque as chances de você não sobreviver à experiência são de cinco para uma.  
— Então tá. Provavelmente é melhor não fazer isso assim agora.

A profissão — de apanhador de ladrões, não de mago — começou em um determinado local de Londres, ela começou na Bow Street, com Henry Fielding, magistrado, autor satírico e fundador do que ficou conhecido como Bow Street Runners. Sua casa ficava ao lado da Royal Opera House, quando ela era apenas o Theatre Royal e Macklin complementava suas atividades de administrador de bar com um pouco de atuação. Sei de tudo isso porque o canal 4 produziu um programa sobre o tema, estrelado pelo sujeito que interpretou o Imperador nos filmes *Guerra nas Estrelas*. Quando Henry Fielding morreu, sua posição como magistrado foi assumida por seu irmão mais novo e cego, John, que fortaleceu os Bow Street Runners, mas evidentemente não a ponto de poder impedir Macklin de espancar Henry Pyke até a morte na porta de sua casa. Não espanta que Henry ficasse furioso. Eu com certeza ficaria.

Essa se tornou a primeira delegacia de verdade de Londres, e no século XIX foi transferida para o outro lado da rua e passou a ser Bow Street Magistrates Court — provavelmente o tribunal mais famoso da Grã-Bretanha depois de Old Bailey. Oscar Wilde foi mandado para lá por ser um inconveniente público, e William Joyce, o próprio Lord Haw Haw, começou na Bow Street sua breve caminhada até o laço do carrasco. Os gêmeos Grant ficaram presos ali pelo assassinato de Jack “Chapéu” McVitie. Ele foi vendido em 2006 para um magnata imobiliário que o transformou em hotel, porque embora história e tradição tenham bastante voz em Londres, o dinheiro tem seu próprio doce canto de sereia.

A casa original foi substituída por um mercado de flores fechado com teto de ferro e vidro em arco. Eliza Doolittle, como interpretada por Audrey Hepburn em *Minha bela dama*, teria comprado suas violetas ali antes de exibir o pior sotaque *cockney* deste lado de Dick Van Dyke. Quando a Royal Opera House foi reconstruída nos anos 1990, engoliu a maior parte do quarteirão, incluindo o mercado de flores. Motivo pelo qual nos encontramos na entrada de serviço da Opera House onde, aparentemente, Nightingale conhecia um cara que podia nos deixar entrar.

Não era tanto uma entrada do palco, mas sim uma entrada de carga.

Eu já havia visto armazéns com baias de carga menores, e havia um elevador industrial para levar os enormes paletes de cenários de um andar para outro. Terry, um homenzinho calvo vestindo um cardigã bege — o informante de Nightingale — disse que eles pesavam mais de quinze toneladas, e quando não estavam sendo usados eram guardados em um depósito em Gales. Ele não disse por que tinha de ser em Gales.

— Viemos ver o magistrado — informou Nightingale.

Terry assentiu e nos conduziu por uma série de corredores estreitos pintados de branco e por portas contra fogo dentro das normas de segurança que me lembravam de modo desconfortável o Necrotério de Westminster. Terminamos em um depósito de teto baixo que Nightingale nos garantiu ser o térreo do mercado de flores.

— Exatamente onde ficava a sala de recepção do Número Quatro — ele disse, e se virou para nosso guia. — Não se preocupe, Terry, conseguimos sair sozinhos.

Terry nos deu um aceno alegre e partiu. A sala era tomada por prateleiras de aço, repletas de caixas de papelão e embrulhos cheios de guardanapos, palitos e pilhas de dúzias de bandejas. O centro da sala estava vazio, com apenas algumas marcas de arranhões para mostrar onde um dia houve uma fila de estantes. Eu tentei sentir *vestigia*, mas só consegui poeira e plástico rasgado. Então senti, bem no limite da percepção: pergaminho, suor velho, couro e vinho do Porto derramado.

— Um magistrado fantasma — eu concluí. — Para fornecer um mandado fantasma?

— Símbolos têm poder sobre fantasmas — explicou Nightingale. — Eles com frequência têm mais efeito que qualquer coisa que possamos trazer do mundo físico.

— Por que isso?

— Para ser honesto, Peter, eu me lembro da aula em que estudamos isso e sei que li as passagens relevantes em Bartholomew, posso até mesmo ter escrito um ensaio, mas decididamente não me lembro do porquê.

— Como você planeja me ensinar isso se você mesmo não sabe?

Nightingale bateu suavemente com a bengala no peito.

— Eu ia refrescar minha memória antes de chegarmos a essa parte da sua educação — ele disse. — Sei que pelo menos dois dos meus mestres fizeram a mesma coisa, e na época tínhamos professores especializados.

Eu me dei conta de que Nightingale estava buscando se tranquilizar, o que achei extremamente preocupante.

— Desde que você esteja sempre um passo à frente — falei. — Como encontramos o magistrado?

Nightingale sorriu.

— Só precisamos chamar a atenção dele.

Ele se virou e se dirigiu ao centro vazio da sala.

— Capitão Nightingale para ver o coronel.

O cheiro de suor velho e bebida derramada ficou mais forte, e uma figura surgiu na nossa frente. Aquele fantasma parecia mais transparente que meu velho amigo Wallpenny, mais magro e fantasmagórico, mas seus olhos cintilavam quando se viraram para nós. Sir John Fielding usou uma bandagem negra para esconder os olhos cegos, e Nightingale o chamara de “coronel”, então meu palpite foi que aquele era o coronel Sir Thomas De Veil, um homem tão habitualmente corrupto que conseguiu chocar a sociedade londrina do século XVIII, em geral considerada pelos historiadores a mais corrupta da história das Ilhas Britânicas.

— O que você quer, capitão? — perguntou De Veil. Sua voz era fina e distante, e ao redor dele eu podia sentir, mais que ver, os

perfis fracos de móveis: uma escrivaninha, uma cadeira, uma estante. Reza a lenda que De Veil tinha um recinto particular especial onde fazia “exames judiciais” em testemunhas e suspeitas do sexo feminino.

— Estou em busca de um mandado — respondeu Nightingale.

— Nos termos habituais? — perguntou De Veil.

— Claro — confirmou Nightingale. Ele tirou um rolo de papel pesado do bolso do paletó e o deu a De Veil. O fantasma esticou uma mão transparente e o tomou dos dedos de Nightingale. Por mais que ele tivesse feito tudo isso descontraidamente, eu estava certo de que o esforço de mover um objeto físico devia estar custando algo a De Veil.

As leis da termodinâmica eram claras em relação a isso — todas as dívidas devem ser pagas integralmente.

— E qual meliante queremos deter? — perguntou De Veil, colocando o papel sobre a escrivaninha transparente.

— Henry Pyke, Excelência — disse Nightingale. — Que atende pelo nome de Punch e também pelo nome de Pulcinella.

Os olhos de De Veil brilharam e seus lábios de contorceram.

— Estamos prendendo marionetes agora, capitão?

— Digamos que estamos prendendo o titereiro, Excelência — respondeu Nightingale.

— E a acusação?

— Assassinato da mulher e do filho.

De Veil inclinou a cabeça.

— Ela era uma megera? — perguntou.

— Com seu perdão, Excelência? — reagiu Nightingale.

— Vamos lá, capitão — disse De Veil. — Nenhum homem ataca sua mulher sem provocação. Ela era uma megera?

Nightingale hesitou.

— Uma terrível megera — eu disse. — Com o perdão de sua Excelência. Mas o bebê era inocente.

— Um homem pode ser levado a atos terríveis pela língua de uma mulher — disse De Veil. — Eu mesmo posso testemunhar.

Ele piscou para mim, e pensei: legal, eis uma imagem que vai durar para sempre.

— Contudo, o bebê era inocente, e por isso ele precisa ser preso e levado perante seus pares — disse. Uma pena surgiu na mão fantasmagórica de De Veil, e ele rabiscou um mandado com um floreio. — Creio que se lembra do pré-requisito.

— Meu policial cuidará das formalidades — explicou Nightingale.

O que era uma novidade para mim. Olhei para Nightingale, que fez o gesto de *Lux* com a mão direita. Eu balancei a cabeça para demonstrar que havia compreendido.

De Veil secou a tinta com um sopro antes de enrolar o mandado em tubo e devolvê-lo a Nightingale.

— Obrigado, Excelência — ele disse, e depois para mim. — Quando estiver pronto, policial.

Eu criei uma *werelight* e a flutuei até De Veil, que a apanhou gentilmente com a mão direita em concha. Embora eu continuasse a sustentar a magia, a luz diminuiu enquanto, presumi, De Veil sugava a magia. Continuei sustentando por um minuto antes que Nightingale fizesse um movimento de cortar com a mão, e então encerrei. De Veil suspirou enquanto a luz se apagava e me agradeceu.

— Tão pouco — ele disse, melancólico, e desapareceu.

Nightingale me deu o rolo de papel.

— Agora você está devidamente autorizado — falou. Eu desenrolei o mandado e descobri que, como suspeitei, o papel continuava em branco. — Vamos prender Henry Pyke.

Assim que tínhamos saído do depósito eu recoloquei a bateria no Airwave e liguei para Lesley.

— Não se preocupe conosco — ela disse. — Estamos muito contentes por esperar que você nos chame.

Eu podia ouvir atrás dela vozes, copos e o último *single* de Dusty Small. Não senti qualquer simpatia; ela estava no pub. Sugeriu que talvez fosse hora de ela e o resto da equipe de apoio se colocarem de prontidão.

O trabalho policial diz respeito totalmente a sistemas, procedimentos e planejamento — mesmo quando você está caçando uma entidade sobrenatural. Quando eu, Nightingale, Seawoll, Stephanopoulos e Lesley acertamos os detalhes da operação, levou menos de quinze minutos, pois o que estávamos



fazendo era um identificar, conter, rastrear e prender padrão. Meu trabalho era identificar a última vítima de Henry Pyke. Assim que tivesse feito isso, Nightingale faria seu truque mágico e rastrearia o espírito de Henry até seu túmulo. O pessoal de Seawoll daria contenção caso as coisas ficassem animadas, enquanto o Dr. Walid ficaria de reserva com uma unidade móvel de trauma para ajudar qualquer pobre desgraçado que tivesse o azar de ter seu rosto desfigurado.

Enquanto isso a sargento-detetive Stephanopoulos estaria pronta com uma van cheia de operários e, descobri depois, uma miniescavadeira para cavar o túmulo onde quer que estivesse. Ela tinha outra van cheia de uniformizados para controlar a multidão caso Henry Pyke estivesse enterrado embaixo de algo inconvenientemente ocupado, como um pub ou um cinema.

Tecnicamente Seawoll estava no comando da coisa toda, o que estou certo que o deixava de ótimo humor.

Tudo deveria estar pronto no momento em que Nightingale e eu saímos pela porta dos fundos da Royal Opera House e pisamos novamente na Bow Street. Considerando que Henry Pyke havia sido espancado até a morte por Charles Macklin menos de dez metros rua acima, ambos imaginamos que aquele seria o ponto ideal para iniciar nossa pequena expedição. Relutante, abri minha mochila e vesti o paletó do uniforme e o maldito capacete idiota. Para registrar, todos odiamos o maldito capacete, que é inútil em uma luta e faz com que você pareça uma esferográfica azul com tampa. A única razão pela qual ainda o usamos é que os projetos alternativos parecem ainda piores. De qualquer forma, se eu iria desempenhar o papel de um policial, imagino que era melhor que parecesse com um.

Era quase meia-noite, e os últimos dos melômanos do dia haviam saído da Ópera e seguido para a estação de metrô e os pontos de táxi.

A Bow Street estava tão silenciosa e vazia quanto qualquer rua no centro de Londres.

— Tem certeza de que pode rastreá-lo? — indaguei.

— Faça sua parte que eu faço a minha — ele avisou.

Eu apertei a correia do meu capacete e fiz contato pelo Airwave.

Dessa vez falei com Seawoll, que me disse para parar de enrolar e ir em frente. Eu me virei para perguntar se estava convincente, e foi quando que me vi olhando diretamente para o homem de terno quando ele saiu das sombras junto à porta dos fundos e atirou em Nightingale pelas costas.



## O ponto cego

Ele era um homem de meia-idade em um terno feito sob medida e de boa qualidade, mas fora isso não tinha nada demais. Segurava o que parecia ser uma pistola semiautomática na mão direita e um guia de ópera na esquerda. Tinha um cravo branco na lapela.

Nightingale caiu rapidamente. Simplesmente escorregou, ficou de joelhos e tombou para frente de rosto no chão. Soltou a bengala e ela fez barulho nas pedras do calçamento.

Homem com o terno bom olhou para mim, os olhos pálidos e sem cor à luz dos postes, e piscou.

— É assim que se faz — disse.

Você pode fugir correndo de um homem com uma arma de mão, especialmente em condições de iluminação ruim, desde que se lembre de ziguezaguear e consiga ganhar espaço rápido o bastante. Não estou dizendo que essa opção não era tentadora, mas se eu corresse naquele momento nada impediria o pistoleiro de avançar e atirar na cabeça de Nightingale. Eu era treinado para acalmar o pistoleiro enquanto recuava; falar estabelece uma relação e mantém o suspeito concentrado no policial, de modo a que os civis possam fugir. Já viu *A lâmpada azul*, com Jack Warner e Dirk Bogarde? Durante nosso treinamento em Hendon eles nos fizeram assistir à cena em que o policial Dixon, personagem de Warner, é baleado e morto. O filme foi escrito por um ex-tira que sabia do que estava falando. Dixon morre porque é um ogro que avança contra um suspeito armado. Nossos instrutores foram claros: não pressione, não ameace, continue falando e recuando, um suspeito tem de ser idiota, político ou, em um caso memorável, protegido por imunidade

diplomática para achar que matar um policial irá melhorar sua situação. No mínimo você estará ganhando tempo até que uma equipe de armada chegue e exploda a cabeça do idiota.

Eu não achei que recuar fosse uma opção. Aquela era uma das marionetes confiscadas de Henry Pyke, e não hesitaria em atirar em mim ou em Nightingale, não importando a calma com que eu falasse.

Para ser honesto, eu não pensei em absolutamente nada. Meu cérebro funcionou objetivamente: *Nightingale caído — arma — magia!*

— *Impello!* — eu disse com a maior calma que consegui, e levitei o pé esquerdo do homem um metro no ar. Ele gritou quando seu corpo foi arremessado para cima e para a direita. Devo ter perdido a concentração, porque ouvi o claro estalo de um osso se quebrando no tornozelo. A arma caiu de sua mão e seus braços se agitaram enquanto ele caía no chão. Eu avancei e chutei a arma para o meio da rua, depois o chutei na cabeça, com força, só para garantir.

Eu o teria algemado, mas Nightingale estava caído na rua atrás de mim, fazendo barulhos de respiração molhados. Era o que chamam de “ferimento de sucção no peito”, e a descrição não é metafórica. Havia um ferimento de entrada dez centímetros abaixo do ombro direito de Nightingale, mas pelo menos quando eu o virei de lado com cuidado não consegui encontrar um ferimento de saída. Meu treinamento de primeiros socorros era claro em relação a ferimentos de sucção no peito: cada segundo que você perde enrolando é outro segundo que o serviço de ambulâncias de Londres demora a chegar.

Eu sabia que as equipes de apoio não podiam ter ouvido o tiro porque ainda não estavam ali, e eu explodi meu Airwave quando levitei o atirador. Então me lembrei do apito de prata no bolso de cima do paletó do uniforme. Eu o procurei, achei, levei à boca e soprei com toda força.

Um apito da polícia em Bow Street. Por um momento senti uma ligação, como um *vestigium*, com a noite, as ruas, o apito, o cheiro de sangue e meu próprio medo, juntamente com todos os outros uniformizados de Londres, ao longo das décadas, que se perguntaram que porra estavam fazendo na rua tão tarde. Ou

poderia ser apenas o meu pânico se instalando; um erro fácil de cometer.

A respiração de Nightingale começou a falhar.

— Continue respirando — eu disse. — É um hábito que você não vai querer abandonar.

Ouvi sirenes se aproximando. Era um belo som.

O problema das redes profissionais é que você na verdade nunca tem certeza se ela está ligada ou não, e se está operando no seu interesse ou no dos outros. Eu comecei a suspeitar de que não estava funcionando a meu favor quando eles levaram uma xícara de café e um biscoito para a sala de interrogatório. Colegas policiais sendo ouvidos de forma amistosa são levados à cantina e pegam seu próprio café. Você só tem serviço de quarto quando é um suspeito. Eu estava de volta à delegacia de Charing Cross, de modo que não era como se eu não conhecesse o caminho da cantina.

O inspetor Nightingale ainda estava vivo, isso eles me disseram antes de me colocar do lado errado da mesa de interrogatório, e havia sido levado para o centro de trauma novo em folha do hospital universitário, sendo classificado como “estável”, um termo que escondia muita coisa.

Eu conferi a hora. Eram três e meia da manhã, menos de quatro horas após Nightingale ter sido baleado. Quando você trabalha algum tempo em uma grande instituição começa a ter uma noção instintiva de suas marés burocráticas. Eu podia sentir o martelo descendo, e como eu era tira há apenas dois anos, o fato de que podia sentir isso significava que de fato era um martelo muito grande. Eu tinha uma clara ideia de quem havia colocado o martelo em movimento, mas não havia nada que pudesse fazer além de permanecer sentado do lado errado da mesa de interrogatório com minha xícara de café ruim e dois biscoitos de chocolate.

Algumas vezes você precisa ficar imóvel e receber o primeiro golpe.

Dessa forma pode ver o que o outro homem tem nas mãos, revelar as intenções dele e, se for conveniente para você, se colocar do lado certo da lei. E se o golpe for tão forte que derruba você? Esse é um risco que você tem de correr.

O instrumento escolhido me surpreendeu, embora eu tenha me preocupado em manter o rosto neutro quando Seawoll e a sargento-detetive Stephanopoulos entraram na sala de interrogatório e se sentaram na minha frente. Stephanopoulos bateu na mesa com uma pasta. Era grossa demais para ter sido produzida nas duas horas anteriores, portanto a maior parte dela deveria ser recheio. Ela me deu um sorriso fino enquanto rasgava o celofane das fitas cassete e as enfiava no gravador duplo. Uma daquelas fitas era para mim, ou meu representante legal, para impedir que eu fosse citado fora de contexto; a outra era para a polícia provar que eu havia aceitado a acusação sem que eles precisassem me bater nas costas, coxas e nádegas com uma meia cheia de bolas de chumbo. As duas fitas eram redundantes, porque meu lugar era perfeitamente enquadrado no visor de uma câmera de circuito fechado instalada logo acima da porta. A imagem era transmitida para a sala de observação no corredor onde, a julgar pelo modo teatral como Seawoll e Stephanopoulos haviam feito sua entrada, alguém da chefia de polícia deveria estar assistindo — no mínimo o subcomissário-assistente.

O gravador foi ligado, Seawoll identificou a mim, a si mesmo e a Stephanopoulos como estando presentes e me lembrou de que eu não estava preso, apenas ajudando a polícia em sua investigação.

Teoricamente eu podia me levantar e sair quando quisesse, desde que não me importasse em dar adeus à minha carreira na polícia. Não pense que não fiquei tentado.

Seawoll me pediu, para constar, que descrevesse a natureza da operação que Nightingale e eu fazíamos quando ele foi baleado.

— Você realmente quer isso gravado? — perguntei.

Seawoll assentiu, então eu fiz o relato completo: nossa teoria de que Henry Pyke era um retornado, um fantasma vampiro vingativo que agia a partir da história tradicional de Punch e Judy usando pessoas reais como marionetes, e que havíamos concebido uma forma de entrar na história de modo a que Nightingale pudesse rastrear os ossos de Henry Pyke e destruí-los. Stephanopoulos não conseguiu reprimir um esgar quando eu falei sobre os aspectos mágicos do caso — Seawoll estava impenetrável. Quando cheguei ao tiro, ele me perguntou se podia reconhecer o atirador.

— Não — respondi. — Quem é ele?

— Seu nome é Christopher Pinkman, e nega ter atirado em alguém — disse Seawoll. — Alega que estava caminhando para casa da ópera quando dois homens o atacaram na rua.

— Como ele explica a arma? — perguntei.

— Ele alega que não havia arma — disse Seawoll. — Afirmou que a última coisa de que se lembra é estar saindo da ópera e a seguinte de ser chutado na cabeça por você.

— Isso e a dor dos ossos fraturados na perna — disse Stephanopoulos. — Mais hematomas e contusões graves de quando foi jogado ao chão.

— Ele foi examinado em busca de resíduos de pólvora? — perguntei.

— Ele leciona química na Westminster School — disse Stephanopoulos.

— Mas que droga — falei.

O teste de resíduo de disparo era notoriamente pouco confiável, e se o suspeito lidava com substâncias químicas para viver, nenhum perito da Terra iria afirmar no tribunal ser provável, muito menos conclusivo, que ele havia disparado uma arma. Uma terrível suspeita surgiu em minha mente.

— Vocês encontraram a arma... Certo? — questionei.

— Nenhuma arma de fogo foi recuperada na cena do crime — disse Stephanopoulos.

— Eu a chutei — completei.

— Nenhuma arma de fogo foi recuperada — informou Stephanopoulos lentamente.

— Eu a vi. Era uma pistola semiautomática de algum tipo.

— Nada foi encontrado.

— Então como Nightingale foi baleado? — perguntei.

— Isso é o que esperávamos que você pudesse nos dizer — falou Seawoll.

— Está sugerindo que eu atirei nele?

— Você fez isso? — interrogou Stephanopoulos.

Minha boca ficou seca de repente.

— Não. Eu não atirei nele, e se não há arma, com o quê eu supostamente não atirei nele?

— Aparentemente você consegue mover coisas com a mente — disse Stephanopoulos.

— Não com a mente — retruquei.

— Então como? — perguntou Stephanopoulos.

— Com magia — respondi.

— Certo, com magia — repetiu Stephanopoulos.

— Quão rápido você consegue mover algo? — perguntou Seawoll.

— Não tão rápido quanto uma bala — disse.

— É mesmo — disse Seawoll. — Quão rápido é isso?

— Trezentos e cinquenta metros por segundo — respondi. — Para uma pistola moderna. Mais para um rifle.

— O que isso significa exatamente? — perguntou Seawoll.

— Não sei — respondi. — Mas se você me emprestar uma calculadora eu posso descobrir.

— Nós queremos acreditar em você — disse Stephanopoulos, interpretando o papel de “tira bom” da história da polícia. Eu me obriguei a parar e respirar fundo. Eu não havia feito nenhum curso avançado de interrogatório, mas sabia o básico, e a condução daquele interrogatório estava descuidada demais. Olhei para Seawoll e ele me deu aquele olhar de “ele finalmente acordou” tão apreciado por professores, detetives seniores e mães de classe média alta.

— No que vocês querem acreditar? — perguntei.

— Que magia é real — disse Seawoll, e me deu um sorriso esperto. — Pode nos dar uma demonstração?

— Essa não é uma boa ideia — eu disse. — Pode haver efeitos colaterais.

— Isso me soa um pouco conveniente demais — disse Stephanopoulos. — Que tipo de efeito colateral?

— Provavelmente destruir seus celulares, palm pilot, laptop e qualquer outro equipamento eletrônico na sala — respondi.

— Quanto ao gravador? — perguntou Seawoll.

— Isso também — eu disse.

— E a câmera de circuito fechado?

— Igual ao gravador — disse. — Você pode proteger os telefones tirando as baterias.



— Eu não acredito em você — falou Stephanopoulos, se inclinando para frente agressivamente, escondendo da câmera atrás dela o fato de que estava soltando a bateria de seu Nokia slimline muito feminino.

— Acho que queremos uma demonstração — disse Seawoll.

— Quanto como demonstração? — perguntei.

— Nos mostre do que você é capaz, filho — desafiou Seawoll.

Havia sido um dia muito longo e eu estava arrasado, então escolhi a única forma que podia fazer com segurança em uma crise — fiz uma *werelight*. Era pálida e sem substância sob a luz fluorescente, e Seawoll não ficou impressionado, mas o rosto duro de Stephanopoulos se abriu em um sorriso de puro encanto tão grande que por um momento eu a vi como uma garotinha em um quarto rosa cheio de unicórnios de pelúcia.

— É bonito — ela disse.

Uma das fitas se desenrolou dentro do gravador, enquanto a outra simplesmente ficou imóvel. Eu sabia por minhas experiências que precisava aumentar a potência da *werelight* para apagar a câmera. Eu ia produzir uma luz mais brilhante quando a forma em minha mente deu errado e de repente eu tinha uma coluna de luz batendo no teto. Era uma cor azul brilhante, e concentrada. Quando movi a mão o facho brincou sobre as paredes — era como ser meu próprio holofote.

— Eu esperava algo um pouco mais sutil — disse Seawoll.

Eu apaguei a luz e tentei lembrar a forma, mas era como tentar lembrar de um sonho, que escorregava enquanto tentava agarrá-lo.

Sabia que teria de passar muito tempo no laboratório tentando recobrar aquela forma, mas como Nightingale disse no princípio, conhecer a forma é metade da batalha.

— Isso resolveu a câmera? — perguntou Seawoll.

Eu assenti e ele deu um suspiro de alívio.

— Temos menos que uma porra de um minuto — ele disse. — Não vi tanta merda descendo a ladeira desde que Menezes foi baleado, então meu conselho para você, filho, é encontrar o buraco mais fundo para o qual consiga rastejar e ficar lá até a chuva de merda terminar e a sujeira estar assentada, seca e lisa.

— E quanto a Lesley? — perguntei.

— Eu não me preocuparia com Lesley — disse Seawoll. — Ela é minha responsabilidade.

O que significava que Seawoll interferiu como protetor de Lesley e deixou claro que qualquer um que tentasse pegá-la teria de primeiro passar por ele. Como meu protetor estava naquele momento deitado em um leito de hospital e respirando por um tubo, Nightingale dificilmente faria o mesmo por mim. Gosto de pensar que Seawoll poderia ter estendido sua proteção a mim caso pudesse, mas nunca saberei ao certo. Ele não me disse que teria cuidar de mim mesmo — isso já foi alguma coisa.

— Que porra fazemos agora? — perguntou Seawoll.

— Está me perguntando?

— Não, estou perguntando à porra da mesa — retrucou Seawoll.

— Não sei — disse. — Senhor. Há muitas coisas que não sei.

— Então é melhor você começar a ensinar a si mesmo, policial — disse Seawoll. — Porque não sei quanto a você, mas eu não acho que o Sr. Henry Pyke vai parar por aqui; você acha?

Eu balancei a cabeça.

Stephanopoulos grunhiu e deu um tapinha no relógio.

— Eu vou soltar você — ele disse. — Porque precisamos acabar com essa porra de merda espiritual antes que algum figurão da chefia entre em pânico e resolva trazer o arcebispo de Canterbury.

— Farei o melhor — prometi.

Seawoll me deu um olhar que queria dizer que era bom que o meu melhor fosse suficiente.

— Quando recommencarmos preciso ter certeza de que seu cérebro está engrenado antes de você colocar a boca em movimento. Exatamente como depois da coisa em Hampstead, fui claro?

— Cristalino — eu disse.

A porta da sala de interrogatório se abriu e um homem enfiou a cabeça por ela. Era de meia-idade com cabelos grisalhos, ombros largos e sobrancelhas extraordinariamente espessas; mesmo que eu não o tivesse reconhecido pelo seu perfil na internet, saberia que o subcomissário-assistente Richard Folsom era uma das grandes feras da selva. Ele fez um gesto com o dedo para Seawoll e disse: — Alex, uma palavrinha, por favor.

Seawoll olhou para o gravador arruinado.

— Interrogatório suspenso — disse, e deu a hora. Depois se levantou e seguiu Folsom humildemente para fora da sala. Stephanopoulos me lançou seu olhar furioso sem muita convicção, mas eu estava pensando em se ela ainda tinha a sua coleção de pôneis coloridos.

Seawoll retornou e nos disse que continuaríamos o interrogatório em uma sala adjacente, onde o equipamento de monitoramento ainda estava funcionando. Lá, sustentamos a antiga tradição de mentir despudoradamente dizendo nada além da verdade. Disse a eles que Nightingale e eu tínhamos motivos para crer, por intermédio de um informante absolutamente convencional, que o grupo — pois tinha de ser mais de uma pessoa — que perpetrara uma série de ataques sem sentido em West End e vizinhanças teria como base a Bow Street, e que estávamos investigando lá quando fomos emboscados por agressores não identificados.

— O subcomissário-assistente Folsom está particularmente preocupado com uma ameaça à Royal Opera House — disse Seawoll.

Aparentemente ele era uma espécie de conhecedor, tendo sido apresentado a Verdi pouco depois de ascender ao posto de comandante. Um ataque repentino de esnobismo cultural era um mal comum entre policiais de certa posição e idade; é como uma crise normal de meia-idade, apenas com mais candelabros e idiomas estrangeiros.

— Acreditamos que o cerne das atividades pode ser na Bow Street, mas até o momento nossas investigações não revelaram nenhuma ligação palpável com a Royal Opera House — falei.

Nós terminamos por volta das seis horas com uma declaração sobre os acontecimentos que Seawoll podia vender a Folsom, e eu estava adormecendo em minha cadeira. Esperava ser suspenso ou pelo menos alertado de que enfrentaria uma ação disciplinar ou investigação pela Comissão Independente de Queixas contra a Polícia, mas eram quase sete horas quando eles me liberaram.

Seawoll me ofereceu uma carona, mas recusei. Subi a St. Martin's Lane trêmulo de tensão e falta de sono. O clima mudou durante a noite, havia um vento frio sob um céu azul nublado. A

hora do rush começa mais tarde aos sábados, e as ruas mantinham um pouco de seu silêncio de início de manhã quando eu atravessasse a New Oxford Street e segui para Folly. Eu esperava o pior, e não fiquei desapontado. Havia pelo menos um carro da polícia sem identificação estacionado do outro lado da rua. Não consegui ver ninguém do lado de dentro, mas dei um pequeno aceno por garantia.

Entrei pela porta da frente porque é melhor encarar as coisas de frente, e estava esgotado demais para dar a volta por trás. Eu esperava a polícia, mas o que encontrei foram dois soldados em uniforme de combate carregando fuzis de serviço. Vestiam jaquetas de camuflagem de floresta e boinas marrons com distintivos do regimento de paraquedistas. Dois bloqueavam minha passagem além dos guichês da antessala, enquanto outros dois estavam dos lados das portas principais prontos para apanhar qualquer um suicida o bastante para atacar dois paraquedistas totalmente armados pelos flancos. Alguém estava levando muito a sério a segurança física de Folly.

Os paraquedistas não ergueram os fuzis para me barrar, mas assumiram aquele ar de despreocupação ameaçadora que deve ter animado muito as ruas de Belfast antes do acordo de paz. Um deles fez um gesto de cabeça para a alcova onde, nos dias mais elegantes de Folly, o porteiro aguardava até ser necessário. Outro paraquedista com insígnias de sargento estava instalado ali com uma caneca de chá em uma das mãos e um exemplar do *Daily Mail* na outra. Eu o reconheci.

Era Frank Caffrey, a ligação de Nightingale na Brigada de Incêndio, e ele anuiu amistoso para mim e me chamou. Eu conferi o brilho nos ombros de Frank. Aquele era o 4º Batalhão do Regimento de Paraquedistas, que eu sabia ser parte do Exército Territorial. Frank devia ser reservista, o que certamente explicava onde conseguira as granadas de fósforo. Suspeitei de que aquilo era outra parte da rede, mas naquele caso eu tinha quase certeza de que Frank era da turma de Nightingale. Não vi nenhum oficial por perto. Imaginei que eles tinham voltado aos alojamentos se fazendo de cegos enquanto os suboficiais resolviam as coisas.

— Não posso deixar você entrar — disse Frank. — Não até seu superior melhorar ou eles nomearem um substituto oficial.

— Com qual autoridade? — perguntei.

— Ah, tudo isso é parte do acordo — disse Frank. — Nightingale e o regimento remontam um pouco; você poderia dizer que havia algumas dívidas.

— Ettersberg? — perguntei, chutando.

— Algumas dívidas nunca podem ser quitadas — disse Frank. — E alguns trabalhos precisam ser feitos.

— Eu tenho de entrar — disse. — Preciso usar a biblioteca.

— Lamento, filho — disse ele. — O acordo é claro; nenhum acesso não autorizado além do perímetro principal.

— O perímetro principal — repeti. Frank estava tentando me dizer alguma coisa, mas a privação de sono estava me deixando idiota. Ele teve de se repetir antes que eu me desse conta de que estava insinuando que a garagem estava fora do perímetro.

Eu saí novamente para a luz fraca do sol, dei a volta até a garagem e entrei. Havia um Renault Espace amassado do lado de fora com placas tão evidentemente falsas que eu sabia que só poderia pertencer aos paraquedistas. Eu me detive um momento para confirmar que o Jaguar estava trancado antes de tirar uma capa de sob uma bancada e jogá-la sobre a antiguidade. Eu subi as escadas até a cocheira, para descobrir que Tyburn havia chegado antes de mim.

Ela estava vasculhando as arcas e outras coisas velhas que eu havia empilhado no canto mais distante. A pintura de Molly e o retrato do homem que eu supusera ser pai de Nightingale estavam apoiados na parede. Observei enquanto ela se ajoelhava e enfiava a mão sob o divã para puxar outra arca.

— Eles costumavam chamar isto de arca de cabine — contou ela sem se virar. — É baixa o bastante para que você possa deslizá-la para baixo da sua cama. Assim você podia arrumar as coisas de que precisava para sua viagem separadamente.

— Ou, mais provavelmente, seu valete fazia isso — disse. — Ou sua empregada.

Tyburn ergueu um paletó de linho cuidadosamente dobrado da arca de cabine e o colocou no divã.

— A maioria das pessoas não tinha empregados. A maioria das pessoas vivia com pouco — disse. Ela encontrou o que estava procurando e se levantou. Vestia um elegante terninho de cetim preto italiano e sapatos pretos confortáveis. Ainda havia uma marca na testa onde um fragmento de mármore a cortara. Ela me mostrou seu prêmio, um envelope de papelão marrom amarelado contendo o que reconheci como sendo um disco de vinil. — Duke Ellington e Adelaide Hall, “Creole Love Call”, no selo original Black and Gold da Victor. E estava guardado no meio dessa bagunça.

— Você vai vender no eBay? — perguntei.

Ela me lançou um olhar frio.

— Está aqui para recolher suas coisas?

— Se estiver tudo bem para você?

Ela hesitou.

— Fique à vontade.

— Gentileza sua — eu disse.

A maioria das minhas roupas estava presa em Folly, mas como Molly nunca limpava a coqueira consegui resgatar um suéter e uma calça jeans que haviam caído atrás do sofá. Meu laptop estava onde eu o havia deixado, encarapitado sobre uma pilha de revistas. Tyburn manteve o olhar frio sobre mim o tempo todo. Era como ser observado no banho pela sua mãe.

Algumas vezes, como indicou Frank, há coisas que você tem de fazer, independentemente do custo. Eu me empertiguei e encarei Tyburn.

— Olhe — disse. — Lamento pela fonte.

Por um momento achei que poderia funcionar. Juro que vi algo nos olhos dela, um relaxamento, um reconhecimento, mas isso desapareceu, substituído pela mesma raiva pura de antes.

— Estive investigando você — falou. — Seu pai é um drogado, há trinta anos.

Não devia doer quando as pessoas me dizem essas coisas. Eu sabia que meu pai era viciado desde que tinha 12 anos. Ele foi muito objetivo sobre isso a partir do momento em que descobri, e muito interessado em se assegurar de que eu entendia o que isso significava — ele não queria que seguisse seus passos. Era uma das poucas pessoas no Reino Unido que ainda conseguia sua

heroína com receita médica, cortesia de um clínico geral que era um grande fã da lenda do jazz de menor sucesso de Londres. Ele nunca esteve limpo, mas sempre esteve sob controle, e não devia me doer quando as pessoas o chamavam de drogado, mas claro que dói.

— Maldição — exclamei. — Ele realmente conseguiu esconder isso.

Estou chocado.

— A decepção é a marca de sua família, não é? — ela continuou. — Seu professor de química ficou tão desapontado com você que escreveu uma carta ao *Guardian* sobre isso. Você era seu garotinho dourado; figurativamente.

— Eu sei. Meu pai guarda a reportagem em seu livro de recortes.

— Quando eles o expulsaram por falta grave ele também guardou o recorte? — perguntou Tyburn.

— O subcomissário-assistente Folsom é garoto seu, não é? — questionei.

Tyburn me deu um sorrisinho.

— Gosto de acompanhar as estrelas em ascensão — disse.

— Ele está na palma da sua mão? — perguntei. — É impressionante o que as pessoas fazem por um uns amassos.

— Cresça, Peter — disse Tyburn. — Isto é sobre poder e interesse mútuo. Só porque você ainda pensa a maior parte do tempo com sua genitália, não significa que todos façam isso.

— Fico contente em ouvir isso, porque alguém tem de dizer a ele para aparar as sobrelanceiras. A arma veio de você?

— Não seja ridículo — respondeu.

— É o seu estilo. Arrumar alguém para resolver os problemas. Maquiavel se orgulharia.

— Você por acaso já leu Maquiavel? — perguntou. Eu hesitei e ela tirou a conclusão certa. — Eu li. No original italiano.

— Por que fez isso?

— Para meu diploma. Em St. Hilda, Oxford. História e italiano.

— Duas vezes a primeira, claro — falei.

— Claro. Então você entende porque não acho o pobre refinamento de Nightingale nada impressionante.

— Então, você forneceu a arma? — perguntei.

— Não forneci — respondeu. — Não precisei conceber esse fracasso.

Era apenas uma questão de tempo antes que Nightingale fizesse besteira. Embora nem eu esperasse que ele fosse idiota o suficiente para ser baleado. Ainda assim, não é bom.

— Por que você não está lá dentro agora? — perguntei. — Por que está presa na cocheira? É muito impressionante lá, com uma biblioteca que você não acreditaria, e ainda poderia ganhar uma fortuna alugando para estúdios de cinema por temporada.

— Tudo no seu tempo — falou.

Eu procurei minhas chaves no bolso.

— Aqui, eu empresto as minhas chaves. Estou certo de que você consegue passar pelos paraquedistas.

Ela deu as costas à minha mão estendida.

— A única coisa boa a sair disto é que agora temos uma oportunidade de fazer uma escolha racional sobre o modo como essas questões são tratadas.

— Você não consegue entrar, não é?

Eu pensei em Beverley Brook e seus “campos de força inimigos”.

Ela me deu o olhar de duquesa, o olhar de riqueza, e por um momento saiu dela o fedor de esgoto e dinheiro, e negócios feitos em torno de conhaque e charutos. Só que, sendo Tyburn moderna, também havia nisso um toque de cappuccino e tomates secos.

— Pegou o que veio buscar? — perguntou.

— A TV é minha — observei.

Ela disse que eu poderia pegá-la quando quisesse.

— O que ele viu em você? — perguntou, e balançou a cabeça.

— O que faz de você o guardião da chama secreta?

Fiquei pensando em que porra seria a chama secreta.

— Apenas sorte, acho.

Ela não se dignou a responder. Deu as costas para mim e voltou a vasculhar as arcas. Fiquei pensando no que ela realmente estava procurando. Na saída pelo pátio das carruagens eu ouvi um latido abafado atrás de mim e olhei. Um rosto pálido e triste me observava de uma janela do segundo andar — Molly, segurando Toby apertado junto ao peito. Parei e mandei a eles o que esperava ser um aceno



tranquilizador, e depois saí para ver se Nightingale ainda estava vivo.

Havia um policial armado de prontidão do lado de fora do quarto de Nightingale. Mostrei a ele minha identificação e fui obrigado a deixar minhas bolsas do lado de fora. Uma UTI moderna pode ser surpreendentemente silenciosa: o equipamento de monitoramento só faz barulho quando algo dá errado, e como Nightingale estava respirando sozinho, não havia o chiado de Darth Vader de um respirador.

Ele parecia velho e deslocado entre a roupa de cama de poliéster com suas cores pastéis secas fáceis de limpar. Um braço flácido estava exposto e ligado a meia dúzia de fios e tubos, o rosto estava esgotado e cinzento e os olhos fechados. Mas sua respiração era forte, regular e natural. Havia um pote de uvas na mesa de cabeceira, e um ramalhete de flores silvestres azuis havia sido enfiado, um tanto aleatoriamente, pensei, em um vaso.

Fiquei um tempo ao lado da cama, pensando se deveria dizer algo, mas nada me ocorreu. Conferindo antes para ter certeza de que ninguém me veria, estiquei o braço e apertei a mão dele — estava surpreendentemente quente. Achei ter sentido algo, uma sensação vaga de pinho úmido, fumaça de madeira e lona, mas era tão fraco que não sabia dizer se eram *vestigia* ou não. Eu me vi balançando sobre meus pés, estava muito cansado. Havia uma poltrona institucional no canto do quarto. Feita de aglomerado laminado e coberta com espuma de poliéster à prova de fogo, parecia desconfortável demais para permitir o sono. Eu me sentei, deixei a cabeça cair de lado e apaguei em menos de trinta segundos.

Acordei rapidamente e vi o Dr. Walid e duas enfermeiras se movimentando ao redor da cama de Nightingale. Olhei para eles até o Dr. Walid me ver e dizer para voltar a dormir — pelo menos acho que foi o que ele disse.

Acordei novamente com cheiro de café. O Dr. Walid me levava um copo de papel com *latte* e bastante açúcar.

— Como ele está? — perguntei.

— Ele levou um tiro no peito — respondeu o Dr. Walid. — Esse tipo de coisa costuma deixar você meio devagar.

— Ele vai ficar bem?

— Ele vai viver — confirmou o Dr. Walid. — Não sei dizer se ele irá se recuperar totalmente. Mas é um bom sinal que esteja respirando sozinho.

Tomei meu *latte*; queimou minha língua.

— Eles me trancaram fora de Folly — disse.

— Eu sei — respondeu o Dr. Walid.

— Você pode me colocar lá dentro?

O Dr. Walid riu.

— Não eu. Sou apenas um conselheiro civil com um pouco de experiência esotérica. Com Nightingale incapacitado, destrancar Folly é uma decisão a ser tomada pelo comissário, se não alguém acima.

— O secretário do Interior? — perguntei.

O Dr. Walid deu de ombros.

— No mínimo. Sabe o que vai fazer?

— Você tem acesso à internet? — perguntei.

Em um hospital-escola como aquele, se você atravessar as portas certas ele deixa de ser um hospital e se torna um centro administrativo e de pesquisa médica. O Dr. Walid tinha um escritório lá e, fiquei chocado ao saber, alunos.

— Não ensino a eles as coisas esotéricas — explicou, mas ele era, não querendo se vangloriar, um gastroenterologista de fama mundial. — Todos precisam de um hobby.

— O meu será caçar um emprego — falei.

— Precisaré tomar um banho antes caso pretenda fazer entrevistas — disse o Dr. Walid.

O escritório do Dr. Walid era uma sala desajeitadamente estreita com uma janela na extremidade apertada e estantes cobrindo toda a extensão das duas paredes compridas. Toda superfície era coberta por pastas, periódicos profissionais e livros de referência. Em uma extremidade da prateleira estreita que funcionava como escrivaninha um PC se equilibrava instavelmente em um mar de impressos. Larguei minhas bolsas e liguei o laptop na tomada para recarregar as baterias. O

modem ficava escondido atrás de uma pilha de *Gut: an International Journal of Gastroenterology and Hepatology*. Um

subtítulo confiante anunciava que *Gut* havia sido eleito o Melhor Periódico de Gastroenterologia por gastroenterologistas do mundo todo. Eu não sabia se devia ficar preocupado ou tranquilo com a implicação de que havia muito mais publicações dedicadas ao funcionamento suave de meus intestinos. O soquete do modem parecia suspeitamente improvisado e definitivamente não de acordo com os padrões de segurança. Quando perguntei ao Dr. Walid sobre isso ele disse simplesmente que gostava de manter certos arquivos protegidos.

— Contra quem? — perguntei.

— Outros pesquisadores — respondeu. — Estão sempre tentando piratear meu trabalho.

Aparentemente os hepatologistas eram os piores.

— O que você espera de gente que lida com tanta bile? — brincou o Dr. Walid, depois parecendo desapontado por eu não ter entendido a piada.

Contente por poder trabalhar, deixei que ele me mostrasse o banheiro dos funcionários no final do corredor, onde tomei uma chuveirada em um cubículo grande o suficiente, e equipado para, um paraplégico, sua cadeira de rodas, um assistente e seu cão-guia. Havia sabonete, um produto antibiótico genérico com perfume de limão que parecia violento o suficiente para arrancar a camada superior de minha epiderme.

Enquanto eu me banhava, pensei na mecânica de como Nightingale havia sido baleado. A despeito das fantasias sensacionalistas do *Daily Mail*, você não pode simplesmente entrar em um pub qualquer e comprar uma arma, especialmente não uma semiautomática sofisticada como aquela portada com tão pouca habilidade por Christopher Pinkman na noite anterior. O que significava que não havia como Henry Pyke ter manobrado para colocar Pinkman a postos no tempo que se passou entre nossa chegada à Royal Opera House e nossa saída pela porta dos fundos menos de vinte minutos depois. Henry Pyke tinha de saber que nós planejávamos apanhá-lo na Bow Street, e isso deixava três opções: ou ele previra o futuro, lera a mente de alguém, ou alguém que tinha conhecimento do plano era uma de suas marionetes confiscadas.

Eu descartei precognição imediatamente. Eu não apenas sou um grande admirador da causalidade assim como Henry Pyke nunca fez nada mais que sugerisse conhecimento do futuro. Segundo minha pesquisa na biblioteca mundana de Folly, não havia algo como leitura de mentes, pelo menos não no sentido de ouvir os pensamentos de alguém como se narrados na televisão. Não, alguém contou a Henry Pyke, ou contou a alguém possuído por Henry Pyke, qual era o plano.

Nightingale não havia feito isso. Eu não havia. O que deixava a Equipe de Homicídios. Considerando que Stephanopoulos e Seawoll relutavam em falar sobre magia com seus praticantes oficiais, não conseguia imaginá-los discutindo isso com seu pessoal, e Lesley os teria acompanhado.

Eu saí do chuveiro me sentindo agradavelmente fresco, e me sequei com uma toalha que havia sido lavada repetidamente até ganhar textura de lixa. As roupas que resgatei da cocheira não eram exatamente limpas, mas pelo menos estavam mais limpas do que aquelas que eu usava. Após fazer algumas curvas erradas em corredores praticamente idênticos, localizei novamente o escritório do Dr. Walid.

— Como está se sentindo? — ele perguntou.

— Humano — respondi.

— É o suficiente — ele disse. Depois indicou a localização da máquina de café e me deixou lidando com ela.

Desde que a humanidade parou de vagar sem direção e começou a cultivar sua própria comida, a sociedade tem se tornado mais complexa. Assim que paramos de dormir com nossos primos e construímos paredes, templos e algumas boates decentes, a sociedade se tornou complexa demais para qualquer pessoa compreender tudo imediatamente, e disso nasceu a burocracia. Uma burocracia quebra a complexidade em uma série de sistemas interligados. Você não precisa saber como os sistemas se encaixam, ou mesmo qual a função de sua parte no sistema, apenas realiza seu dever e a máquina inteira se move.

Quanto mais variadas as funções desempenhadas por uma organização, mais complexos se tornam os sistemas e subsistemas interligados. Se você é responsável, como a Polícia Metropolitana é,

por impedir ataques terroristas, resolver disputas domésticas e impedir motoristas de matar estranhos aleatoriamente, então seus sistemas são de fato muito complexos.

Uma parte do sistema é a exigência de que toda UCO, ou seja, Unidade de Comando Operacional, tenha acesso às bases de dados HOLMES2 e CRIMINT por um ponto de acesso exclusivo da HOLMES ou por software especial instalado em um laptop autorizado.

Isso é administrado pelo Diretório de Informação, que, por sua responsabilidade serve apenas para sua parte do sistema, não faz uma distinção entre o Grupo de Crimes Organizados e Graves (UCO) e Folly, que só foi transformado em uma UCO porque ninguém sabia de que outro modo encaixá-lo no organograma da Met. Isso não significava nada para o inspetor Nightingale, mas para mim significava que não apenas podia instalar uma cópia legal da interface HOLMES2 em meu laptop, como também tinha os mesmos privilégios de acesso do diretor do Comando de Homicídios e Crimes Graves.

O que era muito bom, porque um dos meus suspeitos era o inspetor-chefe Seawoll, e esse é um alvo para o qual você não aponta a não ser que esteja certo de que ele será abatido na primeira tentativa. A sargento-detetive Stephanopoulos, que também soubera

antecipadamente da operação, era um alvo igualmente difícil, a não ser que eu quisesse ser a piada número dois: *Sabe o que aconteceu com o policial que acusou Stephanopoulos de ser ferramenta involuntária de um malvado espírito retornado?* O Dr. Walid era o suspeito número três, motivo pelo qual não contei a ele o que estava fazendo; Lesley era o suspeito número quatro, e o suspeito número cinco, aquele que mais me assustava, era eu mesmo, claro. Não havia como provar, mas eu estava razoavelmente seguro de que entre matar William Skirmish e lançar seu filho pela janela, Brendan Coopertown não tinha nenhuma ideia de ser qualquer outra coisa que não o mesmo homem que sempre fora.

Eu não sentira nada em Lesley. Seria possível mascarar um sequestro de alma? Ou, mais provavelmente, talvez eu apenas não

fosse tão sensível quanto achava ser. Nightingale sempre me dizia que aprender a distinguir *vestigia* dos caprichos de seus próprios sentidos era um esforço vitalício. Eu fizera uma suposição de em quem confiar — não iria cometer o mesmo equívoco novamente.

Após minha chuvairada eu passara algum tempo fitando meu rosto no espelho, reunindo coragem para abrir a boca e olhar dentro. No final fechei os olhos e enfiei os dedos nas bochechas — nunca fiquei tão contente de acariciar um bicúspide em minha vida. O que isso certamente significava era que Henry Pyke não havia esticado meu rosto ainda.

Carreguei o HOLMES e digitei meu código de acesso e senha.

Tecnicamente ambos pertenciam ao inspetor Nightingale, e tecnicamente ambos deveriam ter sido cancelados assim que ele se tornou inativo, mas obviamente ninguém se deu ao trabalho de fazer isso ainda — sendo a inércia outra característica fundamental de civilização e burocracia. Eu comecei do começo, com o assassinato de William Skirmish, Covent Garden, 26 de janeiro.

Descobri o que estava procurando três horas e dois cafés depois, quando estava revisando o caso Framline. Aquele ataque havia começado com o mensageiro sendo derrubado de sua bicicleta na Strand e levado para tratamento no hospital universitário, onde atacou o Dr. Framline. Um policial uniformizado tomou o depoimento dele na cena do acidente enquanto esperavam a chegada da ambulância. Ele alegou que um motorista o ultrapassara e deliberadamente o jogara para fora da rua. Lesley me contou que o acidente aconteceu em um raro ponto cego das câmeras de vigilância na Strand, mas segundo o relatório inicial o mensageiro havia sido jogado para fora da rua em frente à estação Charing Cross. Não havia um ponto cego para câmeras em frente a um terminal ferroviário de Londres desde que o IRA os declarara alvos legítimos nos anos 1990. Eu vasculhei as entranhas do arquivo HOLMES, onde alguma alma enlouquecida na Equipe de Homicídios havia arquivado as gravações relevantes de todas as câmeras operáveis desde Trafalgar Square até Old Bailey. Nada estava classificado adequadamente, e demorei uma boa hora e meia até descobrir o vídeo que estava procurando. O mensageiro não especificou qual carro o atingiu, mas não havia como confundir

o Honda Accord amassado que o jogara para fora da rua deliberadamente. A resolução do vídeo não era boa o bastante para mostrar o motorista ou a placa, mas antes mesmo de acompanhar seu deslocamento até a câmera de trânsito de alta resolução que vigiava o cruzamento em Trafalgar Square eu sabia a quem pertencia.

Fazia sentido. Ela estive presente quando Coopertown matou esposa e filho, durante o incidente no cinema e no ataque ao Dr. Framline.

Esteve lá quando planejamos a operação em frente à Opera House, e chegou com o apoio a tempo de apanhar a pistola desaparecida.

Lesley May era minha suspeita. Ela era parte daquilo, confiscada por Henry Pyke como parte de sua peça alucinada de rebelião e vingança.

Fiquei pensando se ela havia sido parte daquilo desde o início, desde a primeira noite em que William Skirmish teve a cabeça arrancada e eu conheci Nicholas Wallpenny. Então me lembrei da Pretty Polly do roteiro de Piccini — a garota silenciosa seduzida por Punch após ter matado esposa e filho. Ele a beija enquanto ela parece “nada objetar”.

Depois ele canta: *Se eu tivesse todas as esposas do velho rei Sol, mataria todas elas por minha Pretty Poll.*

Houve uma mãe que um dia perdeu o filho em Covent Garden. Ela era muito inglesa de uma forma antiquada, vestido estampado de boa qualidade, bela bolsa, no centro para um passeio de compras pelo West End e uma visita ao Museu dos Transportes de Londres. Ficou distraída com uma vitrine por um momento e quando se virou o menino de 6 anos de idade havia desaparecido.

Lembro muito claramente da aparência dela quando nos encontrou.

Uma camada superficial de calma, um tradicional lábio superior britânico rígido, mas seus olhos a denunciavam — disparando para a esquerda e a direita, ela lutava contra o impulso de correr em todas as direções ao mesmo tempo. Tentei mantê-la calma enquanto Lesley fazia uma chamada e começava a organizar uma busca. Não sei o que eu estava dizendo, apenas palavras

tranquilizadoras, mas enquanto falava vi que ela tremia de modo quase imperceptível, e me dei conta de que estava vendo um ser humano desmoronar diante de meus olhos. O garoto de 6 anos apareceu menos de um minuto depois, tirado de um dos pátios rebaixados da praça por um mímico gentil. Eu estava olhando diretamente para a mãe quando o filho reapareceu, vi o alívio evidente em seu rosto e o modo como o medo foi sugado de volta para dentro dela até restar apenas a mulher vigorosa e prática de vestido de verão e sandálias confortáveis.

Agora eu entendia aquele medo, não por si mesmo, mas por outra pessoa. A alma de Lesley havia sido sequestrada — Henry Pyke estava sentado na cabeça dela e estava lá havia pelo menos três meses. Tentei me lembrar da última vez em que a vi. O rosto tinha parecido diferente? Então me lembrei do sorriso dela, o grande sorriso mostrando muitos dentes. Ela havia sorrido para mim recentemente?

Achei que era possível. Se Henry Pyke havia ativado o *dissimulo* nela, a feito assumir a forma de Pulcinella, não haveria como ela disfarçar os dentes arruinados. Eu não sabia como tirar Henry Pyke da cabeça dela, mas se conseguisse chegar a ela antes que o retornado fizesse seu rosto desfigurar, então achava que poderia pelo menos saber como deter aquilo.

Quando o Dr. Walid retornou ao escritório eu já tinha um plano.  
— Qual é? — perguntou.

Eu contei, e ele também achou que era um plano terrível.





## O melhor tipo de conflito

A primeira missão era achar Lesley. Eu fiz isso me valendo do expediente simples de ligar para o seu celular e perguntar onde ela estava.

— Estamos em Covent Garden — ela disse. Com nós significando ela, Seawoll e aproximadamente metade da Equipe de Homicídios, tendo o inspetor-chefe seguido a antiga tradição policial de, “quando em dúvida, use o trabalho braçal”. Eles iriam varrer a praça e depois conferir rapidamente a Opera House.

— O que ele espera fazer? — perguntei.

— Em primeira instância, impedir qualquer problema — disse Lesley.

— Além disso, estamos esperando por você, lembra?

— Talvez tenha descoberto algo — contei. — Mas é importante que você não faça nada idiota.

— Ei, sou eu — reagiu.

Se pelo menos isso fosse verdade.

A próxima coisa de que eu precisava era de um veículo, então liguei para o celular à prova d'água de Beverley e torci para que ela não estivesse nadando sob a Tower Bridge ou o que quer que as ninfas do rio fazem quando estão de folga. Ela atendeu no segundo toque e exigiu saber o que eu havia feito com sua irmã.

— Ela não está nada satisfeita — disse.

— Não se preocupe com sua irmã — falei. — Preciso de um carro emprestado.

— Só se eu puder ir junto — ela falou. Eu esperava por isso; na verdade, contava com isso. — Do contrário você pode andar.

— Certo — concordei, fingindo relutar.

O terceiro ponto da lista era conseguir algumas drogas pesadas, o que se revelou surpreendentemente difícil, considerando que eu estava em um grande hospital. O problema é que meu médico dócil estava tendo pruridos éticos.

— Você tem assistido muita televisão — disse o Dr. Walid. — Não existe isso de um dardo tranquilizante.

— Existe sim. Eles os usam na África o tempo todo.

— Deixe-me reformular e falar lentamente — disse o Dr. Walid. — Não existe um dardo tranquilizante seguro.

— Não precisa ser um dardo — falei. — Cada minuto que deixamos a alma de Lesley sequestrada há uma chance de que Henry Pyke faça o rosto dela desfigurar. Para fazer magia a mente precisa estar funcionando. Desligue a parte consciente do cérebro e estou disposto a apostar que Henry não consegue fazer sua magia e o rosto de Lesley permanece como Deus quis que ele fosse.

Pude ver pela expressão do Dr. Walid que ele achava que eu estava certo.

— Mas e depois? Não podemos mantê-la em coma indefinidamente.

— Nós ganhamos tempo — respondi. — Até Nightingale acordar, eu voltar à biblioteca de Folly, Henry Pyke morrer de velhice... Ou o que pessoas mortas-vivas fazem quando partem.

O Dr. Walid saiu resmungando e voltou um pouco depois com dois dosadores descartáveis em uma embalagem estéril com um rótulo de risco biológico e um adesivo recomendando: “Manter fora do alcance de crianças.”

— Cloridrato de etorfina em solução — disse. — Suficiente para sedar um ser humano do sexo feminino pesando em torno de 65 quilos.

— É rápido? — perguntei.

— É o que usam para tranquilizar rinocerontes — respondeu, e me deu um segundo pacote com mais dois dosadores. — Este é o antídoto, narkan. Se você injetar etorfina em si mesmo, use isso imediatamente antes de chamar uma ambulância, e tente garantir que os paramédicos leiam este cartão.

Ele me deu um cartão que ainda estava quente da máquina de plastificação. Ele dizia, na caligrafia limpa em maiúsculas do Dr.

Walid: “Aviso. Eu fui idiota o bastante para me picar com cloridrato de etorfina”, e, relacionados, os procedimentos que os paramédicos deveriam seguir. A maioria deles relativa a ressuscitação e medidas heroicas para sustentar os batimentos cardíacos e a respiração.

Eu dava tapinhas nervosos em meu paletó enquanto descia de elevador para a recepção, e repetia em voz baixa que os tranquilizantes estavam no bolso esquerdo, e o antídoto no direito.

Beverley esperava por mim na zona de “Proibido Estacionar” vestindo calças cargo cáqui e uma camiseta preta curta com WINE BACK HERE escrito sobre os seios.

— Ta-dá! — ela disse, e me mostrou seu carro. Era um BMW Mini conversível amarelo-canário, o modelo Cooper S com turbo atrás e pneus baixos. Era o carro mais chamativo que você podia dirigir no centro de Londres e ainda encaixar em uma vaga comum. Fiquei feliz de deixá-la dirigir.

Estava quente para final de maio, um dia excelente para dirigir um conversível mesmo com a poluição da hora do rush. Beverley era uma motorista tão medianamente péssima quanto seria de esperar de alguém aprovada nas provas de direção nos dois anos anteriores. A coisa boa do trânsito de Londres é que o motorista comum não tem uma oportunidade de ganhar velocidade suficiente para cometer erros fatais.

Previsivelmente, ficamos parados na parte de baixo da Gower Street e eu enfrentei o antigo dilema de quem viaja por Londres — saltar e andar ou esperar e ter esperança.

Eu liguei para Lesley novamente, mas a ligação caiu diretamente na caixa de mensagens. Liguei para a delegacia de Belgravia e fiz com que me transferissem para o Airwave de Stephanopoulos. Para o caso de alguém estar monitorando o canal, ela devidamente me alertou a ir para casa e aguardar instruções antes de me informar que vira Seawoll e Lesley pela última vez indo para a Opera House. Disse a ela que estava indo para casa, de um modo que não convenceria Stephanopoulos ou nossos ouvintes hipotéticos, mas que pelo menos pareceria bom em qualquer transcrição apresentada no tribunal.

O engarrafamento acabou assim que passamos New Oxford Street, e disse a Beverley para descer a Endell Street.

— Quando chegarmos lá, quero que você fique longe de Lesley — avisei.

— Acha que não consigo dar conta de Lesley?

— Acho que ela pode sugar toda a sua magia.

— Sério? — perguntou Beverley.

Eu estava chutando, mas um *genii locorum* como Beverley devia extrair magia de algum lugar, e para um retornado como Henry Pyke isso devia fazer deles vítimas atraentes. Ou talvez eles tivessem alguma imunidade a esse tipo de coisa e eu estivesse me preocupando à toa, mas não acho que essa fosse uma boa aposta.

— Sério — respondi.

— Merda. Achei que éramos amigas — reagiu.

Eu ia dizer algo reconfortante, mas isso ficou engasgado quando Beverley saiu em disparada da rua de mão única no Oasis Sports Centre e entrou na Endell Street sem, pelo que eu podia ver, nenhuma sinalização ou mesmo consciência dos outros usuários da rua.

— Lesley é sua amiga — eu disse. — Henry Pyke não.

As multidões do Graças a Deus é Sexta-feira saíam dos pubs e cafés para a calçada, e por algumas horas Londres tinha a correta cultura de rua que as pessoas com suas próprias vilas na Toscana vivem pedindo. A rua que se estreitava e a perspectiva de atropelar um pedestre levaram Beverley a tirar o pé do acelerador momentaneamente.

— Cuidado com as pessoas — eu adverti.

— Rá. Pessoas não deviam beber e caminhar ao mesmo tempo — retrucou Beverley.

Nós fizemos o pequeno retorno em Longacre, reduzimos em deferência a outra multidão de bebedores em frente ao Lemble's Head na esquina e aceleramos Bow Street abaixo. Eu não conseguia ver carros de polícia, caminhões de bombeiros ou outro sinal de uma emergência em frente à Opera House, então imaginei que podíamos ter chegado a tempo.

— Deixe o motor ligado — disse enquanto saltava. Eu na verdade não estava pensando em uma fuga rápida, mas imaginei que isso a manteria no carro e longe de problemas. — Se a polícia

tentar expulsar você, dê a eles meu nome e diga que estou lá dentro em missão oficial.

— Porque é claro que isso vai funcionar — respondeu Beverley, mas permaneceu no Mini, o que era o principal.

Eu atravessei a rua trotando na direção da entrada principal e passei por uma das portas de vidro e mogno. O átrio estava fresco e escuro depois do pôr do sol. Havia manequins em vitrines junto às portas, com figurinos de apresentações anteriores. Quando eu passava pelo segundo conjunto de portas para dentro do saguão fui recebido por um repentino fluxo de pessoas na direção oposta. Olhei rapidamente ao redor para descobrir o que poderia estar causando aqui, mas embora elas se movessem apressadamente e com uma noção de urgência, não havia nenhum pânico. Então compreendi: era o intervalo, e aqueles eram os fumantes saindo para um cigarro.

Certamente havia muitas pessoas saindo das portas indicando plateia e indo para a esquerda, supostamente na direção dos toaletes e do bar — provavelmente nessa ordem. Fiquei onde estava e deixei que as pessoas passassem — pelo menos Seawoll, por causa do seu tamanho, seria fácil de identificar. Em termos de vestuário eu fiquei desapontado; todos se vestiam com roupas caras, mas não passava de esporte fino, com eventuais longos para quebrar o tédio — esperava mais daqueles acima de mim. A multidão diminuiu e eu entrei no fluxo e fui levado para a esquerda, passando pela chapelaria e subindo um lance de escadas para o bar principal. Segundo a placa aquele era o Restaurante das Galerias, e pelo que podia ver havia sido criado jogando várias toneladas de pinho cru em uma estufa vitoriana de ferro forjado.

Projetado para atender à multidão do intervalo, quando mil espectadores levemente aturdidos avançariam em uma tentativa de afogar a música com gim e tônica, ele tinha grandes espaços abertos e móveis estofados simples com elementos de latão. Sob o arco abobadado de seu teto de ferro branco e vidro, era como se a IKEA houvesse sido contratada para reformar a estação St. Pancras. Se Thomas, a locomotiva, fosse sueco, sua sala de estar seria exatamente assim.

Embora ele provavelmente fosse muito menos alegre.

Havia um balcão de seis metros de altura que circundava o espaço, largo o bastante para cadeiras e mesas com linho branco e prataria. A multidão era menor ali, presumivelmente porque a maioria das pessoas foi diretamente ao bar tomar o maior número de gins que pudessem enfiar pelas gargantas antes que a música recomeçasse. Fui na direção da escada mais próxima, esperando dar uma olhada melhor do alto.

Estava na metade da subida quando me dei conta de que o clima na sala estava mudando. Não era exatamente uma sensação, mas como um cachorro latindo tarde da noite à distância.

— Quero que aquela piranha se foda — foi a voz aguda de uma mulher algum ponto abaixo de mim.

Era a mesma sensação de tensão que eu tive na Neal Street — pouco antes do Dr. Framline surtar com o mensageiro. Alguém derrubou uma bandeja, metal chacoalhando no caro piso de madeira, dois copos quebraram. Houve um aplauso irônico perto. Eu cheguei ao nível do balcão, me enfiar entre duas mesas desocupadas e olhei por sobre a multidão.

— Cretino, seu maldito cretino — disse um homem em algum lugar abaixo.

Vi um homem em boa forma física com quarenta e tantos anos, cabelos grisalhos, terno formal, sobrancelhas distintivamente espessas.

Era o subcomissário-assistente Folsom — como se minha vida não estivesse suficientemente complicada. Eu recuei da balaustrada do balcão e ao fazer isso vi Lesley apoiada na balaustrada do balcão do outro lado, olhando diretamente para mim. Parecia normal, ativa, feliz, vestindo seu casaco de couro de serviço e calças. Quando teve certeza de que eu estava olhando, me lançou um pequeno aceno feliz e indicou com a cabeça o bar principal, onde Seawoll estava pegando uma bebida.

Uma voz anunciou que o espetáculo iria recomeçar em três minutos.

No bar principal, abaixo, um sujeito em um paletó de lã com reforços de couro estapeou um dos homens com os quais estava conversando. Alguém gritou, Lesley olhou para baixo e eu

atravessei correndo o balcão, empurrando espectadores para fora do caminho.

Olhei para Lesley, que me fitava chocada enquanto eu fazia a primeira curva e avançava pelo balcão que tomava a largura da sala. Quem quer que estivesse pensando dentro da cabeça de Lesley naquele momento, ela ou Henry Pyke, não esperou que eu abrisse caminho por uma multidão de pessoas distintas bem vestidas. Algo com o que eu contava. Não é fácil tirar um dosador cheio de tranquilizante do bolso enquanto você abre caminho por entre melômanos que protestam, mas de algum modo consegui estar com tudo pronto no momento em que fiz a última curva e fui na direção de Lesley.

Ela estava me olhando com uma diversão silenciosa, a cabeça inclinada para o lado, e pensei: você pode ser tão tranquila quanto quiser, porque daqui a pouco estará dormindo. Àquela altura os espectadores estavam saindo do meu caminho espontaneamente e eu tinha espaço livre pelos últimos cinco metros. Ou teria, se Seawoll não tivesse subido as escadas e me acertado no rosto. Era como se chocar correndo contra uma viga baixa do teto: caí de costas e me vi com uma imagem borrada do teto.

Maldição, aquele homem sabia se mover rápido quando queria.

Henry Pyke claramente conseguia influenciar outras pessoas, até mesmo cabeças-duras como Seawoll — aquilo não podia ser bom.

— Eu sinceramente não ligo — berrou uma mulher em algum lugar à minha direita. — São apenas malditos homens cantando sobre malditos homens.

Uma voz anunciou que o espetáculo recomeçaria em menos de um minuto e que as pessoas deveriam retornar a seus lugares. Um jovem com sotaque romeno e uniforme de garçom me disse que eu deveria permanecer onde estava e que a polícia havia sido chamada.

— Eu sou a polícia, idiota — falei, mas isso saiu abafado pelo fato de que meu maxilar parecia estar deslocado. Achei meu distintivo e o mostrei a ele e, para ser justo, ele me ajudou a levantar. O bar estava vazio, a não ser pela equipe fazendo a limpeza. Alguém pisou no dosador, o esmagando. Eu senti meu

rosto. Como ainda tinha todos os dentes, Seawoll devia ter se contido. Perguntei para onde o homem grande tinha ido e os funcionários disseram que havia descido as escadas com a loura.

— Para o teatro? — perguntei, mas eles não sabiam.

Desci os degraus correndo e me vi olhando para o comprido balcão de mármore da chapelaria. A coisa boa de Seawoll era que era difícil não vê-lo, e difícil esquecê-lo — a funcionária disse que ele seguira para a plateia. Retornei ao saguão, onde uma jovem educada tentou impedir minha passagem. Disse a ela que precisava ver o gerente, e quando ela saiu para ir buscá-lo eu me esgueirei para dentro.

A música me atingiu primeiro em uma grande onda de melancolia, seguida pela escala do teatro. Era uma grandiosa ferradura se erguendo em camadas de dourado e veludo vermelho. À minha frente um mar de cabeças se voltava para o fosso da orquestra e, além deste, o palco. O cenário representava a popa de um veleiro, embora a escala fosse exagerada a ponto das laterais se elevarem acima dos cantores. Tudo era pintado em tons suaves de azul, cinza e branco gelo — um navio à deriva em um oceano agitado. A música era igualmente sombria, e realmente precisava de uma batida ou, isso falhando, uma garota de minissaia. Homens de uniforme e chapéus de três pontas cantavam uns para os outros enquanto um sujeito louro de camisa branca acompanhava com olhos inocentes. Tive a sensação engraçada de que aquilo não iria terminar bem para o louro, ou para a plateia, na verdade.

Havia acabado de me dar conta de que o tenor interpretava o capitão enquanto o baixo, no papel do vilão da peça, vacilou. Eu inicialmente achei que era parte da apresentação, mas o murmúrio que correu pela plateia deixou claro ser um erro. O cantor tentou se recuperar, mas estava com dificuldade em lembrar-se de sua fala. O tenor se adiantou para improvisar, mas também vacilou e, com uma expressão de puro pânico, olhou do palco para as coxias. A plateia estava começando a abafar a orquestra que, tendo finalmente percebido que algo acontecia, se desorganizou até parar.

Eu comecei a descer o corredor na direção do poço da orquestra, embora não tivesse ideia de como iria subir ao palco. Pessoas da plateia haviam se levantado e esticavam os pescoços



para descobrir o que acontecia. Cheguei ao limite do fosso, olhei e vi que os músicos ainda estavam a postos com seus instrumentos. Eu estava perto o suficiente para tocar um primeiro violinista. Ele tremia e os olhos estavam vidrados. O maestro bateu com a vara no pedestal e os músicos recomeçaram a tocar. Reconheci a música como a primeira canção cantada pelo Sr. Punch no roteiro de Piccini, “Malbrough s’en va-t-en guerre”, uma antiga canção folclórica francesa, mas no mundo de língua inglesa era conhecida como “For he’s a jolly good fellow”(Ele é um bom companheiro).

O tenor interpretando o capitão pegou o refrão primeiro: *Mr. Punch é um bom companheiro,*

*Se veste de escarlate e amarelo.*

O baixo e o barítono entraram em sucessão, seguidos pelo coro, cantando como se tivessem a partitura diante deles.

*E se vez ou outra ele parece jovial, Acontece apenas entre amigos.*

Os cantores batiam os pés ao ritmo da música. A plateia parecia grudada nas poltronas; eu não sabia se estava confusa, hipnotizada ou apenas chocada demais para se mover. Então a primeira fila da plateia acompanhou a batida com mãos e pés. Eu mesmo podia sentir a compulsão, uma onda de cerveja, boliche, tortas de porco, dança e não dar a mínima para as opiniões dos outros.

*Com as garotas ele é malandro e traiçoeiro; Ele vive, enquanto pode, da própria sorte;* As palmas e as batidas de pés se espalharam para trás, fila após fila, desde a primeira. Na boa acústica da Opera House as pisadas eram mais altas que uma multidão em Highbury, e quase tão contagiantes.

Tive de travar os joelhos para impedir que meus pés se movessem.

*Quando ele morre tudo acaba:*

*E a comédia de Punch’s chega ao fim.*

Lesley pisou no palco e, vigorosa, subiu os degraus que a levavam ao convés de popa exagerado e se virou para encarar a plateia. Vi então que ela levava na mão esquerda uma bengala de castão de prata. Eu a reconheci — o desgraçado a havia roubado de Nightingale. Um holofote penetrou a escuridão e a banhou em luz branca. A música e o canto pararam e as batidas de pés morreram.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas — disse Lesley. — Eu lhes apresento hoje a mais trágica comédia e cômica tragédia do Sr. Punch como contada ao grande empresário Sr. Henry Pyke.

Ela esperou pelos aplausos, e quando não vieram murmurou em voz baixa e fez uma mesura com a bengala. Eu senti a compulsão passar sobre mim, enquanto atrás a plateia explodia em aplausos.

Lesley se curvou graciosamente.

— Adorável estar aqui. Mas este teatro foi muito ampliado desde os meus dias. Há mais alguém aqui dos anos 1790?

Uma voz solitária foi ouvida do ponto mais alto, apenas para provar que sempre há um na multidão.

— Não que eu não acredite, senhor, mas é um maldito mentiroso — disse Lesley. — O velho canastrão está por aqui.

Ela olhou para a plateia além das luzes, procurando por algo.

— Eu sei que você está aí, seu cão irlandês preto.

Ela balançou a cabeça.

— Só gostaria de dizer que é bom estar aqui no século XXI — anunciou de repente. — Muitas coisas pelas quais ser grato: encanamento interno, carruagens sem cavalos, uma expectativa de vida decente.

Não havia nenhum modo evidente de passar da plateia para o palco.

O poço da orquestra tinha dois metros de profundidade, e a beirada do palco em frente ficava mais alta do que um homem podia alcançar.

— Esta noite, senhoras e senhores, meninos e meninas, para sua diversão oferecerei minha versão daquela cena lamentável da história do Sr. Punch — disse Lesley. — Eu me refiro, claro, à sua prisão e, vejam, iminente execução.

— Não — gritei. Eu havia lido o roteiro. Sabia o que vinha a seguir.

Lesley olhou diretamente para mim e sorriu.

— Mas é claro — disse ela. — A peça é o que importa.

Houve um estalo de osso partindo e seu rosto mudou. Enquanto o nariz se tornava uma lâmina curva, a voz se elevava em um guincho gorjeante penetrante.

— É assim que se faz! — ela guinchou.

Eu estava atrasado demais, mas ainda assim me joguei no poço da orquestra. A Royal Opera House não funciona com um quarteto com *drum machine* — é uma orquestra completa de setenta músicos, e o fosso é construído para abrigar isso. Caí no meio da sessão de trompas, que não estava tão encantada pela compulsão lançada por Henry Pyke a ponto de não protestar. Abri caminho entre os violinistas, mas não adiantou e nem com um pulo em pé consegui levar as mãos ao palco. Um dos violinistas me perguntou que porra eu achava que estava fazendo e, apoiado por um baixista, ameaçou chutar minha cabeça. Ambos tinham o mesmo olhar bêbado malvado de sexta-feira à noite que eu começava a associar a Henry Pyke. Acabara de pegar uma estante de partituras para mantê-los à distância quando a orquestra recomeçou. Nesse instante os dois músicos homicidas me ignoraram, pegaram seus instrumentos, foram para seus lugares e, com muito decoro, considerando que estavam tendo um surto psicótico, começaram a tocar. Eu podia ouvir a coisa que vestia o corpo de Lesley cantando com sua medonha voz aguda: *Punch, quando separado de sua amada, Ainda deve cantar a sombria melodia.*

Eu não conseguia ver o que Lesley estava fazendo, mas a julgar pela canção ela interpretava a cena em que Punch vê um patíbulo ser montado do lado de fora da janela de sua prisão. Havia portas nas duas extremidades do poço da orquestra — eles tinham de chegar às coxias de um modo ou de outro. Abri caminho em meio aos músicos na direção da porta mais próxima deixando um rastro de protestos, vibratos, guinchos e quedas atrás de mim. A porta levava a outra estreita passagem de blocos de cimento com outras passagens aparentemente iguais se abrindo à esquerda e à direita. Como eu saíra à esquerda do palco, imaginei que outra curva à esquerda me levaria às coxias. Estava certo, só que a Royal Opera House não tinha coxias, tinha um hangar de aeronaves, uma enorme sala de pé-direito alto com pelo menos o triplo do tamanho do palco principal, onde você poderia estacionar um zepelim. Todos os gerentes de palco, pontos e quem mais se escondia das vistas durante uma apresentação haviam se reunido nas laterais, hipnotizados pela influência que Henry Pyke exercia sobre a plateia. Me afastar daquela influência me deu a oportunidade de me acalmar

e pensar. Os danos a Lesley já haviam sido feitos; se eu desse o tranquilizante a ela naquele momento seu rosto iria desmontar. Correr para o palco não ajudaria — pelo que eu sabia, fazer besteira era parte do roteiro de Henry Pyke. Eu me juntei aos funcionários e tentei chegar o mais perto possível do palco sem chamar atenção.

Eles não haviam construído um patíbulo. Em vez disso um laço havia sido baixado do alto, como de uma trave de mastro. Ou Henry Pyke era ainda mais organizado do que eu pensava, ou a ópera original envolvia alguém ser enforcado. Supostamente após muita cantoria.

Lesley, ainda interpretando o papel de Punch, fingia sofrer atrás de uma janela com grades. Ela não parecia estar mais seguindo o roteiro de Piccini, em vez disso presenteando a plateia com a história da vida de um certo Henry Pyke, aspirante a ator, desde o começo humilde em uma pequena aldeia de Warwickshire até sua carreira florescente no palco londrino.

— E lá estava eu — declamou Lesley —, não mais um jovem, mas um ator experiente, meus dons dados por Deus amplificados por anos de experiência ardentemente conquistada nos duros e implacáveis palcos de Londres.

O fato de que ninguém entre os gerentes de palco sequer dessem risos abafados demonstrava a força da compulsão que os dominava.

Como Nightingale ainda não me introduzira a “compulsão para iniciantes”, não sabia quanta magia era necessária para manter mais de duas mil pessoas fascinadas, mas apostava que era muita, e foi quando decidi que provavelmente seria melhor para Lesley ter o rosto desfigurado que o cérebro ressecado. Olhei ao redor. Tinha de haver um estojo de primeiros socorros por perto. O Dr. Walid disse que eu ia precisar de soro e bandagens para enrolar a cabeça dela se queria mantê-la viva tempo suficiente para a chegada da ambulância. Vi o estojo instalado na parede acima de um conjunto de extintores de incêndio, instalado em uma maleta impressionantemente grande de plástico resistente, que também seria útil como arma de ataque.

Preparei meu último dosador e, com o estojo de primeiros socorros na outra mão, fui para as coxias. No momento em que vi o

palco novamente, Lesley — eu não suportava pensar nela como Punch ou Henry Pyke — estava fazendo uma longa e detalhada descrição das decepções de Henry. A maioria das quais ele atribuía a Charles Macklin que, alegava Henry, voltou-se contra ele maldosamente e, quando desafiado, em frente a este mesmo teatro, agrediu Henry cruelmente.

— Ele devia ter sido enforcado por isso — disse Lesley. — Assim como devia ter sido enforcado por causa do pobre Thomas Hallum, de quem ele cuidou no Theatre Royal. Mas ele tinha a sorte dos irlandeses e do dom da persuasão.

Foi quando me dei conta de o que Henry Pyke estava esperando.

Charles Macklin havia sido frequentador da Royal Opera House até sua morte. Segundo a lenda, o fantasma de Macklin teria sido visto em várias oportunidades em sua poltrona preferida na plateia. Henry Pyke estava tentando atraí-lo, mas eu não achava que fosse aparecer. Lesley caminhou pelo convés de popa, olhando para a plateia.

— Mostre-se, Macklin — chamou.

Eu achei ter ouvido incerteza em sua voz. O convés de popa era uma área elevada do palco, com laterais altas demais para que eu subisse. O único acesso seria pelas escadas da frente — mas não havia como apanhar Lesley de surpresa. Eu teria de fazer algo idiota.

Pisei corajosamente no palco, e então cometi o erro de olhar para a plateia. Não conseguia ver muito além das luzes, mas podia ver o suficiente para registrar a grande massa olhando para mim da enorme escuridão. Tropecei em meus próprios pés e fiquei preso em um canhão cenográfico.

— O que é isso? — guinchou Lesley.

— Sou Jack Ketch — disse, baixo demais.

— Deus me poupe de idiotas e amadores — falou Lesley em voz baixa, e depois mais alto. — O que é isso?

— Sou Jack Ketch — repeti, e dessa vez senti que havia chegado à plateia. Recebi de volta um tremor de *vestigia*, não das pessoas, mas do conjunto do auditório. O teatro lembrava-se de Jack Ketch, carrasco de Carlos II, um homem famoso por ser tão

irredutivelmente ruim em seu trabalho que um dia publicou um panfleto em que culpava sua vítima, lorde Russel, por não ficar imóvel enquanto ele brandia o machado. Durante um século depois Ketch foi sinônimo de carrasco, assassino e do próprio diabo: se já houve um nome com o qual invocá-lo, seria o de Jack Ketch. O que explicava seu papel no espetáculo de Punch e Judy, e por que essa era minha melhor chance de chegar suficientemente perto de Lesley para usar o dosador.

— Muito obrigado, Sr. Ketch, mas estou muito confortável aqui — disse Lesley.

Eu não me preocupava em decorar o roteiro, mas sabia o suficiente para improvisar.

— Mas você precisa sair. Sair e ser enforcado — falei disse.

— Você não seria tão cruel — respondeu Lesley.

Eu sabia que deveria haver muito mais provocação nesse ponto, mas como não conseguia me lembrar do texto, parti para a ação.

— Então devo pegá-lo — disse, e subi as escadas para o convés de popa.

Para mim era duro me obrigar a olhar para o rosto arruinado de Lesley, mas não podia correr o risco de movimentos surpresa. Seu rosto de Punch se contorceu de irritação, provavelmente porque eu estava pulando o diálogo, mas ela continuou com o espetáculo — exatamente como eu esperava. Esse era o momento em que Jack Ketch segura Punch e o arrasta para o laço, quando o ardiloso assassino de esposa leva Jack Ketch a passar a própria cabeça pelo laço, assim se enforcando. Não senhor, eles não criam mais modelos de conduta para as crianças como esse.

Eu aprontei o dosador.

Lesley se encolheu enquanto eu me aproximava.

— Misericórdia, misericórdia — guinchou. — Nunca farei isso novamente.

— Com certeza — eu disse, mas antes que pudesse injetar ela girou e enfiou a bengala de Nightingale em meu rosto. Os músculos de minhas costas e meus ombros se contraíram, e isso foi tudo o que pude fazer para manter o equilíbrio.

— Sabe o que é isso? — perguntou Lesley, balançando a bengala de um lado para o outro.

Eu tentei dizer “é uma vara”, mas os músculos da minha mandíbula estavam travados, como tudo mais.

— Assim como Próspero tinha livro e cajado, da mesma forma seu mestre tem as duas coisas, mas dessas eu preciso apenas do cajado — disse Lesley. — Ser do mundo dos espíritos dá um certo *je ne sais quoi* ao lidar com magia, mas as coisas materiais são a fagulha de vitalidade necessária para facilitar os desejos.

O que pelo menos confirmava que Henry Pyke não tinha sua própria magia intrínseca, uma observação que teria achado mais interessante não estivesse eu desgraçadamente paralisado e à mercê dele.

— Esta é a fonte do poder de seu mestre. E com seu poder eu posso fazer, bem, praticamente qualquer coisa que deseje — disse Lesley, sorrindo e mostrando os dentes esmagados. — Sua fala é: “Agora, Sr. Punch, sem mais atraso.”

— Agora, Sr. Punch, sem mais atraso — e aponte para o laço. — Passe sua cabeça por esta volta.

O estranho é que dessa vez eu podia sentir a compulsão quase como se fosse uma forma, em minha cabeça, mas não da minha cabeça.

— Por aqui — disse Lesley, piscando para a plateia. — Para quê?

— Sim, por aí — falei. Eu senti novamente, e dessa vez tive certeza: a ideia da forma era externa, mas a forma atual em si estava sendo criada por minha própria mente. Era como hipnotismo, mais uma sugestão do que uma ordem.

— Para quê? Não sei como — confessou Lesley, fazendo uma pose de profundo desespero.

— É muito fácil — eu expliquei, agarrando o laço, a corda áspera sobre minhas palmas. — Basta passar sua cabeça por aqui.

Lesley se inclinou para frente, errando totalmente o laço, perguntou.

— Como, assim?

— Não, não — falei, e aponte para o laço. — Aqui.

Se era uma sugestão, pensei, então eu deveria ser capaz de simplesmente ignorá-la.

Lesley errou teatralmente, enfiando a cabeça pelo laço mais uma vez.

— Assim então? — perguntou.

Eu tentei expulsar a forma de minha mente, mas me vi dizer “Não assim, tolo”, e fingir exasperação. A força bruta não era o caminho, e eu teria de descobrir algo, porque em menos de duas frases o personagem de Jack Ketch deveria enfiar seu próprio pescoço pela volta e se enforcar, e junto com ele, eu me enforcaria.

— Cuidado com quem chama de tolo; tente e veja se consegue fazer você mesmo — guinchou Lesley, e fez uma pausa para dar à plateia a chance de rir de ansiedade. — Apenas me mostre como, e eu farei num instante.

Eu senti meu corpo mudar antecipando o movimento com o qual iria meter a cabeça pelo laço. Foi quando pensei que se não conseguia me livrar da compulsão, talvez pudesse modificá-la o bastante para rompê-la. Fiz isso como um antirruído, quando você cancela uma onda sonora transmitindo outra onda sonora de fase invertida — é uma coisa inteligente e inesperada, mas funciona. Eu esperava que a versão esquisita dentro da minha cabeça funcionasse, porque mal começara a criar a forma em minha mente quando minha boca disse: — Muito bem, mostrarei.

Minha forma se encontrou com a compulsão como duas engrenagens erradas raspando uma na outra em uma transmissão.

Achei que até mesmo podia sentir pedaços da forma rodopiando em meu cérebro e ricocheteando dolorosamente dentro do meu crânio, mas devia ser minha imaginação. Não importava. Senti meu corpo destravar e afastei a cabeça do laço, olhando para Lesley em triunfo.

— Ou talvez não — disse.

Um braço enorme agarrou meu peito por trás e uma grande mão prendeu a parte de trás de minha cabeça e a empurrou pelo laço. Eu cheirei pelo de camelo e loção pós-barba Chanel — Seawoll devia ter vindo por trás de mim enquanto eu me achava esperto.

— Ou talvez sim — disse Lesley.

Eu me contorci, mas embora haja alguns homens grandes surpreendentemente fracos, Seawoll não era um deles, então eu enfiei o dosador na parte exposta de sua mão e dei a dose inteira.



Infelizmente, a dose inteira havia sido preparada para Lesley, que tinha metade do tamanho de Seawoll. A pressão não diminuiu até que Lesley gritasse.

— Levantar, meninos — e fui arrastado para cima pelo pescoço.

A única coisa que salvou minha vida foi o fato de que eu estava sendo enforcado em um laço teatral, que por uma questão de saúde e segurança, havia sido projetado para não enforçar o atraente barítono croata cujo pescoço deveria estar nele. O nó de correr era falso e havia um reforço de arame dentro da corda para manter a forma da curva.

Sem dúvida havia um orifício no qual prender uma corda ao cinto de segurança sem dúvida habilidosamente escondido a ser usado pelo belo barítono assim que ele cantasse sua ária de despedida. Infelizmente eu não tinha um cinto, então a maldita coisa quase me matou antes que eu conseguisse tirar minha cabeça do lado, nesse processo arranhando a pele do meu queixo. Enfiei o cotovelo no laço para conseguir mais apoio, mas ainda assim houve uma repentina linha de agonia pelas minhas costas.

Dei uma rápida olhada para baixo e vi que estava bons cinco metros acima do palco. Eu não seria libertado tão cedo.

Abaixo Lesley se voltara para a plateia.

— É o fim da polícia — disse.

Atrás dela, Seawoll se sentou pesadamente nas escadas e caiu para frente como um corredor cansado, o cloridrato de etorfina finalmente fazendo efeito.

— Vejam — disse Lesley. — Um agente da lei dá os últimos suspiros enquanto outro dorme, sem dúvida entorpecido pela bebida. Assim como os bons homens da Inglaterra depositamos nossa confiança em porcos pouco diferentes dos vilões que fingem caçar. Por quanto tempo, senhoras e senhores, meninos e meninas, estão preparados para suportar isto? Por que homens de boa qualidade pagam seus impostos enquanto estrangeiros não pagam nada, e ainda assim esperam as liberdades que são prerrogativas duramente conquistadas de um inglês?

Estava ficando difícil me segurar, mas eu não confiava em minha capacidade de me libertar. Havia enormes cortinas dos dois lados do palco, e fiquei pensando se poderia me balançar o suficiente

para agarrar uma delas. Segurei no laço com as duas mãos e comecei a deslocar meu peso e flexionar para conseguir impulso.

— Por que quem é mais oprimido? — exclamou Lesley. — Aqueles que não buscam nada além de direitos para si mesmos ou aqueles que pedem tudo: seguridade social, auxílio-moradia, seguro desemprego, e não pagam por nada?

Uma coisa que eu estudei em história foi a reforma das Leis dos Pobres, portanto eu sabia que Henry Pyke devia estar usando elementos da memória de Lesley ou passara os duzentos anos anteriores lendo o *Daily Mail*.

— E eles são gratos? — ela perguntou. A plateia murmurou em resposta. — Claro que não são. Pois passam a considerar essas coisas direitos deles — disse Lesley.

Não estava sendo fácil impedir a corda de balançar para o poço da orquestra. Eu tentei corrigir e acabei desenhando um oito. Ainda estava a vários metros da cortina, então usei as costas, dobrando as pernas para superar a distância.

De repente a multidão rugiu e senti uma onda de frustração e raiva crescer ao meu redor como água de uma inundação subindo de um bueiro. Perdi a concentração em um momento crucial e me choquei contra a cortina. Dei o pulo, agarrando desesperadamente punhados de tecido pesado e tentando prender o bastante entre as pernas para não escorregar e bater no palco.

Então todas as luzes se apagaram. Elas não estalaram, tremeluziram, explodiram nem nada teatral — simplesmente se apagaram. Calculei que em algum ponto da sofisticada instalação elétrica da Royal Opera House dois microprocessadores estavam se transformando em areia. Quando você está pendurado pelas unhas, para baixo é quase sempre a direção certa, então me esforcei para ignorar a dor em meus antebraços e comecei a descer pela cortina. Em meio à escuridão ouvi a plateia não entrar em pânico, o que, considerando as circunstâncias, era muito mais assustador do que a alternativa.

Um cone de luz branca surgiu ao redor de Lesley como se projetado por uma luminária invisível.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas — gritou. — Acho que é hora de sair e brincar.

Um dia um dos tios da minha mãe tinha ingressos para Arsenal x Spurs em Highbury, e me levou quando seu próprio filho não pôde ir.

Estávamos entre os donos de ingressos da temporada, os mais fanáticos dos torcedores fanáticos de futebol que iam por causa do jogo, não da violência. Estar em uma multidão dessas é como ser levado pela maré — você pode tentar ir na outra direção, mas ela arrasta você de qualquer forma. Era um jogo tedioso, com estilo, e parecia se encaminhar para um empate em zero a zero quando de repente, nos acréscimos, o Arsenal teve um último ataque. Quando eles chegaram à área, juro que o estádio inteiro, sessenta mil pessoas, prendeu a respiração. Quando o atacante do Arsenal mandou a bola para o fundo da rede eu me vi gritando de prazer juntamente com o resto das pessoas ao meu redor. Foi totalmente involuntário.

Foi o que senti quando Henry Pyke libertou a plateia da Royal Opera House. Eu devo ter soltado a cortina e caído os dois últimos metros, mas só sei que de repente estava caído no palco com uma dor lancinante no tornozelo e um desejo repentino de esmagar o rosto de alguém. Eu me coloquei de pé e me vi cara a cara desfigurada com Lesley.

Eu me contorci. De perto a destruição no rosto de Lesley era ainda mais difícil de suportar. Meus olhos continuavam se desviando da caricatura grotesca. Dos dois lados dela estava o elenco principal, todo masculino, todo tenso, a não ser pelo barítono juvenil, com uma aparência muito mais dura do que seria de esperar entre praticantes da alta costura.

— Você está bem? — ela guinchou. — Você me deixou preocupada.

— Você tentou me enforcar — eu disse.

— Peter — disse Henry Pyke —, eu nunca o quis morto. Nos últimos meses comecei a vê-lo menos como um archi-inimigo e mais como um recurso cômico, o personagem levemente apagado que entra com o cachorro e faz algo divertido enquanto os atores de verdade estão se trocando.

— Notei que Charles Macklin não apareceu.

O Punch retorceu o nariz.

— Não importa — disse Lesley. — O desgraçado não pode se esconder para sempre.

— E enquanto isso, nós... O que nós estamos fazendo?

— Estamos desempenhando nosso papel — disse Lesley. — Somos o Sr. Punch, o espírito irreprimível do conflito e da rebelião. É nossa natureza causar problemas, assim como é sua natureza tentar nos impedir.

— Você está matando pessoas — falei.

— Uma pena — lamentou Lesley. — Toda arte exige sacrifícios. E acredite em quem sabe do que está falando: a morte é mais um tédio do que uma tragédia.

De repente tive o choque de que não estava conversando com uma personalidade completa. O modo como o sotaque mudava de uma época para outra, as mudanças bizarras de emoção e comportamento.

Aquele não era Henry Pyke, nem mesmo o Sr. Punch, era uma colcha de retalhos, uma personalidade montada a partir de fragmentos parcialmente recordados. Talvez todos os fantasmas fossem assim, um padrão de memória preso no tecido da cidade como arquivos em um disco rígido — sendo lentamente desgastados à medida que cada geração de londrinos imprime o padrão de suas vidas.

— Você não está escutando — alertou Lesley. — Aqui estou eu, usando tempo de minha agenda lotada para me vangloriar e você está em um mundo próprio.

— Diga, Henry — falei. — Quais os nomes dos seus pais?

— Como, eram o Sr. e a Sra. Pyke, claro.

— E os prenomes?

Lesley riu.

— Você está tentando me enganar — ela disse. — Seus nomes eram papai e mamãe.

Eu estava certo: Henry Pyke, ou pelo menos a parte dele na cabeça de Lesley, não estava todo ali.

— Agora me conte todas as coisas boas que surgem na sua cabeça sobre sua mãe — pedi.

Lesley inclinou a cabeça para o lado.

— Agora você está me considerando idiota — falou. Apontou para o elenco principal, que estava acompanhando nossa discussão. — Sabem o que o *Times* disse desta produção?

— Que era melancólica e sem sentido — eu disse enquanto me levantava. Se Lesley ia fazer um monólogo, eu aproveitaria a oportunidade para me colocar de pé.

— Quase — emendou. — O que o crítico de ópera do *The Times* escreveu foi que “a apresentação tinha toda a *gravitas* de um episódio de Natal de *Coronation Street*”.

— Isso é duro — falei.

Eu não tinha mais tranquilizante, mas a mala de primeiros socorros ainda estava caída nas coxias. Um golpe na nuca com a caixa pesada podia ser o suficiente para apagar Lesley. E depois, o quê?

Lesley inclinou a cabeça pra o outro lado, os olhos ainda em mim.

— Ah, vejam rapazes — disse para o elenco principal. — É o crítico de ópera do *The Times*.

Pensei em dizer a eles que eu sequer leio *The Times*, mas não achei que fossem escutar. Corri na direção da saída de incêndio mais próxima, com base em que, por definição, seria a rota mais curta e, por lei, sempre destrancada. Os sinais de saída de emergência também tinham um circuito diferente e, portanto, eram a única fonte de luz.

Consegui três metros de vantagem sobre os cantores enquanto cruzava o espaço de hangar aeronáutico atrás do palco, e não reduzi ao passar pela primeira porta, o que me custou uma costela machucada, mas me deu pelo menos um metro. Meus olhos já estavam começando a se ajustar, mas mesmo com o sinal de saída de emergência seguinte bem à frente não havia luz suficiente para me impedir de tropeçar em um carrinho mal estacionado. Eu caí agarrando canela e registrando que uma obstrução como aquela era uma violação dos regulamentos de saúde e segurança.

A silhueta de uma figura avançou pelo corredor na minha direção.

Um dos cantores havia me alcançado; estava escuro demais para saber qual. Eu chutei o carrinho na direção dele, que caiu de

cara junto a mim. Era um homem grande e cheirava a suor e maquiagem teatral. Ele tentou se levantar, mas pisei nas costas dele e me ergui. Os amigos dele passaram pela porta, então gritei para garantir que prestassem atenção em mim, depois corri. Os gritos, enquanto eles tropeçavam no colega, foram profundamente prazerosos.

Em disparada por outra porta e as luzes estavam acesas, um circuito diferente, imaginei, e eu estava de volta a um labirinto ofuscante de corredores estreitos que pareciam todos iguais. Corri por uma sala habitada por nada além de perucas e virei em um corredor com o piso coberto de pilhas de sapatilhas de balé. Escorreguei em uma delas e deslizei até uma parede de blocos de cimento. Podia ouvir atrás de mim o elenco principal uivando por meu sangue; o fato de que as ameaças eram belamente articuladas não era consolo algum.

Finalmente, passei por outra saída de incêndio e me vi junto aos toaletes do térreo, ao lado da chapelaria. Podia ouvir vidro quebrando na direção do saguão principal, então segui para a saída lateral junto à bilheteria. Ignorei a lenta porta giratória para cadeira de rodas e fui na direção das saídas de emergência, mas o que vi através do vidro me fez parar de repente.

Havia um conflito na Bow Street. Um bando bem vestido estava saqueando o hotel em frente, e uma coluna de fumaça negra gordurosa se erguia de um carro em chamas. Eu reconheci a marca: era um Mini conversível amarelo-canário.



## O último recurso

Ninguém gosta de rebeliões, a não ser saqueadores e jornalistas. Sendo a Polícia Metropolitana a força policial avançada, dinâmica e moderna que é, tem vários planos de contingência para lidar com perturbações civis, desde fazendeiros com caminhões de esterco até anarquistas suburbanos em uma folga de fim de semana, passando por jihadistas de sábado. Suspeito que só não tinha planos para mais de dois mil melômanos enfurecidos saindo da Royal Opera House e se lançando em destruição ensandecida por Covent Garden.

Eu estava certo de que uma londrina esperta como Beverley teria cérebro para sair do carro antes que a multidão o incendiasse, mas sabia que a mãe não me perdoaria se eu não verificasse. Saí correndo aos berros, na esperança de que todos também me confundissem com um arruaceiro.

O barulho me chocou assim que passei pela porta. Era como uma multidão de raivosa, mas em escala gigantesca, cheia de estranhas palavras de ordem pela metade e vaias animais. Não era um tumulto normal. Em um desses a maior parte da multidão não faz nada além de assistir e eventualmente aplaudir. Mostre uma vitrine de loja quebrada e eles alegremente cuidarão do conteúdo, mas como a maioria das pessoas, eles na verdade não querem sujar as mãos. Aquela era uma malta de provocadores: todos, do jovem suspeitamente bem vestido à matrona com vestido de noite, estavam totalmente alucinados e prontos para quebrar alguma coisa. Cheguei o mais perto que pude do Mini em chamas, e fiquei aliviado ao ver que não havia sinal de ninguém nos bancos.

Beverley sensatamente havia corrido, e eu teria feito o mesmo, mas fui distraído pela visão de um helicóptero pairando bem acima de mim.

O helicóptero significava que GT, o Comando Central da Met, assumira o controle operacional direto do distúrbio. Isso significava que dezenas de chefes de polícia estavam tendo seus jantares, suas noites com DVDs e saídas com amantes interrompidos por telefonemas urgentes de policiais inferiores desesperados para deixar claro que eles de modo algum eram responsáveis por aquilo. Aposto que GT soube cedo que o trem estava descarrilando e que assim que o tumulto terminasse um grande jogo de investigação musical iria começar. Ninguém iria querer ser aquele sem uma cadeira quando a música parasse.

Foi esse pensamento que, ironicamente, me distraiu o suficiente para que o subcomissário-assistente Folsom conseguisse se esgueirar para trás de mim. Eu me virei quando ele chamou meu nome e o vi se esgueirando na minha direção. Seu terno conservador — risca de giz, vi agora que ele estava perto — perdera uma manga e todos os botões. Ele era uma daquelas pessoas cujos rostos se contorcem quando estão com raiva; elas acham que aparentam estar calmas, mas algo as denuncia. No caso de Folsom era um tique nojento do olho esquerdo.

— Sabe o que eu mais odeio? — ele gritou. Percebi que estava adotando um tom de conversa sinistro, mas infelizmente para ele o conflito estava alto demais.

— O que é, senhor? — perguntei. Eu podia sentir o calor do Mini em chamas às minhas costas; Folsom me colocara em uma armadilha.

— Eu odeio policiais — disse. — Sabe por quê?

— Por que, senhor?

Eu me desloquei para a esquerda, tentando criar uma rota de fuga.

— Porque eles nunca param de choramingar — disse Folsom. — Eu entrei em 1982, bons tempos, antes da Lei de Polícia e Evidências de Crime, antes de Macpherson e das metas de controle de qualidade. E



quer saber? Éramos uma merda. Achávamos que estávamos bem em uma investigação se prendêssemos alguém, que dirá o criminoso.

Tomamos porrada de Brixton a Tottenham, e vão se foder, éramos corruptos? Sequer éramos caros. Deixaríamos um escroto se safar por duas canecas de cerveja e um pacote de batatas.

Ele parou e por um momento uma expressão de perplexidade passou por seu rosto, depois os olhos se fixaram novamente em mim, e o esquerdo teve um tique.

— E você — ele disse, e eu não gostei do modo como ele disse isso. — Quanto tempo acha que teria durado na época? Um armário cheio de excremento teria sido apenas o aquecimento. As chances são de que um dos seus colegas o puxasse de lado e explicasse, de um modo firme, porém amistoso, quão indesejado você era.

Eu pensei seriamente em atacar o cara — qualquer coisa para fazer com que ele calasse a boca.

— E não ache que seu inspetor de turno teria ajudado — falou. — Ele não teria sido capaz de soletrar “discriminação racial” em seu relatório, caso tivesse existido um relatório.

Fui na direção dele para que recuasse e então disparei para a minha direita, para longe do carro em chamas e do resto do tumulto. Não funcionou. Folsom não recuou, e quando eu passava, me acertou com as costas da mão, e foi como ser acertado com uma tábua. Isso me jogou sentado, e eu me vi erguendo os olhos para um superior muito enfurecido disposto a me dar no mínimo um belo chute. Ele acabara de lançar o pé tamanho 44 na minha coxa — eu acabei com um roxo em forma de calcanhar que durou um mês — quando alguém o acertou pelas costas.

Era o inspetor Neblett, ainda vestindo sua desconfortável túnica do uniforme, mas carregando um honesto cassetete de madeira do tipo eliminado nos anos 1980 por ser ligeiramente mais letal que uma picareta.

— Grant — ele disse. — Que porra está acontecendo aqui?

Eu engatinhei até onde Folsom estava caído de barriga para baixo na calçada.

— Houve uma violação incontornável da ordem pública — expliquei enquanto jogava Folsom para a posição de recuperação.

Minha cabeça ainda zumbia do tapa, então, não fui gentil.

— Mas por quê? Não havia nada programado.

Conflitos raramente são espontâneos. As multidões normalmente precisam ser reunidas e provocadas, e um inspetor consciente fica de olho em problemas. Especialmente quando sua jurisdição tem um ímã de conflitos como Trafalgar Square. A única mentira parcialmente convincente em que consegui pensar foi que alguém havia atacado a Royal Opera House com um aerossol psicotrópico, mas percebi que isso poderia gerar mais perguntas do que seria possível responder. Para não falar em deflagrar uma reação militar inadequada. Eu estava prestes a arriscar a verdade, que uma espécie de fantasma vampiro influenciara toda a plateia, quando Neblett percebeu quem exatamente ele acabara de acertar na cabeça.

— Ah, meu Deus — disse ele, se agachando para olhar melhor.

— Este é o subcomissário-assistente Folsom.

Nossos olhos se encontraram acima da forma contorcida de nosso superior.

— Ele não o viu, senhor — eu disse. — Se chamar uma ambulância poderemos retirá-lo do local antes que recobre a consciência. Havia um conflito, ele foi atacado e o senhor o resgatou.

— E seu papel nisso?

— Testemunha confiável, senhor — respondi. — De sua intervenção precisa.

O inspetor Neblett me lançou um olhar duro.

— Eu estava errado sobre você, Grant — disse. — Você tem os requisitos de um bom tira.

— Obrigado, senhor — agradeci, e olhei ao redor. O conflito se deslocara, descendo a Floral Street e indo para a praça, avaliei.

— Onde está o GAT? — perguntei.

O GAT é o Grupo de Apoio Terrestre. São os caras que circulam em vans Mercedes Sprinter com armários de equipamento contendo desde capacetes de conflito até *tasers*. Todo comando distrital tem dois deles circulando pela área de operação, especialmente no horário de fechamento dos bares, e há uma força de reserva de prontidão para o caso de acontecimentos inesperados. Eu

suspeitava que os atuais acontecimentos contavam como acontecimentos inesperados.

— Estão em Longacre e Russell Street — respondeu Neblett. — Parece que o plano de GT é contê-los ao redor de Covent Garden.

Houve um barulho vindo da direção da praça, seguido por aplausos.

— E agora? — perguntou Neblett.

— Acho que estão saqueando o mercado.

— Consegue chegar à ambulância? — ele perguntou.

— Não, senhor, recebi ordens de encontrar o líder — respondi.

Um coquetel molotov faz um som muito específico. Um bem projetado faz *crac*, *tump* e *vuuf*, e o último é o combustível pegando fogo, que irá matá-lo se você permitir. Sei disso, porque antes de se formar em Hendon você precisa passar um dia divertido com eles sendo jogados em você. Motivo pelo qual Neblett e eu nos encolhemos instintivamente quando os ouvimos quebrar no asfalto a menos de quinze metros rua abaixo.

— Está começando — disse Neblett.

Olhando para o sul eu podia ver um grupo de agitadores no cruzamento de Culverhay com Bow Street. Além deles, vi chamas refletindo em capacetes azuis de choque e escudos cinza.

Eu ainda precisava pegar Lesley, dominá-la e levá-la para Walid no hospital universitário. Transporte não deveria ser um problema, já que metade das ambulâncias de Londres provavelmente estava convergindo para Covent Garden naquele instante. Restava apenas encontrá-la.

Decidi supor que ela ainda queria se vingar de Macklin, que um dia teve um bar na Henrietta Street e havia sido enterrado na Igreja dos Atores.

Isso significava voltar à praça, o que infelizmente significava passar pelo tumulto civil ao sul ou subir correndo a Floral Street, que só Deus sabe o tipo de desordeiros e coisas ruins que estavam lá.

Felizmente, quando eles reconstruíram a Royal Opera House se asseguraram de que tivesse muitas saídas. Parando apenas para desejar boa-sorte a Neblett e um chute nas canelas de Folsom, eu voltei correndo para dentro. Então passou a ser apenas uma questão de passar pela bilheteria e pela loja e sair para a praça do

outro lado. Pelo menos teria sido se alguém não estivesse saqueando a loja.

A vitrine havia sido quebrada, e cacos de vidro cobriam as prateleiras de DVDs, bolsas com o logo da Royal Ballet School e canetas de lembrança. Alguém havia arrancado o manequim prata e marfim da vitrine e o arremessara pelo corredor com força suficiente para quebrá-lo contra a parede de mármore em frente. Eu podia ouvir soluços do lado de dentro, pontuados por ocasionais barulhos de coisas quebrando. A curiosidade foi mais forte enquanto eu avançava com cuidado, e parei junto à entrada quebrada para olhar cautelosamente para dentro.

Um homem de meia-idade estava sentado descalço no chão da loja, cercado por centenas de embalagens de plástico. Enquanto olhava, ele pegou uma das embalagens e a rasgou para tirar um par de sapatilhas de balé brancas. Cuidadosamente, com a ponta da língua saindo pelo canto da boca, o homem tentou enfiar uma das sapatilhas em seu grande pé cabeludo. Previsivelmente, a sapatilha era pequena demais, não importando o quanto o homem puxasse pelas fitas — até finalmente rasgar as costuras. O homem ergueu a sapatilha arruinada diante do rosto e caiu em lágrimas. Quando ele a jogou para o outro lado da loja e se esticou para pegar outro par, eu o deixei — há coisas que um homem não precisa saber.

A saída dos fundos da Royal Opera House é sob a colunata no canto nordeste da praça. A loja Paperchase à esquerda havia sido atacada, e pedaços de papel colorido voavam sobre as pedras e na praça. À direita a Disney Store estava sendo entusiasmadamente saqueada, mas, de forma bizarra, a loja Build-a-Bear estava intocada — um oásis de encanto em cores brilhantes e paz. A maior parte do conflito parecia ser abaixo, junto à igreja no lado oeste — onde eu imaginava que Lesley estaria. Segui para o mercado coberto, avaliando que poderia usá-lo como cobertura para chegar mais perto da igreja. Estava a meio caminho quando alguém assoviou forte para mim. Era um verdadeiro assovio de dois dedos na boca, e superou o barulho do conflito.

Eu localizei no segundo assovio. Era Beverley, olhando para mim da varanda do primeiro andar do pub — acenou quando me viu olhando e correu para as escadas. Eu a encontrei embaixo.

— Eles incendiaram meu carro — ela disse.  
— Eu sei.  
— Meu adorável carro novinho.  
— Eu sei — repeti, e agarrei seu braço. — Temos de sair daqui — disse, tentando arrastá-la de volta na direção da Opera House.  
— Não podemos ir por aí — ela falou.  
— Por que não?  
— Porque acho que há algumas pessoas seguindo você — respondeu.

Eu me virei. O elenco principal estava de volta, acompanhado pelo que reconheci como sendo a orquestra e algumas pessoas vestindo basicamente camisetas e jeans e que achei ser o pessoal da técnica. A Royal Opera Company é uma instituição de nível mundial dedicada a encenar algumas das maiores óperas em uma escala épica. Ela tem uma equipe técnica muito grande.

— Ai meu Deus — disse Beverley. — Aquela é Lesley?

Lesley estava à frente da multidão, ainda usando seu rosto de Punch. Ela ergueu a mão e a companhia parou.

— Corra — eu disse a Beverley.

— Boa ideia — ela disse e, agarrando meu braço, me puxou para trás com tanta força que quase caí. Beverley disparou por um dos corredores de alvenaria escura que levavam ao centro do mercado coberto. Com a noite avançando, a maioria das lojas estava fechada, mas barracas de bebidas e comida genérica deveriam estar faturando muito com os turistas. Mas não havia ninguém à vista, e eu esperava que isso significasse que clientes e donos de barracas já tivessem corrido em busca de segurança.

Ouvi atrás de nós a companhia dar um uivo grandioso, bastante harmônico, e acima disso o riso em guincho agudo do avatar do conflito e da rebelião. Houve um repentino silêncio agourento, e então a primeira das bombas de fogo acertou o teto. Lesley disse que não me queria morto, mas estava começando a suspeitar que ela poderia estar mentido.

Beverley nos lançou por um corredor e para um dos pátios cobertos, onde encontramos uma família alemã. Eram cinco, um pai impassível de cabelos escuros, uma mãe loura de rosto anguloso e três crianças com idades entre 7 e 12 anos. Eles deviam ter se

abrigado atrás de uma barraca de comida quando o conflito começou, e estavam começando a sair quando ergueram os olhos e viram Beverley e eu disparando em sua direção.

— *Polizei* — ele disse à esposa, e então, muito educadamente, perguntou se poderíamos ajudá-los.

Eu disse que adoraria ajudá-los, começando por seguir para a saída mais próxima e evacuar a área. De repente estava suando, e me dei conta de que era por causa do calor de um incêndio às minhas costas.

Toda a parte de trás do mercado coberto estava em chamas — coloquei uma das mãos nas costas do pai e a outra nas do filho mais velho e os empurrei na direção oposta.

— *Raus, raus!* — gritei, esperando que realmente significasse “saíam”.

Beverley nos levou na direção do canto sudoeste do mercado, até então intacto, mas mal havíamos passado pela segunda fileira de barracas quando ela parou de repente e a família alemã e eu nos chocamos contra suas costas. À frente um grupo de baderneiros estava usando a fachada oeste do mercado para travar uma batalha contra policiais.

— Estamos cercados — disse Beverley.

Os baderneiros estavam de costas para nós, mas era apenas uma questão de tempo antes que um deles se virasse.

Uma das lojas próximas parecia surpreendentemente preservada, e embora correr na direção de um prédio durante um incêndio geralmente seja considerado um passo errado, não achava que tivéssemos muita escolha. Foi apenas depois que entramos e me vi agachado atrás de um manequim vestindo apenas dois fragmentos de seda que me dei conta de que estávamos em uma filial da Seraglio. Convenci a família a se sentar atrás do balcão para que não pudessem ser vistos de fora.

— Por favor — perguntou a mãe. — O que está acontecendo aqui?

— Não faço a menor ideia, irmã. Eu só trabalho aqui — disse Beverley.

O mercado coberto de Covent Garden tem quatro fileiras paralelas de lojas sob seu teto de ferro e aço. Originalmente

construído para abrigar barracas de frutas e vegetais, e com frente aberta, elas foram reformadas e ganharam vitrines e energia elétrica, mas ainda tinham menos de três metros de largura. Do lado de dentro havia lojas de artesanato apertadas, cafés e versões em miniatura de redes de boutiques sofisticadas que não iriam permitir que uma coisinha como espaço inadequado impedi-las de conseguir um pouco daquele movimento de turistas gastadores.

Consequentemente, nosso esconderijo estava abarrotado de manequins do elegante tipo abstrato em prata e preto vestindo pedaços perturbadoramente pequenos de cetim. Eu esperava que os manequins nos tornassem menos óbvios para alguém que olhasse de fora.

Isso foi testado quando alguns baderneiros passaram pela vitrine. A julgar pelos paletós rasgados e as camisas brancas sujas, eles eram membros da plateia, não o elenco. Prendi a respiração enquanto eles paravam do lado de fora, gritando uns para os outros com seus sotaques guturais de corretores de ações.

Estranhamente, descobri que não estava assustado. Em vez disso estava constrangido pelo fato de que aquela simpática família tivesse vindo para minha cidade, e em vez de gastar seu dinheiro aqui estivesse correndo o risco de violência, ferimentos e maus tratos nas mãos dos londrinos. Isso me deixava furioso.

— Certo — falei após um tempo. — Vou verificar se o caminho está livre.

Eu passei pela porta da loja e olhei ao redor. Pelo lado bom, não havia saqueadores à vista, mas pelo lado ruim isso provavelmente acontecia porque tudo o que via estava em chamas. Corri uma pequena distância para a saída mais próxima, mas não dei mais que alguns passos antes que o calor começasse a queimar os pelos das minhas narinas. Rapidamente voltei agachado para a loja.

— Beverley, a merda é grande — disse, e contei a ela sobre o incêndio.

A mãe franziu o cenho. Ela era a linguista da família.

— Há algum problema?

As chamas se refletiam claramente na vitrine da loja e nos rostos prateados vazios dos manequins, portanto parecia sem sentido mentir.

Ela olhou para os filhos e depois novamente para mim.

— Há algo que possam fazer?

Olhei para Beverley.

— Você não consegue fazer nenhuma magia? — ela perguntou.

Definitivamente estava ficando mais quente.

— Você não consegue?

— Você tem de dizer que está tudo bem — ela falou.

— O quê?

— Esse é o acordo — disse Beverley. — Você tem de dizer que está tudo bem.

Um dos vidros da vitrine rachou.

— Está tudo bem — eu disse. — Faça o que tiver de fazer.

Beverley se jogou no chão e apertou a bochecha sobre o piso.

Eu vi os lábios se movendo. Senti algo passar por mim, uma sensação como de chuva, como o som de garotos jogando futebol à distância, o cheiro de rosas e carros recém-lavados, televisão tremeluzindo à noite atrás de cortinas de tule.

— O que ela está fazendo? — perguntou a mãe. — Está rezando por nós, certo?

— Mais ou menos — respondi.

— Shhh — disse Beverley, se sentando. — Estou prestando atenção.

— No quê?

Algo entrou pela vitrine, bateu na parede e caiu no meu colo — era a tampa de um hidrante. Beverley me viu examinando e deu de ombros se desculpando.

— O que exatamente você fez? — perguntei.

— Não estou certa. Na verdade nunca tentei isso antes.

A fumaça ficou mais densa, nos obrigando a colar os rostos na pedra misericordiosamente fria do piso da loja. O filho alemão do meio estava chorando. A mãe passou o braço sobre ele e o puxou para mais perto. A menor, uma menina, parecia impressionantemente estoica.

Seus olhos azuis estavam fixos nos meus. O pai se contorceu. Estava pensando em se deveria finalmente se levantar e tentar fazer algo heroico, embora inútil. Eu sabia exatamente como ele se sentia. O último dos vidros da vitrine se quebrou, cacos caindo



sobre as minhas costas. Respirei fumaça, tossi, respirei mais fumaça. Não parecia respiração suficiente. Eu me dei conta de que era o fim, eu ia morrer.

Beverley começou a rir.

De repente era uma manhã quente de domingo sob um céu inesperadamente azul. Havia cheiro de plástico queimado e poeira enquanto a piscina plástica era tirada do barracão no jardim e as crianças, vestindo trajes de banho e roupas de baixo, davam pulos de excitação. Papai está com o rosto vermelho de soprar a piscina inflável, e mamãe grita para ter cuidado, e a mangueira passa pela janela da cozinha e é presa na torneira de água fria. A mangueira dá uma tosse seca e todas as crianças olham para o bico...

O chão começou a vibrar e eu só tive tempo de pensar “que porra...” quando uma parede de água atingiu o lado sul da loja. A porta foi escancarada e antes que eu pudesse agarrar algo, fui levantado pela onda e jogado contra o teto. O impacto expulsou o ar dos meus pulmões, e tive de conter o instinto de respirar. Por um momento a inundação diminuiu um pouco para que visse Beverley flutuando serenamente em meio ao entulho antes que a água escorresse pela loja com velocidade suficiente para me jogar de volta ao chão.

O pai, com mais presença de espírito do que eu tive, se apertou com a família no balcão. Eles me garantiram que estavam todos bem, com exceção da menor, que queria repetir. Beverley ficou de pé no meio da loja e socou o ar.

— Isso — ela disse. — Duvido que Tyburn faça algo assim.

A euforia de Beverley durou até que levássemos a família alemã até a ambulância mais próxima. Pelo que eu podia dizer olhando ao redor enquanto saíamos, a onda de água de Beverley começara em algum ponto perto do centro do mercado coberto e correu para fora, inundando a praça em pelo menos dez centímetros. Avaliei que com um só golpe Beverley quadruplicou o volume de danos a propriedades causados naquela noite, mas guardei esse pensamento para mim mesmo. Ela não conseguiu apagar o fogo no teto, mas no momento em que nos afastávamos a Brigada de Incêndio de Londres estava se adiantando para acabar com ele.

Beverley ficou estranhamente agitada ao ver os bombeiros, e praticamente me arrastou James Street acima, para longe do mercado.

O conflito parecia ter terminado, descontando a caça às bruxas da imprensa e os policiais do GAT com roupa completa de choque reunidos em grupos discutindo técnicas de uso de cassetete e prendendo novamente seus números de identificação.

Nós nos sentamos no plinto da coluna do relógio de sol em Seven Dials e observamos os veículos de emergência passando, Beverley se encolhendo sempre que era um carro de bombeiros. Ainda encharcados, havíamos começado a sentir frio, a despeito da noite quente. Beverley tomou minha mão e a apertou.

— Estou em uma enrascada — ela disse.

Coloquei o braço ao redor dela, que aproveitou a oportunidade para enfiar uma de suas mãos frias sob minha camisa e esquentá-la sobre minhas costelas.

— Muito obrigado — falei.

— Apenas cale a boca e pense em coisas quentes — ela disse, como se isso fosse difícil com os seios dela se esfregando no lado do meu corpo.

— Então você explodiu alguns canos — falei. — Em que enrascada você pode estar?

— Foram hidrantes que eu estraguei, o que significa que o culto de Netuno vai ficar furioso — explicou.

— Culto de Netuno?

— A Brigada de Incêndio de Londres — disse.

— A Brigada de Incêndio de Londres adora o deus Netuno?

— Não oficialmente — ela disse. — Mas você sabe, marinheiros, Netuno, é natural.

— A Brigada de Incêndio é composta de marinheiros?

— Agora não. Mas nos velhos tempos, quando procuravam caras disciplinados que entendessem de água, cordas, escadas e não tivessem medo de altura. Por outro lado, havia muitos marinheiros interessados em uma bela carreira estável em terra seca: um casamento perfeito.

— Ainda assim, Netuno? — eu disse. — O deus romano do mar?

Beverley apoiou a cabeça no meu ombro. Os cabelos dela estavam molhados, mas eu não estava reclamando.

— Marinheiros são supersticiosos. Mesmo os religiosos sabem que é preciso ter algum respeito pelo Deus das Profundezas.

— Você conheceu Netuno?

— Não seja bobo — reagiu. — Essa pessoa não existe. De qualquer forma eu me sinto mal pelos hidrantes, mas é com a Thames Water que eu me preocupo.

— Não me diga — falei. — Adoradores do temível Cthulhu.

— Não acho que eles sejam nada religiosos, mas você não irrita pessoas que podem jogar esgoto sem tratamento nas nascentes de seu rio — ela explicou.

— Sabe, acho que eu nunca vi o seu rio — comentei.

Beverley se virou e aninhou em meu peito.

— Tenho um lugar perto do desvio de Kingston. É só uma geminada, mas meu jardim vai até água — disse, e ergueu a cabeça até seus lábios estarem raspando nos meus. — Podíamos ir nadar.

Nós nos beijamos. Ela tinha gosto de morangos com creme e goma de mascar. Deus sabe o que poderíamos ter feito depois disso, mas um Range Rover parou cantando pneus na nossa frente e Beverley se afastou tão rápido que tive uma queimadura no lábio.

Uma mulher corpulenta de jeans saltou do Range Rover e marchou até nós. Tinha pele escura com um rosto redondo expressivo que, na ocasião, expressando um alto grau de irritação.

— Beverley — ela disse, mal registrando minha presença. — Você está muito encrocada; entre no carro.

Beverley suspirou, me beijou no rosto e se levantou para encontrar a irmã. Eu também me levantei apressado, ignorando a dor em minhas costas machucadas.

— Peter, esta é minha irmã, Fleet — apresentou Beverley.

Fleet me olhou com ar crítico de cima a baixo. Parecia ter trinta e poucos anos, com o corpo de uma velocista — ombros largos e cintura fina com pernas musculosas. Vestia um paletó de tweed sobre uma camisa polo, os cabelos cortados bem curtos. Olhar para ela me deu uma estranha sensação de familiaridade, como quando você encontra uma celebridade B cujo nome não consegue lembrar.

— Eu adoraria conhecê-lo, Peter, mas este não é o momento — explicou Fleet. Ela se virou para Beverley. — Entre no carro.

Beverley me deu um sorriso triste e fez o que era mandada.

— Espere — falei. — Conheço você de algum lugar.

— Você frequentou a mesma escola que meus filhos — ela disse, e subiu no Range Rover. A porta mal havia se fechado quando Fleet começou a gritar com Beverley. Foi abafado, mas a frase “criança irresponsável” ficou bem clara. Beverley me viu olhando e revirou os olhos. Fiquei pensando em como seria crescer com tantas irmãs. Acho que poderia ser legal ter alguém para me pegar no seu Range Rover, mesmo que fosse gritar comigo o caminho todo até em casa.

Há uma coisa engraçada em uma rebelião em Londres, mas assim que você está fora do perímetro, nada parece diferente. Pelo lado ruim, Covent Garden quase foi arrasado pelo fogo, mas pelo lado positivo não haviam sido afetadas importantes linhas de ônibus ou de metrô.

Estava escuro, eu estava encharcado, Folly ainda estava fora dos limites e eu não me animava com a ideia de passar outra noite naquela cadeira no quarto de hospital de Nightingale. Fiz o que todo mundo faz quando fica sem opções — voltei para o único lugar onde, quando você aparece, deixam você entrar.

Cometi o erro de pegar o metrô. Estava lotado de pessoas voltando para casa após uma noite fora. Mesmo tão tarde estava quente e apertado dentro do vagão, contudo, como eu estava molhado, desarrumado e levemente étnico, consegui mais espaço que qualquer outro.

Minhas costas e minha perna doíam, eu estava cansado, e estava deixando alguma coisa passar. Eu nunca acreditei na ideia do instinto policial. Eu observava Lesley trabalhando, e toda vez que ela teve um palpite certo foi por ter visto algo que eu não tinha notado, vasculhado mais fundo ou pensado um pouco mais sobre um caso. Se eu pretendia salvar a vida dela, teria de fazer o mesmo.

Mais pessoas embarcaram na Goodge Street. Ficou mais quente, mas pelo menos eu estava começando a secar. Um cara de calça marrom e um blazer azul ocupou o espaço junto à porta à minha direita, perto o bastante para que eu ouvisse as pequenas

batidas nos fones do seu iPod. Comecei a me sentir anônimo novamente.

Nenhuma das referências a retornados que eu lera haviam dado uma ideia clara de como ou por que um fantasma comum ganhava a habilidade de sugar a magia de outros fantasmas. Minha teoria inicial sobre fantasmas era que eles eram cópias de personalidades que de algum modo haviam ficado gravadas nos resíduos de magia acumulados em objetos físicos — *vestigia*. Suspeitava que os fantasmas se degradavam com o tempo, da mesma forma que coisas gravadas em fitas magnéticas degradam a não ser que seu sinal seja reforçado com mais magia, daí a necessidade de sugá-la de outros fantasmas.

Um bêbado barulhento deve ter embarcado em Warren Street, porque depois de uma breve pausa, ele estava à toda quando chegamos a Euston. Lá estava eu, distraído por uma jovem de top rosa com mais decote que eu achava ser fisicamente possível, que entrara e se apoiara na divisória de vidro na minha frente. Desviei os olhos antes que ela percebesse, e me concentrei no anúncio mais próximo. Senti o cara de blazer azul mudar de posição, e imaginei que ele estava fazendo a mesma coisa.

Um garoto branco com *dreads* se arrastou para o meu cantinho do trem, e senti um cheiro de patchouli, tabaco e maconha. A mulher de top hesitou e então se deslocou mais para perto de mim — aparentemente eu era o menor dos males.

— Os cachorros, os cachorros — gritou o bêbado barulhento em algum ponto na outra extremidade do vagão. — Este país está entregue aos cães.

O alegre trem se colocou em movimento de novo.

Retornados tinham de ser muito raros, do contrário não restariam fantasmas dos quais poderiam se alimentar, o que me levou de volta à minha pergunta: o que gerava um retornado? O estado psicológico no momento da morte, talvez? Henry Pyke teve uma morte sem sentido e injusta mesmo segundo os padrões mais liberais do século XVIII, mas mesmo assim seu ressentimento com Charles Macklin e a terrível decepção com o triste estado de sua carreira de ator não pareciam motivação suficiente para fazer com que quisesse obrigar o pobre Bernard Coopertown a espancar a esposa até a morte.

— Costumava ser uma porra de um paraíso — gritou o bêbado barulhento. Ele não podia estar falando de Camden Town, que, apesar dos mercados, nunca aspirou a muito mais do que uma decadente respeitabilidade.

A estação do metrô de Camden é onde a Northern Line se divide nos ramais Edgware e High Barnet, e ali bandos de pessoas saltaram e ainda mais pessoas entraram. Todos nos apertamos um pouco mais e me vi olhando para o alto da cabeça da mulher de top — ela tinha raízes loiras e caspa. O homem de blazer azul havia sido empurrado da direita, e os dois haviam me apertado contra a porta. Todos nos remexemos, tentando manter nossas axilas longe dos rostos dos outros — só porque é desconfortável não há desculpas para seguir as normas ou fazer contato visual.

O bêbado falador deu as boas-vindas a todos a bordo.

— Quanto mais, mais alegre — disse. — Vamos ter toda a porra do mundo aqui, por que não?

O cheiro do garoto branco com *dreads* se tornou mais intenso, acrescentando urina e excremento — fiquei pensando em quando ele havia trocado pela última vez suas calças de combate de mentirinha.

Menos de um minuto após deixar Camden Town o trem parou com um solavanco. Um gemido subliminar se ergueu dos passageiros, especialmente quando as luzes também diminuíram. Ouvi alguém rindo do outro lado do vagão.

Tinha de ter alguma outra coisa por trás de Henry Pyke, pensei, algo muito pior que um ator fracassado amargurado.

— Claro que sim — gritou o bêbado falador. — Seria eu.

Estiquei o pescoço para ver o bêbado, mas minha visão estava bloqueada pelo garoto branco com *dreads* cujo rosto tinha agora uma expressão de obtusa satisfação. O cheiro de merda piorou, e me dei conta de que o garoto acabara de se aliviar nas calças. Ele me viu olhando e deu um grande sorriso de contentamento.

— Quem é você? — gritei. Tentei sair do meu canto, mas a mulher com top se empurrou para trás e me prendeu na parede. As luzes diminuíram ainda mais e dessa vez o gemido dos passageiros não foi nada subliminar.

— Eu sou a bebida do demônio — gritou o bêbado falante. — Sou a rua do gim e sua casa de crack. Sou seguidor de Captain Swing, Watt Tyler e Oswald Mosley. Sou o rosto sorridente na janela da carruagem; eu fiz Dickens ansiar pelo interior, e sou aquilo que seus mestres temem.

Eu pressionei a mulher de top, mas meus braços pareciam pesados, como em um pesadelo. Ela começou a se esfregar em mim. O vagão estava ficando mais quente, e comecei a suar. Uma mão de repente agarrou meu traseiro e apertou com força — o homem de blazer azul.

Fiquei tão chocado que paralisei. Olhei para o rosto dele, que olhava diretamente à frente com a típica expressão entediada e abstraída de um viajante experiente. O que saía do seu iPod era mais alto e mais irritante do que havia sido antes.

Engasguei com o cheiro de merda e empurrei a mulher de top suficiente para dar uma olhada no vagão. Vi o bêbado falante — ele tinha o rosto do Sr. Punch.

O homem de blazer soltou minha bunda e tentou enfiar a mão por trás dos meus jeans. A mulher de top enterrou os quadris em minha virilha.

— Isto é jeito de um jovem viver? — gritou o Sr. Punch.

O garoto branco com *dreads* se inclinou na minha direção e deliberadamente me cutucou no rosto com o indicador.

— Cutucada — disse, e riu. Depois fez novamente.

Há um ponto em que um ser humano perde a cabeça, simplesmente se lança contra tudo ao redor. Algumas pessoas passam a vida no limite disso — a maioria delas acaba passando um tempo na prisão. Algumas, muitas delas mulheres, se aferram a esse ponto ao longo dos anos, até que um dia é olá, cama em chamas e a defesa alegando provocação extrema.

Eu estava naquele limite, e podia sentir a fúria justa. Que maravilha seria simplesmente cagar para as consequências e se deixar explodir.

Porque algumas vezes você só quer que o maldito universo entenda alguma coisa — isso é pedir demais, cacete?

Então me dei conta de o que era tudo aquilo.

O Sr. Punch — o espírito do conflito e da rebelião — faz o que promete. Era ele, o cara por trás de Henry Pyke, e ele estava fodendo com a minha cabeça.

— Saquei — falei. — Henry Pyke, Coopertown, aquele mensageiro, muita frustração, mas é assim com todo mundo na cidade grande, não é, Sr. Punch? E qual percentagem realmente deixa você entrar? Aposto que você tem um péssimo histórico de sucesso, então vá se foder, eu vou para casa dormir.

Naquele momento me dei conta de que o trem estava se movendo novamente, as luzes estavam acesas e o homem de blazer azul não estava com a mão nas minhas calças. O bêbado falante estava em silêncio. Todos no vagão não estavam olhando para mim.

Saltei em Kentish Town, a parada seguinte. Felizmente, era onde eu queria saltar.

De setembro de 1944 a março de 1945, aquele adorável velhaco nazista Wernher von Braun apontou seus foguetes V2 para as estrelas, e ainda assim, na letra da canção, de algum modo acertou Londres. Quando meu pai estava crescendo a cidade era pontuada por locais de bombardeio, lacunas nas filas ordeiras de casas onde imóveis haviam sido apagados. Nos anos pós-guerra esses locais foram gradualmente limpos e reconstruídos em uma série de horripilantes equívocos arquitetônicos. Meu pai gostava de alegar que o equívoco onde fui criado foi construído no ponto de impacto de uma V2, mas eu suspeitava que provavelmente havia sido apenas um grupo de explosivos alemães comuns de um bombardeiro convencional.

Ainda assim, independentemente do que quer que tenha causado a lacuna de duzentos metros nas casas vitorianas margeando a Leighton Road, os urbanistas do pós-guerra não iriam desperdiçar uma oportunidade de cometer equívocos dessa escala. Construídos nos anos 1950, os prédios de Peckwater Estate têm seis andares de altura, são retangulares e construídos, como um último toque estético, de tijolos cinzentos sujos que envelheciam mal. Consequentemente, quando a lei do ar limpo colocou um fim na famosa neblina amarela densa de Londres e eles começaram a



limpar os velhos prédios com jatos de areia, o Peckwater Estate ficou parecendo pior do que era antes.

Os apartamentos eram sólidos, então pelo menos não tive de crescer escutando a novela dos vizinhos, mas eram construídos segundo a duvidosa suposição, tão cara aos urbanistas do pós-guerra, de que a classe operária londrina era composta exclusivamente de *hobbits*. Meus pais tinham um apartamento de terceiro andar com uma porta da frente que dava para um corredor aberto. Quando eu estava crescendo, no começo dos anos 1990, as paredes haviam sido cobertas com grafite e a escadaria com bosta de cachorro. Agora a maior parte do grafite havia desaparecido e a bosta de cachorro era lavada regularmente para o esgoto, o que, pelos padrões do Peckwater Estate, correspondiam a uma mudança de status. Eu ainda tinha a chave da frente, o que era bom, pois quando cheguei lá descobri que meus pais não estavam.

Aquilo era suficientemente incomum para me fazer parar. Meu pai tinha setenta e poucos e não se deslocava muito. Imaginei que deveria ser um grande acontecimento, casamento ou batizado, para minha mãe se vestir e arrastá-lo para fora de casa. Imaginei que iria saber de tudo quando voltassem. Fiz uma xícara de chá com leite condensado e açúcar e comi dois biscoitos de supermercado de marca própria. Assim fortalecido, fui ao meu antigo quarto para descobrir se havia espaço nele para que dormisse ali.

Assim que me mudei dali — e com isso quero dizer cerca de dez minutos após a porta se fechar atrás de mim — minha mãe começou a usar meu quarto como depósito. Estava repleto de caixas de papelão de mudança, cada uma delas cheia até o fim e lacrada com fita adesiva.

Tive de tirar várias da cama apenas para poder deitar. Eram pesadas e cheiravam a poeira. Aproximadamente a cada dois anos minha mãe reunia roupas, sapatos, utensílios de cozinha e produtos de beleza não perecíveis, os enfiava em caixas de papelão e enviava para sua família em Freetown. O fato de que grande parte de seus parentes próximos já havia imigrado para Reino Unido, Estados Unidos e, estranhamente, Dinamarca, nunca pareceu levar a uma redução do fluxo. Famílias africanas são notoriamente estendidas, mas pelo que eu entendia, minha mãe era parente de

cerca de metade da população de Serra Leoa. Eu aprendera desde pequeno que qualquer coisa que possuísse e não defendesse estava sujeito a confisco arbitrário e deportação. Meu Lego em particular foi objeto de uma batalha constante a partir do meu aniversário de 11 anos, quando mamãe decidiu que eu estava velho demais para aquelas coisas. No meu décimo quarto ano ele desapareceu misteriosamente enquanto eu estava em uma viagem da escola. Eu arranquei os sapatos, me enfiei debaixo das cobertas e estava dormindo antes de conseguir pensar para onde tinham ido todos os meus pôsteres.

Acordei brevemente algumas horas depois com o ruído da porta do quarto sendo fechada silenciosamente e o som abafado da voz de meu pai. Minha mãe disse algo que fez meu pai rir e, tranquilizado por estar tudo bem, dormi novamente.

Acordei de novo, muito depois, com o sol da manhã penetrando pela janela do quarto. Fiquei deitado de costas me sentindo restaurado, com uma sólida ereção e uma vaga lembrança de um sonho erótico com Beverley. O que eu ia fazer em relação a Beverley Brook? Que ela gostava de mim era claro, que eu gostava dela era bastante óbvio, que ela não era inteiramente humana era uma possibilidade preocupante.

Beverley queria que eu nadasse no seu rio, e eu não tinha ideia do que isso significava, a não ser que Isis me alertara para não fazê-lo. Tinha uma forte sensação de que você não transa com uma filha do rio Tâmis sem saber se dá pé — literalmente.

— Não é que eu tenha medo de compromisso — disse para o teto. — É só que primeiro quero saber com o que estou me comprometendo.

— Então você está acordado, Peter? — disse uma voz suave do lado de fora do quarto; meu pai.

— Sim, pai, estou acordado.

— Sua mãe deixou almoço para você — avisou.

Almoço, pensei. O dia já estava pela metade e nada havia sido feito.

Rolei para fora da cama. Eu me esgueirei por uma pilha de caixas de papelão e fui para o chuveiro.

O chuveiro era do tamanho de *hobbits* como tudo mais no apartamento, e apenas graças aos esforços de uma séria retroengenharia polonesa um chuveiro elétrico foi enfiado no espaço entre a pia e a janela. Fui eu quem entrou com o dinheiro para isso, então garanti que não teria de encolher a cabeça para molhá-la. Havia uma nova saboneteira instalada ao lado do chuveiro, do tipo que você encontra nos banheiros de escritórios executivos, comprado ou obtido em um atacadista de material de limpeza. Percebi que o papel higiênico e as toalhas de banho eram de marcas muito melhores do que aqueles que eu usava quando vivia ali — mamãe estava limpando uma classe de escritórios muito melhor atualmente.

Eu saí e me sequei em uma enorme toalha felpuda com “Sua instituição aqui” bordado no canto. Meu pai era da escola de doenças de pele seca “homens de verdade não usam hidratante”, e tudo o que minha mãe tinha era um tubo industrial de manteiga de cacau. Eu não tinha nada contra usar manteiga de cacau, é só que você acaba cheirando como uma barra de chocolate gigante pelo resto do dia.

Tendo cuidado da minha pele, corri novamente para meu antigo quarto, onde abri algumas das caixas ao acaso até conseguir uma muda de roupa. Um dos meus primos distantes ficaria sem aquela.

A cozinha era um nicho estreito que poderia ter sido usado para treinar uma equipe de cozinha de um submarino Trident. Só tinha espaço para uma pia, fogão e superfície de trabalho. A porta na extremidade dava para um balcão igualmente reduzido que pelo menos apanhava sol suficiente para secar roupas a maior parte do ano. Rolos de fumaça de cigarro azul vinham do balcão, significando que meu pai estava lá fora fumando um de seus quatro preciosos cigarros artesanais diários.

Minha mãe deixara frango com amendoim e cerca de meio quilo de basmati no fogão. Joguei ambos no micro-ondas e perguntei ao meu pai se queria um café. Ele queria, então fiz duas xícaras usando instantâneo de uma lata industrial de Nescafé. Completei com um centímetro de leite condensado para disfarçar o sabor.

Meu pai parecia bem, significando que tomara seu “remédio” em algum momento da manhã. Ele tinha uma reputação de boa

aparência quando estava no auge da carreira, e minha mãe gostava de mantê-lo respeitável: calças cáqui e paletó de linho sobre uma camisa verde clara. Sempre pensei nisso como império-chique, e certamente fazia algum bem à minha mãe. Ele parecia adequadamente colonial à luz do sol, sentado em uma cadeira de vime que tinha quase a mesma largura do balcão. Só restava espaço para um banco e uma mesinha de plástico branca. Coloquei os cafés na mesa junto ao cinzeiro Foster 's Lager de dimensões de pub e da lata de Golden Virginia de meu pai.

Em um dia claro era possível ver do nosso balcão até o outro lado do pátio as cortinas de nossos vizinhos.

— Como está o Lixo? — perguntou. Ele sempre chamou a polícia de Lixo, embora tivesse ido à minha formatura em Hendon e parecido suficientemente orgulhoso de mim na época.

— Não é fácil controlar as massas — respondi. — Elas continuam a lutar e roubar coisas.

— É a triste condição do homem trabalhador. — Ele tomou seu café, pousou a caneca e pegou a lata de tabaco. Não a abriu, apenas colocou-a no colo e pousou os dedos nela.

Perguntei se mamãe estava bem e aonde tinham ido na noite anterior. Estava bem e eles haviam ido a um casamento. Não foi claro em relação a de quem; um de meus muitos primos, uma definição que podia abranger desde o filho de minha tia até um cara que entrou na casa da minha mãe e não saiu antes de dois anos. Tradicionalmente um bom casamento de um nativo de Serra Leoa deve durar vários dias, assim como o funeral, mas em deferência ao ritmo acelerado da vida britânica moderna os expatriados gostavam de reduzir os festejos a apenas um dia, ou no máximo 36 horas. Sem contar os preparativos.

Enquanto ele descrevia a música — foi vago em relação a comida, roupas e religião — meu pai abriu sua lata de tabaco, tirou um pacote de Rizlas e, com muito cuidado e determinação, enrolou um cigarro.

Assim que estava concluído a seu gosto, recolocou tabaco, Rizlas e o próprio cigarro na lata, a fechou e devolveu à mesa. Quando pegou o café notei que sua mão tremia. Meu pai iria deixar a lata na mesa o máximo de tempo que conseguisse antes de

pegar, colocar no colo, depois talvez refizesse o cigarro ou, se não pudesse resistir mais, fumar a maldita coisa. Meu pai estava nos estágios iniciais de enfisema.

O mesmo médico que fornecia a ele a heroína o alertara de que se não conseguisse parar de fumar, deveria pelo menos reduzir para menos de cinco cigarros por dia.

— Você acredita em magia? — perguntei.

— Eu uma vez ouvi Dizzy Gillespie tocar — respondeu papai. — Isso conta?

— Acho que sim. De onde você acha que vem tocar dessa forma?

— Em Dizzy? Aquilo era talento e trabalho duro, mas conheci um saxofonista que teria conseguido sua habilidade com o diabo, feito um acordo em uma encruzilhada, esse tipo de coisa.

— Não me diga. Ele era do Mississippi?

— Não, Catford. Dizem que ele fez o acordo na Archer Street.

— Ele era bom?

— Não era ruim — disse papai. — Mas o pobre desgraçado ficou cego duas semanas depois.

— Isso era parte do trato? — perguntei.

— Aparentemente sim. Sua mãe achou que sim quando contei a ela.

Disse que só um idiota espera receber algo por nada.

Aquilo soava como minha mãe, cujo principal dito era: “Se não custa nada, não vale nada.” Na verdade o principal lema dela, pelo menos para mim, era: “Não ache que cresceu tanto que eu não possa bater em você.” Não que ela tenha batido em mim, uma deficiência a que mais tarde atribuiu meu fracasso nos exames. Muitos primos destinados à universidade foram apresentados como exemplos reluzentes de disciplina por intermédio de violência física.

Meu pai pegou sua lata de tabaco e a colocou no colo. Eu peguei as canecas e as lavi na pia da cozinha. Lembrei-me do frango com amendoim e do arroz no micro-ondas. Levei aquilo para o balcão, comi o frango, mas deixei a maior parte do arroz. Também tomei quase um litro de água gelada, que é um efeito colateral comum de comer a comida da minha mãe. Pensei seriamente em voltar para cama. O que mais podia fazer?

Enfiei a cabeça no balcão para perguntar se meu pai precisava de alguma coisa. Ele disse que estava bem. Enquanto eu observava ele abriu a lata, pegou o cigarro e o colocou na boca. Pegou seu isqueiro de parafina prateado e acendeu o cigarro com a mesma cerimônia intencional com a qual o havia enrolado. Enquanto dava o primeiro trago havia uma expressão de enlevo em seu rosto. Então ele começou a tossir, uma tosse molhada horrenda que soava como se estivesse arrancando o revestimento dos pulmões. Com uma torção treinada ele apagou o cigarro e esperou que o acesso de tosse passasse. Quando passou ele levou o cigarro aos lábios de novo e o acendeu mais uma vez. Não fiquei por ali — eu sabia o que aconteceria depois.

Eu amo meu pai. Ele é um alerta vivo.

Minha mãe tem três linhas fixas. Eu peguei uma e liguei para meu serviço de correio de voz. A primeira mensagem era do Dr. Walid.

— Peter. Apenas para informar que Thomas está consciente e perguntando por você.

Os jornais chamaram de *Loucura de maio*, o que fazia soar como um chá dançante. Os tabloides chamaram de *Fúria de maio*, presumivelmente por que tinha uma sílaba a menos para caber na primeira página. A TV tinha algumas boas imagens de mulheres de meia-idade de vestido longo jogando pedras na polícia. Ninguém fazia ideia do que havia acontecido, então os sábios estavam a postos em grande número explicando como o conflito havia sido causado pelo fator sócio-político que seu novo livro defendia. Certamente era um grave ataque a algum aspecto da sociedade moderna — se pelo menos soubéssemos qual.

Havia uma grande presença policial na emergência do hospital universitário, a maior parte dela em busca de horas extras ou tentando arrancar declarações de vítimas do conflito. Eu não queria dar uma declaração, portanto entrei pelos fundos agarrando um balde de limpeza e me fazendo passar por faxineiro. Eu me perdi nos andares superiores procurando o Dr. Walid antes de me deparar com um corredor que parecia vagamente familiar. Abri portas ao acaso até encontrar a de Nightingale. Ele não parecia nada melhor que da última vez.

— Inspetor — eu disse. — Queria me ver?

Os olhos dele se abriram e viraram na minha direção. Eu me sentei na beirada da cama para que ele pudesse me ver sem mover a cabeça.

— Fui baleado — sussurrou.

— Eu sei — afirmei. — Estava lá.

— Baleado antes — falou.

— Mesmo? Quando?

— Guerra.

— Qual guerra? — perguntei.

Nightingale fez uma careta e se ajeitou na cama.

— Segunda — respondeu.

— A Segunda Guerra Mundial. Onde estava? Na brigada bebê? — disse. Para ter se alistado mesmo em 1945 Nightingale precisaria ter nascido em 1929, e mesmo assim mentindo sobre a idade. — Quão velho você é?

— Velho — sussurrou. — Virada do século.

— Virada do século? — perguntei, e ele assentiu. — Você nasceu na virada do século, o século XX? Ele parecia ter quarenta e poucos, o que é um belo truque quando está deitado semimorto em um leito de hospital com uma máquina que faz “ping” a intervalos regulares. — Você tem mais de 100 anos de idade?

Nightingale fez um som chiado que me alarmou por um momento até me dar conta de que era um riso.

— Isso é natural?

Ele balançou a cabeça.

— Sabe por que está acontecendo?

— Cavalo dado — sussurrou. — Dentes.

Eu não podia discordar daquilo. Não queria cansá-lo demais, então contei sobre Lesley, o conflito e ter sido trancado do lado de fora de Folly. Quando perguntei se Molly poderia me ajudar a rastrear Henry Pyke ele balançou a cabeça negativamente.

— Perigoso.

— Tem de ser feito. Não acho que ele vá parar até ser detido.

Lentamente, uma palavra de cada vez, Nightingale me contou exatamente como funcionaria — e não gostei de nenhuma parte.

Era um plano terrível, e ainda deixa a questão de como voltar para Folly.

— A mãe de Tyburn — disse Nightingale.

— Quer que ela passe por cima da filha? — perguntei. — O que o leva a pensar que ela fará isso?

— Orgulho — disse Nightingale.

— Quer que implore?

— Não o orgulho dela — disse Nightingale. — O seu.





## London Bridge

Não é fácil manobrar um caminhão articulado até Wapping Wall, então contratei um homem de meia-idade chamado Brian para fazer isso.

Brian era calvo, barrigudo e tinha a boca suja. A única coisa do estereótipo que faltava era uma barra de chocolate Yorkie e um exemplar enrolado do *Sun*. Mas eu não o havia contratado por sua erudição e ele nos levou até a casa de Mama Tâmisia sem qualquer pedido absurdo de seguro.

Estacionamos metade na frente do prédio de Mama Tâmisia e metade em frente ao Prospect of Whitby. Os funcionários devem ter imaginado que era uma entrega inesperada, pois saíram apressados — tive de explicar a eles que era para uma festa particular, e, estranhamente, não pareceram surpresos. Pedi a Brian para esperar e, pegando meu engradado de amostras na cabine, cambaleei até a entrada comunal. Eu toquei a campainha. Dessa vez fui recebido pela mesma dama branca que vi antes entre as megeras de Mama Tâmisia. Vestia um conjunto diferente, mas igualmente belo, de suéter e cardigã, e pérolas, e carregava uma pequena criança negra, apoiada no quadril.

— Policial Grant — ela disse. — Adorável vê-lo novamente.

— Deixe-me adivinhar — falei. — Você deve ser Lea.

— Muito bem — disse Lea. — Eu gosto de um jovem que pensa.

O rio Lea nasce em Chilterns, noroeste de Londres, e contorna o topo da cidade antes de fazer uma curva acentuada à direita pelo vale do Lea até o Tâmisia. É o menos urbanizado e o maior dos rios

de Londres, então, claro, sobreviveu ao grande fedor. Lea devia ser da geração de Oxley de *genii locorum*, se não mais velha.

Eu fiz uma careta para a criança, que parecia ser uma menina de creche, e ela fez a careta de volta.

— Quem é esta? — perguntei.

— Esta é Brent — disse Lea. — É a mais nova.

— Olá, Brent — cumprimentei. Ela tinha pele mais clara que suas irmãs, com olhos castanhos que poderiam ser chamados de mel por um mentiroso natural, mas a disposição beligerante do rosto era inconfundível. Vestia uma miniatura da camisa vermelha do segundo uniforme da Inglaterra, previsivelmente com o número 11.

— Você tem um cheiro engraçado — disse Brent.

— É porque ele é um mago — disse Lea.

Brent se soltou de Lea e agarrou minha mão.

— Venha comigo — disse, e tentou me arrastar para dentro. Era surpreendentemente forte, e tive de forçar um pouco para ficar parado.

— Tenho de levar meu engradado — expliquei a ela.

— Não se preocupe, eu cuido disso — falou Lea.

Eu deixei Brent me puxar pelo comprido corredor até o apartamento de Mama Tâmis. Atrás de mim, ouvi Lea chamando Tio Meirinho e perguntando se ele poderia fazer a gentileza de levar o engradado até o apartamento de Mama.

Segundo o Dr. Polidari, *genii locorum* “se comportam como se os imperativos da cerimônia fossem para eles tão necessários quanto carne e bebida são para o homem”, afirmando ainda que eles “antecipam tais acontecimentos com facilidade milagrosa de modo que sempre estão adequadamente vestidos e, se surpreendidos ou de alguma forma impedidos, demonstram sinais de grande perturbação”.

Considerando que ele estava escrevendo no final do século XVIII, eu dei algum desconto.

Elas esperavam por mim na sala do trono, e dessa vez pude ver que era uma sala do trono, o mangue no vaso protegendo a poltrona executiva. Nela estava sentada Mama Tâmis, resplandecente em sua renda austríaca e um arranjo de cabeça de contas portuguesas azuis e brancas. Atrás delas estavam dispostas suas ajudantes em

túnicas de batik e lenços nas cabeças, e à esquerda e à direita, formando uma nave pela qual eu tinha de caminhar, suas filhas de pé. Reconheci Tyburn e Fleet à minha esquerda com duas adolescentes de tranças finas e pulôveres de casimira. Beverley estava à minha direita, parecendo pouco vestida com shorts de lycra e um agasalho lilás. Quando ela teve certeza de que eu estava olhando, revirou os olhos. Ao lado dela estava uma mulher impressionantemente alta e magra com rosto de raposa, apliques azul elétrico e louro e unhas compridas pintadas de verde, ouro e preto. Imaginei que aquela era Effra, outro rio subterrâneo, que claramente também operava como deusa do mercado de Brixton.

Percebi que os rios ao norte de Londres ficavam à esquerda, e os rios ao sul de Londres à direita.

Brent soltou minha mão, ensaiou uma medida na direção de Mama Tâmis e depois estragou o efeito pulando e se jogando no colo da mãe. Houve uma pequena pausa na cerimônia enquanto a garotinha se ajeitava em uma posição confortável.

Mama Tâmis voltou toda sua atenção para mim, e a corrente de seu olhar me arrastou para mais perto do trono. Tive de resistir a um forte anseio de me jogar de joelhos e bater com a testa no tapete.

— Policial Peter — disse Mama Tâmis. — Que prazer vê-lo.

— É um prazer estar aqui. Como sinal de meu respeito eu lhe trouxe um presente — disse, esperando que ele chegasse antes que se esgotassem minhas gentilezas. Eu ouvi barulho de vidro atrás de mim e Tio Meirinho chegou com meu engradado. Era um homem branco, baixo e corpulento, com cabelos raspados em máquina dois e uma tatuagem desbotada de raios da SS no pescoço. Ele colocou o engradado diante de Mama Tâmis, anuiu para ela respeitosamente e, com um olhar de pena para mim, saiu sem uma palavra.

Uma das companheiras se adiantou para tirar uma garrafa do engradado e mostrá-la a Mama Tâmis.

— Star Beer — ela disse.

O principal produto da Nigerian Breweries PLC, disponível no Reino Unido em qualquer bom representante e em grande volume se sua mãe conhece alguém que conhece alguém que deve um favor a alguém.

— Quanto ele tem lá fora? — perguntou Fleet.  
— Um caminhão cheio — disse Lea.  
— Qual o tamanho do caminhão? — perguntou Mama Tâmis sem tirar os olhos de mim.

— Caminhão grande — disse Brent.  
— É tudo Star? — perguntou Mama Tâmis.  
— Coloquei um pouco de Gulder — eu disse. — Algumas Red Stripe para variar, duas caixas de Bacardi, algum Appleton, Cointreau e umas garrafas de Bailey's.

Eu havia zerado minha poupança fazendo isso, mas como minha mãe diz, nada que valha a pena ter é de graça.

— É um belo presente — disse Mama Tâmis.  
— Não pode estar falando sério — rebateu Tyburn.  
— Não se preocupe, Ty — falei. — Incluí duas garrafas de Perrier para você.

Alguém deu um risinho abafado — provavelmente Beverley.  
— E o que posso fazer por você? — perguntou Mama Tâmis.  
— É um pequeno problema — eu disse. — Uma de suas filhas acha que tem o direito de interferir no funcionamento de Folly. Tudo o que peço é que ela se afaste e deixe que as devidas autoridades continuem com seu trabalho.

— Devidas autoridades — soltou Tyburn.

Mama Tâmis voltou os olhos para Tyburn, que se colocou diante do trono.

— Você acha que tem o direito de se meter nisto? — perguntou.  
— Mãe — disse Tyburn. — Folly é uma relíquia, um acréscimo vitoriano das mesmas pessoas que nos deram o Cavaleiro Ostiário do Bastão Negro e o desfile do prefeito da City. Tradição é muito bom para o turismo, mas não é o modo de administrar uma cidade moderna.

— A decisão não é sua — eu disse.  
— E você acha que é sua?  
— Eu sei que é minha — respondi. — Meu dever, minha obrigação, minha decisão.  
— E você está pedindo...  
— Eu não estou pedindo — disse, deixando de lado as gentilezas. — Se você quer me foder, Tyburn, é melhor saber com

quem está se metendo.

Tyburn recuou um passo e se recompôs.

— Sabemos quem você é — ela disse. — Seu pai é um músico fracassado e sua mãe limpa escritórios para viver. Você cresceu em um conjunto residencial, fez o secundário em uma escola pública e não passou nas provas...

— Eu sou um policial juramentado, e isso faz de mim um agente da lei — retruquei. — Também sou um aprendiz, o que faz de mim um guardião da chama sagrada, mas acima de tudo sou um homem livre de Londres, e isso faz de mim um Príncipe da Cidade. — Apontei o dedo para Tyburn. — Dois primeiros lugares em Oxford não superam isso.

— Você acha?

— Chega — interrompeu Mama Tâmis. — Deixe que ele entre em sua casa.

— Não é casa dele — retrucou Tyburn.

— Faça o que eu mandei — disse Mama Tâmis.

— Mas mãe...

— Tyburn!

Tyburn pareceu magoada, e por um momento eu verdadeiramente senti pena dela, porque nenhum de nós é suficientemente crescido que nossas mães não achem que podem bater em nós. Ela tirou um Nokia fino do bolso e teclou um número sem desviar os olhos de mim.

— Sylvia? O comissário está disponível? Bom. Posso ter uma palavrinha com ele?

Então, tendo feito a cena para sua própria satisfação, ela se virou e saiu da sala. Resisti à ânsia de me vangloriar, mas olhei para Beverley para ver se estava impressionada comigo. Ela me deu um olhar cuidadosamente indiferente que era tão bom quanto um beijo soprado.

— Peter — disse Mama Tâmis, me chamando até sua cadeira. Ela indicou que queria me dizer algo pessoal. Tentei me curvar com a maior dignidade possível, mas, para diversão de Brent, me vi de joelhos diante dela. Ela se inclinou para frente e raspou os lábios em minha testa.

Por um momento foi como se eu estivesse no alto da cobertura do meio da barreira do Tâmis olhando a leste para a embocadura do rio.

Podia sentir as torres de Canary Wharf se erguendo triunfantes às minhas costas, e além delas as docas, a White Tower e todas as pontes, os sinos e as casas da cidade de Londres. Mas à minha frente, no horizonte, podia sentir a tempestade, a combinação fatal de maré alta, aquecimento global e falta de planejamento, esperando. Pronta para lançar uma muralha de água de dez metros rio acima e derrubar pontes, torres e tudo mais.

— Só para que você entenda onde está o verdadeiro poder — disse Mama Tâmis.

— Sim, Mama — eu confirmei.

— Espero que você resolva minha disputa com o Velho — ela disse.

— Darei o melhor de mim — respondi.

— Bom menino — ela disse. — E por causa de seus bons modos, tenho um último presente.

Ela inclinou a cabeça e murmurou um nome no meu ouvido.

— Tiberius Claudius Verica.

Os paraquedistas já haviam partido no momento em que retornei a Russel Square. Eu estava novamente encarregado de Folly, e também responsável. Toby se jogou nos meus tornozelos assim que cruzei o umbral, ofegando e se sacudindo afetosamente, embora assim que estabeleceu que eu não levava nada comestível, perdeu o interesse e saiu correndo. Molly esperava por mim aos pés da escada oeste. Disse a ela que Nightingale estava consciente e menti dizendo que perguntara por ela. Contei o que planejava fazer, e ela recuou fisicamente.

— Apenas vou ao meu quarto pegar algumas coisas — falei. — Estarei de volta em meia hora.

Assim que cheguei ao quarto peguei minhas anotações de latim e verifiquei o material sobre nomes romanos. Que, eu aprendi, com frequência têm três partes — prenome, nome e cognome — e se você consegue ler a própria caligrafia, diz muito sobre um indivíduo. Verica não era um nome latino; suspeitava ser britânico, e Tiberius Claudius eram os dois primeiros nomes de Tiberius Claudius Caesar

Augustus Germanicus, também conhecido como o imperador Cláudio, o que estava no comando quando a Britânia foi conquistada pelos romanos. O

império gostava de cooptar as elites governantes locais sempre que possível, sendo mais fácil conseguir algo de um país oferecendo antes jantar e uma dúzia de rosas. Um dos subornos em oferta era cidadania romana, e muitos dos que aceitaram a oferta mantiveram o nome nativo e acrescentaram prenome e nome de seus patrocinadores — neste caso o imperador. Assim, pela simples evidência de seu nome, Tiberius Claudius Verica era um aristocrata britânico que viveu aproximadamente na época em que a cidade foi fundada.

O que não significava nada pelo que eu podia dizer. Se eu sobrevivesse à próxima hora, pretendia ter uma palavrinha com Mama Tâmis sobre isso. Mas tinha problemas mais urgentes.

Em 1861 William Booth abandonou os metodistas em Liverpool e seguiu para Londres, onde, seguindo a grande tradição de reinvenção metropolitana, fundou sua própria igreja e levou Cristo, pão e trabalho social para os nativos ímpios do leste de Londres. Em 1878 ele declarou que estava cansado de ser chamado de voluntário, e que ou era soldado regular do exército de Cristo ou nada; assim nasceu o Exército da Salvação. Mas nenhum exército, por mais puros que sejam seus motivos, ocupa um país estrangeiro sem resistência, e ela foi oferecida pelo Exército do Esqueleto. Movidos por gim, estupidez e um crescente ressentimento de que ser da classe operária vitoriana já era suficientemente ruim sem precisar ouvir a pregação de um bando de nortistas moralistas, o Exército do Esqueleto invadia reuniões do Exército da Salvação, dissolvia marchas e atacava seus membros. O emblema do Exército do Esqueleto era um esqueleto branco sobre fundo negro. Eu vi um na forma fantasmagórica de Nicholas Wallpenny, o candidato ideal para o Exército do Esqueleto, e foi esse distintivo que resgatei do cemitério da Igreja dos Atores. Nightingale disse que eu iria precisar de um guia espiritual, e na ausência de ursos, coiotes místicos ou coisas assim, um ladrão *cockney* teria de servir.

O distintivo estava onde eu o deixara, na caixa de plástico onde guardava meus clipes de papel. Eu o peguei e coloquei na palma da

mão. Era uma coisinha barata, peltre e latão. Quando fechei a mão ao redor dele houve um passageiro gosto de gim, velhas canções e uma pequena pontada de ressentimento.

Se aquela seria uma viagem espiritual eu não iria precisar de mais nada, e já havia adiado o momento tempo demais. Desci com relutância as escadas até onde Molly me esperava no meio do átrio. Estava de pé com a cabeça baixa, os cabelos formando uma cortina preta escondendo o rosto, mãos cruzadas à frente do corpo.

— Eu também não quero fazer isso — disse.

Ela ergueu a cabeça, e pela primeira vez me olhou diretamente nos olhos.

— Faça — falei.

Ela se moveu tão rápido que eu não vi, se jogando contra mim. Um braço se lançou ao redor dos meus ombros e agarrou minha cabeça por trás, a outra foi ao redor de minha cintura. Podia sentir os seios dela pressionando meu peito, suas coxas travando ao redor de minha perna.

O rosto dela estava enterrado em meu pescoço e senti os lábios em minha garganta. O medo tomou conta de mim: tentei me soltar, mas ela me apertou mais forte. Senti os dentes rasparem meu pescoço, e depois dor, mais como um golpe que uma punção, quando me mordeu com força. Senti a ação de engolir enquanto ela sugava meu sangue, mas também senti a ligação com os ladrilhos abaixo de mim e com os tijolos da parede — a argila amarela de Londres —, e então estava caindo para trás na luz do dia e no cheiro de terebintina.

Não era como você imagina que um holograma deveria funcionar; era como respirar *vestigia*, como nadar em pedra. Eu me vi na própria memória que Folly tinha do átrio.

Eu consegui — estava dentro.

O átrio parecia basicamente como devia, mas as cores eram embotadas, em um tom quase sépia, e havia um zumbido em meus ouvidos como a sensação que se tem ao nadar perto do chão na parte funda. Molly não era vista em parte alguma, mas achei ter tido um vislumbre de Nightingale, ou pelo menos a impressão de Nightingale na memória da pedra, subindo as escadas, cansado. Abri a mão e conferi que ainda estava “segurando” o distintivo de



esqueleto. Ele ainda estava ali, e quando fechei os dedos novamente ao redor dele o senti puxar, muito suavemente, na direção sul. Eu me virei e fui na direção da porta lateral de Bedford Place, mas enquanto cruzava o piso do átrio de repente tive consciência de uma vasta escuridão sob meus pés. Era como se os sólidos ladrilhos pretos e brancos tivessem ficado transparentes, e através deles pudesse vislumbrar um abismo terrível — escuro, sem fundo e frio. Tentei me mover mais rapidamente, mas era como andar contra uma ventania. Tive de me inclinar para frente e fazer força para avançar. Só depois que havia manobrado cuidadosamente pelos aposentos dos empregados sob as escadas que fiquei pensando se, sendo aquele o reino dos fantasmas, poderia simplesmente atravessar as paredes. Após bater com a testa duas vezes eu simplesmente abri a porta lateral como uma pessoa normal.

Saí para os anos 1930 e o fedor de cavalos. Eu sabia que eram os anos 1930 por causa dos ternos e dos chapéus de gangster. Os carros não passavam de sombras, mas os cavalos eram sólidos e cheiravam a suor e estrume. Havia pessoas caminhando pelas calçadas; pareciam totalmente normais, exceto por uma expressão abstrata em seus olhos.

Eu me coloquei na frente de um homem em uma experiência, mas ele simplesmente me contornou como se eu fosse um obstáculo conhecido e inconsequente. Uma dor penetrante em meu pescoço me lembrou de que não estava ali a passeio.

Deixei o distintivo de esqueleto me arrastar na direção de Bedford Place e Bloomsbury Square. Acima o céu parecia estranhamente mal definido, azul em um momento, nublado no seguinte e depois sujo de fumaça de carvão. Enquanto viajava, notei que as roupas dos passantes mudavam, os carros fantasmas desapareceram completamente, e mesmo a paisagem urbana começava a mudar. Eu me dei conta de que estava sendo arrastado para trás do tempo pela sequência histórica. Se meu palpite estivesse certo, o distintivo de Nicholas Wallpenny me levaria não apenas até seu esconderijo em Covent Garden, mas ao momento no tempo em que ele começou a assombrá-lo.

O livro mais recente sobre o tema que conseguira encontrar era de 1936, escrito por um cara chamado Lucius Brock. Ele especulava que *vestigia* eram depositados em camadas como depósitos arqueológicos, e que diferentes espíritos habitavam diferentes camadas. Eu iria até Wallpenny no final da era vitoriana, e ele me levaria até Henry Pyke no final do século XVIII, e Pyke, quisesse ou não, iria revelar seu último local de descanso.

Eu cheguei até o alto de Drury Lane quando a era vitoriana me jogou de joelhos vomitando. Estava me acostumando ao cheiro disseminado de bosta de cavalo, mas os anos 1870 eram como enfiar a cabeça em uma cloaca. Podia ser *vestigia*, mas era forte o suficiente para lançar meu almoço imaginário na sarjeta imunda. Senti gosto de sangue na boca e me dei conta de que parte dele era meu — sem dúvida alimentando qualquer que fosse a merda oculta que Molly estava fazendo para me manter ali.

A Bow Street estava tomada por carroças enormes e veículos de laterais altas puxados por cavalos do tamanho de um carro compacto decente. Era Covent Garden no auge, e eu esperava que o distintivo de esqueleto de Wallpenny me levasse Russel Street abaixo até a praça, mas em vez disso ele me puxou para a direita, subindo Bow Street, na direção da Royal Opera House. Então as carroças mudaram de forma e me dei conta de que recuara demais no tempo e que algo dera errado com o Plano A.

Como se tivessem sido retiradas para o começo da cena seguinte, as carroças pesadas desapareceram da frente da Opera House. O céu escureceu e a rua se tornou escura, iluminada apenas por tochas e luminárias a óleo. Imagens fantasmas de carruagens douradas passaram por mim enquanto damas e cavalheiros de perucas e perfumados desfilavam subindo e descendo os degraus do velho Theatre Royal. Um grupo de três homens chamou minha atenção.

Pareciam ser mais sólidos que as outras figuras, mais densos e reais.

Um deles era um grande homem idoso de peruca comprida que caminhava rigidamente com a ajuda de uma bengala — tinha de ser Charles Macklin. A luz se fixava nele como se tivesse sido escolhido para um close.

Imaginei que aquilo seria uma reencenação do infame assassinato de Henry Pyke pelo poltrão Charles Macklin e, seguindo a deixa, entra Henry Pyke de casaco de veludo e tomado por grande emoção, a peruca tombada e uma vara exagerada na mão.

Só que reconheci o rosto. Eu o vi pela primeira vez em uma manhã fria de janeiro, e se apresentara como Nicholas Wallpenny, morto da paróquia de Covent Garden. Mas não, não Nicholas Wallpenny, era Henry Pyke. Sempre foi Henry Pyke, desde o começo, desde o pórtico da Igreja dos Atores, se valendo ao máximo de sua animada impressão *cockney*. Bem, pelo menos isso explicava por que Wallpenny não queria aparecer diante de Nightingale. Também significava que a cena na igreja que me levara à minha escavação improvisada de um inestimável marco histórico de Londres havia sido apenas isso — uma cena, uma interpretação.

— Socorro, socorro — gritou um dos companheiros de Macklin.  
— Assassinato!

Algumas coisas são universais: pássaros voam, peixes nadam, tolos e policiais avançam. Consegui me impedir de gritar “ei” enquanto corria para frente, e como resultado, cheguei a dois metros antes que Henry Pyke me visse chegando. Arranquei dele uma muito gratificante expressão de “ah, merda”, e então seu rosto mudou — ele se tornou a caricatura de lua crescente que eu passei a conhecer como o Sr.

Punch, espírito de conflito e de rebelião.

— Sabe, você não é de modo algum tão idiota quanto parece — ele guinchou.

Procedimento operacional padrão para lidar com cretinos loucos; faça com que continuem a falar, se aproxime, os agarre quando não estiverem olhando.

— Então você estava fingindo ser Nicholas Wallpenny?

— Não — disse o Sr. Punch. — Eu deixei Henry Pyke fazer toda a simulação, ele vive para atuar, a pobre coisa, é tudo o que sempre quis da vida.

— Exceto que está morto — falei.

— Eu sei — disse o Sr. Punch. — O universo não é uma maravilha?

— Onde Henry está agora?

— Está na cabeça de sua namorada, tendo relações carnavais com o cérebro dela — disse o Sr. Punch, e então jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Eu avancei, mas o desgraçado escorregadio girou nos calcanhares e desceu correndo uma das travessas estreitas que levavam a Drury Lane.

Parti atrás dele, e não estou dizendo que podia sentir o espírito de todo apanhador de ladrões de Londres fluindo por mim enquanto corria, mas pense — nós começamos em frente ao Tribunal de Magistrados de Bow Street, e eu não podia ter deixado de persegui-lo mais do que poderia deixar de respirar.

Eu saí em disparada da travessa para a Drury Lane, pedestres envoltos em anonimato, vapor subindo dos cavalos e dos homens que carregavam as liteiras. Sob frio e neve a cidade tinha um cheiro limpo e fresco, e prestes a se livrar de um irritante espírito retornado. Chegou a primavera com uma rapidez gaguejante de *stop motion*, e o Sr. Punch me conduziu por ruas secundárias sujas que eu sabia que não existiam mais até finalmente passarmos por uma St. Clemens recém-construída e chegarmos à Fleet Street. O grande incêndio de Londres passou rápido demais para que eu registrasse. Apenas uma lufada de ar quente passando pela porta aberta de um forno. Num momento o alto da Fleet Street era dominado por St. Paul, e no outro o domo havia sido substituído pela torre normanda quadrada da antiga catedral. Para um londrino como eu era uma visão herética — como de repente encontrar um estranho em sua cama. A própria rua era mais estreita e tomada por casas de madeira com fachadas estreitas e andares superiores projetados. Estávamos de volta à época de Shakespeare, e tenho de dizer que não cheirava de modo algum tão mal quanto o século XIX. O Sr. Punch estava correndo pela vida após a morte, mas eu estava me aproximando.

Londres também estava encolhendo. Lacunas se abriam nos prédios dos dois lados. Podia ver pastos verdes com fardos de feno e rebanhos de vacas. As coisas perdiam a nitidez ao redor de mim. À frente o rio Fleet apareceu, e de repente eu estava descendo para cruzar uma ponte de pedra, enquanto do outro lado do vale havia grandes muralhas — as antigas muralhas de Londres. Havia acabado de passar por Ludgate antes que os portões renascessem

e impedissem minha passagem. A velha catedral desapareceu havia muito; havíamos perdido os anglo-saxões e o que historiadores modernos ousados gostam de chamar de período sub-romano, e o paganismo voltou à moda.

Se eu estivesse pensando, provavelmente deveria ter parado e dado uma boa olhada ao redor, respondendo algumas questões importantes sobre a vida em Londinium, mas não fiz isso, foi quando eliminei os dois últimos metros de vantagem do Sr. Punch e derrubei o desgraçado no chão.

— Sr. Punch — eu disse. — Você está preso.

— Desgraçado — ele esbravejou. — Cão irlandês preto desgraçado.

— Você não está fazendo amigos assim, Punch — falei. Eu o coloquei novamente de pé com os dois braços presos bem alto nas costas para garantir que não fosse a lugar algum sem pelo menos um cotovelo quebrado.

Ele parou de se contorcer e virou a cabeça até conseguir me fitar com um olho.

— Então você me apanhou, tira — ele rendeu-se. — E o que vai fazer comigo agora?

Era uma boa pergunta, e uma repentina dor violenta na minha garganta me lembrou de que estava ficando sem tempo.

— Vamos ver o que o magistrado rigoroso faz de você — falei.

— De Veil? — perguntou o Sr. Punch. — Sim, por favor, tenho certeza de que ele será delicioso.

Retornado, espírito de revolta e rebelião, pensei, seu idiota. Ele come fantasmas. Eu preciso de algo mais forte. Brock escrevera que os *genii locorum*, os deuses e espíritos de um lugar, eram mais fortes que os fantasmas. Havia um deus da justiça? E onde poderia encontrá-

lo — ou talvez encontrá-la? Então me lembrei: uma estátua de uma mulher no alto da cúpula de Old Bailey. Ela segura em uma das mãos uma espada e uma balança. Não sabia se havia ou não uma deusa da justiça, mas estava disposto a apostar um bom dinheiro que o Sr. Punch saberia.

— Por que não vamos perguntar à bela dama de Old Bailey? — sugeri.

Ele ficou tenso, e eu soube que havia apostado certo. Ele lutou novamente e lançou a cabeça para trás, apontando para meu queixo, mas isso não era exatamente novidade para um policial, então eu coloquei minha cabeça seguramente fora de alcance.

— Você vai subir os degraus desta vez — disse.

O Sr. Punch ficou flácido, derrotado, percebi, mas então começou a se sacudir. Inicialmente pensei que estava chorando, e depois me dei conta de que era riso.

— Você vai achar isso um tanto difícil — ele disse. —  
Aparentemente você não tem mais uma cidade.

Eu olhei ao redor e vi que ele estava certo. Havíamos voltado demais, e não restava mais nada de Londres além de cabanas e a defesa de estacas de madeira do acampamento romano ao norte. Não havia nada em pedra, nada além do cheiro de tábuas de carvalho recém-cortadas e piche quente. Só havia uma coisa completa — a ponte.

Estava a menos de cem metros de distância e era construída com troncos quadrados. Parecia mais um píer de pesca que quis ir acima de sua posição e atravessou o rio em um momento de entusiasmo.

Eu podia ver um grupo na metade dela, o sol refletindo nas peças de latão de uma fila de legionários em posição de sentido. Além deles, um punhado de civis vestindo togas de um branco ofuscante para uma ocasião especial e observando duas dúzias de homens, mulheres e crianças usando calças bárbaras e colares de latão.

De repente entendi o que Mama Tâmis tentou me dizer.

Acho que o Sr. Punch também entendeu, porque lutou o tempo todo enquanto o arrastava pela ponte até diante dos civis de toga. Eles eram mais ecos do passado, lembranças presas no tecido da cidade — não reagiram quando joguei Punch diante deles. Eu estava no quinto ano quando estudamos história romana na escola, então não aprendemos muitas datas, mas fizemos muitos trabalhos de grupo sobre como era viver na Britânia romana. Motivo pelo qual podia reconhecer o sacerdote oficiante pela estola listrada de lilás que cobria sua cabeça.

Também podia reconhecê-lo pelo rosto, embora parecesse muito mais jovem do que era quando o vi em carne e osso. Ademais, ele estava de barba feita e seus cabelos pretos caíam sobre os ombros, mas era o mesmo rosto que vi pela última vez apoiado em uma cerca na fonte do Tâmis. Era o espírito do Velho do Rio quando jovem.

De repente, muitas coisas ficaram claras para mim.

— Tiberius Claudius Verica — chamei.

Como um homem emergindo de um sonho acordado, o sacerdote virou os olhos na minha direção. Quando me viu, deu um sorriso deliciado.

— Você deve ser meu presente dos deuses — ele disse.

— Ajude-me, Pai Tâmis — pedi.

Verica arrancou uma lança das mãos do legionário mais próximo — o soldado não reagiu — e me deu. Senti cheiro de faia recém-cortada e ferro molhado. Eu sabia o que fazer. Ergui a pesada lança e hesitei. O Sr. Punch deu um guincho e gritou com sua estranha voz aguda.

— Não é uma pena a bela, bela Lesley — guinchou. — Você ainda amará sua pequena bela Lesley quando o rosto dela estiver desfigurado?

Isso não é uma pessoa, disse a mim mesmo, e enfiei a lança no peito do Sr. Punch. Não houve sangue, mas senti o choque quando penetrou a pele, músculo e finalmente as tábuas da própria ponte. O espírito retornado de revolta e rebelião estava fincado como uma borboleta morta em um mostruário.

E as pessoas dizem que a educação moderna é perda de tempo.

— Eu pedi ao rio que nos desse um sacrifício — disse Tiberius Claudius Verica. — E um sacrifício foi fornecido.

— Achei que os romanos rejeitavam o sacrifício humano — falei. Verica riu.

— Os romanos ainda não chegaram.

Eu olhei ao redor. Ele estava certo, não havia sinal de Londres — ou da ponte. Por um momento fiquei suspenso como um personagem de desenho animado, e depois caí no rio. O Tâmis era frio e fresco como qualquer riacho da montanha.

Eu voltei me sentindo terrivelmente molhado e viscoso. Havia sangue espalhado sobre meu peito e eu me molhei em algum momento, provavelmente quando ela me mordeu. Eu me senti esgotado, vazio e anestesiado. Queria me encolher e fingir que nada era real.

— Isso nunca será popular como ferramenta de pesquisa histórica.

Alguém vomitava, mas, surpreendentemente, não era eu. Molly estava curvada, o rosto virado e escondido pelos cabelos, vomitando sangue em seus belos ladrilhos limpos. Meu sangue, pensei, e me coloquei de pé. Eu estava tonto, mas não iria cair — isso tinha de ser um bom sinal. Dei um passo na direção de Molly para ver se estava bem, mas ela lançou o braço na minha direção, palma estendida, e fez violentos gestos de afastamento, então recuei.

Eu me vi sentado novamente sem qualquer lembrança de ter querido isso. Estava sem fôlego e podia sentir a pulsação acelerada em minha garganta — todos eles sintomas de perda de sangue. Decidi que seria uma boa ideia descansar um pouco, e me deitei nos ladrilhos frios, melhor para manter o fluxo de sangue para meu cérebro. É surpreendente quão confortável pode ser uma superfície dura quando você está muito cansado.

Um barulho de seda fez com que eu virasse a cabeça. Molly, ainda agachada, se afastou da escorregadia poça de vômito vermelha e se aproximara de mim. Sua cabeça estava inclinada para um lado, e os lábios esticados revelavam os dentes. Eu estava prestes a dizer que realmente estava bem e não precisava de nada quando me dei conta de que provavelmente não era o que ela tinha em mente.

Com um perturbador movimento de aranha, Molly passou um braço sobre a cabeça e o baixou até a mão bater no piso em frente ao rosto.

O braço se contraiu e arrastou Molly mais alguns centímetros na minha direção. Olhei nos olhos dela e notei que estavam inteiramente negros, sem nenhum sinal de branco, tomados de fome e desespero.

— Molly, eu realmente acho que essa não é uma boa ideia.



A cabeça dela inclinou na outra direção e ela fez um som gorjeado e sibilante, a meio caminho entre riso e soluço. Sentar me deu visão de túnel e tontura, e lutei contra a necessidade de me deitar novamente.

— Acho que você está vivendo um conflito — falei. — Apenas pense no que irá sentir quando Nightingale descobrir que você me juntou.

O nome de Nightingale a fez parar, mas apenas por um momento.

Depois a outra mão passou sobre a cabeça e bateu no chão junto à minha perna. Eu a afastei o melhor que pude e consegui ganhar uma distância de um metro.

Aquilo apenas pareceu irritá-la, e observei enquanto ela juntava as pernas sob o tronco. Eu me lembrei de como ela se movera rápido ao me morder, me questionei se cheguei a perceber sua aproximação.

Comecei a produzir uma bola de fogo, mas a *forma* de repente se tornou fugidia e impossível de imaginar.

Molly bufou e a cabeça se jogou de lado, como se o pescoço tivesse se tornado flexível como uma cobra. Eu podia ver a tensão aumentando na curva das costas e na elevação dos ombros. Acho que ela podia sentir que eu tentava fazer magia e achava que ela não iria me dar uma chance de conseguir. Sua boca se abriu muito e mostrou dentes pontudos demais, e o pequeno mamífero assustado entre meus ancestrais começou a fazer minhas pernas se agitar em uma tentativa louca de me empurrar para trás.

Uma forma marrom cheirando a tapete encharcado passou por mim e parou, as garras raspando nos ladrilhos, entre Molly e eu. Era Toby em sua versão primitiva de protetor da matilha, melhor amigo do homem, ah, foi por isso que domesticamos as malditas coisas, latindo para Molly com tanta força que suas patas da frente se erguiam do piso.

Para ser honesto, Molly provavelmente poderia ter avançado e arrancado o focinho de Toby com uma mordida, em vez disso, recuou.

Depois se esticou para frente de novo e sibilou. Dessa vez Toby se encolheu, mas manteve posição seguindo a longa tradição dos

cachorrinhos brigões que são idiotas demais para saber a hora de recuar. Molly recuou com os quadris, uma máscara de raiva no rosto, e então, como se um botão tivesse sido apertado, caiu de joelhos. Seus cabelos cobriram o rosto, e os ombros tremeram — acho que ela devia estar soluçando.

Eu me levantei arrastando e cambaleei na direção da porta dos fundos. Estava pensando que provavelmente era melhor afastar a tentação. Toby foi trotando na minha direção abanando o rabo. Eu esbarrei nos batentes da porta e me vi do lado de fora, sob o sol, olhando para a escada de ferro forjado que leva ao quarto da coqueira.

Olhei para as escadas e pensei que deveria ter instalado um elevador, ou pelo menos conseguido um cachorro maior.

Soube que havia mais alguma coisa errada quando Toby se recusou a subir as escadas.

— Fique, garoto — disse, e ele devidamente se instalou no patamar, deixando o heroísmo por minha conta. Pensei em me afastar, mas estava cansado demais para me importar, e além disso, aquele era meu espaço com TV de tela plana, e eu o queria de volta.

Eu me coloquei de lado na porta e a abri com o pé antes de olhar cuidadosamente para dentro para descobrir quem estava ali. Era Lesley, esperando por mim na *chaise*, segurando a bengala de Nightingale sobre os joelhos e olhando para o nada. Olhou para mim enquanto eu entrava.

— Você me matou — ela disse.

— Você não pode simplesmente voltar para o lugar de onde veio?

— Não sem meu amigo — ela disse. — Não sem o Sr. Punch. Você me assassinou.

Eu me joguei na poltrona.

— Você está morto há duzentos anos, Henry — retruquei. — Estou bastante certo de que não é possível assassinar alguém que já está morto.

Se fosse, pensei, a Met teria um formulário para isso.

— Peço licença para discordar — disse Lesley. — Embora tenha de ser dito que eu me provei um fracasso dos dois lados do véu.

— Não sei — respondi. — Você me enganou.

Lesley se virou e olhou para mim.

— Eu enganei, não foi mesmo?

Eu podia ver as finas linhas pálidas de estrias ao redor da base do nariz de Lesley, os traços finos de vasos sanguíneos rompidos que começavam ao redor da boca e subiam como uma trepadeira seca para as bochechas. Até mesmo o modo como ela falava era diferente, as palavras distorcidas por dentes quebrados e a necessidade de Henry Pyke de manter a boca fechada para esconder os danos. Tive de reprimir a raiva que parecia ferver em meu peito, porque aquela era uma situação com reféns, e a primeira regra de um negociador de reféns é nunca se envolver emocionalmente. Ou talvez fosse “não mate o sequestrador até que os reféns sejam libertados”.

— Retrospectivamente me parece ainda mais impressionante que você nunca tenha cometido um deslize — elogiei.

— Você nunca suspeitou? — perguntou Lesley, alegremente.

— Não. Você sempre foi totalmente convincente.

— Um papel feminino é sempre um desafio — admitiu Lesley. — Ainda mais uma mulher moderna.

— Uma pena que ela tenha de morrer — lamentei.

— Queria que você soubesse que ninguém ficou mais surpreso que eu ao me ver ocupando este continente — disse Lesley. — Eu coloco a culpa no italiano, Piccini, uma raça apaixonada. Eles têm de incorporar a luxúria a todas as suas empreitadas; mesmo as obras religiosas.

Eu concordei e pareci interessado. Embora estivessem conectados, a TV e o DVD estavam com as luzes de espera apagadas. Lesley ficou sentada ali tempo suficiente para drenar todos os meus eletrônicos, e se eles haviam acabado, certamente o cérebro de Lesley seria o próximo.

Eu precisava tirar os últimos vestígios de Henry Pyke de sua cabeça.

— É assim com uma peça — explicou Lesley. — As cenas e os anos são muito mais organizados do que o mundo tedioso. A não ser que se tome cuidado, é possível ser engolido pelo brilhantismo do personagem. Assim Pulcinella fez de ambos de bobos.

— Mas você preferiria que Lesley vivesse? — perguntei.

— Isso é possível? — ela indagou.

— Apenas se você concordar — respondi.

Lesley se inclinou para frente e tomou minha mão.

— Ah, mas eu concordo, meu rapaz. Não podemos permitir que se diga que Henry Pyke foi deselegante a ponto de impingir seu próprio destino a um inocente.

Quando ele disse isso, realmente fiquei pensando se tinha alguma noção do rastro de morte e infelicidade que havia deixado para trás.

Talvez isso fosse parte de ser um fantasma; talvez para os mortos o mundo dos vivos fosse um sonho que não devesse ser levado muito a sério.

— Então permita que chame meu médico — falei.

— Seria o muçulmano escocês?

— Dr. Walid — respondi.

— Acredita que ele possa salvá-la?

— Acredito que sim — afirmei.

— Então, ligue para ele — disse Lesley.

Eu saí para as escadas, recoloquei a bateria em meu celular reserva e liguei para o Dr. Walid, que disse que chegaria em dez minutos.

Passou instruções do que eu deveria fazer enquanto isso. Lesley parecia ansiosa quando retornei.

— Posso pegar a bengala de Nightingale? — pedi.

Lesley assentiu e me deu a bengala com castão de prata. Coloquei minha mão na empunhadura como o Dr. Walid sugeriu, mas não havia nada, apenas o metal frio, a vara havia sido drenada de toda a sua magia.

— Não temos muito tempo — falei. Havia um lençol relativamente limpo no encosto da *chaise*. Eu o agarrei.

— Verdade? — indagou Lesley. — Uma pena, pois à medida que a hora se aproxima me vejo relutando em partir.

Comecei a rasgar o lençol em faixas largas.

— Posso falar com Lesley diretamente? — pedi.

— Claro, meu rapaz.

— Você está bem?

Não houve nenhuma mudança exterior que eu pudesse ver.

— Rá — ela disse, e pelo tom tive certeza de que era a verdadeira Lesley. — Essa é uma pergunta idiota. Aconteceu, não foi? Posso sentir...

Ela levantou a mão na direção do rosto, mas eu a tirei e baixeí gentilmente.

— Tudo vai ficar bem.

— Você mente muito mal — ela brincou. — Não espanta que eu tivesse de falar tudo.

— Você tinha um talento natural para isso.

— Não era talento. Era trabalho duro.

— Você sempre teve um talento natural para o trabalho duro.

— Desgraçado. Não me lembro de terem me dito quando ingressei que havia o risco de meu rosto ficar desfigurado.

— Não? — perguntei. — Lembra-se do inspetor Neblett, o velho cara de pá? Talvez tenha sido isso que aconteceu com ele.

— Diga que vou ficar bem de novo.

— Você vai ficar bem. Vou segurar seu rosto com isso — disse, mostrando a ela as tiras do lençol.

— Uau, isso me enche de confiança — retrucou. — Promete que vai ficar comigo o que quer que aconteça?

— Prometo — disse e, seguindo as instruções de Walid, comecei a enrolar uma tira do lençol bem apertado na cabeça dela. Ela murmurou algo e garanti que abriria um buraco para a boca quando tivesse terminado. Prendi a tira do modo como uma das irmãs me ensinara a amarrar um lenço de cabeça.

— Maravilha — disse Lesley assim que abri o buraco prometido. — Agora eu sou a mulher invisível.

Apenas por garantia, dei um nó atrás da cabeça para manter a tensão. Encontrei uma garrafa de Evian junto à *chaise* e a usei para encharcar a bandagem improvisada.

— Agora está tentando me afogar? — perguntou Lesley.

— O Dr. Walid me mandou fazer isso — respondi. Não disse a ela que era para impedir que a bandagem grudasse nos ferimentos.

— É frio — falou.

— Lamento — disse. — Vou precisar de Henry novamente.

Henry Pyke retornou com clara ansiedade.

— O que devo fazer agora?

Eu clareei a mente, abri a mão e disse a palavra: — *Lux!*

Uma *werelight* flutuou acima de minha mão.

— Esta é a luz que o levará ao seu lugar na história — disse. — Pegue minha mão.

Ele relutou.

— Não se preocupe, não vai queimar você.

A mão de Lesley se fechou ao redor da minha, a luz escapulindo entre seus dedos. Eu não sabia quanto tempo minha magia iria durar, ou mesmo se a coisa toda de sugar sangue com Molly havia me deixado alguma magia. Algumas vezes você só pode esperar pelo melhor.

— Escute Henry. Este é o seu momento, sua grande saída. As luzes irão diminuir, sua voz sumir, mas a última coisa que a plateia verá é o rosto de Lesley. Aferre-se à imagem do rosto dela.

— Eu não quero ir — disse Henry Pyke.

— Você deve — falei. — Essa é a marca da verdadeira grandeza de um ator; saber o exato instante de fazer sua saída.

— Muito sábio de sua parte, Peter — disse Henry Pyke. — É a verdadeira marca do gênio se entregar ao público, mas manter aquele lado particular, aquele espaço secreto, aquele desconhecido...

— Deixá-los querendo mais — falei, tentando afastar o desespero de minha voz.

— Sim — confirmou Henry Pyke — deixá-los querendo mais. E então o desgraçado falastrão partiu.

Ouvi passos pesados na escadaria de ferro. O Dr. Walid e a cavalaria haviam chegado. Manchas vermelhas se abriram imediatamente no tecido branco que cobria o rosto de Lesley. Eu a ouvi gargarejando e engasgando enquanto tentava respirar. Uma mão grande pousou em meu ombro e me tirou do caminho sem cerimônia.

Eu me deixei cair no chão — imaginei que poderia dormir um pouco.



## O caso

O jovem no leito do hospital se chamava St. John Giles, e era um oito de rúgbi ou um seis ou algo assim da Universidade de Oxford que viera a Londres para uma noite de diversão. Tinha cabelos louros escorridos grudados na testa com suor.

— Eu já contei à polícia o que aconteceu, mas não acreditaram em mim. Por que você acreditaria? — perguntou.

— Porque somos as pessoas que acreditam nas pessoas nas quais outras pessoas não acreditam — respondi.

— Como posso ter certeza? — perguntou.

— Você terá de confiar em mim — tranquilizei-o.

Como os lençóis o cobriam até o peito, seus ferimentos não estavam visíveis, mas percebi meus olhos descendo para a virilha — era como um acidente de trânsito ou uma horrenda verruga no rosto. Ele me viu tentando não olhar.

— Acredite em mim — disse ele. — Você não quer ver.

Eu peguei uma das uvas.

— Por que não me conta o que aconteceu? — solicitei.

Ele saiu com alguns colegas e foi para uma boate nos fundos da Leicester Square. Lá conheceu uma bela jovem a quem encheu de álcool antes de convencê-la a ir para um canto escuro para um amasso.

Retrospectivamente St. John estava disposto a admitir que talvez tenha pressionado com um pouco de fervor, mas poderia jurar que ela era uma parceira interessada, ou pelo menos não apresentou objeções. Era uma história deprimentemente familiar que os policiais da Operação Safira, a Unidade de Investigação de Estupros da Met,

deviam ouvir o tempo todo. Pelo menos até o ponto em que ela arrancou o pau dele com uma mordida.

— Com a vagina? — perguntei, apenas para deixar claro.

— É — disse St. John.

— Você tem certeza?

— Não é o tipo de coisa com a qual você se engana — ele respondeu.

— E tem certeza de que eram dentes?

— Eu senti como se fossem dentes — falou. — Mas para ser honesto, depois que aconteceu eu realmente deixei de prestar atenção.

— Ela não o cortou com algo, uma faca ou garrafa quebrada, talvez?

— Eu estava segurando as duas mãos dela — disse ele, e fez um gesto de prender com a mão. Era vago, mas captei o sentido. Ele prendera os pulsos dela na parede.

“Um verdadeiro príncipe”, pensei, e conferi a descrição que dera em uma entrevista anterior.

— Você disse que ela tinha cabelos pretos compridos, olhos pretos, pele clara e lábios muito vermelhos?

St. John assentiu entusiasmado.

— Uma espécie de aparência japonesa, mas sem ser japonesa. Bonita, mas não tinha olhos oblíquos.

— Você viu os dentes dela?

— Não, eu já lhe disse...

— Não aqueles. Os dentes da boca.

— Não lembro — respondeu. — É importante?

— Pode ser. Ela falou algo?

— Tipo o quê?

— Tipo qualquer coisa.

Ele pareceu perplexo, pensou nisso e admitiu achar que ela não falou o tempo todo que estiveram juntos. Depois disso fiz algumas últimas perguntas, mas St. John esteve ocupado demais sangrando para perceber para onde sua agressora havia ido, e nunca perguntou seu nome, muito menos seu telefone.

Eu disse que ele parecia estar suportando bem, considerando.



— Neste instante estou tomando uns remédios muito bons. Não quero pensar no que vai acontecer quando parar.

Eu conversei com os médicos ao sair. O pênis desaparecido não havia sido encontrado. Assim que terminei minhas anotações — aquela ainda era uma investigação oficial da Polícia Metropolitana — fui ver Lesley, que estava um andar acima. Ainda estava adormecida, o rosto escondido por bandagens. Fiquei algum tempo ao lado do leito. O Dr. Walid disse que eu decididamente salvei a vida dela, e provavelmente aumentei as chances de uma cirurgia reconstrutora. Eu não conseguia deixar de pensar que andar comigo quase a matara. Haviam se passado menos de seis meses desde que ela saiu para pegar aqueles cafés e eu encontrei um fantasma, e era aterrorizante que aquilo poderia ter feito toda diferença e eu poderia estar com aquelas bandagens.

Menos aterrorizante, mas muito mais deprimente, foi descobrir por que tudo aconteceu naquela fria noite de janeiro, ou, mais precisamente, naquele ensolarado dia de inverno em Hampstead Heath quando Toby, o cão, mordeu Brandon Coopertown no nariz. Aquela era a mesma semana em que o Linbury Studio, o segundo auditório menor da Royal Opera House, apresentou uma reencenação de uma peça pouco conhecida chamada *The Married Libertine*, que estreara no teatro principal em 1761 e nunca mais havia sido apresentada, pelo que eu podia dizer, em qualquer lugar do mundo, sendo seu autor Charles Macklin. A Royal Opera House se apressou em me dar acesso a seus registros, presumivelmente com a esperança de que eu então desaparecesse para sempre. E descobri que William Skirmish e Brendan Coopertown haviam ido a uma apresentação na mesma noite.

Um conjunto aleatório de circunstâncias foi o que levou a William Skirmish e todos aqueles que foram aleijados ou morreram depois dele — como eu disse, deprimente.

Se você quer ajudar, estude mais, aprenda mais rápido, dissera Nightingale. Faça o trabalho.

Eu teria ficado mais, mas estava atrasado.

Nightingale, em um quarto adjacente, estava acordado, sentado e fazendo as palavras cruzadas do *Telegraph*. Discutimos o caso do pênis desaparecido.

— *Vagina dentata* — disse Nightingale. Eu não sabia se devia ficar tranquilo pelo fato de que era suficientemente comum para que tivesse um termo técnico. — Poderia ser oriental, algo saído de Chinatown — ele disse.

— Não era japonesa — falei. — A vítima foi muito clara quanto a isso.

Nightingale me deu alguns títulos para pesquisar na biblioteca quando tivesse tempo.

— Mas não hoje — falou. — Está nervoso?

— Muitas coisas podem dar errado.

— Apenas não beba nada, e você se sairá bem.

Enquanto eu caminhava de volta para Folly, produzi minhas próprias suspeitas sobre a identidade da fantasma arrancadora de paus. Assim que entrei fui procurar por Molly, que encontrei na cozinha picando pepinos.

— Tem ido a boates recentemente? — perguntei.

Ela parou de cortar e se virou para me encarar com olhos negros solenes.

— Tem certeza?

Ela deu de ombros e recomeçou a cortar. Decidi que deixaria Nightingale resolver aquilo — uma cadeia de comando clara é uma coisa maravilhosa.

— É isso o que teremos para a viagem? — perguntei. — Sanduíches de pepino?

Molly apontou o resto dos ingredientes — salame e salsicha de fígado.

— Você está apenas se vingando agora, não é?

Ela me deu um olhar de pena e uma sacola reciclada da Sainsbury com um almoço embrulhado.

Na garagem, havia nada menos de seis malas empilhadas ao lado do Jaguar. Além disso, Beverley trouxe uma grande bolsa de ombro que, descobri depois, estava cheia com toda a prateleira de cima de um salão de beleza de Peckham. Beverley tinha ouvido falar muito sobre o interior, e não iria correr riscos.

— Por que eu? — perguntou enquanto me observava carregando o Jaguar.

Eu abri a porta para ela, que entrou, colocou o cinto e pôs a bolsa de ombro cuidadosamente no colo.

— Porque é o acordo — respondi.

— Ninguém me consultou — disse Beverley.

Eu entrei e conferi se tinha duas barras de chocolate e uma garrafa de água com gás no porta-luvas. Satisfeito de que os suprimentos de emergência estavam ali, liguei o Jaguar e saí da garagem. Beverley ficou em silêncio até passarmos pela Junction 3 na M4.

— Aquele era Crane — disse ela.

— Onde? — perguntei.

— O rio Crane. Acabamos de cruzá-lo.

— Uma de suas irmãs?

— Última deste lado do rio.

Entramos na M25 no acesso 15 e seguimos rumo sul. O tráfego estava leve, o que era uma bênção. Um Airbus A380 na aproximação final de Heathrow cruzou nosso caminho, tão baixo que eu podia jurar que via rostos olhando para fora pela fila dupla de janelas.

— Como ela não foi ao encontro? — perguntei.

— Ela nunca está no país — disse Beverley. — Está sempre indo para algum lugar, mandando mensagens de texto de Bali e cartões postais do Rio. Ela foi nadar no Ganges, sabe. — A última frase em tom de temerosa desaprovação.

Graças ao registro nacional eu sabia até mesmo que o Ganges é um dos rios mais sagrados da Índia, embora para ser honesto não me lembrasse da razão. Algo a ver com piras funerárias e contos. Coloquei isso na lista de coisas que precisava estudar — iria ser uma lista muito longa.

No final eu cheguei a um daqueles compromissos confusos. Como Brock escrevera, você não consegue levar os *genii locorum* a fazer algo simples como negociar um contrato; precisa haver um simbolismo envolvido. Um juramento de fidelidade estava fora de questão, e um casamento de fusão de dinastias era um destino cruel demais para Mãe ou Pai Tâmis. Então sugeri uma troca de reféns, uma medida para construir confiança e firmar laços entre as duas metades do rio; uma solução adequadamente medieval

concebida para ser atraente a duas pessoas que decididamente ainda acreditavam em direitos divinos. Era um compromisso tipicamente inglês que eu lembrava da prática de trocar reféns nas aulas de história na escola ou de histórias da vida pré-

colonial em Serra Leoa, mas a verdade é que cheguei a ela jogando Dungeons and Dragons quanto tinha 13 anos.

— Por que tem de ser eu? — disse Beverley após descobrir.

— Não pode ser Tyburn — eu expliquei. — Você não impinge Tyburn a alguém como um gesto de paz e boa vontade. E Brent é nova demais.

Havia outras filhas, alguns dos espíritos de rios dos quais nunca havia ouvido falar, e uma jovem roliça e sorridente cujo nome formal era Black Ditch. Não que alguém a chamasse assim. Imaginei que Mama Tâmisia achou que Beverley seria aquela que provavelmente menos constrangimentos criaria a ela entre os caipiras. O refém do outro lado se chamava Ash, cuja principal reivindicação à fama de seu rio era passar pelos Shepperton Film Studios.

A troca foi marcada para acontecer na noite de 21 de junho, solstício de verão, em Runnymede. Nosso anfitrião era Colne Brook, o filho Colne que era também o pai de Ash — os tributários do Tâmisia podem ser muito enredados, principalmente após dois mil anos de “melhorias”. Suspeito que o verdadeiro cérebro da organização era Oxley — ele não iria querer deixar nada ao acaso. Isso foi confirmado quando uma série de cartazes feitos à mão apareceu ao lado da estrada enquanto eu passava com dificuldade pelo trecho complicado por Hythe End, e que nos guiaram diretamente para um beco sem saída ladeado por casas geminadas que terminava em um portão e um estacionamento improvisado.

Isis nos recebeu no portão com um grupo de adolescentes vestindo suas melhores roupas e que foram ansiosos para o Jaguar e exigiram permissão para carregar a bagagem. Um malandro de cabelos cor de palha pediu cinco para tomar conta do carro — eu prometi dez a ele só por garantia, pagos na volta, claro.

Isis abraçou Beverley, que finalmente foi persuadida a soltar seu aperto mortal na bolsa de cosméticos e levada para os campos além do portão. Pai Tâmisia tinha seu “trono” perto do priorado à sombra de um antigo teixo. Ao redor dele estavam dispostos os filhos,

esposas e netos. Todos acompanharam em silêncio nossa aproximação como se Beverley fosse uma viúva relutante em um melodrama de Bollywood. O trono propriamente dito era construído de antiquados fardos de feno retangulares de um tipo que eu por acaso sabia não serem mais comuns nas fazendas britânicas, cobertos com pelegos elaboradamente bordados. Para aquela ocasião o Velho do Rio enfiara seu melhor terno, e barba e cabelos foram escovados até parecerem apenas malcuidados.

Acompanhei Beverley e Isis enquanto elas se colocavam diante do trono. Eu a treinei no dia anterior, o dia inteiro, mas Isis ainda tinha de mostrar — uma grande reverência com a cabeça baixa — antes que Beverley a acompanhasse. O Velho do Rio me olhou nos olhos e então, deliberadamente, tocou o peito com a mão e depois esticou o braço, a palma para baixo — a saudação romana. Depois desceu do trono, tomou as mãos de Beverley nas suas e a levantou.

Ele deu as boas-vindas em um idioma que não entendi, e a beijou nas duas faces.

O ar de repente foi tomado pelo perfume de flores de macieira e suor de cavalo, refrigerante e grama molhada, estradas empoeiradas e o som de crianças rindo, tudo isso forte o suficiente para me fazer recuar alguns passos, surpreso. Um braço forte passou por sobre meus ombros para me segurar e Oxley bateu com a mão em meu peito em um amigável partir de costelas.

— Ah, você sentiu isso, Peter? — perguntou. — Esse é o começo de algo, se não me engano.

— Começo de quê? — perguntei.

— Não tenho ideia — respondeu Oxley. — Mas o verão definitivamente está no ar.

Eu sequer conseguia ver Beverley no meio do povo do Velho. Oxley me afastou da multidão para me apresentar à outra metade da troca de reféns. Ash era um jovem um pouco mais alto que eu, largo nos ombros, claro nos olhos, nobre no cenho e vazio nos pensamentos.

— Pegou todas as suas coisas? — perguntei.

Ash assentiu e deu um tapinha na bolsa pendurada nos quadris.

Isis saiu da multidão tempo suficiente para me dar um beijo fraternal na bochecha e arrancar a promessa de que eu iria ao

teatro com ela, sendo essas coisas possíveis naquele novo verão glorioso. Eu tinha de partir, mas os parentes de Ash demoraram quase uma hora para se despedir dele, e quase anoitecia quando partimos. Enquanto Ash e eu andávamos de volta ao Jaguar, eu me virei e vi que o pessoal de Pai Tâmis havia pendurado lampiões nos galhos de um antigo teixo. Pelo menos duas rabecas tocavam, e ouvi um som estalado que imaginei só podia ser de uma tábua de lavar roupa. Havia figuras caminhando e dançando à luz amarelada, e a sedutora música melancólica que é tocada em qualquer festa para a qual você não foi convidado. Eu não tive certeza, mas, com uma pontada, achei ter visto Beverley Brook entre os dançarinos.

— Haverá dança em Londres? — perguntou Ash. Ele soava tão nervoso quanto Beverley estivera.

—Certamente — respondi.

Entramos no Jaguar e tomamos a A308 na direção da M25 e de casa.

— Haverá bebida? — perguntou Ash, demonstrando uma clara noção de prioridades.

— Você nunca esteve em Londres? — perguntei.

— Não — disse Ash. — Nunca estive em uma cidade antes.

Nosso pai não gosta desse tipo de coisa.

— Não se preocupe. É basicamente como o campo. Apenas com mais gente.

**FIM**

## Agradecimentos

Primeiramente preciso agradecer a Andrew Cartmel por todo o seu apoio. *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua última nota de cinco libras para um amigo.* Isso não é para minimizar os esforços de James, o outro Andrew, Marc, Kate e Jon. Depois, assim que o original estava feito, vieram os dois John (também conhecidos como da Administração), Jo da Gollancz e Betsy da Del Rey. Finalmente, gostaria de agradecer a todos da Waterstone's de Covent Garden, passados e presentes, por seu apoio, mesmo quando ameacei entediá-los até a morte.

BEN AARONOVITCH

.ePub



2014